

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

Elis Regina Barbosa Angelo

**TRAJETÓRIAS DOS IMIGRANTES AÇORIANOS EM SÃO PAULO:
PROCESSOS DE FORMAÇÃO, TRANSFORMAÇÃO E RESSIGNIFICAÇÃO
DAS REPRESENTAÇÕES CULTURAIS**

DOUTORADO EM HISTÓRIA SOCIAL

**SÃO PAULO
2011**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

Elis Regina Barbosa Angelo

**TRAJETÓRIAS DOS IMIGRANTES AÇORIANOS EM SÃO PAULO:
PROCESSOS DE FORMAÇÃO, TRANSFORMAÇÃO E RESSIGNIFICAÇÃO
DAS REPRESENTAÇÕES CULTURAIS**

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutora em História, área de concentração História Social, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Izilda Santos de Matos.

DOUTORADO EM HISTÓRIA SOCIAL

**SÃO PAULO
2011**

BANCA EXAMINADORA

Durante a trajetória deste trabalho, encontrei muitas pessoas que foram verdadeiros espelhos para o desenrolar do meu crescimento intelectual. Assim, no caminho verifiquei que a dedicação, a persistência e a continuidade fizeram parte dos resultados obtidos.

Dedico este trabalho a todos os estudiosos do assunto, em especial aos que buscam entender as tradições como algo nunca acabado e que, entre percalços e desafios, vão continuando enquanto inscrições de nossas marcas ao longo do tempo.

Em especial, dedico a todos os açorianos da Vila Carrão e das Ilhas e à Casa dos Açores de São Paulo, além do Governo Regional das Comunidades e da Presidência dos Açores.

AGRADECIMENTOS

Inicio meus agradecimentos com muita satisfação e anseios para os novos rumos e caminhos que ainda serão traçados ao longo de minha vida acadêmica. Em especial à minha orientadora, que participou ativamente de todo o desenrolar dessa trajetória, Profa. Dra. Maria Izilda Santos de Matos, que já me acompanha desde 2003, num verdadeiro casamento, que vem dando certo ao longo desses anos.

Aos amigos e colegas da UNISA, da PUC-SP e da UFRRJ, que fizeram parte de muitos momentos dessa construção que vem se desenrolando desde 2006.

Em particular, sou grata à Banca composta para o Exame de Qualificação, especialmente às Professoras Doutoras Sênia Bastos e Alice Beatriz Gordo Lang, que muito contribuíram para a reconstrução das ideias e divisões das várias etapas da tese.

À minha querida amiga Dolores Martín Rodriguez Corner, que nunca me abandonou, desde que nos conhecemos, e que muito contribuiu para meu aperfeiçoamento em todos os sentidos.

À minha família, em especial meu marido, André Schimming Smith Angelo, e minha irmã, Conceição Aparecida Barbosa, que muitas horas compartilharam de conversas, discussões, brigas e momentos bons e ruins.

À minha filha, Manuela Schimming Smith Angelo, que me puxou pelas pernas em busca de carinho e atenção todos os dias em que eu ficava no computador digitando e revisando cada ideia. Desde seus quatro meses, quando ficava setadinha na cadeirinha atrás de mim no escritório, até agora, quando só gosta de papel e caneta, e eu nem imagino por quê... Desculpe filha, vou dar mais atenção a você a partir de agora! Prometo!

Não poderia deixar de agradecer à Casa dos Açores, que me recebeu sempre de portas abertas, especialmente aos meus depoentes, que, por meio de suas histórias, fizeram deste trabalho algo tangível: Senhor Manuel de Medeiros, Senhor José de Arruda Soares, Senhor Henrique de Arruda Soares, Dona Leonilda dos Reis Jacob e ao Padre José Elias, além do Senhor Agostinho, que foi o primeiro a me receber e me ajudar com as pesquisas de campo.

À professora Dra. Maria Aparecida Pascal, por ceder suas entrevistas realizadas na Casa dos Açores para minha investigação.

Agradeço ao Governo Regional das Comunidades dos Açores, que promoveu minhas pesquisas nas Ilhas Terceira e São Miguel, e à CAPES, pela bolsa concedida para que eu pudesse estudar na PUC-SP durante todos esses anos. Também agradeço à PUC-SP, pelos anos todos de convivência com muitos de seus funcionários.

A todos os amigos que fiz durante o mestrado e o doutorado, tanto na PUC-SP como em congressos, simpósios, seminários e encontros de História.

E, enfim, a todas as pessoas que conheci nos Açores, que também fizeram parte dessa trajetória de estudos.

Muito, mas muito obrigada a todos vocês!

“Nós não temos medo que o mar nos alague ou de que a terra nos falte: temos sempre presente, como salutar advertência, a sensação de que o Mundo é curto, e o tempo mais curto ainda.”

Vitorino Nemésio

ELIS REGINA BARBOSA ANGELO

TRAJETÓRIAS DOS IMIGRANTES AÇORIANOS EM SÃO PAULO:
PROCESSOS DE FORMAÇÃO, TRANSFORMAÇÃO E RESSIGNIFICAÇÃO
DAS REPRESENTAÇÕES CULTURAIS

RESUMO

Esta investigação aborda as trajetórias dos imigrantes açorianos na cidade de São Paulo no período de 1950 a 1960, tentando recuperar processos de formação, transformação e ressignificação das representações culturais. Ao estabelecer o diálogo com as memórias da e/imigração, essas experiências indicaram as situações políticas, econômicas e sociais dos Açores compreendidas no período anterior ao recorte cronológico estabelecido, que influenciaram as motivações do processo emigratório. Diante dessas trajetórias, teve a Festa do Divino Espírito Santo um papel relevante enquanto evento catalisador da formação da comunidade dos emigrantes estabelecidos na Vila Carrão. Ao abordar a festa nos Açores, tecendo sua história, seus significados e simbologias ainda percebidos na contemporaneidade, verifica que se trata de um dos mais relevantes elementos da cultura imaterial açoriana, no qual se observam modismos, gerações e sensibilidades temporalmente. Diante do enfoque desse grupo de imigrantes, investiga-se o processo desde a saída dos Açores, compreendendo como vieram, quais as relações já estabelecidas no que tange às questões de trabalho, redes sociais e familiares e em quais condições de vida se reconstruíram numa cidade em franco crescimento. São Paulo, nessa dicotomia oferta versus demanda, buscava na mão de obra imigrante o trabalhado nas fábricas, indústrias e comércio, fomentando o processo. Frente a essas experiências na cidade que os acolhia, aglutinaram-se elementos capazes de traduzir suas trajetórias de vida, como se organizaram no bairro, como se dispersaram no Brasil e no mundo e principalmente como se deu a iniciativa de restabelecimento dos laços conterrâneos na reconstrução do grupo a partir da fundação da Casa dos Açores, que traduziu na reinvenção das tradições a reformulação da Festa do Divino Espírito Santo. Ao descortinar essas experiências sociais, as ressignificações foram traduzindo uma nova tradição cultural profano-religiosa num ambiente múltiplo que é a metrópole, formadora de um verdadeiro mosaico de culturas.

PALAVRAS-CHAVE: e/imigrantes açorianos, religião, Festa do Divino Espírito Santo, Casa dos Açores, tradição.

ELIS REGINA BARBOSA ANGELO

THE PATHS OF AZOREAN IMMIGRANTS IN SÃO PAULO:
FORMATION, TRANSFORMATION AND REINTERPRETATION
PROCESSES OF CULTURAL REPRESENTATIONS

ABSTRACT

The focus of this research is to address the paths taken by Azorean immigrants in the state of Sao Paulo, Brazil, between 1950 and 1960, in order to recover the processes of formation, transformation and redefinition of cultural representations. A dialogue with the memories of emigration and immigration indicated the political, economical and social situation of the Azores in the period preceding those movements and gave away the reasons to why they took place.

What was recovered indicates that the Holy Spirit Feast had an important catalyst role in the formation of immigrant communities established at Vila Carrão. The symbols and meanings of this feast are perceived to this day as one of the most important elements of the Azorean's immaterial culture, and have been shared by generations to the present time.

This group's approach was to investigate an assembling of immigrants from their departure in the Azores, including means of transportations, relationships established prior and during the journey in terms of labor and family and finally the living conditions found in the booming city that was Sao Paulo. The dichotomy of supply versus demand and the search for people to work the factories, industries and trade, which promoted the process, is also analyzed here.

The experiences in the city that welcomed them and several other elements coalesced help translate their life's trajectories, as they organized themselves in the district, how they were dispersed in Brazil and around the world, and especially how was the initiative of reestablishing ties with countrymen and building the House of the Azores, which led to the reinvention of traditions and the reformulation of the Holy Spirit Feast. By unveiling these social experiments, the reinterpretations translated a new profane-religious cultural tradition in a diverse environment that is the metropolis formed by a true mosaic of cultures.

KEYWORDS: azorean emigrants/immigrants, religion, Feast of the Holy Spirit, House of the Azores, tradition.

SUMÁRIO

LISTA DE IMAGENS.....	12
APRESENTAÇÃO.....	15
INTRODUÇÃO.....	22
CAPÍTULO 1 - EMIGRAÇÃO/IMIGRAÇÃO AÇORIANA: PROCESSOS E MEMÓRIAS.....	35
1.1 SAÍDAS: AÇORES - 1950 A 1960.....	36
1.2 EM TEMPOS DE SALAZAR: SOCIEDADE E PERSPECTIVA	41
1.3 E//MIGRAÇÃO DOS AÇORES: CONDIÇÕES E POSSIBILIDADES.....	59
1.4 RUMOS DOS AÇORIANOS: BRASIL E MUNDO.....	63
1.5 MEMÓRIAS DA EMIGRAÇÃO.....	66
CAPÍTULO 2 - AÇORES: RELIGIÃO, CICLOS E REPRESENTAÇÕES CULTURAIS.....	102
2.1 ENTRE SAGRADO E PROFANO: RELIGIÃO E FRONTEIRAS.....	103
2.2 FESTAS NOS AÇORES: GÊNESE E CELEBRAÇÕES.....	121
2.3 CICLOS DO ESPÍRITO SANTO: TOURO, HOMEM E DEUS.....	132
2.4 ESPÍRITO SANTO: REPRESENTAÇÕES CULTURAIS.....	153
2.5 FESTAS RELIGIOSAS: FREGUESIAS.....	160
CAPÍTULO 3 – TERRITÓRIO AÇORIANO EM SÃO PAULO: VILA CARRÃO.....	177
3.1 MEMÓRIAS: CIDADE E VILA CARRÃO.....	178
3.2 TERRITÓRIOS: EXPERIÊNCIAS IMIGRANTES.....	198
3.3 PRÁTICA ASSOCIATIVA: CASA DOS AÇORES DE SÃO PAULO.....	221
CAPÍTULO 4 - AÇORIANOS EM SÃO PAULO: DISPERSÃO, REENCONTRO E RECONSTRUÇÃO.....	243
4.1 FESTAS DO DIVINO: SÃO PAULO.....	245
4.2 MEMÓRIAS DO DIVINO: CONTOS DA VILA CARRÃO.....	257
4.3 RITUAL DA FESTA: ORGANIZAÇÃO.....	265

4.3.1 O Ritual dos Terços.....	270
4.3.2 A Procissão do Divino Espírito Santo.....	272
4.3.3 A Missa de Coroação.....	277
4.3.4 A Quermesse da Rua Dentista Barreto.....	280
4.4 (RE)CONSTRUÇÃO E RESSIGNIFICAÇÕES.....	286
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	 310
 FONTES E BIBLIOGRAFIA.....	 323
 ANEXOS.....	 346
 GLOSSÁRIO.....	 362

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Casa dos Açores de São Paulo.....	15
Imagem 2 - Manuel de Medeiros.....	16
Imagem 3 - Maria Leonilda dos Reis Jacob.....	17
Imagem 4 - Henrique de Arruda Soares.....	18
Imagem 5 - José de Arruda Soares.....	19
Imagem 6 - Padre José Elias Fadul.....	20
Imagem 7 - “Segunda Classe”, de Tarsila do Amaral (1933).....	22
Imagem 8 - “Corrientes”, navio da Companhia argentina Doderó.....	35
Imagem 9 - “Carvalho Araújo”, navio de passageiros.....	35
Imagem 10 - Capa do Livro da Primeira Classe.....	46
Imagem 11 - Quadro referente às Finanças.....	47
Imagem 12 - Quadro referente ao Trabalho.....	47
Imagem 13 - Quadro referente à Família.....	48
Imagem 14 - Carta de agradecimento a Salazar, escrita por uma menina de 12 anos de idade.....	50
Imagem 15 - “Os Emigrantes”, de Domingos Rebelo.....	63
Imagem 16 - A família Arruda Soares em 1955.....	66
Imagem 17 - Passaporte da família Arruda Soares.....	67
Imagem 18 - Passaporte da família Arruda Soares.....	68
Imagem 19 - Propaganda de Navios Argentinos que passavam pelo Brasil (1955).....	85
Imagem 20 - Propaganda de Navios para o Brasil (1951)	86
Imagem 21 - Companhia Lloyd Latino (1924)	87
Imagem 22 - Propaganda de navio para o Brasil.....	88
Imagem 23 - Propaganda Companhia Lloyd Brasileiro.....	89
Imagem 24 - Mapa de Localização das Ilhas Açorianas.....	102
Imagem 25 - Coroa Enfeitada, Festa do Divino (Ilha Terceira, Açores, 2008).....	139

Imagem 26 - Bandeira do Divino, Coroação, Igreja do Raminho (Ilha de São Miguel, Açores, 2008).....	140
Imagem 27 - Trono do Divino, Festa do Divino (Raminho, Ilha Terceira, Açores, 2008).....	141
Imagem 28 - Senhor Santo Cristo dos Milagres (Ponta Delgada, Ilha de São Miguel, Açores).....	147
Imagem 29 - Tapete ou Caminho de Flores (Ponta Delgada, Ilha de São Miguel, Açores, maio de 2008).....	148
Imagem 30 - Festas Sanjoaninas (Ilha Terceira, Açores, 2008)	152
Imagem 31 - Bodo, desfile da Ilha de São Miguel.....	157
Imagem 32 - Império da Rua do Conde.....	161
Imagem 33 - Império da Vila Nova.....	162
Imagem 34 - Carro de vime ornamentado para o bodo (Vila Nova, Ilha Terceira, Açores, maio de 2008).....	163
Imagem 35 - Bodo da Vila Nova (Ilha Terceira, Açores, maio de 2008).....	165
Imagem 36 - Sopa do Espírito Santo.....	169
Imagem 37 - Cozido do Espírito Santo e Pão Doce.....	170
Imagem 38 - Alcatra com batatas.....	170
Imagem 39 - Alfenins sob formas distintas.....	171
Imagens 40 e 41 - Preparo de Arroz-Doce para a <i>Função</i> da Ilha de São Miguel.....	172
Imagem 42 - Procissão do Bodo.....	174
Imagem 43 - Procissão do Bodo.....	174
Imagem 44 - Festa do Divino na Freguesia de Santa Luzia (Funchal, Ilha da Madeira, Açores, maio de 2008).....	175
Imagem 45 - Viaduto Conselheiro Carrão, Bairro do Tatuapé (1970).....	177
Imagem 46 - Casas da Vila Guilherme Giorgi.....	200
Imagem 47 - Fábricas Giorgi no Jardim Têxtil, na Vila Carrão.....	205

Imagem 48 - Informação sobre as mulheres de Portugal no Regime Salazarista.....	212
Imagem 49 - Mulheres preparando as Alheiras.....	218
Imagem 50 - Sr. Manuel Medeiros.....	225
Imagem 51 - Inauguração da Casa dos Açores de São Paulo.....	226
Imagem 52 - Os Açorianos em festa – Inauguração.....	226
Imagem 53 - Coroação na Igreja Santa Marina.....	243
Imagem 54 - Procissão de Pentecostes - Nossa Senhora de Fátima.....	273
Imagem 55 - Os símbolos do Espírito Santo, na missa de Pentecostes.....	277
Imagem 56 - Coroação das sete crianças.....	279
Imagem 57 - Coroação de Nossa Senhora de Fátima.....	279
Imagem 58 - Barracas da Festa do Divino.....	283
Imagem 59 - 27º Aniversário do Grupo Folclórico da Casa dos Açores de SP.....	296
Imagem 60 - Evento “Revelando São Paulo” (2009)	298
Imagem 61 - Cozido Açoriano.....	299
Imagem 62 - Senhor Santo Cristo dos Milagres.....	310
Imagem 63 - Nossa Senhora de Fátima.....	310
Imagem 64 - Igreja Santa Maria.....	310
Imagem 65 - Procissão do Divino.....	310

APRESENTAÇÃO - QUEM SÃO OS PROTAGONISTAS DESSA HISTÓRIA?



Imagem 1 - Casa dos Açores de São Paulo.¹

¹ Acervo pessoal de Elis Regina Barbosa Angelo.

“Teve uma febre de emigração, os amigos vieram primeiro. Meu padrinho que tinha um amigo dele que a família já estava aqui, e mandou uma carta de chamada pra ele. Ele veio pra cá, aí depois ele mandou chamar o meu avô e minha avó e meu avô e o resto dos irmãos dele e foi trazendo um a um, viemos pra cá desse jeito.”



Imagem 2 - Manuel de Medeiros.

Nasceu em Ponta Delgada, na Ilha de São Miguel, nos Açores. Emigrou para o Brasil no dia 13 de maio de 1956 e chegou a São Paulo em 13 de junho. Veio com toda a família, pai, mãe ele e mais três irmãos. Concedeu essa entrevista em sua Indústria, no dia 06 de março de 2008.

“Em 52 veio meu avô do lado do meu pai, e em 53 meu pai e minha mãe, por coincidência em 53. Eles se conheceram e se casaram aqui no Brasil. Vieram os dois da ‘terra’ no mesmo ano prá cá.”



Imagem 3 - Maria Leonilda dos Reis Jacob.

Nasceu em 30 de agosto de 1964, representando a primeira geração nascida no Brasil. É reconhecida pela comunidade como uma das pessoas mais ligadas aos eventos da Casa dos Açores e mantenedora das tradições. Seus pais e avós vieram dos Açores nos anos de 1952 e 1953. Concedeu a entrevista em 27 de junho de 2009, na Casa dos Açores de São Paulo.

“Com relação às festas, na maioria das vezes eram no domingo. Era bom, pois colocávamos a roupinha nova que a minha mãe sempre fazia e com alegria íamos para a igreja. Ir à missa e participar das festas religiosas eram atos importantes. Ficávamos sempre esperando o dia. Na caminhada de casa até a igreja, se encontrava alguns amiguinhos; no encontro de familiares, assuntos eram colocados em dia, o que gerava muita conversa e descontração.”



Imagem 4 - Henrique de Arruda Soares.

Nasceu na Bretanha, Freguesia de São Miguel, em 22 de abril de 1949. Emigrou para o Brasil em 04 de abril de 1956 com a família: Luis Soares (pai), Maria dos Santos Arruda (mãe) e irmãos: Helena, José, João e Miguel.

“Meu irmão Vicente, para sair do exército, veio aqui para o Brasil. Minha mãe e meu pai, recebendo cartas, chorando e chorando e chorando, inconsolados... Então meu pai resolveu vir pra cá e trazer nós.”



Imagem 5 - José de Arruda Soares.

José de Arruda Soares, nasceu na Bretanha, Ilha de São Miguel, em 14 de setembro de 1939. Emigrou para o Brasil em 04 de abril de 1956 com a família: Luis Soares (pai), Maria dos Santos Arruda (mãe) e irmãos: Helena, Henrique, João e Miguel.

“Eu estou de fato bem contente por ter uma comunidade açoriana tão integrada na paróquia, porque eu acredito que, quando tem um grupo bem identificado, aquele grupo lá não se divide, ele traz uma riqueza pra dentro e eu estou vendo isso. Coloco isso como uma reflexão mais ampla... e ecumenismo só existe e só vai adiante se cada igreja tiver uma identidade bem própria mesmo, porque, tendo uma identidade própria e respeito, faz com que as pessoas aprendam aquilo que é comum. Lidar bem com os outros né? Uma vez uma pessoa disse: “Religião pra mim é tratar bem o outro”. Está ótimo, é isso mesmo. Jesus morreu na cruz por causa disso e pronto né? Está perfeito, perfeito mesmo, eles têm uma realidade muito própria e eles não são orgulhosos, mas têm orgulho de serem açorianos.”



Imagem 6 - Padre José Elias Fadul.

Padre José Elias Fadul é o atual pároco da Igreja Santa Marina, na Vila Carrão. Concedeu a entrevista na paróquia em 12 de agosto de 2009.

AS ENTREVISTAS ELABORADAS PELA PROFESSORA DOUTORA MARIA APARECIDA PASCAL NO ANO DE 2006 TAMBÉM SÃO USADAS – FAZEM PARTE DO ACERVO DE MEMÓRIAS DA CASA DOS AÇORES.

ENTREVISTADOS:

⇒ **ANTONIA RODRIGUES VERÍSSIMO** - Nasceu em 08 de janeiro de 1927, na Ilha de São Miguel, e chegou ao Brasil em 1955.

⇒ **ANTONIO MENDES CARDOSO SEQUEIRA** - Nasceu na Ilha Terceira, em 08 de abril de 1941, e chegou ao Brasil em 1961.

⇒ **DIMAS PAVÃO DE FARIAS**: Nasceu em São Miguel em 12 de abril de 1935, e chegou ao Brasil em 28 de agosto de 1954.

⇒ **ILDA MARIA SAVADOR DOS REIS** - Nasceu em 22 de junho de 1939, na Bretanha, Ilha de São Miguel, e chegou ao Brasil em 1952.

⇒ **JOSÉ EDUARDO PEREIRA DE VIVEIROS** - Nasceu na Bretanha, Ilha de São Miguel, em 07 de agosto de 1930, e chegou ao Brasil em 16 de novembro de 1954.

⇒ **LUIZ TAVARES JACOB** - Nasceu na Bretanha, Ilha de São Miguel, em 12 de março de 1930, e chegou ao Brasil em 1956.

⇒ **MANOEL HENRIQUE FARIAS RAMOS** - Nasceu em 08 de maio de 1939, na Ilha Terceira, e chegou ao Brasil em 1957.

⇒ **MARIA DE LURDES ARRUDA PAZ** - Nasceu na Bretanha, Ilha de São Miguel, em 16 de março de 1945, e chegou ao Brasil em 12 de dezembro de 1956.

⇒ **MARIA JOANA REZENDE RODRIGUES** - Nasceu em 14 de junho de 1939, na Ilha de São Miguel, e chegou ao Brasil em 28 de julho de 1953.

INTRODUÇÃO



Imagem 7 - “Segunda Classe”, de Tarsila do Amaral (1933).²

² Óleo sobre tela, 150 x 250 cm. Fonte: AC VIEIRA. Esculturas, pinturas e gravuras. Disponível em: <<http://acvieira.arteblog.com.br/r111/TARSILA-DO-AMARAL-Referencias-Artisticas/>>. Acesso em: 13/02/2006.

Inspirada na obra de Tarsila do Amaral, “Segunda Classe”, de 1933, iniciei minha busca pelo tema do doutorado. Pensando que o quadro faz uma referência aos problemas da imigração, temática de meu interesse pessoal, considerando a vinda de meus familiares da Europa em tempos de crise, comecei a traçar a pesquisa sob esse ponto de partida.

A tela na qual me inspirei refere-se, entre outras questões, à imigração, que, embora o presente estudo tenha como recorte temporal as décadas de 1950 e 1960, no ano de 1933 foi retratada pela artista, ressaltando os problemas desse movimento.

[...] considerada a fase social que questiona o novo panorama econômico, político e social resultante da industrialização e do capitalismo, que traz como reflexos o desemprego; a injustiça social; o infortúnio no centro urbano; a súplica do excluído; o êxodo rural e a imigração. Ela opta, então, por cores mais escuras, sugerindo um clima sombrio e de desesperança do povo brasileiro, desprovido de valor com seus pés descalços e rostos tristes.³

A tela foi pintada após a viagem de Tarsila à antiga União Soviética e carrega sentimentos de busca por mudanças, ou pelo menos um apelo a novos questionamentos políticos e ideológicos. Partindo do sentido retratado nessa tela, pensei em continuar a trabalhar com a imigração açoriana, porém dessa vez com foco em outro espaço geográfico e temporal. Assim, pensei em retratar memórias de imigrantes que deixaram suas terras em busca de novas oportunidades de vida, novos rumos e novas histórias para contar.

Essa proposta teve início durante o Mestrado, quando eu ainda estudava os açorianos de Santa Catarina. Numa exposição, vi esse quadro, e a representação que ele traz àqueles que vieram e ficaram no Brasil tornou-se instigante. E, por ocasião do mestrado, como também me envolvi com a causa das rendeiras da Lagoa da Conceição açorianas e descendentes, busquei conhecer em São Paulo a história comum desse grupo de imigrantes, o processo de sua vinda e articulação no

³ “Ainda, na obra *2ª classe* (1933) de Tarsila, podemos ver rostos expressivos que, recortados em detalhe, possibilitam melhor visibilidade das semelhanças entre as pessoas retratadas. Nesta perspectiva, é possível afirmar que uma imagem propõe diversos percursos, que permitem levar o espectador a inúmeras possibilidades de interpretações e, pela diversidade de características presente em cada pessoa, as histórias podem cruzar-se, sendo possível ao observador ver-se ou colocar-se em algumas delas.” FRANÇA, Léa Carneiro de Zumpano. **Subjetividades e identidades desveladas na análise da produção artística**. Ensaio Crítico da obra *Navio de Emigrantes* de Lasar Segall. Disponível em: <<http://www.nupea.fafcs.ufu.br/pesquisa10.htm>>. Acesso em: 13/02/2006.

novo espaço. Ainda considerei a questão da saída desses açorianos em momento de crise política em Portugal, no período de 1950 a 1960, em que a emigração se confirmou como um dos fenômenos estruturantes da sociedade portuguesa nos últimos séculos.

Paralelamente aos levantamentos bibliográficos e pesquisas, comecei a participar dos eventos promovidos na Casa dos Açores de São Paulo, a fim de iniciar meus contatos com a comunidade. No ano de 2006, participei como expectadora da Festa do Divino Espírito Santo, e percebi que esse era um evento formalizado pela comunidade e também uma forma de manter um elo com o passado, pois nos Açores as festas religiosas em devoção ao Espírito Santo têm muita força entre seus habitantes e vêm passando de geração a geração como uma das manifestações culturais e religiosas de maior visibilidade em se tratando de tradição.

Em 2008 fui aos Açores para conhecer de perto as festividades que antecedem o dia de Pentecostes. Percebi, como observadora e participante dos eventos religiosos, a importância que as festas do Divino têm para as freguesias e para as ilhas em geral. Na Ilha Terceira, a festa é organizada por todas as freguesias e também em cada Império, como forma de agradecimento e de penitência, além da ajuda aos mais necessitados. Assim, percebi que a comunidade parece mantê-la como devoção e agradecimento pelas conquistas ano após ano.

Também foi possível visualizar que em cada Ilha a festa é comemorada de uma forma específica, mas sempre carrega a essência e os princípios de sua concepção. Ao me deparar com essas percepções referentes ao passado e à concepção da festa, espaços e lacunas para a investigação da imigração açoriana para São Paulo como objeto de pesquisa foram sendo pensados. Dessa forma, iniciei a trajetória de observações, pesquisas e busca de depoimentos.

Nesse percurso, percebi o passado como uma viagem que conecta tempos e espaços, e, a partir dessa viagem, comecei a pensar nos processos de imigração numa época em que se formavam novos espaços e territórios carregados de histórias e memórias de outros continentes. Assim, surgiu a ideia de contextualizar a experiência da emigração a partir das histórias dos açorianos que ingressaram no Brasil e ajudaram a construir São Paulo.

O cenário que se formou em São Paulo a partir de 1950 foi revelando uma mistura de povos, raças, etnias, culturas e experiências que, juntas, moldaram

territórios distintos e ao mesmo tempo interligados, geográfica e espacialmente, além dos entrelaçamentos socioculturais, políticos e econômicos. As características desses espaços refletem como espelhos as identidades⁴ que se formaram e a miscelânea de trocas que simbolizam o singular, o local, o regional, enfim, o global, em um processo de reciprocidades que se cruzam como instrumentos de “integração social”⁵.

Ao pensar na questão dos sistemas simbólicos como instrumentos de conhecimento e comunicação, surgiu a ideia de pesquisar as continuidades simbólicas repercutidas nas festas religiosas da Vila Carrão, na Zona Leste da cidade de São Paulo, enquanto uma representação da cultura açoriana. Corroborou essa ideia o fato de haver poucos estudos sobre os açorianos em São Paulo, privilegiando-se na abordagem dessa temática outros grupos com maior visibilidade e construção espacial.

Assim, no que tange ao objeto desta pesquisa, procurar-se-á descrever e analisar práticas e representações relativas aos modos locais de construção e ritualização da sociabilidade entre os moradores da Vila que chegaram dos Açores entre 1950 a 1960. Essas práticas dizem respeito às festividades, à culinária e à religiosidade da comunidade, advindas da construção da Festa do Divino. O objetivo central é realizar um traçado das experiências que fizeram da e/imigração açoriana uma busca por oportunidades de trabalho, sobrevivência e articulações territoriais na cidade.

No âmbito local, a Casa dos Açores foi, de certa forma, o fio articulador das ações sociais dos moradores da Vila, já que, além de ser o território cultural em que as manifestações acontecem, representa o ícone das identidades e da reconstrução das festas. Entre elas, a Festa do Divino Espírito Santo é abordada nesta tese enquanto elo entre as memórias da terra de origem e a religiosidade, como elemento primordial para a reconstrução das identidades.

⁴ “As lutas a respeito da identidade étnica ou regional, quer dizer a respeito de propriedades (estigmas ou emblemas) ligadas à origem através do lugar de origem e dos sinais duradouros que lhes são correlativos, como o sotaque, são um caso particular das lutas das classificações e lutas pelo monopólio (caso) de fazer ver e fazer crer, de dar a conhecer e de fazer reconhecer, de impor a definição legítima das divisões do mundo social e, por este meio, de fazer e de desfazer os grupos.” BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. p.113.

⁵ “O poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe são sujeitos ou mesmo que o exercem... O poder simbólico surge como todo o poder que consegue impor significações legítimas. Os símbolos afirmam-se como os instrumentos por excelência de integração social: enquanto instrumentos de conhecimento de comunicação (cf. as análise durkeimiana da festa).” Ibidem. p.9-10.

Das inquietações que foram se revelando e apontando caminhos para a abordagem da tese, as referências acerca da espacialidade, a busca do conceito de local, da construção social e cultural do bairro e da comunidade estabeleceram múltiplas categorias de análise, formatando as discussões sobre cidade, política e organização urbanística. A busca pelo local e regional formou-se a partir da organização da comunidade numa vila, onde as elaborações culturais acontecem. Nesse espaço, as formas de sociabilidade e os valores foram sendo apresentados como meios de representação cultural.

Construída com a finalidade de trazer os semelhantes ao espaço e reconstruir as festas do Divino, a Casa dos Açores de São Paulo foi o ponto de partida para o desenvolvimento das pesquisas de campo. A partir de memórias foram sendo construídos os diálogos com as fontes orais, nas quais se encontram indivíduos que puderam e quiseram compartilhar suas trajetórias enquanto imigrantes, relatando suas experiências de saída das Ilhas, a trajetória de viagem e a chegada à cidade de São Paulo nas décadas de 1950 a 1960.

Quanto aos depoimentos, pode-se dizer que as entrevistas foram elaboradas por meio da história oral temática, enfatizando as saídas e chegadas e os motivos que impulsionaram a vinda, além da reelaboração das festas no bairro. Sobre a questão da experiência religiosa, no que se refere ao sagrado, a comunidade açoriana, em sua vivência do “espiritual”, é analisada sob a perspectiva do tempo mítico⁶, diferentemente do tempo histórico.

No que concerne à apreensão do Divino, ou do que buscam os indivíduos na divindade, parte-se da ótica da intuição, do sentir, da emoção, algo capaz de transcender o palpável, o tangível. Enquanto experiência do inexplicável e inexprimível, se enquadra no “privilegio da autenticidade”, no qual a experiência transcende as categorias, participando do indizível.⁷

Ainda sobre o “sagrado”, em suas múltiplas temporalidades da vida social, pondera-se a questão do “tempo sagrado”, na relação entre memória e religião, tempo esse em que o grupo religioso é responsável por incentivar e manter a

⁶ Ver as distinções de tempo elaboradas a partir do sentido de que tempos são distintos. ELÍADE, Mircea. **O mito do eterno retorno**. Rio de Janeiro: Mercuryo, 1992.

⁷ O autor traz uma discussão sobre a experiência religiosa enquanto uma intersecção entre memória e religião, faz parte de um estudo sobre a vivência do sagrado. CERTEAU, Michel de. *L'expérience religieuse, "connaissance vecue" dans l'église*. **Recherches de science religieuse**. Tome 76/2. Paris, 1988. p.189.

memória dos fiéis, criando algo concreto em solo profundamente obscuro e instável.⁸ Esse solo que não se vê, mas se sente. E, a partir daí, acreditando-se que desse espaço instável decorre a relevância da tradição no que se refere aos sentimentos gerados a partir dos eventos, festas, doutrinas e espaços, entende-se que a memória individual sobressai à coletiva e “diviniza” atos e fatos do presente, como um relato que se reconstrói na memória e transforma-a em um saber passível de ser transmitido.⁹

Com a definição dessa forma de estruturação da tese e suas vertentes, privilegiou-se a História Oral¹⁰ como metodologia de pesquisa, a fim de dar ênfase às experiências dos açorianos que rumaram a São Paulo entre 1950-60 e que mantêm vínculos com a Casa dos Açores e a comunidade do bairro onde vivem. A respeito dessa metodologia, pode-se dizer que a História Oral Temática foi utilizada a fim de garantir uma reflexão sobre as memórias dos açorianos capaz de dar visibilidade às histórias de infância nos Açores, aos motivos da emigração ao Brasil, à viagem ao Brasil, tradições, festas, trabalho, dificuldades econômicas, gastronomia e família enquanto categorias de análise.

A História Oral foi utilizada como método para entender ou pelo menos tentar entender a emigração açoriana e suas articulações num processo de pesquisa plástica, modificável, maleável e dinâmica. Assim, optou-se por organizar a pesquisa em momentos distintos de investigação, sendo privilegiada a comunidade que vive na Vila Carrão e alguns de seus sujeitos sociais enquanto protagonistas.

Primeiramente se pensou na eleição do recorte, ou seja, se procurou identificar qual denominador comum seria capaz de guiar o estudo e quais seriam os “escolhidos” para contar suas experiências e visões da emigração. Desse denominador partiu-se para a definição dos grupos/temas com os quais seriam

⁸ Para entender o grupo religioso, busca-se num mundo instável fabricar algo fixo moldado e cultivado na memória. HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990. p.156-9.

⁹ CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A Invenção do Cotidiano**. 2 - Morar, cozinhar. Petrópolis - RJ: Vozes, 1996. p.196.

¹⁰ A História Oral é a forma pela qual se buscam as memórias no tempo e, entre memórias e experiências, busca-se também nas narrativas puxar o fio que se entremeia entre outras questões além da memória. É o caso do embricamento entre memória e infância e, dentro dessa perspectiva, a busca do cotidiano, do lazer, do trabalho, da família, das gerações, de gênero, entre muitas outras categorias que aparecem nas narrativas. Dessa forma, pode-se trabalhar a questão da memória a partir de diversas perspectivas. Em relação ao corpo, tem-se a seguinte referência: “No que diz respeito à memória, o papel do corpo não é armazenar as lembranças, mas simplesmente escolher, para trazê-la à consciência distinta graças à eficácia real que lhe confere, a lembrança útil, aquela que completará e esclarecerá a situação presente em vista da ação final.” BERGSON, Henri. **Matéria e Memória**: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p.209.

trabalhadas as experiências, e em terceiro lugar foram especificadas as situações que determinaram a reconstrução da cultura local, as quais foram separadas por temáticas e visões individuais dos questionamentos/ experiências.

Assim, as categorias surgidas foram: experiências da viagem; os motivos da emigração; as questões políticas pelas quais passavam os portugueses; a experiência na cidade; a construção da Casa dos Açores; a (re)formulação da Festa do Divino; as tradições culinárias; o ritual da festa; e as dinâmicas culturais dos Açores e do Brasil sobre as tradições.

O uso dessas memórias orais possibilitou conexões de vários tipos, como as relações de parentesco, a organização social, as tradições, as relações econômicas, políticas, o cotidiano e o trabalho. Assim, essas experiências sociais, que também formaram a cidade, são neste estudo repensadas a partir das experiências de pessoas comuns.

Como aportes teórico-metodológicos foram utilizados os direcionamentos advindos das memórias dos Açores como fio que desenrolou a história dos açorianos, passando pela família açoriana, pelas relações sociais, trabalho, escola, religião, numa construção do elo com o passado. A formação da religiosidade em outra terra, a distribuição de tarefas na construção das festas e sua inserção na comunidade/cidade/país também consistem em enfoques direcionais para abordar a ressignificação das festas na contemporaneidade.

Da vertente da construção social e religiosa nos Açores parte-se para a construção da festa enquanto mote para abordar as comunidades emigrantes que saíram de Portugal e suas questões sociais, políticas, econômicas e culturais que levaram ao processo de emigração propriamente dito. A partir daí reconstrói-se o panorama das migrações em Portugal, da emigração para outros países, a vinda para São Paulo, a dispersão pelo Brasil e pelo mundo e a reconstrução das identidades mediante a criação da Casa dos Açores de São Paulo.

Em seguida, busca-se, na formação do bairro enquanto território, tratar das especificidades da Casa e do elo com a construção de São Paulo, desencadeado a partir da reconstrução das festas nos Açores. Nesse percurso investigativo, perceber-se-á que, para essa reconstrução, buscou-se na família a transmissão de valores, dando aos novos membros do grupo uma noção das tradições vivenciadas nos Açores e aproximando-os das tradições reinventadas.

O foco inicial para a análise social do contexto açoriano durante o período de emigração parte da ideia de que a família e o grupo de parentes são pessoas que auxiliam na passagem de um estilo de vida a outro, colaborando na reconstrução de representações no novo espaço, dando suporte na criação de novas identidades.¹¹ Na abordagem a respeito das continuidades da busca pelo sagrado, espaço, território e laços comuns, as discussões sobre os estudos culturais contribuem para definir a representação da cultura¹².

São privilegiadas como principais aportes teóricos as discussões sobre o sagrado e suas relações com os símbolos, simbologias e simbolismos das festas e dos objetos, insígnias e instrumentos utilizados nos rituais.¹³ Ademais, procura-se efetivar uma “horizontalização” da temática, com as discussões sobre experiências inexprimíveis e autênticas do que é o “sagrado” enquanto formas de sentir e pensar sobre a representação simbólica das tradições.

Também se trata da construção das identidades e da consequente circularidade cultural, pensando a cultura como um sistema de significações. As demais articulações teórico-metodológicas focalizam os estudos culturais, sobretudo as discussões sobre a identidade cultural.

¹¹ HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p.163.

¹² “[...] uma descrição de uma determinada maneira de viver, que expressa certos sentidos e valores não apenas na arte e na aprendizagem, mas também nas instituições e no comportamento usual, ordinário. A análise da cultura, a partir de tal definição, é a classificação de sentidos e de valores implícitos e explícitos em um determinado modo de vida, em uma determinada cultura.” WILLIAMS, R. The analysis of culture. In: BENNET, Tony (Org.), **Culture, ideology and Social Process** – A Reader. London: The Open University, 1989. p. 43-52.

¹³ “Em 1941-1942 Eliade trabalhava numa biografia de Salazar. Com a ajuda dos historiadores e jornalistas Manuel Múrias (1900- 1960), João Ameal (*1902), Alfredo Pimenta (1882-1950) e Pedro Correia Marques (*1890), Eliade escreveu uma hagiografia do ditador português, hoje em dia francamente obsoleta. O mesmo Eliade mudou depois de perspectiva e revelou-se em 1946 mais crítico com respeito a Salazar. *Salazar e a Revolução em Portugal* saiu em 1942 em Bucareste. O capítulo XIV foi publicado em versão portuguesa no jornal *Acção* (30-IX-1943). Nas suas *Memórias* Eliade descreve com luxo de detalhes a gênese deste livro, que lhe valeu uma entrevista com o próprio Salazar: Na tarde de 6 de Julho telefonou-me António Ferro para me anunciar que no dia seguinte ia ser recebido por Salazar às cinco da tarde: Como não encontrei um táxi, cheguei lá quase correndo. O porteiro do Palácio de São Bento perguntou-me para onde ia. “O Senhor Presidente”, respondi. Ele mostrou-me a escada do fundo e disse: “Segundo andar, à direita”. Assim se entra no gabinete do ditador português... Durante aqueles cinco minutos de espera engoli sem fôlego um copo de água: A minha garganta ficara tão seca que receei não poder falar.” VON BRUNN, A. Mircea Eliade em Portugal (1940-1944). **Revista ICALP**. Vol.20-21. julho/out. 1990. Disponível em: <<http://cvc.instituto-camoes.pt/bdc/revistas/revistaicalp/meliade.pdf>>. Acesso em: 12/07/2009.

Entremeando os estudos culturais, a metodologia da História Oral e as imagens enquanto documentos e também ilustrações, a presente tese apresenta em sua estrutura quatro capítulos.

○ **CAPÍTULO 1 - EMIGRAÇÃO/IMIGRAÇÃO AÇORIANA: PROCESSOS E MEMÓRIAS** focaliza as situações política, econômica e social dos Açores, inseridas na história de Portugal, no período de 1950 a 1960, relevando-as enquanto motivações do processo emigratório.

Considerando a sociedade em perspectiva, em tempo de dificuldades econômicas, problemas sociais, estruturais e políticos, o fenômeno emigratório é o ponto de partida para construir, por meio das experiências de indivíduos, a interpretação de uma das muitas histórias possíveis sobre a cidade, o bairro, o trabalho e o processo todo que se inclui na temática.

Assim, o capítulo aborda desde a saída dos emigrantes dos Açores, a viagem ao Brasil e a chegada ao país. Iniciam-se diálogos com as memórias de partida dos açorianos, privilegiando os distintos olhares acerca desse processo, as formas de “lidar” com as adversidades da mudança de cidade/país, casa/bairro, amigos/parentes e a configuração espacial, além das experiências sobre como foi a nova vida.

Busca-se entender em conjunturas distintas os processos ocorridos durante o longo período do movimento emigratório das ilhas açorianas, embora o foco da análise seja o período de 50 a 60. Num primeiro momento, tenta-se apreender as medidas tomadas pela população das ilhas para garantir o sustento das famílias e buscar melhores condições de vida.

Também se observa a problemática envolvida no processo, ou seja, as distintas motivações que fizeram do Brasil a opção de mudança, dando ênfase às histórias dos protagonistas históricos que fizeram de Portugal um país temido pela população, focalizando o período do Governo de Salazar, durante o qual muitas mudanças ocorreram na vida desses açorianos emigrados, que recomeçaram então suas trajetórias em outras localidades no Brasil e no mundo.

○ **CAPÍTULO 2 - AÇORES: RELIGIÃO, CICLOS E REPRESENTAÇÕES CULTURAIS** discute as origens da Festa do Divino Espírito Santo; os ciclos e as festas dos Açores; o ciclo do Espírito Santo, verificando-se todo o ritual e

simbolismo; as festas na atualidade nas Ilhas Terceira e São Miguel; os ciclos do homem e de Deus e as principais festividades, dando ênfase aos aspectos relevantes das tradições mantidas nos Açores desde a vinda dos emigrantes ao Brasil, a fim de observar as transformações e a dinâmica cultural da comunidade que veio para São Paulo ao longo do tempo.

Partindo-se da tradição das festas, em especial a Festa do Divino Espírito Santo, constrói-se uma trajetória de sua história no decorrer do tempo, seus significados, simbologias e simbolismos. Pretende-se perceber as principais mudanças e permanências das tradições ainda verificadas na contemporaneidade nas Ilhas Terceira e São Miguel (maior concentração de imigrantes para São Paulo) enquanto elemento da cultura imaterial açoriana, procurando-se identificar também modismos, gerações e sensibilidades no passado e no presente.

Uma vez que se busca notar nas festas religiosas dos Açores seus significados desde sua origem, faz sentido entender como e por que as festas se mantiveram inclusive no Brasil, verificando sua simbologia geracional e religiosa temporal e espacialmente.

As Ilhas Terceira e São Miguel são privilegiados neste estudo devido à maior concentração de imigrantes açorianos vindos dessas localidades na Vila Carrão. Para entender os ciclos do Espírito Santo, do Touro, do Homem e de Deus, será necessário buscar os significados e ressignificados das festas na Vila, verificando-se como eram organizadas, as alterações atuais, quem trabalha nas funções, como são comemoradas nas diversas freguesias das Ilhas e a diferença entre as festas do Divino e do Senhor de Santo Cristo nos Açores, para posteriormente se poder entendê-las na sua ressignificação em São Paulo.

Ao traçar o panorama das festas enquanto tradição arraigada e mantida pelos açorianos ao longo do tempo, o estudo busca também averiguar o que foi mantido e modificado nas diversas gerações, relatando o que foi incorporado, ampliado, reconstruído e ressignificado ao longo do tempo e também dos espaços.

Já o **CAPÍTULO 3 - TERRITÓRIO AÇORIANO EM SÃO PAULO: VILA CARRÃO** analisa as regiões brasileiras dos açorianos, enfatizando São Paulo, especificamente a construção açoriana da Vila Carrão, e a desconstrução das tradições a partir da vinda dos Açores. Assim, o processo de adaptação é investigado a começar da ruptura cronológica das ações sociais após a e/imigração.

Ao focalizar a imigração para São Paulo tenta-se entender o processo desde a saída dos Açores, ou seja, como vieram, quais contatos foram estabelecidos anteriormente com respeito a trabalho, entre amigos, familiares, ou perspectivas profissionais, além de verificar se vieram com ou sem recursos e quais eram as condições de vida numa cidade em franco crescimento. Procura-se também observar a contrapartida desse processo, que buscava na mão de obra imigrante o trabalhador de suas fábricas, indústrias e mesmo comércios.

Aglutinando esses tópicos, o estudo busca reconhecer nas experiências dos depoentes o que encontraram na cidade que os acolheu, como esta os acolheu, como foram suas trajetórias de vida e como se organizaram na Vila Carrão, transformando-a num bairro que reúne grande parte dos açorianos que vieram para o Brasil, tendo emigrado praticamente na mesma fase histórica, entre as décadas de 1950 e 1960.

Procura-se, ao traçar essa vinda dos açorianos, apreender nas suas memórias as referências de saída dos Açores e chegada ao Brasil, conhecendo suas histórias, dificuldades, tristezas e alegrias na busca por novos caminhos e rumos numa terra que lhes parecia melhor para viver. Diante dessas trajetórias e experiências de reconstrução das identidades, tenta-se buscar na construção da Casa dos Açores de São Paulo as necessidades e motivações que fizeram dela um palco para dar visibilidade ao grupo, diferenciando-o e legitimando suas características.

Ao favorecer a interpretação do lugar enquanto território de tradições, fomenta-se a união¹⁴ dos açorianos da cidade por meio de suas festas, eventos e religiosidade, a fim de agrupá-los e dar visibilidade e relevância, numa forma de garantir o futuro das manifestações culturais no local e manter vivas algumas tradições vindas dos Açores.

Como aportes teóricos foram inicialmente definidas interlocuções com as categorias espaço e território, utilizando as experiências da construção do espaço social¹⁵, que passa pela luta para a definição da identidade “regional” ou “étnica”.

¹⁴ Mas que no final se entende como: “[...] ninguém possui totalmente seu texto, mas todos dele participam de uma maneira ou de outra.” CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A Invenção do Cotidiano**. 2 - Morar, cozinhar. Petrópolis - RJ: Vozes, 1996. p.164.

¹⁵ “As lutas a respeito da identidade étnica ou regional, quer dizer, a respeito de propriedades (estigmas ou emblemas) ligadas à origem através do lugar de origem e dos sinais duradouros que lhes são correlativos, como o sotaque, são, um caso particular das lutas das classificações, lutas pelo monopólio de fazer ver e fazer crer, de dar a conhecer e de fazer reconhecer, de impor a definição

A comunidade é neste estudo concebida como lugar da reprodução social¹⁶ que permeia não só a construção da cidade, mas a comunidade, a casa e as relações entre lugar e experiências sociais, seguindo a linha da construção social do lugar. Para traçar as mudanças na cidade, inferiu-se o ritmo e o tempo¹⁷ que relaciona a vida cotidiana com a construção do espaço e da cidade, na qual ela aparece como materialidade, produto do processo de trabalho, de sua divisão técnica e social, como a forma de pensar, sentir e apropriar-se dos instrumentos que a formam tanto geográfica como socialmente.

A cidade vista como “imagem” valoriza seus aspectos que constituem o imaginário urbano, um conjunto de ideias e valores que, articulados ao tempo, é entendido como uma categoria ampla que ultrapassa os seus sentidos usuais de duração, permanência ou as habituais cronologias. “Envolve os tempos através da memória individual e coletiva.”¹⁸

A pesquisa pauta-se pelas práticas do espaço, como as maneiras de frequentar o lugar, os processos complexos capazes de aglutinar a comunidade, suas práticas cotidianas e as representações culturais nela contidas. Sobre a questão da identidade construída pela comunidade na busca por suas raízes e reconhecimento mútuo, serão abordados os aspectos referentes ao pertencimento do grupo, tendo em vista que as identidades culturais surgem do pertencimento a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais.¹⁹

No **CAPÍTULO 4 - AÇORIANOS EM SÃO PAULO: DISPERSÃO, RENCONTRO E RECONSTRUÇÃO** inicia-se a análise pela construção da festa em São Paulo, ou seja, pela (re)construção das identidades por meio da reinvenção da Festa do Divino Espírito Santo na contemporaneidade.

A intenção é discutir a construção das festas e tradições pela comunidade, dando ênfase ao cotidiano, trabalho e à tradição, no intuito de, por meio das experiências sociais vividas, compreender as mudanças e permanências da

legítima das divisões do mundo social e, por este meio, de fazer e de desfazer os grupos.” BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. p.113.

¹⁶ ARANTES, Antonio A. (Org.), **O Espaço da Diferença**. Campinas - SP: Papirus, 2000.

¹⁷ CARLOS, Anna Fani Alessandri. **A Cidade**. São Paulo: Contexto, 2003.

¹⁸ FREIRE, Cristina. **Além dos Mapas: os monumentos no imaginário urbano contemporâneo**. São Paulo: Sesc/ Annablume, 1997. p.120.

¹⁹ HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

confeção da Festa do Divino enquanto reconstrução das identidades, tradições e traços culturais, nas quais se constituem as discussões do sagrado e do profano.

Também se privilegia a incorporação da festa pela Igreja Católica, a culinária, as fases da comemoração, além da construção anual da festa pela comunidade, numa tentativa de apreender nas experiências de seus criadores as funções de cada membro da comunidade no processo, a organização da festa, a procissão, a coroação e os atos incluídos em cada etapa. Para conhecer esse processo, pretende-se abranger a culinária típica açoriana organizada em todas as festividades da Casa dos Açores, verificando quem faz e como faz os pratos, como trocam os produtos, como fazem as doações do Espírito Santo e os respectivos significados desses dias santificados.

Enfim, a proposta é alcançar a (re)construção das identidades, realizada por meio da união dos esforços da comunidade para garantir a sobrevivência de suas origens e fomentar uma identidade açoriana criada e (re)criada por diversas gerações.

Nessa abordagem serão tratadas questões que levaram o grupo a escolher as formas de manter as tradições festivas e religiosas enquanto símbolos de pertencimento²⁰, ou “estruturas de sentimento”, verificando-se que a tradição é passada de forma seletiva. Nota-se que as práticas e representações são reinventadas e escolhidas, revelando a perspectiva da construção e reconstrução das identidades no tempo e espaço.

A partir das experiências dos imigrantes açorianos, tenta-se aglutinar fatos, vivências e ações referentes à sua representação cultural dentro da cidade de São Paulo, que é múltipla, diversa e repleta de singularidades que se cruzam e formam um verdadeiro mosaico de culturas.

²⁰ WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1979.

CAPÍTULO 1 - EMIGRAÇÃO/IMIGRAÇÃO AÇORIANA: PROCESSOS E MEMÓRIAS

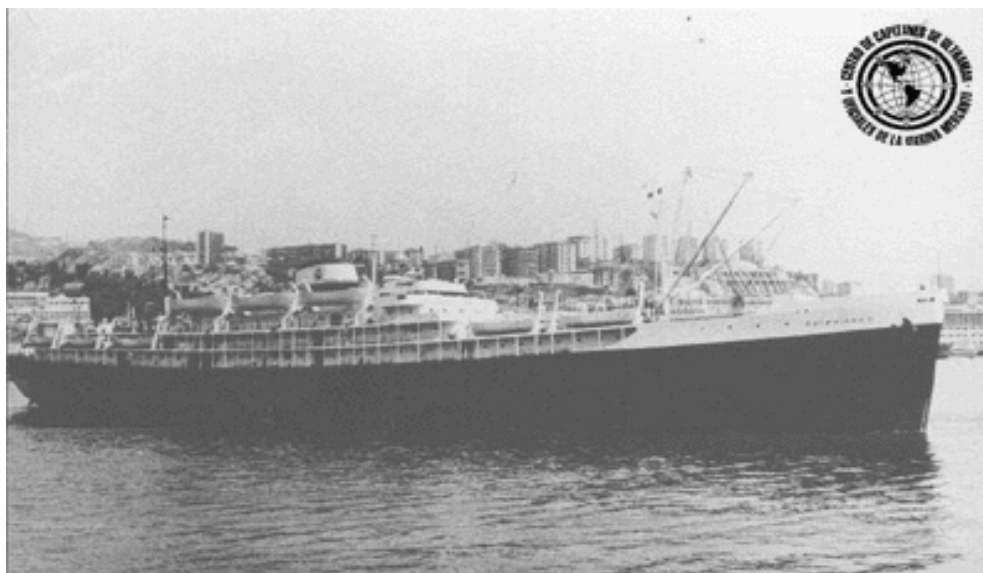


Imagem 8 - “Corrientes”, navio da Companhia argentina Dodero.²¹

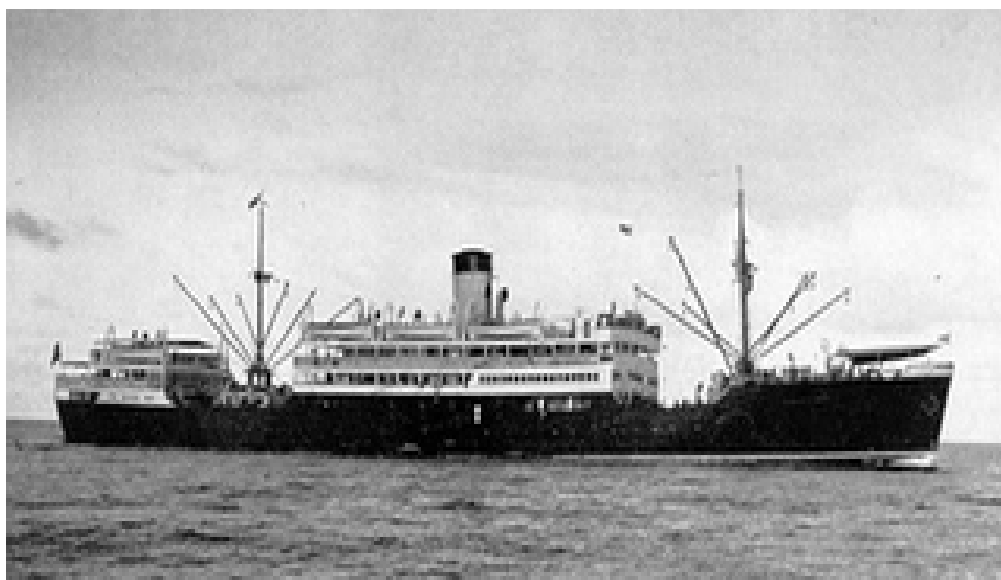


Imagem 9 - “Carvalho Araújo”, navio de passageiros.²²

²¹ O navio Corrientes pertencia à Companhia Argentina Dodero e fazia muitas travessias de portugueses, italianos, espanhóis, entre muitos outros que buscavam no Brasil uma nova vida. Todos os navios aportavam em Santos e dali os passageiros seguiam viagem para o seu destino. Cf.: HISTARMAR - Historia y Arqueologia Marítima. **Corrientes**. Disponível em: <<http://www.histarmar.com.ar/BuquesMercantes/ListadoC/Corrientes.htm>>. Acesso em: 12/07/ 2009.

²² O Carvalho Araújo foi o meio de transporte de muitos açorianos nas décadas de 1940 a 1960. Alguns açorianos possuem memórias de como era sair da Ilha e ir até Lisboa com ele: a primeira saída da Ilha até o continente e a vista do mar como último adeus. Cf.: A SUL DO CABO. Disponível

1.1 SAÍDAS: AÇORES - 1950 A 1960

Neste capítulo pretende-se contextualizar as situações política, econômica e social dos Açores no período de 1950 a 1960, relevando-as enquanto motivações do processo emigratório.

Cabe ressaltar que os acontecimentos históricos que fizeram das ilhas açorianas um palco para grande número de saídas do país em diversas ondas emigratórias rumo a melhores condições de sobrevivência advêm de diversos fatores preponderantes, incluindo a geografia, o clima, as condições políticas e estruturais das ilhas e de sua organização.

Há menção aos problemas oriundos da própria geografia, do clima e da organização política e social que acarretaram migrações durante toda a história dos Açores, conforme apontam as pesquisas sobre as causas da emigração, pois é um “facto generalizadamente reconhecido já que nele actuam estratégias de ordem individual e familiar balizadas em contextos geográficos, económicos, sociais, políticos e culturais específicos”,²³ não se podendo generalizar suas causas em tempos distintos, mas entendendo que algumas são particularmente recidivas.

Segundo depoimentos de açorianos que emigraram em meados do século XX, além de todo esse arcabouço de problemas, as questões conjunturais e políticas do Pós-Guerra, entre elas os alistamentos militares, também contribuíram para a emergência do fenômeno.

O Pós-Guerra foi um período de crise em Portugal, em decorrência da queda das exportações que tinham sido estimuladas pelo conflito mundial (entre 1940 e 1943 a balança comercial de Portugal fora favorável). No âmbito político, houve pressões internas e externas para a redemocratização do país e para a libertação das colônias. Em 1945, foram lançados os manifestos pró-domocrático e pró-socialista e nasceu o movimento de Unidade Democrática. Várias revoltas militares irromperam e foram reprimidas no final dos anos quarenta.²⁴

em: <<http://asuldocabo.blogspot.com/2008/08/navio-de-passageiros-carvalho-arajo.html>>. Acesso em: 12/05/2010.

²³ ROCHA, Gilberta Pavão Nunes. **A emigração nos Açores nos séculos XIX e XX** - a necessidade, a solução, a valorização. Ponta Delgada, 2008. Disponível em: <http://www.comunidadesacorianas.org/artigo.php?id_artigo=50&idioma=PT>. Acesso em: 24/08/2009.

²⁴ LOBO, Eulália Maria Lahmeyer. **Imigração Portuguesa no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 2001. p.213.

Durante o período do Estado Novo²⁵, que se iniciou em 1933 – e por isso é relevante para a compreensão de parte das saídas das ilhas açorianas –, surgiram algumas questões que se tornaram definitivas para a tomada de decisão dos sujeitos que almejavam melhores condições de vida. Nos depoimentos e nas pesquisas efetuadas os elementos que aparecem com mais frequência como aqueles que concorreram para a emigração no decorrer dos anos 1950 são a ausência de emprego, fundamentando a questão econômica, e a fuga de possíveis alistamentos para atuar na África, onde as colônias estavam constantemente em conflito com Portugal. No entanto, eram principalmente os problemas financeiros que impossibilitavam a permanência no país.

Nos decênios de 1940 e 1950 as condições de vida no meio rural luso deterioraram-se. Os grandes proprietários geralmente alugavam o solo ou entregavam a administração dos latifundiários a gerentes assalariados, o que representava obstáculo ao desenvolvimento da agricultura, da criação e do abastecimento urbano.²⁶

Cumprir notar que a citada deterioração das condições de vida não se deu apenas nas áreas rurais do continente, mas também das ilhas da Madeira e dos Açores, cujos habitantes sobreviviam com poucos recursos financeiros e sem perspectiva de ascensão econômica para suas famílias, que, em sua maioria, arrendavam as terras onde viviam.

Ao elaborar uma nova história, muitos homens que emigraram rumo ao Brasil e a outros destinos demonstraram seus descontentamentos quanto à situação política, à questão da colonização e à pobreza instaurada em diversas camadas da população, revelando que não eram compatíveis com seus anseios. Portugal, enquanto país que já vinha historicamente colonizando outros países, tentava no século XX manter a colonização que diminuía a cada instante. Assim, a África tornava-se outro ponto de honra nacional. Os pontos-chave almejados eram Angola e Moçambique, além do extenso território que separava mesma trajetória de

²⁵ O Estado Novo foi o regime político de cunho autoritário que vigorou em Portugal desde 1933, com a aprovação de uma nova Constituição, até 1974, quando foi derrubado pela Revolução de 25 de Abril, também conhecido como II República por alguns historiadores. Ver: MATOSO, José. **História de Portugal**. 7º Vol. - O Estado Novo (1926-1974). Lisboa: Estampa, 1998.

²⁶ LOBO, Eulália Maria Lahmeyer. **Imigração Portuguesa no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 2001. p.227.

dominação, agora com foco em algumas regiões da África e Ásia, para atingir seus intentos de ampliação territorial.

Embora já tivesse domínios na África e Ásia, Portugal buscava ainda conquistar mais espaços. Assim, acentuava a sua expansão territorial pelo interior da África, com o intuito de garantir sua estabilidade junto às outras potências europeias. Portugal mantinha territórios na Índia, em Macau e outros pontos específicos do antigo domínio colonial português na Ásia, porém seu poder nessas localidades diminuía a cada instante. Assim, a África tornava-se outro ponto de honraria nacional. Os pontos-chave almejados eram Angola e Moçambique, além do extenso território que separava esses países.²⁷

A fim de garantir a colonização dessas regiões, guarnições militares, missões católicas, formas e instituições de governo colonial foram enviadas para a África. Dessa forma seria assegurada a presença portuguesa nos locais, afastando a possibilidade de que concorrentes procurassem fazer o mesmo.

Portugal, após a Segunda Guerra Mundial, e contra o regime político em vigor, iniciou um processo forçado de descolonização da África. Em 1951, quando as circunstâncias políticas condenavam o colonialismo, efetivamente desanexou os territórios africanos. O Estado da Índia então já havia sido perdido para a União Indiana e o Timor-Leste, invadido pela Indonésia no momento da Revolução dos Cravos, processo revolucionário que ditou o fim do Estado Novo e do colonialismo português.

Frente a toda essa conjuntura política e econômica, a emigração continuava espontaneamente nas décadas de 1950 e 1960. “Em março de 1954, a estimativa para o ano era de 35.000, segundo o coronel Antônio Manuel Batista, presidente da Junta de Emigração de Portugal. Essa cifra equivalia à de 1952, e era superior à de 1953 (29.000 pessoas).”²⁸

A emigração portuguesa do segundo pós-guerra conheceu, fundamentalmente, dois pontos altos. O primeiro entre 1955-1956, tendo ainda o Brasil como principal destino. O segundo terá início em 1963-1964 e estende-se até 1973-1974, quando a crise econômica européia refreia a procura desenfreada da

²⁷ COSTA, Rui Manoel Pinto. Relações Externas Luso-Germânicas: 1916 e o despertar de um conflito latente. **Revista da Faculdade de Letras - História**. Série III, Vol. 4. Porto: Universidade do Porto, 2003. p.101-25.

²⁸ LOBO, Eulália Maria Lahmeyer. **Imigração Portuguesa no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 2001. p.228.

mão-de-obra não especializada dos países periféricos, iniciada cerca de dez anos antes. Esta segunda leva teve a Europa como principal destino e revestiu-se de uma particularidade: o enorme peso das saídas clandestinas. De Portugal saiu-se fundamentalmente das regiões a norte do Tejo e dos Arquipélagos dos Açores e da Madeira [...].²⁹

A vinda dos açorianos se deu em muitos períodos históricos, mas foi na década de 1950 que eles ingressaram no Brasil em maior número, sobretudo para procurar trabalho na cidade de São Paulo, que crescia vertiginosamente em virtude da ampliação no quadro industrial. As oportunidades de trabalho e o comércio aquecido atraíam muitos portugueses para a cidade. Aqueles que tinham algum fundo para investir acabaram abrindo um negócio próprio, e assim surgiram padarias, açougues, mercadinhos, quitandas, entre outros estabelecimentos comandados por esses imigrantes.

Entre as memórias sobre os fatos que motivaram a emigração, alguns depoimentos são enfáticos quando mencionam a necessidade de sair do país para não participar do Regime Salazarista e das guerras que ocorriam nas colônias africanas. O exército chamava os açorianos para atuarem nas colônias, fato que, somado à possibilidade de superar outros problemas, como as necessidades econômicas, e à expectativa de ter uma vida melhor no novo país, levava as famílias a decidirem pela emigração. É o que demonstra um dos depoentes quando questionado sobre os motivos da vinda ao Brasil:

Olha, é porque eu escutava falar muito bem do Brasil e naquela época estava pra servir o exército, já estava com 20, quase 21 anos. Tinha de viajar nas colônias, não é, a maioria era tudo pra lá. Então, acho que eu vou pro Brasil [pensou]. Recebi do meu tio a carta de chamada. Não sei se foi uma boa, ou se não foi, mas eu gostei de vir pra cá.³⁰

As informações acerca do Brasil geravam nas famílias, além de curiosidade, muita esperança de uma vida melhor, com possibilidade de ter emprego, comprar uma casa, sair dos arrendamentos de terras dos Açores, além de fugir do exército.

²⁹ MATOSO, José. **História de Portugal**. 7º Vol. - O Estado Novo (1926-1974). Lisboa: Estampa, 1998. p.374-5.

³⁰ Antônio Mendes Cardoso Sequeira nasceu em 08 de abril de 1941, na Ilha Terceira, Açores, Portugal. Chegou ao Brasil em 1961. Veio sozinho com uma carta de chamada do tio e passou a viver na zona Leste da cidade. Entrevista concedida à Profa. Maria Aparecida Pascal, na Casa dos Açores, e cedida para esta pesquisa.

Algumas memórias dos tempos da emigração deixam entrever o antissalazarismo, como é o caso do depoimento do Senhor Manoel Henrique Farias Ramos, que menciona ter emigrado em busca de novas possibilidades de vida, mas também porque tinha uma postura político-ideológica que o afastava dos grupos com os quais convivia nos Açores.

Bom primeiro, a primeira fase, o primário, como todas as crianças... é comum o meio agrícola, não é? Então, a criança nasce ali, ajuda os pais, vai à escola primária, faz normal. Depois participei um pouco do comércio, como eu tinha a banca e entendia um pouco do comércio. Fiz até o 4º ano do Liceu e depois aos 18 anos eu tive que servir o exército, a questão é que na altura as colônias estavam rebelando-se contra o modelo, nem sei de todas as colônias, não é? E eu não me identificava com duas coisas: primeiro eu estava a favor da libertação das colônias e segundo eu estava contra o modelo ditatorial de Salazar e já começava a encontrar problemas no grupinho nosso do Liceu que a gente estudava e tudo mais e já estávamos sendo olhados com certa cautela, já tínhamos ligações que tinham que tomar cuidado com o que faziam. Daí, eu resolvi emigrar, só que não deixavam eu emigrar mais, porque eu estava com 18 anos e tinha que servir o exército. Aí tinha um amigo meu, que era um colega mais velho, que já tinha feito Liceu e fazia parte do grupo que estava no governo civil, me arrumou e eu vim como turista. Então em 30 dias eu tinha que voltar, eu saí como turista para o Brasil. No Brasil eu havia naquela altura, o que chamavam de Ministério do Exterior. Daí eu dei entrada com o pedido de imigrante aqui e isso levava um ano, um ano e pouco. Nesta altura tinha um aviso de Portugal que eu tinha que voltar então umas duas vezes por mês eu tinha que voltar. Aí por incrível que pareça, eu não sou Maçom, mas eu namorava uma moça que o pai era Maçon e a maçonaria aprovou, consertou as coisas e por incrível que pareça eu fui protegido pela maçonaria para ficar aqui e realmente se acomodou toda situação e estou até hoje.³¹

O Senhor Manoel chegou ao Brasil como turista, numa forma de “driblar” o Regime português de Salazar e escapar do exército. Quando rememora os tempos de juventude, revela que aos 18 anos já se mostrava descontente com o regime político de Portugal, fator que foi determinante para sua decisão de sair do país na década de 1950. Alguns outros depoimentos também se referem ao desejo de sair

³¹ O Senhor Manoel Henrique Farias Ramos nasceu em 08 de maio de 1939, na Ilha Terceira, nos Açores. Chegou ao Brasil em 1957. Entrevista concedida à Profa. Maria Aparecida Pascal, em 23 de outubro de 2006, na Casa dos Açores de São Paulo, e cedida para esta pesquisa. Nesse momento do depoimento, fala sobre a chegada ao Brasil e suas motivações pessoais.

do Regime político salazarista, como é o caso daquele dado pelo Senhor Luis Tavares Jacob:

Um cunhado meu, irmão da minha esposa, ele chegou aqui para não ir para a África portuguesa. Eu tinha um irmão que mora lá na África colonial. Na Ilha de São Miguel, teve um ano que os jovens tinham que ir para Angola...³²

Quando se lembra dos motivos da vinda ao Brasil, o Senhor Luis Tavares Jacob também cita a fuga do exército português na África Colonial, haja vista que morar em Angola não era seu propósito de vida.

Além da questão do descontentamento em relação ao regime político então em vigor, percebe-se que, durante toda a história dos Açores, as famílias, em sua maioria, buscaram melhores condições financeiras, já que havia poucas possibilidades de ascensão econômica no território, embora este tivesse uma característica que se pode considerar singular: as Ilhas dos Açores tinham na organização do Estado os estatutos político-administrativos, que as tornavam regiões políticas. Isso significa dizer que são regiões autônomas formadas em territórios coletivos e dotadas de autonomia política, administrativa e legislativa.

1.2 EM TEMPOS DE SALAZAR: SOCIEDADE E PERSPECTIVA

Do século XV até meados do século XVI, a expansão colonial portuguesa criou uma rede de comércio e domínio militar com dimensões mundiais, época em que os arquipélagos da Madeira e Açores eram capazes de garantir o poder no Atlântico Sul como estratégia política e administrativa.

O processo de emigração foi considerado um fenômeno estrutural da sociedade portuguesa³³, pois, durante o século XX, Portugal era uma das nações

³² Luis Tavares Jacob nasceu em 12 de março de 1930, em Remédios da Bretanha, Ilha de São Miguel, Açores. Chegou ao Brasil em 1956. Entrevista concedida à Profa. Maria Aparecida Pascal, em 23 de outubro de 2006, na Casa dos Açores de São Paulo, e cedida para esta pesquisa.

³³ Sobre o fenômeno da emigração portuguesa, os pesquisadores Vitorino Magalhães-Godinho e Cristóvão de Aguiar possuem, respectivamente, duas linhas de investigação: um minucioso trabalho erudito sobre as fontes (*Documentos para a História da Expansão Portuguesa, 1943-1956*) a partir de uma problemática muito ampla (*A Expansão Quatrocentista Portuguesa, 1944*); e uma tentativa de reconstituição das culturas e civilizações antes da chegada dos portugueses (*História econômica e*

que mais exportava imigrantes. E o arquipélago dos Açores constituiu uma fonte importante de movimentos emigratórios para o Brasil e outros países, especialmente Estados Unidos e Canadá, uma vez que traz em sua gênese³⁴ os processos migratórios, presentes na própria história da colonização e na formação social do território.

Verifica-se que no período de 1950 a 1960, momento em que mais saídas foram efetivadas e registradas, comparadas ao período de colonização açoriana no país (1748-1756) – no qual houve grandes contingentes emigratórios –, seja por conta do pós-guerra, seja devido a outras particularidades, as motivações para a partida eram quase sempre advindas da questão econômica, que serviu tanto como fator de repulsão do país de origem como de atração aos países escolhidos.

Essa trajetória de muitos percalços que fizeram de Portugal um país autoritário por tanto tempo tem sua origem nos problemas político-econômicos que acometeram a nação, em especial após a Primeira República³⁵. Com a consolidação do golpe de 1926, os portugueses, em sua maioria cansados da instabilidade e dos constantes golpes e contragolpes, aplaudiram com entusiasmo a nova proposta de governo. Era o fim da derrocada “Primeira República Portuguesa”.

A questão do novo governo recaía sobre a política partidária e o parlamentarismo. Esse regime, que em pouco tempo se passou, em desafio claro ao parlamentarismo democrático, o qual se autodenominava “Ditadura Nacional”, foi, sem dúvida, um regime militar progressivamente mais autoritário.

A fim de resolver a situação econômico-financeira, em 1928, o general Gomes da Costa, em nome do novo regime, convidou o professor António de Oliveira Salazar para assumir as funções de Ministro das Finanças. Assim que Salazar aceitou o cargo, prometeu promover um “milagre financeiro”, no intuito de

social da Expansão Portuguesa, 1947; *O "Mediterrâneo saariano" e as caravanas do ouro - século XI ao século XVI*, 1956). A respeito da estruturação da sociedade portuguesa e as diversas ondas migratórias e emigratórias durante sua história, ver: MAGALHÃES-GODINHO, Vitorino. *L'Emigration Portugaise du XVe siècle à nos Jours: Histoire d'une Constante Structurale*. In: BRAUDEL, Fernand (ed.). **Conjoncture Économique, Structures Sociales**. C.E. Labrousse: Mélanges en Honneur, 1974. p.253-268.

³⁴ Há crença de que o problema das diversas correntes emigratórias dos Açores esteja na gênese de seu povoamento. Ver: AGUIAR, Cristóvão de. **Alguns dados sobre a Emigração Açoriana**. Coimbra: Vértice, 1976. p.6.

³⁵ A Primeira República Portuguesa foi o sistema político que sucedeu ao Governo Provisório de Teófilo Braga, de 1910 a 1926. Instável devido a divergências internas entre os republicanos, teve um período de constantes convulsões desastrosas, em que funcionaram sete Parlamntos, oito Presidentes da República e 46 governos, fomentando o desgosto da sociedade portuguesa, que via o país em constante e imutável crise.

equilibrar as finanças públicas. Com suas primeiras ações, conquistou um progressivo domínio sobre a estrutura política e militar do novo regime, e, em 1932, foi nomeado Presidente do Conselho de Ministros (Primeiro-Ministro).

O nacionalismo em Portugal tinha como ideal um governo estabelecido, conservador e colonizador capaz de “salvar” a economia, que se encontrava em ruínas. Surgiu, então, o ditador Salazar, considerado esse homem “necessário” e imbuído dos aspectos relevantes para o cargo.

O então general Gomes da Costa iniciou suas ações dissolvendo o parlamento, apontado como responsável pela instabilidade política, e suspendendo as liberdades políticas e individuais. No entanto, o Novo Regime era instável, uma vez que o movimento militar não tinha projeto político definido e não conseguia resolver os problemas econômicos. Como consequência, em meio à Primeira República Portuguesa, iniciou-se mais uma vez um levante. Este ficou conhecido como o “golpe de 29 de Maio de 1926”, que originou o Estado Novo.³⁶

O novo regime foi aplaudido por muitas “camadas” da população, que se encontravam descontentes com a conjuntura político-econômica que causava intensos problemas na sociedade de forma geral.

O movimento produziu-se. Desencadeara-se o exército – as altas e médias patentes, cujo poder de compra estava reduzido à metade do que fora em 1910. Apoiaram-no: o alto e médio funcionalismo público, por idênticas razões; os bancos, o alto comércio e a grande indústria, agravados pela crise econômica e financeira, aterrorizados pelo surto do socialismo; o clero, decadente pela progressiva descristianização, ansioso por recuperar a influência perdida; parte da classe média das cidades, descontente com a crise econômica, saturada de instabilidade política e de ameaças revolucionárias; parte da “intelligentzia”, desiludida com o decair dos ideais republicanos, atraída pela novidade do Integralismo. Com grande pano de fundo, a Nação agrária, a Nação conservadora, a Nação feminina.³⁷

³⁶ O “Estado Novo”, conhecido como Salazarismo, teve como fundador a figura de António de Oliveira Salazar. Conhecido como ditador das finanças, vigorou em Portugal por 48 anos numa Ditadura Nacional (1926-1933) e no Estado Novo (1933-1974).

³⁷ TENGARRINHA, José (Org.). **História de Portugal**. Bauru, SP: EDUSC; São Paulo, SP: UNESP; Portugal: Instituto Camões, 2001. p.373.

Emergiu, então, a grande figura do regime autoritário de Portugal: António de Oliveira Salazar³⁸. Nascido em Vimieiro, Santa Comba Dão, em 28 de Abril de 1889, e falecido em Lisboa, em 27 de Julho de 1970, foi estadista e professor catedrático da Universidade de Coimbra. Exerceu de forma autoritária e em ditadura o poder político em Portugal entre os anos de 1932 e 1968, e foi ainda Ministro das Finanças entre 1928 e 1932.

Em princípio, o Estado Novo foi apresentado como um regime de reintegração de Portugal na realidade europeia, mas acabou ficando “isolado” por mudar suas concepções ideológicas durante sua trajetória, haja vista que não queria abandonar a Aliança Inglesa e também receava uma intensa ligação com os Estados “fascistas” durante a guerra. No entanto, Salazar tinha propensão a identificar-se com as ações dos países fascistas, o que ecoou nas entrelinhas que fecharam o seu período ditatorial.³⁹ Ficou evidenciado que o regime tinha sua base fundamentada nas ações autoritárias e não permitia intervenções da sociedade civil, pois:

[...] baseava seu aparato repressivo nas forças armadas, na Polícia Interna e de Defesa do Estado (Pide), na Polícia de Segurança Pública (PSP), na Guarda Nacional Republicana (GNR) - unidades blindadas que combatiam as greves - e na Guarda Fiscal (aduaneira). Politicamente, o país era governado por uma Assembléia Nacional e uma Câmara Corporativa, ambas eleitas, mas só um partido existia legalmente, a União Nacional. Da Assembléia emergia um Conselho de Ministros, chefiado por Salazar. Havia também um presidente da República com poderes decorativos de Chefe de Estado [...].⁴⁰

³⁸ Instituidor do Estado Novo (1933-1974) e da sua organização política de suporte, a União Nacional, Salazar dirigiu os destinos de Portugal, como Presidente do Conselho de Ministros, entre 1932 e 1968. Apoiando-se na doutrina social da Igreja Católica, Salazar orientava-se para um corporativismo de Estado autoritário, com uma linha de ação econômica nacionalista assente no ideal da autarcia. Esse seu nacionalismo econômico levou-o a tomar medidas de protecionismo e isolacionismo de natureza fiscal, tarifária, alfandegária, para Portugal e suas colônias, que tiveram grande impacto, sobretudo até os anos sessenta.

³⁹ TORGAL, Luís Reis. O Estado Novo: Salazarismo, Fascismo e Europa. In: TENGARRINHA, José (Org.). **História de Portugal**. Bauru, SP: EDUSC; São Paulo, SP: UNESP; Portugal: Instituto Camões, 2001. p.399.

⁴⁰ SECCO, Lincoln. **A Revolução dos Cravos e a crise do império colonial português**. São Paulo: Alameda, 2004. p.56.

O lema do Salazarismo era: “Deus, Pátria, Família”. No entanto, o regime seguia a conjunção político-ideológica de duas vertentes: o catolicismo papal e o Integralismo Lusitano⁴¹. Em 1936, Salazar apresentou em discurso público a trilogia na qual era baseada a sua filosofia política: “Não discutimos a autoridade e o seu prestígio, não discutimos a família e sua moral, não discutimos a glória do trabalho e o seu dever.”⁴²

Destarte, no discurso de Salazar percebe-se que a “crítica” e a “argumentação” estavam fora de cogitação, pois o estadista deixava claro o perfil enérgico e antidemocrático do Salazarismo, regime no qual apenas o líder tinha voz e ação para toda e qualquer questão. A discussão não podia existir; não era dado ao “cidadão” o direito de discordar das ações e das diretrizes para a “vida” que o Salazarismo considerava corretas, tendo como fundamentos a Igreja, a educação/pátria e a família.

Incute o catolicismo na população fazia parte dos ideais de Salazar, que recebia da Igreja aval para suas ações. A população seguia as “regras” estabelecidas porque sofria repressão ao lutar contra o sistema. No entanto, é possível que essa “obrigatoriedade” religiosa tenha sido incorporada em alguns traços, como permite pressupor a quantidade de católicos no país. Até os dias de hoje se mantém forte a imagem dos portugueses como um povo católico, segundo consta em muitas menções a Portugal.

⁴¹ “O Integralismo Lusitano foi, sobretudo, um movimento de novos e conquistou, sucessiva e progressivamente, a melhor parte da juventude das escolas. A Junta Central era constituída por um verdadeiro escol cujo prestígio moral e intelectual se radicou muito cedo. O ardor das suas convicções, o seu entusiasmo irresistível e até a sua mocidade empolgaram as novas gerações, que abraçaram fervorosamente as ideias integralistas. Era nelas principalmente que se iam recrutando novos adeptos, ao mesmo tempo em que se formavam vontades e inteligências, que faziam de cada novo integralista um apóstolo [...]” ASCENSÃO, Leão Ramos. **O Integralismo Lusitano**. Versão Digital da Edição de 1943 das “Edições Gama”. p.21-2. Disponível em: <<http://www.causanacional.net/INTEGRALISMO.pdf>>. Acesso em: 20/ 07/2009.

⁴² SALAZAR. Discursos e notas políticas. Vol. II. Coimbra, 1945. Apud: TEGARRINHA, José (Coord.). **A Historiografia Portuguesa Hoje**. São Paulo: HUCITEC, 1999. p.215.

No que concerne à Igreja, algumas considerações são imprescindíveis para a análise dos valores embutidos no Salazarismo. Em se tratando da quantidade de adeptos ao catolicismo, Portugal parece figurar como o país com mais católicos em termos percentuais. Tal fator permite inferir que certos condicionamentos se mantiveram no país, bem como que a população se manteve à mercê do regime e da trilogia de Salazar, que deveria ser cumprida nos quatro cantos do país.

As lições de Salazar se faziam presentes na educação desde a primeira classe. Os ordenamentos eram difundidos para que se pudesse formatar o indivíduo da maneira como o estadista pretendia, tendo como fundamentos os princípios rígidos de sua trilogia.



Imagem 10 - Capa do Livro da Primeira Classe.⁴³

⁴³ Cf.: ORGANIZAÇÃO OLIVEIRA SALAZAR. Disponível em: <<http://www.oliveirasalazar.org/imagem.asp?id=987>>. Acesso em: 02/06/2009.



Imagem 11 - Quadro referente às Finanças.⁴⁴

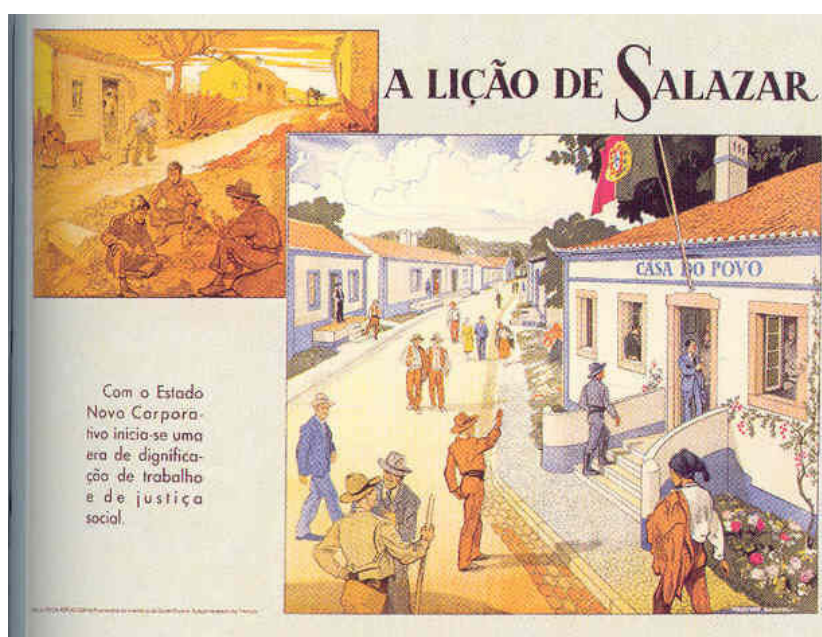


Imagem 12 - Quadro referente ao Trabalho.⁴⁵

⁴⁴ Cf.: ORGANIZAÇÃO OLIVEIRA SALAZAR. Disponível em: <<http://www.oliveirasalazar.org/imagem.asp?id=987>>. Acesso em: 02/06/2009.

⁴⁵ Cf.: Ibidem.



Imagem 13 - Quadro referente à Família.⁴⁶

Que sociedade está aqui presente, retratada na composição de Martins Barata? O mundo campestre, a família modesta, na base social mais baixa, um dos tais estratos “menos favorecidos” de que falavam pudicamente os diplomas legais, um mundo social feito de analfabetos – com exceção do filho, que já estuda, tendo um livro na mão, representante da minúscula franja dos escolarizados, de que, apesar de tudo, esta Ditadura precisa (as taxas de analfabetismo continuam impressionantemente elevadas durante o “Estado Novo”, não obstante alguns esforços tardios para fazer o país aprender a ler) [...].⁴⁷

Essa representação sobre os portugueses rústicos, pobres, menos favorecidos e sem instrução traz os elementos então considerados necessários para a nova educação da população, retratando como seguidores do Salazarismo os “ignorantes”, aqueles que não eram politizados. Cabe notar ainda que na ilustração se fazia referência à religião, esfera em que o regime político encontrava terreno

⁴⁶ Cf.: ORGANIZAÇÃO OLIVEIRA SALAZAR. Disponível em: <<http://www.oliveirasalazar.org/imagem.asp?id=987>>. Acesso em: 02/06/2009.

⁴⁷ MEDINA, João. A Ditadura Portuguesa do “Estado Novo” (1926 a 1974): Síntese da ideologia e Mentalidade do Regime Salazarista-Marcelista. In: TENGARRINHA, José (Coord.). **A Historiografia Portuguesa Hoje**. São Paulo: HUCITEC, 1999. p.215.

fértil para crescer e germinar. Assim, se veem ideias de Pátria, Família e Estado, compondo um desenho que remete ao que Salazar queria: “A idéia de Pátria funde-se aqui como patriarcalismo numa cristandade rústica, com um nacionalismo bíblico alimentado ao borralho, com a celebração numa Providência zelosa das magnificentes desígnios da grei.”⁴⁸

Durante o Estado Novo o cidadão estava condenado a obedecer às estruturas hierárquicas, o Estado e a Igreja e a família eram vistas como o entrelaçado da estabilidade social, com uma rígida estrutura definida pelas suas configurações internas de poder. O marido era a cabeça da família, estava autorizado numa base quase legal, a exigir obediência aos seus familiares subalternos: a mulher e as crianças. A família era a base para a participação obediente nesta superestrutura. Dentro de uma castidade doméstica, de obediência e submissão, a Virgem Maria era o único modelo aceitável de feminilidade. É neste sentido que é fomentado o culto mariano em especial após a assinatura da Concordata com o Vaticano em 1940, demonstrando a forte ligação entre o Estado e a Igreja.⁴⁹

O lema salazarista – “Deus, Pátria, Família” – permeava a estrutura social mediante o ensino e a propaganda, fazendo menção direta e concreta à resignação e à obediência como valores essenciais da população. Nas crianças esses valores eram incutidos na escola primária, na qual podiam ser “formatadas” de acordo com os ensinamentos salazaristas associados à religião, à terra, ao Estado e à família. Iniciava-se assim o ciclo de “boas maneiras e boas práticas” ensinadas por Salazar.

⁴⁸ TORGAL, Luís Reis. **História e Ideologia**. Coimbra, PT: Minerva História, 1989. p.182.

⁴⁹ CABRAL, Paula Cristina Figueiredo; RODRIGUES, Sónia Cristina Ildefonso. O sexual e o político na obra de Paula Rego. **Intermédias**. Ed.09. Ano 5. p.05. Disponível em: <http://www.intermedias.com/txt/ed9/osexual_eo_politico.pdf>. Acesso em: 22/08/2009.

Lisboa, 14 de Abril de 1943

Ex^{ma} Sr.
Dr. Oliveira Salazar

Símbolo da Paz e da Virtude
Redentor de Portugal

Pede licença a V. Ex. para abrir meu
coração sobre as verdades, e para
vos agradecer a paz e os benefícios
que V. Ex. nos tem feito.

Já há muito tempo que eu ouvia
falar aos meus pais acerca dos
chefes da nossa querida nação.
Mas agora que tenho 12 anos, e

**Imagem 14 - Carta de agradecimento a Salazar,
escrita por uma menina de 12 anos de idade.⁵⁰**

⁵⁰ Esta carta de agradecimento foi escrita por Maria Isilda Cardoso, de Lisboa, aos 12 anos de idade, no ano de 1943, e ilustra que os portugueses reagiram ao regime de forma distinta. Em 1943 Salazar já estava no poder havia 10 anos, e muitas das suas ações já haviam sido incorporadas no cotidiano da população. Cf.: ORGANIZAÇÃO OLIVEIRA SALAZAR. Disponível em: <<http://www.oliveirasalazar.org/imagem.asp?id=1730>>. Acesso em: 20/09/2010.

já lido muito tive a ocasião de
verificar tudo.

Ho' tenho pena que em mim não
haja poder que faça ir todos os
portugueses à frente de V. Ex. agra-
decêr-lhe a paz, especialmente as
mães portuguesas. Deviam oferecer-vos
um trono de ouro e de rosas, das
lágrimas e das vidas que lhe tendes
proprio.

Enquanto nas outras nações
corre o sangue e ardem charras, na
nossa há Paz e a prosperidade.

O a quem devemos todos estes bene-
fícios? A V. Ex. e mais alguns que
vos rodeiam. Pena é o homem

Imagem 14 (continuação) - Carta de agradecimento a Salazar,
escrita por uma menina de 12 anos de idade.

algun português no Mundo que
não saiba agradecer esta Paz

Bendita seja a mãe que
criou um filho que tão bem sabe
cumprir o seu dever, e que dá o
exemplo a todo Mundo.

Eu e meus pais vivemos pobres
mas felizes. Eu apenas uma
estudante da Escola Comercial
Patrício Prazeres e meu pai um
escriturário, mas vivemos felizes
porque temos Paz em casa, Paz na
rua e Paz no espirito

Reco a Deus Nosso Senhor
que dê saúde e poder a V. Exa

Imagem 14 (continuação) - Carta de agradecimento a Salazar,
escrita por uma menina de 12 anos de idade.

para continuar a governar o
nosso querido Portugal.

Esta que está muito grata
pela Paz que V. Exa nos tem dado.

Maria Tilda Cardoso

Imagem 14 (continuação) - Carta de agradecimento a Salazar,
escrita por uma menina de 12 anos de idade.

A carta ora reproduzida fala sobre a paz na casa, nas ruas, no coração percebida por uma adolescente de 12 anos de idade quando da governança de Salazar. O documento foi doado para a Organização Oliveira Salazar, em cujo acervo constam diversificados documentos contra e a favor do seu governo. A carta supracitada ilustra o pensamento de muitos portugueses engajados nos ideais de Salazar e sua fundamentação organizacional. A ideia de um país em prosperidade, sem guerras e sem violência era uma utopia que muitos sentiam como verdade.

Desse modo, a emigração enquanto estratégia para melhorar as condições de vida torna-se aqui uma questão refutável, pois, se o país vivia em plena prosperidade econômica e social, por que se verificaram tantas saídas – normatizadas e clandestinas – durante o regime salazarista? Essa é uma questão que pode ser respondida levando-se em conta o relativismo, ou seja, a proposta salazarista foi incorporada de tal forma que para muitos passou a ser o caminho para a resolução de seus problemas, ao passo que para outros significou um grande problema a ser solucionado. Cada indivíduo apresentava uma percepção da realidade, reagindo de acordo com sua perspectiva.

Os direcionamentos dados durante o regime tinham o intuito de criar uma nova nação, organizada a partir dos requisitos básicos: a trilogia apresentada nas lições de Salazar.

O ditador tinha em setembro de 1938 em “lição de Salazar” uma orientação para que os homens ainda que vivendo em cidades deveriam: “amanhar o seu cantinho de terra, fugindo assim à taberna e às demais tentações do demo cidadão, industrial, - a política ou politicagem (“A minha política é o trabalho!” tornou-se, aliás, uma frase-feita durante o Salazarismo, sendo então dita com um misto de ironia e de sinceridade “apolítica”), a maledicências dos cafés ou das tavernas, a leitura dos jornais, e todas e demais agitações frívolas da vida nos grandes centros urbanos.”⁵¹

Por meio de “motivações” morais, econômicas e espirituais, Salazar buscava garantir aquele que seria o caminho da verdade e dos bons costumes. Para isso, não somente procurava “educar” sua população, como era de seu gosto, mas também “ordenava-a” e “organizava-a” para compor, por assim dizer, o seu modelo político-social português.

⁵¹ TORGAL, Luís Reis. **História e Ideologia**. Coimbra, PT: Minerva História, 1989. p.219.

Nas escolas, a partir de 1938, as crianças aprendiam sob a fórmula “Lição de Salazar” os intuitos morais, econômicos e espirituais do estadista, ilustrados por Martins Barata em um conjunto de sete quadros de conteúdo didático e transcendente. O programa do governo, a proposta do regime salazarista, o tom (timbre) e o ensino global ficavam embutidos nas ilustrações. Outros artistas também colaboraram nos intentos de Salazar com suas criações, como Raquel Roque Gameiro, Emérico Nunes, entre outros artífices importantes no período.

Os livros didáticos seguiam uma minuciosa metodologia, verificada também na produção dos supracitados quadros didáticos – com dimensões e molduras padronizadas⁵² e de qualidade gráfica impecável –, que deveriam ser enviados às escolas e afixados nas paredes das salas de aula. Esses livros e quadros foram distribuídos para todas as escolas primárias, por ocasião da campanha pedagógica que comemorou os 10 anos de Salazar no governo, e procuravam estabelecer uma verdadeira “Revolução Educacional” fundamentada no lema “Deus, Pátria, Família”, a conhecida trilogia da Educação Nacional.

Além do processo educacional, havia mecanismos de repressão que visavam a dissuadir aqueles que contestavam o regime autoritarista e imobilizar a vida espiritual por meio de dirigismo intelectual. Para Salazar, o mundo tinha de seguir uma ordem natural; o homem deveria privilegiar o contato com a natureza, e não inserir-se na indústria, afastando-se dos grandes centros “poluidores” do mundo exterior.

Muitos antissalazaristas desempenharam papéis fundamentais para a aglutinação das ações contra a liderança de Salazar. Após o golpe militar de 28 de Maio de 1926, Gomes da Costa⁵³ aprovou o Decreto de 5 de Julho de 1926, que assegurava a liberdade de pensamento. No entanto, em 29 de Julho restabeleceu-se a censura prévia.

O Estado Novo nunca assumiu a censura, evitando qualquer discussão que fosse levada ao Parlamento; aliás, apresentava-se como permissivo. Contudo, a Constituição Portuguesa de 1933, publicada em 11 de Abril desse ano, estabelecia dois princípios dicotômicos: no artigo 8.º, n.º 4, garantia “a liberdade de pensamento

⁵² TENGARRINHA, José. Deus, Pátria, Família: ideologia e mentalidade do Salazarismo. MEDINA, João (ed.). **História de Portugal dos tempos pré-históricos aos nossos dias**. Vol. II - “O Estado Novo”. Alfragide: Ediclube, 1993.

⁵³ Manuel de Oliveira Gomes da Costa foi um militar e político português, décimo Presidente da República Portuguesa e o segundo da “Ditadura Nacional”. Ibidem.

sob qualquer forma", porém mais à frente, no n.º 20, afirmava que "leis especiais regularão o exercício da liberdade de pensamento". Por sua vez, o artigo 3.º – único a justificar esse expediente – declarava que a função da censura seria:

[...] impedir a perversão da opinião pública na sua função de força social e deverá ser exercida por forma a defendê-la de todos os factores que a desorientem contra a verdade, a justiça, a moral, a boa administração e o bem comum, e a evitar que sejam atacados os princípios fundamentais da organização da sociedade.⁵⁴

Para garantir a censura em livros, jornais e demais publicações da mídia, em 1944, o organismo de censura passou para a dependência do Secretariado Nacional de Informação, que, por sua vez, se submetia ao Presidente do Conselho (Salazar). Usando um "lápiz azul", com o qual cortavam todo texto considerado impróprio, os censores de cada distrito ou cidade resolviam o que poderia ser publicado e o que deveria ser cortado, a seu critério, já que, apesar das orientações, cada qual seguia sua própria censura. Alguns indicavam o que era "impróprio", mas outros acabavam deixando passar conteúdos abertamente subversivos, metafóricos, "perigosos".

Os livros não passavam pela censura prévia, mas, depois de publicados, podiam ser apreendidos, e isso era feito com certa frequência pela Direcção-Geral de Segurança, que emitia mandados de busca às livrarias. A Inspeção Superior de Bibliotecas e Arquivos proibia a leitura de determinados documentos e a Biblioteca Nacional continha obras listadas que não podiam ser lidas. Quem controlava a ida e vinda de livros eram os correios, ou seja, de qualquer forma, havia grande número de "olhos" atentos para censurar qualquer iniciativa que se mostrasse contra o autoritarismo e a favor da liberdade de expressão. Essa era a coisa mais difícil de "passar" pelo crivo das autoridades portuguesas.⁵⁵

As pesquisas que abordam as ações antissalazaristas ilustram alguns dos meios pelos quais os opositores investiam contra o governo. No entanto, a atuação da escola e da própria Igreja nesse período pode ser pensada a partir da "ausência de expressão", postura que era pretendida pelo governo. O perfil familiar tido como

⁵⁴ CUNHA, Paulo Ferreira da. Da Constituição do Estado Novo Português. **Revista Electrónica de História Constitucional**. n.7. 2006. p.187-207. Disponível em: <<http://hc.rediris.es/07/articulos/pdf/HC07.pdf>>. Acesso em: 20/10/2009.

⁵⁵ TENGARRINHA, José. Deus, Pátria, Família: ideologia e mentalidade do Salazarismo. MEDINA, João (ed.). **História de Portugal dos tempos pré-históricos aos nossos dias**. Vol. II - "O Estado Novo". Alfragide: Ediclube, 1993. p.223.

modelo previa uma vida pacata, com os filhos e a mulher em casa e o pai no trabalho, conforme sugeria tanto a trilogia de Salazar como os direcionamentos do catolicismo, que pregava os mandamentos e, de certa forma, definia as atitudes cotidianas dos seus membros.

Essas questões repressivas são aqui destacadas a fim de ilustrar os conflitos estabelecidos nas instituições de ensino durante o período do regime salazarista, bem como contextualizar o que ocorria nas Ilhas. Desse modo, verifica-se que, procurando promover a adequação dos espaços e dos comportamentos da família, a educação escolar advinha de um sistema anteriormente definido, se fazendo presentes as ações salazaristas no processo educacional de Portugal.

Com o passar dos anos, as questões que se tornaram problemas no regime salazarista permearam a organização das colônias e dos militares. Assim, encontram-se duas vertentes oriundas da questão colonial, na qual os próprios militares “colonialistas” estavam em evidência: a econômica e a política enquanto dimensões da situação militar.

Os gastos excessivos com as Forças Armadas e a Defesa Nacional por um longo período⁵⁶ agravaram a situação econômica de Portugal. Dessa questão partiram os problemas sociais e econômicos gerados a partir de 1960. Os próprios militares organizaram isoladamente golpes, agitações, repressões e começaram a ver os seus esforços como inúteis ou pouco eficientes.

Os problemas estabelecidos nas colônias⁵⁷ fomentavam a busca por uma vida melhor. Cada vez mais, as famílias desejavam fugir da opressão e das guerras infundáveis travadas durante tanto tempo. Sobre essa questão, cabe notar:

Nas colônias, a situação piorava continuamente desde 1960 com o surgimento dos movimentos de libertação nacional e da luta armada (guerra das guerrilhas), que efetivamente teve início em Angola (1961), Guiné-Bissau (1963) e Moçambique (1964)... A capacidade de revolta dos colonizadores era

⁵⁶ “Durante a guerra colonial, a porcentagem do PIB gasta com as Forças Armadas e a Defesa Nacional se manteve em patamares muito altos, próprios de países em esforço total de guerra. O problema é que essa situação durou quase 15 anos.” SECCO, Lincoln. **A Revolução dos Cravos e a Crise do Império Colonial Português**. São Paulo: Alameda, 2004. p.99.

⁵⁷ O termo “colônias” tinha longa trajetória em Portugal. Era usado desde o século XVI, quiçá antes. Em 1663 passou-se a usar também o termo “províncias do ultramar”, o qual conviveu com a palavra “colônias” até 1926, quando os territórios de além-mar passaram a ser chamados apenas de “colônias”. A partir de 1951, Salazar passou a empregar oficialmente a designação “províncias do ultramar” ante as críticas que sofria fora do país. Assim, podia defender-se com a ideia de que as antigas colônias eram parte integrante de Portugal. Ibidem. p.61.

grande. Em 1959, os colonizadores portugueses reprimiram a revolta do povo maubere, do Timor Leste. Em 1960, os macondes, do norte de Moçambique, também foram rechaçados. Em Angola, ainda nesse ano, Agostinho Neto foi preso e, na sequência (setembro), a população do Catete foi atacada. Um mês depois, os primeiros levantamentos populares, na baixa de Cassange, foram reprimidos, com um prejuízo de centenas de vidas perdidas. Estava criada a base social e política para o início das ações guerrilheiras contra Salazar e sua política colonizadora.⁵⁸

Com as sucessivas ações repressoras nas colônias e as consequências catastróficas verificadas, aumentava o número de adeptos à descolonização e ao fim das guerras travadas na África. Cada vez mais foram surgindo pessoas que, insatisfeitas com todo o processo ditatorial, buscavam liberdade e novas ideias para o país.

Em Portugal, um fascismo longo, imperialista e colonialista, encontrou sua agonia militar num conjunto de factores endógenos e exógenos ao regime, em que os primeiros factores foram os mais importantes. A condenação geral da Organização das Nações Unidas (ONU) e dos países democráticos ao colonialismo lusitano, a insatisfação dos militares com os combates na África, a desmoralização progressiva das Forças Armadas, que recebiam a culpa pelos insucessos do regime, a insatisfação popular e as demandas corporativas dos militares se somaram. O Império ruía. E ao se desmanchar dava seus últimos e mais pungentes golpes [...]. [...] Foram os grupos políticos civis que levaram as diferentes facções militares a aprofundar suas convicções ideológicas. Isso explica que, na dinâmica revolucionária e contra-revolucionária posterior ao golpe de 25 de Abril, os grupos civis tiveram uma importância inversamente proporcional àquela que tiveram antes do golpe, quando nem souberam com antecedência dos preparativos técnicos.⁵⁹

Depois de tanto tempo como chefe do governo, Salazar, que nunca saía do seu território para pisar em terras africanas, sem realmente conhecer as colônias, adoeceu em 1968, quando deixou a resolução dos problemas do regime para Marcelo Caetano, que atuou no governo até 1974. Foi então que, em meio às contestações militares, criou-se o Movimento das Forças Armadas (MFA), que derrubou o regime de Salazar. Assim, a Revolução dos Cravos, que ocorreu no dia

⁵⁸ SECCO, Lincoln. **A Revolução dos Cravos e a Crise do Império Colonial Português**. São Paulo: Alameda, 2004. p.101.

⁵⁹ Ibidem. p.106, 111.

25 de Abril de 1974, iniciou uma nova página da história de Portugal, trazendo novas possibilidades aos que tinham esperança de criar um novo país.

Aqueles que haviam partido em busca de novas oportunidades ficaram esperançosos por aqueles que conquistaram o fim da “ditadura” de Salazar. A Revolução dos Cravos significou para os portugueses um recomeço. Surgiu então um novo cenário, no qual os compatriotas, amigos e até familiares daqueles que haviam decidido deixar as Ilhas sentiram as reações dessa enfática data. Para eles, uma página foi virada, e com isso iniciava-se outra história.

1.3 E//MIGRAÇÃO DOS AÇORES: CONDIÇÕES E POSSIBILIDADES

Durante um longo tempo, algumas questões acerca das migrações dentro das ilhas e dentro do próprio continente português definiram as idas e vindas como algo necessário à sobrevivência de um povo com contrastes em sua organização política e econômica. A própria organização socioeconômica dos Açores tinha em seu bojo as dificuldades oriundas da falta de emprego, problemas relacionados ao solo, à falta de apoio governamental, aos arrendamentos de terras e à impossibilidade de ascensão econômica das famílias. Esses problemas afetavam a estrutura familiar, dificultando a fixação nas Ilhas e, por conseguinte, gerando a busca de lugares onde houvesse fartura ou pelo menos possibilidade de ascensão econômica. A conjuntura levou famílias inteiras a buscarem na emigração a satisfação de seus anseios, sonhos, na esperança de uma vida melhor.

Um dos depoimentos que aborda a organização do cotidiano revela como se organizava a vida no campo na Ilha de São Miguel e com que recursos a família contava para viver no meio rural. O Senhor Henrique de Arruda Soares, ao rememorar a sua infância, comenta o trabalho dividido entre os membros da casa, deixando perceber que a divisão se dava independentemente da idade do membro ou da classe social da família, já que nas Ilhas o perfil dos núcleos familiares era similar.

De lá o que mais me marcou foi que, [quando eu tinha] cinco anos de idade, mais ou menos, meu irmão João, com seus doze ou treze, já ia para lavoura, cuidar das nossas vaquinhas. Tínhamos umas 10 vacas e claro que necessitavam de manejo alimentar, tirar o leitinho e transportá-lo a uma central de recebimento. Como era também jovem, gostava de ter uma companhia, e eu tinha que acompanhá-lo. E isso me marcou, porque ainda infantil e ir para os pastos e entrar nessa labuta, com o compromisso de todo dia me levantar de madrugada e ir com meu irmão, realmente isso me marcou muito.⁶⁰

Dessa fala percebe-se que a vida cotidiana tinha uma organização que atendia ao manejo de toda a estrutura de vida, começando com as atividades divididas entre os filhos e os pais. Essa orientação assegurava a regularidade do cotidiano da família, já que o apoio mútuo e a divisão de tarefas garantiam que nada faltasse aos sujeitos. No entanto, as dificuldades existiam e, basicamente, advinham da ausência de recursos em tempos de adversidades climáticas, falta de infraestrutura, emprego e renda, entre muitos outros fatores.

Conforme indicam algumas pesquisas, a explicação para o perfil econômico da Ilha de São Miguel, na qual se engajavam os processos econômicos dos Açores, estava relacionada ao modelo agroexportador, que dinamizava a ampliação de recursos para as elites – que enriqueciam cada vez mais –, enquanto os trabalhadores assalariados empobreciam ao longo dos anos e por diversas gerações.

A adoção de um modelo agro-exportador responsável pela sucessão de culturas agrícolas destinadas à exportação e pela promoção da oferta de serviços de navegação contribuiu para a precoce integração dos Açores na economia do Atlântico e para alguma prosperidade, mas não erradicou a pobreza das populações. As velhas e as novas elites parecem ter feito tudo o que estava ao seu alcance – umas, para sobreviverem e as outras, para enriquecerem –, mas as populações só encontravam na emigração refúgio para a sua miséria.⁶¹

Desde a segunda metade do século XIX, as principais indústrias dos Açores trabalhavam na transformação da matéria-prima advinda da agricultura e pecuária. Entre as maiores estavam as de beterraba sacarina, tabaco e laticínios.

⁶⁰ Depoimento de Henrique de Arruda Soares, em entrevista concedida em 07 de julho de 2008, na Casa dos Açores de São Paulo.

⁶¹ DIAS, Fátima Sequeira. **Os Açores na História de Portugal** - Séculos XIX-XX. Lisboa: Livros Horizonte, 2008. p.15.

Houve um importante crescimento das pequenas indústrias, como a de panificação, conservas de carne, moagens, manufatura do linho e lã, chá, fábricas de vinho, aguardente, entre outras. As indústrias alimentares tiveram relativo crescimento frente às demais, em especial a indústria de laticínios. Entre 1960 e 1998, pode-se dizer que:

[...] a economia açoriana passou de agrária a economia de serviços, sem ter conhecido uma significativa industrialização. A indústria tem uma importância limitada no conjunto da economia e está associada, sobretudo, à transformação da matéria-prima proveniente da agropecuária [...].⁶²

A história econômica dos Açores é marcada pelas características da “monocultura colonial de exportação”, que, desde o seu início, ainda durante o povoamento, teve como ciclos de especializações agrícolas os cereais, a lã, o pastel⁶³ e a laranja. Com a exploração da terra, houve muitas crises e perturbações socioeconômicas resultantes do esgotamento dos solos aráveis e do aparecimento de pragas, entre outras causas que afetavam as questões comerciais. Os ciclos de exploração marcaram profundamente a paisagem das Ilhas e transformaram-nas, em grande parte, em espaços de escassez, por conta da utilização abusiva dos recursos naturais.

Após a Segunda Guerra Mundial, desenvolveu-se a atividade pecuária com fins industriais, atualmente dominante na economia regional. O aumento das áreas de pastagens artificiais em detrimento das culturas agrícolas, o crescimento desmedido do efetivo bovino e a ampliação do número de unidades industriais de

⁶² JOÃO, Maria Isabel. **O Sector Agro-industrial na Economia dos Açores** (Séculos XIX e XX). Lisboa: Universidade Aberta, s/d. Disponível em: <<http://www.eventos.uevora.pt/xxvaphes/AphesXXVComunicacoes/MJoao.pdf>>. Acesso em: 10/12/2010.

⁶³ “Até ao século XVII com a introdução do anil na Europa ele foi a principal planta da tinturaria europeia, donde se extraía as cores preta e azul. A par disso a disponibilidade de outras plantas tintureiras, como a urzela (donde se tirava um tom castanho-avermelhado) e o sangue de drago, levaram ao aparecimento de italianos e flamengos, interessados no comércio, que, por sua vez, nos legaram a nova planta tintureira: o pastel. A exemplo do sucedido com o açúcar na Madeira, a coroa concedeu vários incentivos para a promoção da cultura, que com a incessante procura por parte dos mercados nórdicos, fizeram avançar rapidamente o cultivo.” VIEIRA, Alberto. **A fortuna das afortunadas** - Dados para uma análise comparada da História dos arquipélagos atlânticos nos séculos XV e XVI. Funchal, CEHA. Disponível em: <<http://www.madeira-edu.pt/Portals/31/CEHA/avieira/fortunaafortunadas.pdf>>. Acesso em: 12/02/2011.

transformação do leite conduziram essa atividade a uma monocultura, com todas as consequências inerentes à dependência de um setor produtivo.⁶⁴

Mesmo com ideais distintos, os açorianos acompanharam medidas políticas diversas ao longo do regime salazarista e obtiveram êxito com a Autonomia das Ilhas e também com a sua união à Comunidade Europeia. Os problemas pelos quais os habitantes das Ilhas passam hoje são ínfimos perto das questões que levaram muitos de seus antepassados a saírem do país em busca de novas possibilidades de vida e trabalho – coisa que faltou em suas terras em distintos momentos históricos dos processos emigratórios.

Apesar das semelhanças com o passado, hoje, contudo, ao contrário de antigamente, comprova-se o envelhecimento progressivo da população açoriana; observa-se o despovoamento das ilhas menores do arquipélago; regista-se o agravamento das consequências da ausência de uma especialização regional do trabalho; assiste-se à crescente debilidade da integração do arquipélago na economia nacional; verifica-se o aprofundamento da dualidade da actividade económica, dividida entre um sector primário e um sector terciário, que é dominado pelos quadros da administração pública regional; constata-se o aprofundamento das assimetrias crescentes entre a ilha de São Miguel e as demais ilhas [...].⁶⁵

Os problemas mencionados fazem parte da realidade das Ilhas. São Miguel, além de sua maior dimensão espacial e demográfica, possui uma infraestrutura diversa se comparada às demais Ilhas. A busca de melhores condições em outras Ilhas também faz parte da história dos açorianos, além da saída para o continente em processo de migração. Os processos continuam, mesmo que de forma distinta do passado.

Fazer menção ao momento posterior a 1960, incluindo as mudanças ocorridas depois de 1974, favorece o entendimento sobre as experiências nas ilhas antes e depois da saída dos emigrantes, permitindo contextualizar os espaços onde muitos de seus amigos, parentes e conhecidos acabaram ficando. Na sequência, algumas abordagens serão apresentadas para a compreensão das escolhas feitas pelos sujeitos dessa história.

⁶⁴ JOÃO, Maria Isabel. **O Sector Agro-industrial na Economia dos Açores** (Séculos XIX e XX). Lisboa: Universidade Aberta, s/d.

⁶⁵ DIAS, Fátima Sequeira. **Os Açores na História de Portugal – Séculos XIX-XX**. Lisboa: Livros Horizonte, 2008. p.11.

1.4 RUMOS DOS AÇORIANOS: BRASIL E MUNDO

*Ei-los que partem
novos e velhos
buscando a sorte
noutra paragens
noutra aragens
entre os povos
ei-los que partem
velhos e novos
Ei-los que partem
de olhos molhados
coração triste
e a saca às costas
esperança em riste
sonhos dourados
ei-los que partem
de olhos molhados
Virão um dia
ricos ou não
contando histórias
de lá longe
onde o suor
se fez pão
virão um dia
ou não*

(Canção da autoria de Manuel Freire)



Imagem 15 - “Os Emigrantes”, de Domingos Rebelo (1926).⁶⁶

⁶⁶ Óleo sobre tela - 235 x 295 cm - Colecção Museu Carlos Machado. Cf.: MUSEU CARLOS MACHADO. Disponível em: <<http://www.museuemsuacasa.org/wp-content/uploads/osemigrantes.pdf>>. Acesso em: 20/08/2009.

Na pintura de Domingos Rebelo podem-se ver algumas singularidades que remetem à sua história pessoal, entre elas certos aspectos ligados aos Açores, onde nasceu, como o porto e as águas no seu entorno. O artista retrata a vida cotidiana, alguns alimentos habituais, como a laranja e a maçã, o quadro com a pintura do Senhor de Santo Cristo dos Milagres, a viola da terra, as roupas, o lenço tipicamente cobrindo a cabeça das mulheres, a arquitetura das casas de fundo e também o “olhar” dos que estão partindo, no qual a subjetividade do que passou e do que viria a ocorrer resplandece na sua construção artística.

O quadro de 1926 tem uma conotação de despedida, uma vez que mostra uma cena no Cais da Alfândega, em Ponta Delgada, São Miguel, nos Açores, local de saída e de chegada de pessoas. Essa pintura tornou-se um ícone dos Açores, atualmente transformada em *souvenir* e vendida em cada loja de conveniência e de lembrancinhas turísticas da localidade. Fundamenta-se na questão da imagem criada dos açorianos que vieram dessa Ilha.

Apesar da pintura *Os Emigrantes*, de 1926, se integrar no ideário do Regionalismo, apresentando pelo Padre Ernesto Ferreira no seu opúsculo intitulado *Regresso à Terra*, através do qual se valorizava a importância dos usos, costumes e tradições populares na definição de culturas distintas, a mesma tem a particularidade de ser a representação de um fenómeno social, apresentando-se como aglutinadora de um conceito de “Açorianidade”, analisado na época pelo investigador Luís Ribeiro. Para reforçar a temática central, o artista registra nesta obra o traje popular e os elementos identificativos do local de partida, nomeadamente o antigo cais da Alfândega, antes da construção da Avenida Marginal de Ponta Delgada, juntando, nesta composição, elementos culturais de raízes profundas, como a viola da terra e o registro do Senhor Santo Cristo. A figura de chapéu, que se encontra do lado esquerdo, denota a consciência social do artista.⁶⁷

⁶⁷ Nas análises sobre a pintura encontram-se menções à vida e ao cotidiano do autor, incluindo fatos sobre os processos de emigração e regresso e também a religiosidade. Cf.: MUSEU CARLOS MACHADO. Disponível em: <<http://museuemsuacasa.org/osemigrantes/>>. Acesso em: 15/06/2009.

Na pintura, cristalizou-se um momento de despedida, de sofrimento pela busca do novo, do desconhecido e do imaginário. Nas Ilhas, muitos são os objetos transformados em *souvenirs* que mostram a figura dessa obra.

A grande maioria dos emigrantes conhece a pintura e se emociona quando rememora a data da partida e a chegada ao território desconhecido. Deixar para trás a terra natal, os parentes, amigos e conhecidos era uma batalha a ser travada frente ao novo. Na letra da canção que se vê como epígrafe no início desta seção refletem-se questões similares, as sensações dos velhos e novos frente ao desconhecido, em busca da “sorte”. Fazer a América era um sonho de todos os que emigravam para o continente americano, independentemente do país escolhido.

A vontade de construir uma vida melhor tangenciava também o interesse pelo retorno, que muitas vezes efetivamente aconteceu. Para uns o retorno era certo; outros, porém, nunca tiveram essa possibilidade. Mas as sensações da partida e da chegada são indubitavelmente inerentes a cada um dos que partiram.

Ao considerar as histórias individuais enquanto experiências capazes de revelar rastros, traços, fatos e caminhos ainda a serem desvendados pela História, “[...] todo indivíduo participa do desenvolvimento histórico da humanidade [...], mas não são iguais em suas capacidades e possibilidades”.⁶⁸ Partindo desse princípio, procurar-se-á, nesse contexto, trazer histórias individuais da partida dos Açores, no intuito de reconstruir a trajetória da emigração e os seus múltiplos processos. Assim, entre as memórias individuais, o olhar se dirigirá às experiências e formas de ver os mais variados acontecimentos, seja pelo viés da emigração, das questões políticas de Portugal no tempo de Salazar, das dificuldades econômicas que motivaram a vinda ao Brasil ou da saída pelo mundo em busca de vida nova.

⁶⁸ PIEKHANOV, Guiorgui Valutnovitch. **O Papel do Indivíduo na História**. São Paulo: Expressão Popular, 2008 (reimpressão). p.09.

1.5 MEMÓRIAS DA EMIGRAÇÃO

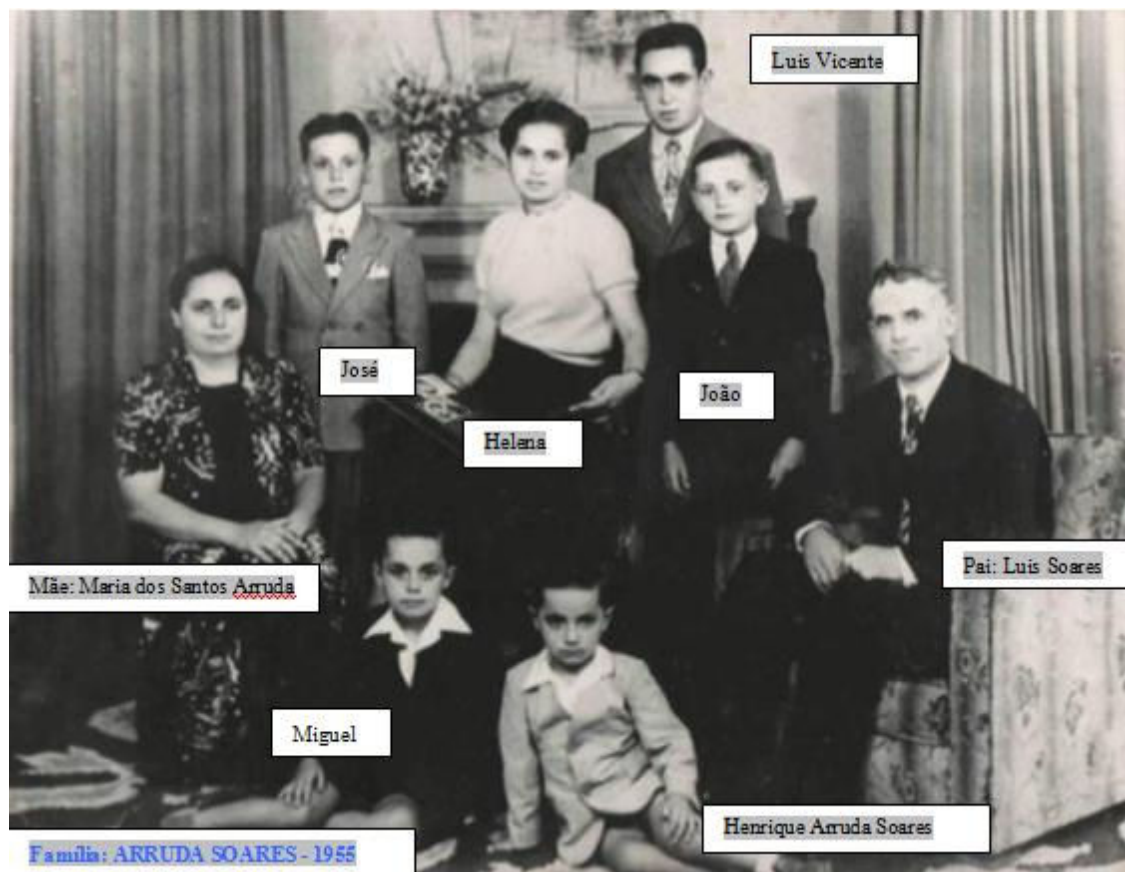


Imagem 16 - A família Arruda Soares em 1955.⁶⁹

Ícone das memórias⁷⁰ dos Arruda Soares, a fotografia tirada no ano de 1955 mostra a última vez em que todos os membros da família estiveram juntos nos Açores. Após esse momento, o primeiro filho partiu rumo ao Brasil, e depois chamou os irmãos, o pai e a mãe para morarem em São Paulo e reconstruírem suas vidas numa nova história.

⁶⁹ Essa foto foi doada pelo Senhor Henrique de Arruda Soares. Foi ele quem montou dessa forma os nomes dos familiares. Acervo pessoal da família Arruda Soares - foto doada pelo depoente em 2007.

⁷⁰ “A memória é um trabalho. Como atividade, ela refaz o passado segundo os imperativos do presente de quem rememora resignificando as noções de tempo e espaço e selecionando o que vai e o que não vai ser ‘dito’, bem longe, naturalmente, de um cálculo apenas consciente e utilitário. Quem aceita fazer o trabalho da memória, o faz por alguma ordem de razões importantes, dentre as quais estão a busca de novos conhecimentos, a realização de encontros com outros e consigo mesmo, de forma a que os resultados sejam enriquecedores sob o ponto de vista individual e coletivo. A rememoração pode ser um difícil processo de negociação entre o individual e o social, pelo qual identidades estejam permanentemente sendo construídas e reconstruídas, garantindo-se uma certa coesão à personalidade e ao grupo, concomitantemente.” GOMES, Ângela de Castro. A guardiã da memória. **Acervo** - Revista do Arquivo Nacional. Vol.9, n.1/2. Rio de Janeiro, jan./dez. 1996. p.06.

Eu vim com meu pai, minha mãe e mais meus irmãos: Helena, José, João e Miguel. Eu vim no passaporte da minha mãe. Foi em 4 de Abril de 1956. Eu não sei qual era o navio, acho que era o Corrientes ou Salta. Levou certo tempo, uns trinta dias, ficou muito tempo em Lisboa, depois paramos um pouquinho no Rio de Janeiro e depois chegamos a Santos. Levaram mais ou menos uns trinta, trinta e cinco dias, porque paramos um pouco em Lisboa, porque era um navio misto, passageiros e carga. Então, levou certo tempo até o navio partir de Lisboa/Portugal para Santos/São Paulo - Brasil. Para mim foi algo diferente, porque ainda na vida de infância, na Ilha, não tinha noção de outro mundo. Ao entrar no navio, daquele porte, foi para mim fantástico e divertido. Eu não tinha expectativas, até porque me sentia protegido no meio de todos os meus irmãos mais velhos. Claro, eu era o caçula e, no meio de meus pais e irmãos, tinha plena segurança. Com eles, estava protegido. Não vivi nenhum momento de insegurança na viagem ou na minha infância.⁷¹

Identificação — Signalement

Nome: Maria dos Santos Arruda
 Data de nascimento: 1915
 Local e data de nascimento: Azeitão 1915
 Estado civil: casada
 Altura: 1,54
 Outros dados: casada
 Cabelo: castanho
 Olhos: castanhos
 Tipo de pele: branca

Fotografias — Photographies

Assinatura: Maria dos Santos Arruda

Filhos — Enfants

Miguel — 9 anos — nasc. em 1949
 Henrique — 6 anos — nasc. em 1950
 João — 3 anos — nasc. em 1953

Imagem 17 - Passaporte da família Arruda Soares.⁷²

⁷¹ Henrique de Arruda Soares nasceu em 22 de abril de 1949, em São Miguel, Açores, Portugal. Emigrou para o Brasil em 04 de abril de 1956, com seis anos de idade. Veio para São Paulo com carta de chamada do irmão para todos os membros da família que ainda estavam nos Açores. Vieram no Navio Corrientes seu pai, mãe e irmãos: Helena, José, João e Miguel. Entrevista concedida em 07 de julho de 2008, na Casa dos Açores de São Paulo.

⁷² Dados de Maria dos Santos Arruda, mãe de Henrique, José, Luiz Vicente, João e Helena, no passaporte da família. Data da vinda: 07 de fevereiro de 1956. Imagem doada por Henrique de Arruda Soares em 2007.



Imagem 18 - Passaporte da família Arruda Soares.⁷³

O passaporte era familiar – junto com os dados da mãe eram inseridos os dados dos filhos mais jovens, incluindo fotografias. Essas imagens podem ser consideradas verdadeiros objetos de memória, nos quais se vê e reconstrói a história daqueles que participaram efetivamente da construção do fenômeno emigratório.

Os “objetos de memória” são eminentemente bens simbólicos que contêm a trajetória e a afetividade do grupo. Sejam documentos, fotos, filmes, móveis, pertences pessoais, etc., tudo tem em comum o fato de dar sentido pleno, de “fazer viver” em termos profundos o próprio grupo. Tais objetos podem ser, assim, um bom exemplo do que Pierre Nora consagrou, em sua metodologia, com a designação de “lugares da memória”. Este acervo, que também inclui, com destaque, relatos preciosamente recontados, é a própria identidade do grupo “materializada”: é sua riqueza, poder e emoção.⁷⁴

O Senhor Henrique rememora que, com seis anos de idade, sua percepção acerca da viagem era diferente daquela dos adultos. Com um olhar curioso, sem grandes medos ou inseguranças, viajou como se estivesse passeando, rumo a um

⁷³ Dados de Henrique de Arruda Soares no passaporte da família. Imagem doada por Henrique de Arruda Soares em 2007.

⁷⁴ GOMES, Ângela de Castro. A guardiã da memória. **Acervo** - Revista do Arquivo Nacional. Vol.9, n.1/2. Rio de Janeiro, jan./dez. 1996. p.07.

destino impensado. Ele faz as vezes de guardião das memórias familiares. Ao contar a história de sua família e protagonizá-la, torna-se um elemento crucial para a continuidade de suas identidades. “O guardião, nessa perspectiva, é um profissional da memória. No meio familiar, é comum que os avós assumam esta função. Em outros grupos sociais, a questão deve ser examinada em particular e pode ter variações.”⁷⁵

Vimos cinco e seis com meu irmão que tava aqui já. Foi cinco e os menores. Foi uma luta, pegar o navio, o Carvalho Araújo em Ponta Delgada até Lisboa. Em Lisboa ficamos 15 dias gastando dinheiro, e a gente precisava tirar os documentos pra continuar a nossa caminhada até o Brasil, aí viemos para o Brasil. Difícil...⁷⁶

O Senhor José de Arruda teve outra percepção da viagem. Veio com uma sensação diferente daquela experimentada pelos irmãos mais novos. Sentia o sofrimento do pai por partir da Ilha em busca de nova vida para sua família. Ao mesmo tempo que sentia certo alívio em conquistar uma vida melhor, tinha o sentimento angustiante da possibilidade de não dar certo, de ter de voltar. Além disso, a própria saída da sua terra, por si só, contrariava seus interesses anteriormente definidos.

Pode-se dizer que esses sentimentos eram experimentados por todos quando chegava a hora de partir. Uns sofriam mais, outros menos. Muitos ainda nem sabiam o que estava por vir; sabiam somente que iriam embora, mas para onde? Fazer o quê? Essas eram as questões que emergiam na cabeça das crianças, filhos açorianos que saíam da ilha para outro continente sem saber exatamente o que significava a viagem. Perguntavam-se: quantos dias de viagem? Primeiro chegavam ao porto e viam aquele navio enorme que os levaria para a nova casa, o novo bairro, os novos amigos, a nova escola. O irmão mais velho já os aguardava em outro país, era chegada a hora da partida.

⁷⁵ GOMES, Ângela de Castro. A guardiã da memória. **Acervo** - Revista do Arquivo Nacional. Vol.9, n.1/2. Rio de Janeiro, jan./dez. 1996. p.07.

⁷⁶ José de Arruda Soares nasceu em 14 de setembro de 1939, em São Miguel, Açores, Portugal. Emigrou para o Brasil em 04 de abril de 1956, com 15 anos de idade. Veio para São Paulo com carta de chamada do irmão para todos os membros da família que ainda estavam nos Açores. Vieram no Navio Corrientes seu pai, mãe e irmãos: Helena, Henrique, João e Miguel. Entrevista concedida em 07 de julho de 2008, na Casa dos Açores de São Paulo.

Muitos ficavam aguardando serem chamados para mudar de país. O processo de emigração acentuava-se no período de 1950, por conta dos alistamentos para as colônias da África. Portugal chamava os homens para serem soldados nas colônias e, com isso, muitos fugiam dos Açores e do Continente para não participar das possíveis batalhas.

A viagem para o Brasil durava cerca de 30 dias. Durante esse tempo, as visões, sensações e sentimentos de cada membro da família revelavam conotações totalmente diferentes. Os irmãos Henrique e José, então com sete e catorze anos, respectivamente, têm lembranças diferentes dos fatos que ocorreram durante a viagem e guardam representações dos acontecimentos que antecederam e que ocorreram durante a vinda para São Paulo com distintos olhares.

A noção de outro mundo, um mundo diferente dos Açores, uma ilha no meio do oceano, com água por todos os lados, era algo impensado por Henrique em sua infância. Não passava pela sua cabeça que essa viagem estava inserida em um contexto mais amplo, o do processo de imigração açoriana, tampouco que no futuro poderia remeter a ela para pensar sobre sua identidade e seus elos com o passado; também não imaginava que aquela passagem seria tão importante para sua história e suas memórias, representando a busca pelo incerto, mas necessário.

Durante o século XX, o processo emigratório foi marcado pelo caráter familiar, ou seja, era comum que todos ou vários membros da família se deslocassem em busca de melhores condições de vida, vendendo tudo o que tinham para recomeçar. Muitos ficaram devendo passagens de navio ou pediram dinheiro emprestado a amigos e familiares para o deslocamento. Em geral, não tinham esperança de retornar, esmorecidos pelas condições de saída dos Açores e chegada ao Brasil.

Era necessário ter uma “carta de chamada”⁷⁷ para dar início aos preparativos da viagem. Além de todo o processo de mudança, precisavam decidir o

⁷⁷ Nas cartas de chamada, um imigrante já instalado assumia as despesas e responsabilidades pela vinda de conhecidos e parentes. “Para dar início às diligências para emigrar era necessário ter, em primeiro lugar, um parente no Brasil. Aí é que entravam em cena os emigrantes que tinham vindo para o Brasil entre 1910 e 1930, pois era rara, já naquela época, uma família em Portugal que não tivesse um membro no Brasil. O Consulado era a primeira repartição no estrangeiro a ser procurada para iniciar todo o trâmite necessário ao embarque do emigrante lá na origem, em Portugal. A ‘Carta de Chamada’, o primeiro documento a providenciar. Nela, o chamante, neste caso o parente até o terceiro grau, se responsabilizava não só pela vinda como também pela manutenção, emprego e, em caso do emigrante assim desejar, até o pagamento da passagem de volta à origem.” ALBINO, Adriano. **Emigração (100 anos) Século XX: A Diáspora dos Portugueses**. São Paulo: CJE/ECA/USP, 1994. p.71.

que fariam com a casa, os móveis, as roupas, os animais, enfim, os pertences, entre muitos outros detalhes que antecederiam a emigração.

Entre todos os elementos que caracterizam o universo simbólico do fenômeno migratório, a carta é o que reúne um potencial evocativo e de fascínio de apelo excepcional, pelo simples fato de ser um documento privado e pessoal que, pelo menos virtualmente, nos transporta de improviso bem para o meio do evento emigração, permitindo-nos observar internamente alguns aspectos ou momentos, inclusive particularmente íntimos, sob o ponto de vista dos protagonistas [...].⁷⁸

Conforme menciona o texto supracitado, com caráter privado, pessoal e íntimo, a carta de chamada acabava por orientar o processo emigratório e a decisão de partir dos indivíduos e das famílias. A carta, de certa maneira, garantia a possibilidade de conquistar um novo espaço, de forma a encorajar a tomada de decisão.

Além da carta de chamada, os emigrantes precisavam ter uma orientação para o trabalho, garantindo que, quando da chegada ao Brasil, teriam emprego, casa, ou seja, teriam como se manter, mesmo que mediante subsídio. Quem dava essa garantia era outro membro da família ou amigo já estabelecido no país de destino, que assumia o compromisso de, se necessário fosse, subsidiar o retorno do sujeito emigrado frente às adversidades. “Paralelamente à ‘Carta de Chamada’, o chamante obrigava-se a lavrar, em um tabelião, a chamada ‘Escritura Pública de Manutenção’, que dava complemento ao documento.”⁷⁹

Sob o ponto de vista institucional, em 1911, interveio uma lei brasileira que em certo sentido legalizava o uso da *Carta de Chamada*. Por exemplo, introduzia a obrigação da chamada para os maiores de 60 anos e os não aptos para o trabalho: Parágrafo único. Os maiores de 60 anos e os inaptos para o trabalho só serão admitidos quando acompanhados de suas famílias, ou quando vierem para a companhia destas, contanto que haja da mesma família pelo menos um indivíduo válido, para outro inválido ou para um até dois maiores 60 anos. O único modo para demonstrar que o migrante vinha para estar

⁷⁸ CROCI, Federico. O chamado das cartas: migrações, cultura e identidade nas cartas de chamada dos italianos no Brasil. **Locus**. Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora. Vol.14, n.2. Juiz de Fora, MG: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2008. p.14-5.

⁷⁹ Ibidem. p.17.

com a família e esta estava disposta e apta para sua manutenção era se munir de uma *Carta de Chamada*.⁸⁰

No que se refere à legislação sobre as cartas de chamada, cabe observar que em 1911 foi lançado um ordenamento sobre como deveria ser a imigração no Brasil. Assim, o decreto nº. 9.081⁸¹ estabelecia normas que deveriam ser seguidas para a entrada no país. Mais tarde, em 1945, entrou em vigor a legislação que instituiu novos objetivos para entrada de estrangeiros no país, a fim de reordenar os grupos de emigrantes dos mais diversos pontos no pós-guerra.⁸²

Frente a adversidades, a saída para muitos estrangeiros era buscar nas Américas uma nova oportunidade de trabalho e vida. As memórias revelam traços muitas vezes semelhantes; todavia, uns têm impressões boas acerca da emigração, outros nem tanto. Mas, naquelas examinadas nesta pesquisa, nota-se que a saída dos Açores era algo necessário para a sobrevivência. Estava ligada à fuga do exército e também à busca de melhores condições de vida, trabalho e moradia. Denotando suas impressões da viagem, o Sr. Manoel⁸³ conta:

Ele parava nesses portos: Pernambuco, Recife, Salvador, Rio de Janeiro e depois São Paulo. Quando começa a avistar a costa... Primeiro é que a noção de tempo no mar é completamente diferente, você tem infinitas águas, infinito do céu e a cada minuto tem outra dimensão, a noção de tempo é outra. Então quando você se repara e vê naquela costa, coqueiros e praia, coqueiros e praia, é uma imagem fantástica, viu. Porque na ilha nós não temos... Ilha é vulcânica, é cheia de rochas. Você vê aquela costa toda, é infinito, são praias infinitas a perder de vista de coqueiros e praia. É uma visão realmente... é um negócio fantástico, fantástico. Pessoalmente

⁸⁰ CROCI, Federico. O chamado das cartas: migrações, cultura e identidade nas cartas de chamada dos italianos no Brasil. **Locus**. Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora. Vol.14, n.2. Juiz de Fora, MG: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2008. p.27.

⁸¹ O Decreto n. 9.081 de 03 de novembro de 1911 insere novos dimensionamentos ao regulamento do Serviço do Povoamento. Cf.: HORN IOTTI, Luiza (Org.). **Imigração e colonização** - Legislação de 1747 a 1915. Caxias do Sul: Educs, 2001. p.522-72. A lei é subdividida em 26 capítulos num total de 277 artigos; o capítulo XXIII, que compreende os artigos de n. 231 a n. 238, trata da *Hospedaria* da *Ilha das Flores*, do porto do Rio de Janeiro, detalhando as normas de entrada, a permanência e a saída dos imigrantes da *Hospedaria*, a única que era financiada e reconhecida pelo Governo Federal.

⁸² “O Presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o artigo 180 da Constituição e considerando que se faz necessária cessada a guerra mundial, imprimir á política imigratória do Brasil uma orientação racional e definitiva, que atenda à dupla finalidade de proteger os interesses do trabalhador nacional e de desenvolver a imigração que fôr fator de progresso para o país.” Decreto-Lei n. 7967 de 18 de setembro de 1945.

⁸³ Manoel Henrique Farias Ramos nasceu em 08 de maio de 1939, na Ilha Terceira, Açores, Portugal. Chegou ao Brasil em 1957, sozinho. Entrevista concedida à Profa. Dra. Maria Aparecida Pascal, no dia 23 de outubro de 2006, e cedida para esta pesquisa.

na ilha como eu vivia, quer dizer, você tem outra visão. E depois desse estágio de 10 dias, porque são 10 dias de viagem o Brasil eram 10 dias de viagem, então você tinha cinco entre ilhas e depois mais 10. Então você realmente vê que há uma dimensão muito fantástica. O bom romancista contempla as ilhas em palavras, não sou..., mas o que posso dizer, mas é fantástica sim.

A imagem que o Sr. Manoel guardou da vinda para o Brasil foi, em princípio, a das ilhas que avistou no caminho, das águas do mar e dos “maravilhosos” sentimentos que o marcaram diante de deslumbrantes paisagens. Em nenhum momento o depoente falou das dificuldades da viagem, da comida do navio, dos problemas enfrentados durante a travessia ou da ansiedade pelo que vinha pela frente. Tinha uma representação do que encontraria no Brasil fundada em suas leituras; almejava conhecer o país que tinha possibilidades e oportunidades para sua vida.

Não era comum a vinda sem nenhuma indicação ou sem parentes e amigos para encontrar, como no caso do Sr. Manoel. Ele conta um pouco sobre a escolha que fez:

[...] na verdade parentes meus tinha nos Estados Unidos. A escolha que eu fiz para cá... Não tinha nenhum parente aqui, nem tinha amigos, viu! Na verdade queria muito vir aqui para o Brasil e tinha lido o livro do Stefan Zweig, “Brasil, país do futuro”. Eu fiquei maravilhado aqui, então, eu desci no Rio de Janeiro, era para eu ficar no Rio de Janeiro porque lá sim tinha um amigo do meu pai, que tinha servido o exército junto com o meu pai, que era da Confeitaria Colombo, era um dos sócios da Confeitaria Colombo. Eu fui lá, desci fui lá procurá-lo, fui recebido muito bem, aquela coisa toda e ele disse: olha, quando você tiver sua documentação arrumada você vem aqui trabalhar porque tem lugar para você aqui. Exatamente, o meu problema era trabalhar sem documentação, porque eu tinha vindo como turista, tinha estado como turista e não tinha documentos. Então, eu tinha um endereço de uma senhora de 80 e poucos anos, que o marido dela tinha sido amigo do meu avô. Olha só... a esta altura já estou com 67... Aí, eu vim aqui na Rua Vilela, aqui no Tatuapé. Eu cheguei à noite, fiquei tão desesperado, eu peguei o ônibus Cometa, vim para cá de Cometa, cheguei aqui umas 05h30min da manhã. Às seis horas da tarde aquela garoa de São Paulo, aquele friozinho, era setembro. Eu sei que fui pegar... Estava olhando era a Penha, fui pegar o ônibus e eu ia entrar pela porta da frente, aí eles bateram a porta e eu fiquei olhando, aí vi que as pessoas realmente entravam pela porta de trás, aquela era porta de saída, bom tudo bem. Aí vinha um bonde, aquele bonde camarão, não é puxado. Vinha o bonde, aí fui entrar pela porta

de trás, aí bateu a porta também. Aí eu disse: mas não é possível, porque o bonde era o contrário, no ônibus entrava por uma porta e no bonde entrava por outra. Aí eu fiquei novamente olhando, observando o que acontecia até chegar à conclusão. Eu fiquei numa frustração, pensando que o chefe dissesse: olha, pode vir trabalhar comigo enquanto não arrumar a sua documentação, está certo que era uma empresa formal, tudo bem, mas já tive a minha primeira frustração. Chega aqui e bate duas vezes a porta e não me deixam entrar?⁸⁴

Para grande parte dos açorianos que chegavam ao Brasil, o trabalho era algo concreto e oficializado em cartório. No entanto, a história do Sr. Manoel é um pouco diferente. Para mudar sua situação, teria de conseguir casa, emprego e documentação para se manter no Brasil, pois era “clandestino”.

As relações de amizade e companheirismo aconteciam frequentemente entre os açorianos, por uma questão de identificação com a causa da imigração e também porque tinham algo em comum: a origem. Essas relações garantiam apoio ao trabalho, ajuda para conseguir emprego e também uniam os açorianos no bairro. Em outras palavras, nessa nova terra, algumas ações de ajuda propiciavam a “união” desses sujeitos.

O Sr. Manoel conta que conseguiu trabalho no Brasil graças ao companheirismo de outros açorianos que já viviam nas adjacências da Vila Carrão. Além do trabalho como artesão no Cotonifício Guilherme Giorge, a profissão de açougueiro – ofício do Sr. Manoel – era comum entre os açorianos. Muitos ficaram conhecidos por terem esse ofício ou por serem montadores de frigoríficos.

[...] E sozinho, mas aí... Realmente essa senhora me recebeu muito bem, ela era viúva já, foi muito bem e 15 dias depois eu fui trabalhar numa escola onde o sindicalista trabalhava no escritório central Guilherme Giorge, lá no Brás. Eu fui trabalhar na cidade e aí quando eu cheguei, eles estavam 30 e poucos dias trabalhando. Um senhor do açougue lá desceu, soube que eu estava aqui, da Ilha Terceira, José Cardoso Duarte e me convidou e aí eu fiquei nesse ramo por um bom tempo, uns bons anos. Aí fiquei nesse ramo, montei uma rede de açougues, o frigorífico, fiquei fazendo junto com Manoel Medeiros aqui. E agora ele tem fazenda, mas são coisas grandes deixa para ele. E então foi isso daí [...].⁸⁵

⁸⁴ Depoimento de Manoel Henrique Farias Ramos, em entrevista concedida à Profa. Dra. Maria Aparecida Pascal, no dia 23 de outubro de 2006, e cedida para esta pesquisa.

⁸⁵ Depoimento de Manoel Henrique Farias Ramos, em entrevista concedida à Profa. Dra. Maria Aparecida Pascal, no dia 23 de outubro de 2006, e cedida para esta pesquisa.

O Cotonifício Guilherme Giorge⁸⁶ era onde a maioria de açorianos encontrava trabalho. Nessa indústria já havia se estabelecido uma rede de relações em favor dos açorianos: aqueles que já estavam empregados indicavam seus pares para ocupar as novas vagas, chamando familiares, amigos e conhecidos a emigrarem e a dedicarem-se ao trabalho na manufatura. Essas redes nada mais eram que um conjunto de pessoas, empregadores, associações comunitárias e outros a que os sujeitos recorriam para se organizar e ingressar em outro país.

A acolhida solidária aos recém-chegados perpetuava-se com atitudes de confiança recíproca patrão-empregado. A profissão se diferenciava por uma mão de obra sem exigências especializadas, mas ligada a laços familiares e sociais de origem.⁸⁷

As associações comunitárias tinham por finalidade organizar os grupos chegados, procurando minimizar seus problemas de moradia, saúde, identificação e acolhimento. Em geral, a criação dessas associações encontrava apoio nos governos.⁸⁸

As associações desse tipo são submetidas a uma classificação que perpassa a ajuda mútua, não podendo ser confundidas com as entidades criadas como corporações de ofício, visando à transmissão de valores específicos de cada

⁸⁶ “Paschoal Boronheid e Fernand Delcroix, dois empresários belgas, não poderiam imaginar, ao fundarem a Paschoal Boronheid e Cia., em 10 de agosto de 1906, da qual se originou a S/A Lanifícios Minerva, que nas mãos de Guilherme Giorgi a empresa fosse alcançar a importância que teve no cenário industrial do País e ajudar no crescimento e desenvolvimento da Vila Carrão. Em 1911, cria nos fundos de sua casa uma pequena tecelagem, com oito teares. Em 1920, funda na Rua Cesário Alvim, no Brás, o Cotonifício Guilherme Giorgi, agora com 21 teares. Nos primeiros anos da década de 30, adquire uma área de 570 mil metros quadrados na região do Carrão, e nela começa a ser construído o importante complexo industrial, que chegou a compreender um conglomerado de empresas. O Grupo não só empregou um enorme contingente no setor têxtil, e chegou a ter 2.800 funcionários, como ajudou na urbanização da região, construindo casas para seus trabalhadores. Na década de 80, o loteamento das moradias operárias deu origem ao Jardim Têxtil.” Revista IN. **Era uma vez um bairro com muitas chácaras...** 30/08/2004. Disponível em: <http://www.revistainonline.com.br/exibe_historia_bairro.asp?texto=36&bairro=8>. Acesso em: 15/05/2009.

⁸⁷ As redes de relações solidárias eram vistas tanto em São Paulo como no Rio de Janeiro, conforme apontado por: EVANGELHO, Judite Toste. Os açorianos no comércio do Rio de Janeiro. **Atlântida**. Revista do Instituto Açoriano de Cultura (IAC). Angra do Heroísmo, Açores: Instituto Açoriano de Cultura, 09/09/2008.

⁸⁸ LACERDA, Eugênio Pascele. **O Atlântico Açoriano: uma antropologia dos contextos globais e locais da açorianidade**. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Centro de Filosofia e Ciências Humanas - Departamento de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2003. p.51.

grupo.⁸⁹ Ainda que as entidades associativas tenham um cunho beneficente, podem ter diferentes objetivos, e são eles que determinam a categorização. Na lista estão as sociedades benéficas, as irmandades, as sociedades religiosas, as sociedades literárias e de instrução, as sociedades científicas, as sociedades dramáticas, desportivas e recreativas, caixas previdenciárias e montepios, as seguradoras e cooperativas.⁹⁰

Algumas ponderações sobre o associativismo devem ser levadas em consideração quando se aborda a criação de redes, pois essa denominação leva em seu bojo o fato de serem representadas por grupos e indivíduos com interesses comuns, independentemente do Estado, tendo como principal objetivo o voluntariado.

[...] trata-se de uma entidade organizada de indivíduos coligados entre si por um conjunto de regras reconhecidas e repartidas, que definem os fins, os poderes e os procedimentos dos participantes, com base em determinados modelos de comportamento oficialmente aprovados.⁹¹

O auxílio entre irmãos, parentes, amigos e conterrâneos parece ter sido comum durante os fenômenos emigratórios, revelando que as mais diversificadas formas de ajuda eram compartilhadas.

Além das cartas de chamada, havia a troca de informações entre os açorianos estabelecidos no Brasil e aqueles que desejavam emigrar a fim de mudar suas histórias. Determinadas informações percorriam o Atlântico e chegavam aos ouvidos dos moradores das ilhas, que então procuravam se preparar para o recomeço.

As memórias acerca das redes de relações aparecem em diversas falas, nas quais se revelam como determinantes para a escolha do destino, a viagem e seus preparativos. São exemplo disso os integrantes da família Arruda Soares, que, quando vieram para o Brasil, tinham na figura do irmão mais velho a criação de uma

⁸⁹ BOSCHILIA, Roseli. A sociedade portuguesa em Curitiba: Um projeto identitário (1878-1900). In: MATOS, Maria Izilda Santos de; SOUSA, Fernando de; HECKER, Alexandre (Orgs.). **Deslocamentos & Histórias: Os Portugueses**. Bauru, SP: EDUSC, 2008. p.343.

⁹⁰ JESUS, Ronaldo Pereira de. Mutualismo e desenvolvimento econômico no Brasil do século XIX. **Revista OÍDLES**. Vol.1, n.1. Observatório Iberoamericano del Desarrollo Local y la Economía Social, 2007. p.473-504.

⁹¹ FONSECA, Vitor Manoel Marques da. Imigração: Identidade e Integração, 1903-1916. In: MATOS, Maria Izilda Santos de; SOUSA, Fernando de; HECKER, Alexandre (Orgs.). **Deslocamentos & Histórias: Os Portugueses**. Bauru, SP: EDUSC, 2008. p.358.

rede, que estabelecia o trabalho na fábrica, o bairro onde morariam e as condições de vida que teriam no país de acolhimento. Comumente os açorianos já estabelecidos no bairro em que trabalhavam no Cotonifício Guilherme Giorgi mantinham certos laços de companheirismo e ajuda mútua com seus conterrâneos.

As memórias de viagem se direcionam, de certa forma, aos motivos que trouxeram esses sujeitos ao país. Quando falam sobre o que esperavam encontrar quando da chegada, as lembranças se referem ao que já tinham ouvido falar sobre a cidade, as condições de vida, de trabalho, moradia, renda e o cotidiano em geral.

Nas falas dos irmãos, percebe-se uma diferença do olhar sobre as circunstâncias – dada a diferença de idade de ambos e também a percepção dos problemas que cada um tinha em relação à mudança. Especificamente quanto à viagem, o Senhor Henrique, ao ser questionado sobre as dificuldades, lembra:

[...] pra mim foi algo diferente, né, porque a gente tava naquela vida de infância, na Ilha e tal, não se atinha aquele mundo, né? Só tinha aquele mundo, né, e ao entrar no navio, quer dizer, naquela época não tinha avião, muitos aviões, quer dizer, entrar no navio daquele porte realmente pra mim foi um mundo diferente, né? Então pra mim foi uma diversão! Eu não tinha aquele sentimento de expectativa, porque eu me sentia protegido no meio de todos os meus irmãos mais velhos, claro, né eu era o caçula e mais meu pai, então eu tinha plena confiança, né? E eles então, tava junto com eles tava protegido. Eu posso te dizer que a nossa vinda pra cá veio primeiro com a vinda do meu irmão mais velho, o Vicente, o Vicente Soares, ele veio antes, né, porque estava quase atingindo a maioridade e com centenas de outros principalmente de São Miguel... É... A gente procurava evitar entrar nas forças armadas porque a consequência era ir pra Angola, né? O meu irmão tava com dezessete anos, dezesseis pra dezessete anos e corria o risco de ir... e nós éramos todos homens então praticamente eram dois que estariam sempre em confronto, né? Então meu irmão Vicente veio primeiro, com a minha tia, por parte do meu pai, a tia Maria. E ficou um ano aqui trabalhando no Guilherme George e se estabilizou e tal e ele fez a nossa carta de chamada, né? Trouxe-nos já com o meu irmão mais velho, já com garantia de emprego no Guilherme Giorgi.⁹²

Quando fala sobre a viagem rumo ao Brasil, o Senhor Henrique lembra que, de certa forma, já estava organizada a chegada dos demais membros da família.

⁹² Henrique de Arruda Soares, que emigrou com seis anos de idade, fala quais foram suas percepções no momento da viagem. Entrevista concedida em 07 de julho de 2008, na Casa dos Açores de São Paulo.

Tinham uma carta de chamada, todos teriam emprego, morariam em um bairro no qual já habitavam outros açorianos tanto da Ilha de São Miguel como das demais, além da expectativa de mudar de vida, afastando-se das circunstâncias em que viviam nos Açores.

Da viagem e dos motivos que levaram à vinda para o Brasil, o Sr. José de Arruda Soares, irmão mais velho de Henrique, tem outra percepção, embora ambos tenham vivido uma mesma experiência.

Meu pai não precisava vir pra cá, uma bela casa, a gente tinha vacas, terras, pastos, mas o meu irmão veio pra cá, meu pai resolveu trazer a gente. Veio 5 e 6 com meu irmão que tava aqui já. Foi cinco e os menores. Foi uma luta, pegar o navio, o Carvalho Araújo em Ponta Delgada até Lisboa, Lisboa ficamos 15 dias gastando dinheiro, e a gente precisava tirar os documentos pra continuar a nossa caminhada até o Brasil aí viemos para o Brasil. Difícil... Eu por exemplo no caso tinha 15 anos, mas abaixo de mim tinha 3, João, Miguel e Henrique e chegamos aqui no Brasil com bastante dificuldade, fomos morar numa casa que não tinha nem banheiro, pra gente tomar banho também não tinha, minha mãe chorando e vamos voltar e vamos voltar... Aí conseguimos arranjar serviço no Guilherme Giorgi, ordenado pequeno, que eu e meu irmão João era de menor, tinha a Helena, mas meu pai não quis vender nada, nem terras, nem pasto, nem nada, com ideias de voltar, aí continuamos trabalhando no Guilherme Giorgi, todo mundo, inclusive minha mãe.⁹³

O Senhor José de Arruda Soares relembra os fatos que mais o afetaram pessoalmente, incluindo a falta de infraestrutura, os problemas da viagem, as dificuldades do navio, a falta de dinheiro e o trabalho de todos na fábrica. Essa percepção das inquietações e sofrimento da mãe não aparece nas falas de Henrique, pois seu olhar se direcionava para as suas aspirações e o divertimento que aquela situação diferente lhe trazia, por sua pouca idade. Destarte, analisando-se o fenômeno da emigração, nota-se que as percepções individuais acerca de um mesmo fato sem variação temporal ou espacial se situam de distintas formas, revelando as leituras de cada indivíduo para a situação.

Sobre essa questão da memória individual acerca de um fato coletivo, cabe considerar as pesquisas que indicam que o “eu” está enraizado dentro de quadros

⁹³ José de Arruda Soares, que emigrou com 15 anos de idade, fala sobre os primeiros momentos da vinda e suas percepções. Entrevista concedida em 07 de julho de 2008, na Casa dos Açores de São Paulo.

mais amplos, no caso, dentro de uma visão do acontecimento, em que, apesar de recortada a lembrança, ela atinge um ponto comum, pois faz parte do acontecimento vivido em comum. Assim,

[...] o “eu” e sua duração situam-se no ponto de encontro de duas séries diferentes e por vezes divergentes: aquela que se atém aos aspectos vivos e materiais da lembrança, aquela que reconstrói aquilo que não é mais se não do passado. [...] a memória individual existe, mas ela está enraizada dentro dos quadros diversos que a simultaneidade ou a contingência reaproxima momentaneamente. A rememoração pessoal situa-se na encruzilhada das malhas de solidariedades múltiplas dentro das quais estamos engajados. Nada escapa à trama sincrônica da existência social atual, e é da combinação desses diversos elementos que pode emergir esta forma que chamamos de lembrança, porque a traduzimos em uma linguagem.⁹⁴

“Cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, e este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com o meio.”⁹⁵ Essa questão é claramente pontuada nas entrevistas em que dois membros da família abordam a mesma temática, cada um com suas lembranças específicas do fato, ambos em concordância com os pontos fundamentais, mas, de qualquer forma, em posições distintas de ocupação relacional.

Já a memória coletiva, apesar de envolver as memórias individuais, não se confunde com elas, pois, uma vez colocadas num conjunto, deixam de ser uma consciência pessoal e passam a ser uma experiência conjunta, ou pelo menos uma experiência em grupo.⁹⁶

Quando tratam das lembranças da viagem, os irmãos revelam visões distintas dos problemas, não apenas pela questão da consciência individual, mas também por suas idades no momento da partida. O Sr. José rememora não só a viagem, mas as emoções que ela trouxe no momento da saída dos Açores, em que os Arruda Soares deixavam para trás as suas histórias. Vê nesse “tempo” de partida a tristeza do pai, a agonia sentida frente à adversidade do deslocamento, aos problemas financeiros, entre outras razões que ainda fazem com que se emocione:

⁹⁴ HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1990. p.13.

⁹⁵ Ibidem. p.51.

⁹⁶ Ibidem. p.53.

Eu me lembro de tudo, a gente era uma família de classe média, meu pai “cantoneiro”⁹⁷, meu irmão Vicente para sair do exército veio aqui para o Brasil, minha mãe e meu pai recebendo cartas, chorando e chorando e chorando, inconsolados, então meu pai resolveu vir pra cá e trazer nós. Grande homem, corajoso, ele era “cantoneiro”, funcionário público, a gente recebia abono família que era 50 escudos naquela época, meu pai não precisava vir pra cá, uma bela casa, a gente tinha vacas, terras, pastos, mas o meu irmão veio pra cá, meu pai resolveu trazer a gente toda. Veio cinco e seis com meu irmão que tava aqui já. Foi cinco e os menores. Foi uma luta, pegar o navio, o Carvalho Araújo em Ponta Delgada até Lisboa, Lisboa ficamos 15 dias gastando dinheiro, e a gente precisava tirar os documentos pra continuar a nossa caminhada até o Brasil, aí viemos para o Brasil. Difícil... se a gente tivesse lá em Portugal, a gente iria fazer o quê? A gente iria ter uma casinha, se sabe que lá a gente não compra casa, a gente tem um terreno que paga a renda, tem uma casinha e tudo, meu pai tinha muito conhecimento, tomava conta de propriedades, apesar de ele ser “cantoneiro”, era funcionário público, mas o que ele ia dar pra gente? Um “sache” nas costas pra gente virar dias nas terras, porque a gente tinha bastante terra, né? Ali a gente exportava amendoim, favas, tremoços, inhames, tudo. Hoje você vê tudo pasto [...].⁹⁸

Incluindo as dificuldades assistidas por ele, lembra-se exatamente do percurso até Lisboa, onde ficaram “gastando dinheiro” – coisa que os viajantes não podiam fazer ou tinham de evitar, já que não sabiam exatamente em quais condições seriam recebidos, embora o filho mais velho já estivesse estabelecido no país.

Nos Açores, as terras e os cultivos serviam principalmente para o autoconsumo, não geravam renda suficiente para o sustento das famílias, o que causava a miséria da população insular e a motivava a buscar novas possibilidades na emigração. Os problemas sociais dos Açores estavam ligados à sua conjuntura política e administrativa. Era essa conjuntura que tornara constante, desde a colonização do Brasil, em 1748, a vinda dos açorianos em busca de melhores oportunidades de vida.

⁹⁷ “Cantoneiro” é a expressão usada para designar o empregado que tem a seu cargo a conservação e guarda de um cantão de estrada. Cf.: DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/cantoneiro>>. Acesso em: 12/08/2010.

⁹⁸ José de Arruda Soares nasceu em 14 de setembro de 1939, em São Miguel, Açores, Portugal. Emigrou para o Brasil em 04 de abril de 1956, com 15 anos de idade. Veio para São Paulo com carta de chamada do irmão para todos os membros da família que ainda estavam nos Açores. Vieram no Navio Corrientes seu pai, mãe e irmãos: Helena, Henrique, João e Miguel. Entrevista concedida em 07 de julho de 2008, na Casa dos Açores de São Paulo.

Segundo o depoimento do Senhor José de Arruda Soares, seu pai ansiava melhores condições de vida, de emprego e de sobrevivência, sendo que nos Açores tinham deixado apenas “trabalho” a ser feito. As terras eram arrendadas, não havia casa própria, e os demais pertences iam se dizimando para satisfazer as necessidades da família. Trouxeram somente roupas, calçados e alguns bens materiais de valor. Os móveis e demais objetos como eletrodomésticos, aparelhos de televisão e outros acessórios da vida cotidiana ficaram para trás. Era necessário reconstruir a vida a partir dos esforços familiares.

Acreditando nas melhores condições de vida, muitas “levas” de portugueses chegaram aos portos brasileiros, não apenas açorianos, mas indivíduos de Portugal e da Europa em geral.

Terminada a Segunda Guerra Mundial, final da década de 40 e início da década de 50, inicia-se um verdadeiro êxodo emigratório para o Brasil até o ano de 1965. Durante esses 15 anos aportaram aos portos do Rio de Janeiro e Santos (São Paulo) centenas de viagens operadas pelas companhias de navio North King (Companhia Panamenha), Companhia Colonial Portuguesa (Mousinho, Vera Cruz e Santa Maria), os navios da Mala Real Inglesa (Alcântara, Amazon e outros), da Companhia Argentina Doderó (Salta e Corrientes), das companhias Itália também com dois navios e a francesa CGTM com mais dois navios. E todos aportaram no Armazém 16 de Santos.⁹⁹

A maioria dos moradores da Vila Carrão havia nascido na Ilha de São Miguel e Terceira, e praticamente todos os entrevistados emigraram para fugir da “guerra” – alguns para salvar seus filhos, outros para se esquivarem da obrigatoriedade de servir ao exército. Buscavam junto a amigos e parentes trabalho, casa e melhores oportunidades. O “fazer a América”¹⁰⁰ era um de seus sonhos.

Ao rememorar a viagem ao Brasil, Dona Ida faz uma curiosa descrição sobre os fatos de que se lembra, especialmente sobre o navio:

⁹⁹ ALBINO, Adriano. **Emigração (100 anos) Século XX: A Diáspora dos Portugueses**. São Paulo: CJE/ECA/USP, 1994. p.70-1.

¹⁰⁰ “Fazer a América” era o sonho de muitos emigrantes que buscavam no Brasil e em outros países da América melhores condições de vida. Ver: FAUSTO, Boris (Org.). **Fazer a América**. São Paulo: EDUSP, 1999.

Nós éramos seis irmãos, quatro mulheres e dois homens, meu pai e a minha mãe... Naquela hora da guerra, tinha guerra na Angola e meu irmão tinha 18 para 19 anos e para fugir da guerra... tinha que imigrar. Ficamos 17 dias na Ilha da Madeira, esperando o Giovana C. para a gente vir para o Brasil. Era um vapor italiano. Foi a última viagem que ele fez com passageiro. Ele estava tão velho... Nós levamos da Ilha da Madeira a São Paulo (a Santos), 17 dias. Muito lento. Então, ele foi para carga depois, era o que viraria um navio. Vindo por um navio velho... meu pai não deixava a gente sair dali, sabe aquela coisa... Era o medo. No navio, o atendimento, pelo que eu lembro, era... não era ruim, mas pra gente as comidas eram muito diferentes. É... Quando a gente aqui ia comprar mortadela pra comer, meu pai ficava bravo, porque no navio tinha de graça e ninguém queria. E é uma coisa que marca! Mortadela, eles davam no navio pra gente comer de lanche e ninguém queria comer a mortadela, nunca vi aquilo... Aí o meu pai ficava bravo quando a gente queria comprar, porque a gente já tinha acostumado.¹⁰¹

Nas memórias de Dona Ida se faz presente a necessidade de fugir da guerra, já que a família temia que os filhos fossem para o combate na África. Os pais buscavam na emigração a salvação de todos os males, pois queriam também melhores condições de vida para seus filhos. O Brasil era a melhor saída, haja vista que muitos açorianos já se encontravam no país e mandavam notícias de possibilidades de emprego e de um cotidiano sem tantas adversidades, como pobreza, falta de infraestrutura, calamidades, terremotos, entre outras.

A lembrança da “mortadela” remete à memória de infância. Esse recorte mostra o que realmente marcou sua viagem: o medo de se deslocar livremente, os alimentos disponíveis, os elementos que eram diferentes e passaram a fazer parte do cotidiano, o tempo que ficaram na Ilha da Madeira e a precariedade do navio, descrito como “velho” e sem muitas mordomias, além da “mortadela”, que, depois da viagem, passou a ter outro sabor. Segundo ela, todos se acostumaram a comer esse alimento, que passou a ser requisitado ao pai.

Por vezes, os membros de uma mesma família tinham expectativas distintas. No caso das irmãs Rezende, a menina que tinha 14 anos na época ansiava melhores dias e felizes acontecimentos. Ao falar sobre a viagem, ela comenta:

¹⁰¹ Ilda Maria Salvador dos Reis nasceu em 22 de junho de 1939, em São Miguel, Açores, Portugal. Chegou ao Brasil em 1952. Entrevista concedida à Profa. Dra. Maria Aparecida Pascal em 02 de outubro de 2006, na Casa dos Açores de São Paulo, e cedida para esta pesquisa.

Ai, para mim, foi maravilhoso!! [exaltação] – Agora pra minha mãe, quase que, eu pensei que minha mãe ia morrer, meu irmãozinho que tinha dois aninhos, não, um aninho e pouco mais ou menos... A minha mãe teve que fazer promessa pra ele chegar aqui, de tão mal que ele passava. Quem passava bem era eu e meu pai, não deixava nada de lado, agora eles ficavam sem comer. Para mim era boa, para minhas irmãs já não era, porque estranharam. Foi maravilha, foi uma alegria para mim! [Sobre a chegada] Olha, é uma sensação estranha, eu achei muito quente quando chegamos a Santos! Eu achei assim muito quente! Aquele bafo muito quente! Fiquei assim, com uma sensação muito estranha, que não tem explicação. Chegamos em julho, ficamos o mês de junho na Ilha da Madeira, julho chegamos aqui, mas para mim tudo era festa, eu tinha 14 anos, mas para mim tudo era festa! O meu pai era bom, minha mãe era boa, então o que queria mais?!¹⁰²

Ao mesmo tempo que ansiava uma nova vida, uma nova cidade, Maria percebia com angústia os problemas que afligiam sua mãe no navio. Não era apenas o estado de saúde de seu irmão mais novo que a perturbava, mas também as ansiedades de sua mãe diante da incerteza do que encontraria na nova cidade.

O olhar daqueles que chegavam se dirigia ao que lhes agradava ou desagradava, de acordo com aquilo que já conheciam. O clima, a construção do espaço, as pessoas são geralmente as questões mais elucidativas das memórias. Alguns se referem ao cheiro, aos sabores, às sensações da chegada, outros apenas rememoram fatos que lhes foram mais latentes.

A geração posterior à que veio dos Açores tem uma narrativa objetiva dos fatos quando da descrição da vinda dos seus antepassados. Ao falarem sobre o assunto, esses sujeitos possuem certa distância dos fatos, sem inserir muita emoção, pois para eles essa se transforma em uma história de deslocamento, um fato corriqueiro, mencionando que um familiar partiu de lá em determinado ano e chegou aqui depois de certo tempo, enquanto outros se deslocaram num segundo momento.

¹⁰² Maria Joana Rezende Rodrigues nasceu em 14 de junho de 1939, em São Miguel, Açores, Portugal. Chegou ao Brasil em 28 de julho de 1953. Entrevista concedida à Profa. Dra. Maria Aparecida Pascal em 02 de outubro de 2006, na Casa dos Açores de São Paulo, e cedida para esta pesquisa.

Na minha família, do lado do meu pai, quem veio primeiro em 52, foi meu avô. Veio junto com ele os meus tios João, Gilberto, Nicolau e minha Tia Maria. Eles vieram em quatro filhos prá cá. O restante ficou nos Açores. Aí em 53, veio minha avó com os outros que ficaram lá. Então, meu pai, veio com a minha avó nessa segunda leva. Mas, quem veio primeiro foi meu avô. Do lado da minha mãe, quem veio primeiro foi o irmão mais velho dela. Veio casado de lá, meu Tio Diniz com minha Tia Maria dos Anjos. Eles eram casados, depois que eles estavam aqui já com casa, com tudo mais, eles fizeram uma Carta de Chamada prá minha mãe e pro meu Tio Jacinto virem. Só veio meu Tio Jacinto e a minha mãe. Os meus avós nunca saíram dos Açores. Eles ficaram e morreram nos Açores. Outros irmãos foram prá outros países: Estados Unidos, Canadá. Então, da parte do meu pai, toda a família veio. Da minha mãe, só uma parte dela é que veio, só. Só vieram três irmãos.¹⁰³

Quando questionada sobre os motivos da vinda de seus familiares, aponta os momentos de dificuldades pelos quais passavam e a carta de chamada dos parentes já emigrados. A fragmentação das vindas se dava por motivos financeiros; uma parte dos familiares vinha e a outra aguardava enquanto os primeiros ganhavam dinheiro para pagar as despesas de viagem e habitação no novo país.

Conforme já mencionado, nas cartas de chamada uma pessoa se responsabilizava pela vinda dos compatriotas e também pela situação destes no país. Caso não conseguissem obter êxito em trabalho, moradia ou tivessem qualquer outra eventualidade, o responsável deveria arcar com as despesas, inclusive as de retorno, se fosse necessário.

Uns vinham e começavam a se dar melhor... Porque alguns, não foi o caso nem da família da minha mãe nem da família do meu pai, mas algumas famílias vieram fugindo da Guerra. Para os filhos não irem prá Guerra. Já no caso da minha mãe e do meu pai, não, já vieram, realmente, por dificuldades mesmo. Eram muitas dificuldades que eles tinham lá e então vieram para o Brasil. Então, aqueles que vieram primeiro... tinham que juntar o dinheiro, porque não dava prá todos virem ao mesmo tempo.¹⁰⁴

¹⁰³ A Sra. Maria Leonilda dos Reis Jacob é filha de açorianos emigrados na década de 50. Entrevista concedida em 27 de junho de 2009, na Casa dos Açores de São Paulo.

¹⁰⁴ Depoimento da Sra. Maria Leonilda dos Reis Jacob em entrevista concedida em 27 de junho de 2009, na Casa dos Açores de São Paulo.

Os tempos difíceis em razão da falta de emprego, falta de alimentação, possibilidade de ir para o exército, entre outras questões de cunho econômico, traziam os açorianos em levas distintas para o Brasil, conforme já dito anteriormente, e São Paulo tornou-se um destino atraente para esses sujeitos, que formavam uma rede de relacionamentos e cooperação para readaptar a vida cotidiana e encontrar trabalho. O bairro escolhido começava a ter uma feição luso-brasileira.

Muitas eram as possibilidades que o Brasil oferecia aos açorianos – aqui eles poderiam ter trabalho, ficariam perto de outros membros da família e provavelmente teriam uma vida melhor. Além do mais, propagandas eram elaboradas pelas companhias de navios para estimular a viagem, divulgando imagens do Brasil.



Imagem 19 - Propaganda de Navios Argentinos que passavam pelo Brasil (1955).¹⁰⁵

¹⁰⁵ Cf.: AIRLINE TIMETABLE IMAGES. **List of Shipping Companies**. Disponível em: <<http://www.timetableimages.com/maritime/images/list.htm>>. Acesso em: 22/08/2009.



Imagem 20 - Propaganda de Navios para o Brasil (1951).¹⁰⁶

Em 1947 foi criada a Junta de Emigração de Portugal, por meio do Decreto-Lei nº. 36.558, a fim de estudar as condições de embarque dos emigrantes e verificar os contratos de trabalho, bem como inspecionar os acordos internacionais.¹⁰⁷

Sobre os navios e os meios de transporte, a Junta criou algumas orientações para garantir os direitos dos emigrantes no momento da partida. Fez, a partir do decreto de 1947, algumas exigências às companhias de navegação, incluindo o fornecimento de refeições no dia do embarque, a convocação para embarque quinze minutos antes da hora marcada para a saída do navio e o pagamento de indenização ao emigrante quando houvesse atraso na partida.

¹⁰⁶ Cf.: AIRLINE TIMETABLE IMAGES. **List of Shipping Companies**. Disponível em: <<http://www.timetableimages.com/maritime/images/list.htm>>. Acesso em: 21/12/2008.

¹⁰⁷ LOBO, Eulália Maria Lahmeyer. **Imigração Portuguesa no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 2001. p.229.

LLOYD LATINO
Società Anonima Italiana di Navigazione
CAPITALE L. 1.000.000.000
UFFICIO DI NAPOLI - Piazza Borsa, 8

VIAGGI CELERI PEL BRASILE E PLATA
SERVIZIO COMBINATO
TRE PARTENZE FISSE AL 7-17-27 D'OGNI MESE

Per RIO-JANEIRO, SANTOS, MONTEVIDEO e BUENOS-AIRES
da N.A.P.O.L.I. 27 Luglio 1924 e da Genova (via transatlantico) 29 detto
sul programma postale e 2 macchine ad a 2 stadii ad a combustione liquida

“VALDIVIA”
Società Linea T.O.T. (Linea 438) - Sottile nave 17.78 di tonnellate

Dirige nel viaggio da Genova per Rio-Janeiro, Santos, Montevideo, Rio e per Buenos-Aires (1)
Navi: Montevideo, Santos, Montevideo e Rio

(1) La nave del viaggio sarà composta di un gruppo per ogni parte della traversata che saranno 3 gruppi

PREZZI DI TERZA CLASSE
da NAPOLI per Rio-Janeiro e Santos Lit. 2050; per Montevideo e Buenos-Aires Lit. 2100

	PREZZI DI CLASSE		Bastimenti e Banchette
	Staterello	Staterello	
Prima classe	L. oro 1325 e più	L. oro 1325 e più	L. oro 1550 e più
Seconda classe	L. oro 765	L. oro 765	L. oro 890
Terza classe	L. oro 625	L. oro 650	L. oro 700

In questi prezzi è compreso anche il vino a tavola

N.B. - Si avverte che per la prima e seconda classe, le spese tutte per raggiungere il porto d'origine sono a carico del passeggero. I quali, nel loro arrivo a destinazione, a cui deve dare il passaporto d'origine.

Alle lunghe viaggi sono questi costi sono, raggiunti in meno ad la seconda classe, e quando una persona, la nave, il gruppo e la nave.

AVVISO - Gli emigranti debbono essere a Napoli, nel nostro Ufficio, nella mattina dell' partenza della nave per essere in grado di imbarcarsi e quelle per l'indietro.

Importo dei prezzi per emigranti - Sottile nave 18 - Sottile nave - Montevideo gratis

Per informazioni ed indagine viaggiare al Napoli

Imagem 21 - Companhia Lloyd Latino (1924).¹⁰⁸

As imagens que as companhias forneciam mostravam a beleza do Brasil, especialmente o Rio de Janeiro. Quase todos os anúncios faziam menção às praias, ao Corcovado, ao Pão de Açúcar, ao carnaval, a Carmem Miranda, além dos pastos do sul do Brasil e da Argentina.

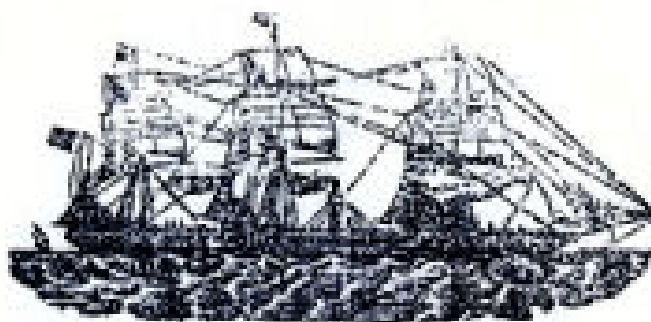
Alguns dos folhetos traziam na capa os valores da terceira classe, que era mais conveniente aos recursos dos emigrantes. Esses muitas vezes tinham de pedir empréstimos para custear a viagem e ficavam devendo aos familiares e amigos até conseguirem trabalhar para arcar as despesas da viagem dos parentes. “A lei portuguesa decretava como emigrante todo passageiro que viajasse em 3.^a classe ou equivalente, abaixo de 2.^a classe.” ¹⁰⁹

¹⁰⁸ Cf.: AIRLINE TIMETABLE IMAGES. **List of Shipping Companies**. Disponível em: <<http://www.timetableimages.com/maritime/images/list.htm>>. Acesso em: 22/08/2009.

¹⁰⁹ EVANGELHO, Judite Toste. **As Viagens em Direitura dos Açores ao Brasil (1922-1926)**. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <http://www.comunidadesacorianas.org/artigo.php?id_artigo=56&idioma=PT>. Acesso em: 22/08/2009.

Muitas das propagandas de navios acabavam não sendo fiéis às condições das embarcações. Várias delas tinham infraestrutura precária e eram totalmente diferentes daquelas mencionadas no momento da venda.

Companhia de N. Lloyd Brasileiro



No dia 15 do próximo mez de Junho chega a esta Ilha o esplendido paquete “**Pacífico**”, a receber passageiros para os portos do Brasil.

Os vrs. passageiros que quizerem seguir nesta viagem venhem, sem demora, vir dar os seus nomes no escritorio de Elias Pinto & Rego—rua Lisboa, n.º 109.

Imagem 22 - Propaganda de navio para o Brasil.¹¹⁰

Essa imagem presente na propaganda do Lloyd Brasileiro era distribuída nas Ilhas a fim de que, depois de tomar outro vapor até Lisboa, os açorianos rumassem para os portos do Brasil.

Os vapores encurtavam consideravelmente o tempo do percurso da viagem, comparados aos veleiros que levavam 6 semanas nesta travessia, enquanto que os vapores demoravam 3 semanas percorrendo o mesmo trajeto. Além da regularidade e da projeção de suas viagens, escalas e desembarques transmitindo assim aos passageiros, uma grande tranqüilidade. Em 1874, João de Sousa Lobo ministro de Portugal, considerava que os progressos trazidos pelos vapores aliviaram mais o sofrimento dos emigrantes do que as leis criadas para os protegerem. [...] De 1922 a 1926

¹¹⁰ Cf.: EVANGELHO, Judite Toste. **As Viagens em Direitura dos Açores ao Brasil (1922-1926)**. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <http://www.comunidadesacorianas.org/artigo.php?id_artigo=56&idioma=PT>. Acesso em: 22/08/2009. A autora aborda os anos em que foi possível fazer viagens diretas para o Brasil. Foi um período de ascensão para a companhia brasileira de navegação, durante o qual os emigrantes saíram de Portugal para diversos destinos brasileiros. “A emigração açoriana para o Rio de Janeiro atravessou um pequeno período especial em que, durante cinco anos (1922-1926), os açorianos dirigiram-se para esta cidade numas carreiras diferenciadas empreendidas pela Companhia de Navegação do Lloyd Brasileiro, denominadas pela publicidade da época de ‘Viagens em Direitura’.”

efetuaram-se as carreiras em direitura, num total de quinze viagens: três em 1922; seis em 1923; duas em 1924; uma em 1925; três em 1926. Durante esses cinco anos, os vapores eram consignados somente a uma companhia de navegação: o Lloyd Brasileiro, representada na cidade de Angra do Heroísmo pelos agentes gerais "Elias Pinto & Rego". Eles se mantiveram ativos sob a sigla referida durante os anos de 1922 a 1927, sempre na mesma cidade. O Sr. E. Cunha Pinto pertencia à sociedade da conceituada Casa Bancária e de Navegação "Borges do Rego" sediada em Lisboa.¹¹¹



Imagem 23 - Propaganda Companhia Lloyd Brasileiro.¹¹²

Entre as companhias que ofereciam transporte para o Brasil estavam, além da brasileira Lloyd, a Companhia Colonial Portuguesa (com os navios Mousinho, Vera Cruz e Santa Maria), a Mala Real Inglesa (Alcântara, Amazon e outros), a Companhia Argentina Doderó (Salta e Corrientes), a companhia Itália, também com dois navios, e a francesa CGTM, com mais dois navios.

As viagens eram longas e cansativas, e ainda muitos ficavam doentes durante o trajeto. As crianças geralmente se divertiam, já que tudo era diferente para

¹¹¹ EVANGELHO, Judite Toste. **As Viagens em Direitura dos Açores ao Brasil (1922-1926)**. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <http://www.comunidadesacorianas.org/artigo.php?id_artigo=56&idioma=PT>. Acesso em: 22/08/2009.

¹¹² Cf.: AIRLINE TIMETABLE IMAGES. **List of Shipping Companies**. Disponível em: <<http://www.timetableimages.com/maritime/images/list.htm>>. Acesso em: 22/08/2009. O Lloyd Brasileiro foi uma companhia fundada em 1890 - inicialmente de passageiros, passando para cargas costeiras e serviços do rio Amazonas. Suas rotas foram expandidas para cobrir o Mediterrâneo, Norte da Europa, América Central e Estados Unidos. No entanto, muitos de seus navios foram abatidos no início de 1990 e a empresa deixou de funcionar pouco tempo depois.

elas; no entanto, muitas não aguentavam a viagem e acabavam doentes ou até morriam.

Nos relatos dos entrevistados nota-se uma grande diferença de percepção quanto à experiência da viagem, variando principalmente em função da idade no momento do deslocamento, as expectativas da viagem, além das angústias e aspirações sobre o que estava por vir em nova terra. Quando comentam como foi a viagem ao Brasil, suas memórias emergem condicionadas às suas respectivas faixas etárias na época, suas percepções sobre o que seria a viagem e principalmente os motivos que levaram à emigração. Os processos pelos quais passaram as famílias açorianas no seu território de origem compõem o arcabouço de questões que permeiam as motivações.

Na decisão de vir para o Brasil o que pesava mesmo era a falta de expectativa dos pais em relação à melhoria de vida para seus filhos. O que eles fariam na ilha? Onde trabalhariam? E ainda tinha a questão das guerrilhas nas colônias africanas, que desmotivava a permanência no local.

Essas dificuldades explicam, sem eufemismos, a grande vaga emigratória da segunda metade do século XIX, quando a descida dos fretes da navegação e a exploração de novos territórios apelaram por mão de obra. Então, a população dos Açores, ainda que em termos populacionais mais não representasse do que 5,7% no total da população portuguesa (dados relativos ao ano de 1878), sempre figurou com uma participação superior aos 10% nos contingentes emigratórios portugueses, entre os anos sessenta e oitenta, ainda que com picos nos anos de 1873 (participaram com 18%), de 1874 (com 17,7%) e de 1877 (com 19,8%). Nos inícios do século XX, entre 1902 e 1916, a emigração mecaelense sempre foi superior à média nacional.¹¹³

Conforme já dito anteriormente, ao longo dos séculos, as ilhas açorianas vêm sendo terras de partida e de chegada, num processo contínuo de idas e vindas. Não só rumo ao Brasil, mas também a outros destinos como Estados Unidos, Canadá e Bermudas, entre outros muitos países, parece haver uma propensão latente à emigração.¹¹⁴ Desde o século XVI o fenômeno emigratório faz parte da memória coletiva desse povo. Seja na colonização do Brasil, seja em processos de

¹¹³ DIAS, Fátima Sequeira. **Os Açores na História de Portugal** – Séculos XIX-XX. Lisboa: Livros Horizonte, 2008. p.15-6.

¹¹⁴ MEDEIROS, Octávio H. R. de; MADEIRA, Arthur B. **Emigração e Regresso no Concelho de Nordeste**. Ponta Delgada: Centro de Estudos Sociais - Universidade dos Açores, 2004. p.15.

crise e instabilidade, a saída das ilhas parece incorporada não só na história dos Açores, mas também nas memórias daqueles que ali vivem e viveram um dia.

Muitas são as controvérsias sobre os motivos da emigração açoriana. Acredita-se, no entanto, que, além do solo vulcânico e das catástrofes naturais, as dificuldades econômicas, sociais e familiares, com destaque para o tipo de propriedade, sua exploração e o atraso tecnológico, seriam as principais motivadoras das saídas em busca de novas terras. Há referências às tensões políticas, às fugas do recrutamento militar, às poucas oportunidades de trabalho e aos baixos salários, acrescentando-se a frágil expressão do setor comercial e industrial, que emperrava o crescimento, contribuindo para as crises de alimentação e outras dificuldades pessoais e profissionais.

Alguns destacaram entre os fatores que motivaram a emigração o desejo de “fazer a América”¹¹⁵. Esses encontraram um quadro favorável na política de emigração portuguesa, marcada pela ambiguidade (repressiva-permissiva), que facilitava as saídas para o Brasil e outras localidades.¹¹⁶

Quanto aos locais de recepção, uma das primeiras referências de destino da emigração açoriana com características sistemáticas foi o Brasil. Neste país, apesar do fluxo variável, há notícias de açorianos nos estados do Maranhão, Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo, mas a presença é maior no Sul do país, com destaque para Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Em São Paulo, podem-se rastrear inenarráveis referências aos açorianos, inclusive vinculando-os a tradicionais famílias paulistas.

Quanto à fase inicial do processo da grande imigração, sabe-se que em finais do século XIX foram localizadas famílias da Ilha de São Miguel nas fazendas da região de Ribeirão Preto (de propriedade de Martinho Prado Jr.) e também em Descalvado, Mogi Mirim, Campinas e Piracicaba.

A escolha da localidade em que se instalariam estava condicionada ao cotidiano vivido nas Ilhas. A profissão e o trabalho no novo país estavam ligados, na maioria das vezes, às aptidões já estabelecidas anteriormente. Quanto às condições em que vinham e para onde iam, cumpre notar:

¹¹⁵ FLORES, Maria Bernadete Ramos. **Povoadores da fronteira**: os casais açorianos rumo ao sul do Brasil. Florianópolis: UFSC, 2000. p.8.

¹¹⁶ PEREIRA, Miriam Halpern. A Política de Emigração Portuguesa (1850-1930). In: TENGARRINHA, José (Coord.). A Historiografia Portuguesa Hoje. São Paulo: Hucitec, 1999.

O emigrante livre, quando não era arrastado pelos engajadores para o interior devido à dívida contraída pela viagem, optava preferencialmente pelos empregos urbanos. Apenas os açorianos procuravam as chácaras dos subúrbios das cidades, para ali instalarem hortas.¹¹⁷

Essa representação do açoriano enquanto sujeito ligado ao meio rural, mantenedor da lavoura em casa, criador de animais e rústico não se limita ao período que vai até 1930. Aqueles que ingressaram no Brasil nas décadas seguintes, embora tivessem ofício e conhecessem o projeto de desenvolvimento da cidade de São Paulo – na época já uma localidade com grande poder de atração para os emigrantes portugueses, contrapondo-se a Portugal e sua tendência de repulsão –, também vinham com uma proposta equivalente. Contudo, tal representação não serve para justificar a todos, mas ainda existe no seu território de origem.

O cultivo da terra em seu espaço ainda era para os açorianos um costume remanescente de sua criação e vida familiar. Assim, além do trabalho nas fábricas, dedicavam-se a instalar e manter em suas moradias as famosas hortas, das quais podiam tirar parte da sua alimentação.

No período de 1950 a 1970 a emigração açoriana se expandiu para outros destinos, como Estados Unidos e Canadá. Nesse período, a emigração teve uma fundamentação distinta daquela verificada no processo de colonização e povoamento dos estados brasileiros do Sul. As saídas estavam relacionadas com as questões econômicas, políticas e administrativas, que fizeram muitas famílias “fugirem” da guerra que se travava nas colônias africanas.

Em 1961, a Índia invadiu Goa, Damão e Diu, e essas possessões portuguesas não foram protegidas pelos organismos internacionais. A ONU queria que Portugal se alinhasse com o movimento de descolonização. Ainda em 1961 eclodiram movimentos de guerrilha na África Portuguesa, primeiro em Luanda, seguidos pelos de Angola, Guiné e Moçambique. Várias interferências internacionais complicaram a guerra, mas Portugal optou por prosseguir-la, envolvendo enormes contingentes militares.¹¹⁸

¹¹⁷ PEREIRA, Miriam Halpern. A Política de Emigração Portuguesa (1850-1930). In: TENGARRINHA, José (Coord.). **A Historiografia Portuguesa Hoje**. São Paulo: Hucitec, 1999. p.195.

¹¹⁸ LOBO, M. E. L. **Imigração Portuguesa no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 2001. p.214.

Muitas famílias optaram pela emigração por conta dos contingentes militares necessários à guerra. Salazar não recuava em suas ordenações e recrutava cada vez mais portugueses de todas as partes para comporem os exércitos. Assim, a partida era uma das saídas para as famílias que não queriam ver seus filhos e maridos nas frentes de batalha.

Cabe lembrar que não houve um único padrão de deslocamento dos grupos familiares, muitos imigrantes eram chefes de família, vieram bem antes de seus familiares que ficaram aguardando em Portugal; outros vieram ainda quando crianças ou jovens, sem a família nuclear; em outros casos, a família nuclear veio junta, mas em alguns deles não permaneceram unidas no novo contexto ou nunca se encontraram e/ou não voltaram a se constituir.¹¹⁹

A cidade de São Paulo foi, para muitas famílias e indivíduos que viajavam sozinhos, uma alternativa de trabalho. A cidade se desenvolvia e precisava de mão de obra; em contrapartida, os açorianos buscavam reconstruir sua vida – essa conjuntura determinava esse movimento de oferta e demanda.

A cada família açoriana que emigrava, parentes e amigos eram deixados para trás. Tornava-se um sonho dos imigrantes um dia poder revê-los e, quem sabe, voltar ao seu país de origem.

Para representar o fenômeno da emigração, a literatura, em grande parte, narrou mais “os sentimentos e efeitos relativos às partidas e chegadas do que propriamente a experiência emigrante”.¹²⁰

[...] É que nas ilhas, onde o tempo e o espaço se condensam, intensificando formas de estar e sentir, tal realidade impõe-se não tanto como fenômeno social em si, mas antes como marca de uma condição existencial de forte sofrimento, emoção e perspectiva universal.¹²¹

A partir de 1950, a Ilha de São Miguel foi a que mais registrou saídas quando comparada às demais ilhas do arquipélago. As motivações de maior

¹¹⁹ DEMARTINI, Zeila Brito Fabri. Imigração, Família e Educação. In: **V Congresso Luso-brasileiro de História da Educação**. Évora, 2003. p.3.

¹²⁰ BATTISTA, Adelaide Monteiro. **João de Melo e a Literatura açoriana**. Lisboa: Dom Quixote, 1993. p.40-1.

¹²¹ Ibidem. p.41.

relevância estão ligadas a condicionantes externas, como a possibilidade de ascensão social no país de destino e as relações familiares nele estabelecidas.

Ainda no que se refere ao processo emigratório nesse período histórico, alguns estudos e pesquisas traduzem as saídas como “estratégias de ordem individual e familiar balizadas em contextos geográficos, econômicos, sociais, políticos e culturais específicos”. No entanto, as razões econômicas foram sempre as que mais pesaram¹²². Embora certas motivações afetivas também estejam presentes no processo de emigração, sabe-se que ele está, normalmente, associado a um baixo nível socioeconômico da família, que, por sua vez, se reflete no fraco capital cultural e simbólico.¹²³

No período de 1950 a 1970, aproximadamente, observou-se uma certa inibição da imigração portuguesa quando o primeiro ministro Antonio de Oliveira Salazar lançou uma política de emprego que se manifestou em três Planos de Fomento. Estes planos previam a expansão e a modernização técnica na agricultura e na indústria, mas por outro lado, houve um desequilíbrio do mercado de trabalho, com o desenvolvimento das forças produtivas. A partir do segundo Plano de Fomento, com a expansão das indústrias e dos serviços houve maior mecanização na agricultura; garantindo assim, mão-de-obra para o setor secundário, resolvendo também o problema do sub-emprego no campo. A consequência, entretanto, foi a estimulação indireta para o êxodo rural e emigração.¹²⁴

O que o governo esperava com sua política de emprego era exatamente o contrário do que se teve em Portugal. Os habitantes dos Açores, território que tinha maior porção de áreas rurais e, conseqüentemente, maior número de mão de obra na agricultura, buscaram a emigração enquanto saída porque não era apenas essa a questão do emprego. No arquipélago as coisas aconteciam de forma mais lenta. Esse plano de fomento trouxe para eles a possibilidade de migrar ou emigrar, e, com amigos e familiares morando em outros países, restava-lhes optar entre partir ou sobreviver com poucos recursos.

¹²² ROCHA, Gilberta Pavão Nunes. **A emigração nos Açores nos séculos XIX e XX** - a necessidade, a solução, a valorização. Ponta Delgada, 2008. Disponível em: <http://www.comunidadesacorianas.org/artigo.php?id_artigo=50&idioma=PT>. Acesso em: 24/08/2009.

¹²³ MEDEIROS, Octávio H. R. de; MADEIRA, Arthur B. **Emigração e Regresso no Concelho de Nordeste**. Ponta Delgada: Centro de Estudos Sociais - Universidade dos Açores, 2004. p.51.

¹²⁴ ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz; CAMPOS, Maria Christina Siqueira de Souza. **Olhares Lusos e Brasileiros**. São Paulo: Usina do Livro, 2003. p.57.

Além disso, faz-se oportuno observar que, com uma sociedade patriarcal, os açorianos tinham na figura do pai e do homem os indicativos de ocupação/função que definiam o status socioeconômico e cultural familiar. Assim, a posição das famílias dependia das conquistas financeiras do homem.

[...] Como nos ensina a Sociologia, era a posição do chefe de família (homem) que determinava a posição da família na estratificação social. Não admira, pois, que os recursos da família e a sua posição (ou melhor, a posição do marido-pai) na escala ocupacional eram por isso assumidos em primeiro lugar como indicadores de pertença cultural.¹²⁵

Às mulheres cabia administrar a casa e cuidar dos filhos. Preferencialmente, deveriam ainda auxiliar os homens em seus afazeres de “roça”. Henrique de Arruda Soares, quando perguntado sobre como era a função da mulher no trabalho com a terra, ratifica tal afirmação:

Olha não havia muita diferença não, a mulher açoriana era pau pra qualquer obra... Tanto na hora de preparação das terras para o plantio, como nas colheitas, elas estavam sempre presente. Minha mãe no início da vida ela é que ia cuidar das vaquinhas, pois meu pai trabalhava na Câmara de Ponta Delgada, ou seja, na cidade e minha mãezinha é que cuidava da labuta diária da casa e da lavoura. Aqui, se sua função era de tecelã, fazia o trabalho de tecelão. Às vezes até melhor do que do próprio homem, não vejo e não vi, pelo menos em minha opinião, diferença nenhuma. Claro, trabalho pesado, como o de se carregar pedra às costas. Como se sabe as ilhas apresentou fortes atividades vulcânicas, e ainda hoje ainda são constatadas, surgindo assim muita formação rochosa no solo. Então era necessário retirarem-se as pedras do solo agricultável e aplicá-las nas linhas de divisas e ou curvas de nível e desse modo se evitaria a lixiviação. Serviços mais pesados naturalmente eram exercidos pelos homens, Mas elas estavam sempre presentes, até na dedicação e preparação das refeições para os homens do trabalho na terra. Lembro-me de levar o almoço, preparado pela minha mãe, aos meus irmãos, quando estavam na lavoura.¹²⁶

As memórias do Sr. Henrique revelam as funções exercidas pela mulher, quer em casa, quer na lavoura. A união dos membros da família era determinante

¹²⁵ ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz; CAMPOS, Maria Christina Siqueira de Souza. **Olhares Lusos e Brasileiros**. São Paulo: Usina do Livro, 2003. p.51.

¹²⁶ Depoimento de Henrique de Arruda Soares – em que faz menção às diferenças entre o trabalho exercido nos Açores por homens e mulheres da família –, em entrevista concedida em 07 de julho de 2008, na Casa dos Açores de São Paulo.

para o desenvolvimento das atividades e o funcionamento do todo. Cada um tinha suas funções. Desde criança, as tarefas eram determinadas por horários.

Apesar da união dos familiares, muitos eram os fatores que faziam com que os açorianos optassem pela e/migração para resolver seus problemas. A ausência de possibilidades de ganhos para os familiares colocava ao chefe da família a responsabilidade de arcar sozinho com o sustento de todos. No entanto, seus recursos, na maioria das vezes, não eram suficientes para a manutenção da casa, das terras, nem mesmo de todos os filhos.

Das questões que permearam a decisão de partir às circunstâncias que permitiram a saída dos Açores, há algumas ponderações que sem dúvida fizeram parte das preocupações das inúmeras famílias que passaram pela experiência de partir. Nesse processo, inquestionavelmente, havia fases: “a decisão de partir, os preparativos, a viagem, no país de destino a primeira instalação, a inserção, a decisão de fixação definitiva ou regresso e, neste último caso, a reinserção no país de origem.”¹²⁷

Expectativas, aspirações, sonhos, desalentos e resistências culturais colocadas no cotidiano e no enfrentamento do dia-a-dia tornaram-se, assim, objetos de investigação, com histórias de vida constituindo-se em exemplos emblemáticos da epopéia dramática em que sempre se constituiu o ato de abandonar o conhecido e o familiar em prol do desconhecido e da solidão no além-mar.¹²⁸

Do momento da decisão de partir até a concretização da mudança, muitas eram as fases do percurso. Tinham de decidir o que levariam, com quem deixariam certos pertences, a parte da família que ficaria aguardando recursos financeiros para a viagem de navio, entre outras questões que sucediam à decisão. O desconhecido sempre fez parte das histórias de vida daqueles que optaram pela emigração.¹²⁹ Os

¹²⁷ ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz; CAMPOS, Maria Christina Siqueira de Souza. **Olhares Lusos e Brasileiros**. São Paulo: Usina do Livro, 2003. p.100.

¹²⁸ MENEZES, Lená Medeiros de. Jovens Portugueses: Histórias de Trabalho, Histórias de Sucessos, Histórias de Fracassos. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). **Histórias de Imigrantes e de Imigração no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000. p.166.

¹²⁹ As inquietações das viagens são abordadas na obra literária que foi capaz de, de forma romantizada, exibir as sensações, medos, sonhos e esperanças do emigrante: “E, esse drama na sua significação mais profundamente humana, mais universal e imediata, é o da luta por um destino individual e coletivo sem fome, sem medo e sem angústia, através de uma sociedade de implacáveis alienações.” CASTRO, Ferreira de. **Emigrantes** - Romance. Lisboa: Portugália Editora, 1966. p.16.

enfrentamentos para esse ato resultaram na construção de uma nova vida, seja para aqueles que ficaram, seja para os que regressaram.

Para os que ficaram as mudanças também são inquestionáveis, pois revelam uma sociedade que também teve de se adaptar a uma estrutura em constante transformação, além das mudanças políticas e administrativas pelas quais o país passava nesse período histórico.

Apesar da emigração ser a principal variável determinante na evolução demográfica dos Açores, responsável pelos ritmos de acréscimo e decréscimo da sua população, das inversões de tendência populacional verificada em algumas épocas, como ainda nas alterações de ordem estrutural, tanto a nível do equilíbrio entre os sexos ou entre as diferentes idades, o facto é que a sua presença se faz sentir de um modo muito mais abrangente em toda a sociedade. Nas características e nas relações sociais, económicas e culturais da população açoriana a emigração esteve e está bem presente e não pode ser negligenciada quando se pretende conhecer a sociedade do conjunto do arquipélago ou de uma das suas partes – ilha, concelho ou freguesia – em qualquer época histórica.¹³⁰

Na história dos Açores o ritmo da emigração se mostra descontínuo, com períodos de altos números de saídas e outros com números reduzidos. Em estudos sobre o fenómeno emigratório, verifica-se que entre os anos de 66 e 75 as saídas tiveram seu valor mais alto – cerca de 10.800 pessoas/ano, num total de 108.000.¹³¹ Embora o Brasil não tenha sido o destino mais procurado pelos açorianos nessa época, a trajetória da emigração portuguesa deixou marcas significativas no país.

Informação recente do Instituto de Apoio à Emigração e às Comunidades Portuguesas revela que o Brasil é a nação onde se radicou o maior número de portugueses ausentes do seu país. Foi neste país, ainda, que a integração dos portugueses se realizou de forma mais efetiva. Hoje podemos encontrar membros da comunidade luso-brasileira ocupando postos de destaque nos mais diversos segmentos da sociedade brasileira. Com elementos fornecidos pelas embaixadas e consulados portugueses, bem como por estimativas obtidas através do relatório SOPEMI OCDE-1979, aquele organismo da Secretaria, de Estado da Emigração e Comunidades Portuguesas, assinala, no Brasil, a presença de 1 milhão e 200

¹³⁰ MEDEIROS, Octávio H. R. de; MADEIRA, Arthur Boavida. **Emigração e regresso no Concelho da Povoação**. Ponta Delgada: Centro de Estudos Sociais - Universidade dos Açores, 2003. p.06.

¹³¹ ROCHA, Gilberta Pavão Nunes. **A emigração nos Açores nos séculos XIX e XX - a necessidade, a solução, a valorização**. Ponta Delgada, 2008. Disponível em: <http://www.comunidadesacorianas.org/artigo.php?id_artigo=50&idioma=PT>. Acesso em: 24/08/2009.

mil portugueses. Em 2.º lugar vem a França com 823.000, seguida da África do Sul, com 600.000 portugueses. O Canadá, reunindo cerca de uma quarta parte dos portugueses do Brasil, ou seja, 240.000 vêm em quarto lugar e, logo depois, em 5.ª e 6.ª posições, os Estados Unidos da América do Norte com 123.000 e a Alemanha com 111.915. As nações nas quais os portugueses menos se radicaram são: Mauritânia (apenas 1, segundo estimativa referente a 1978); Santa Fé, China e Gâmbia (dois em cada país); Islândia e Malásia (3, também em cada país). Na Argentina estão radicados 60.000 portugueses, precisamente o dobro dos que vivem na Espanha e em Luxemburgo. A Venezuela acusava, em 1980, a presença de 140.000; o Uruguai 1.400 e a Bolívia, 70.¹³²

Houve entre aqueles que permaneceram no Brasil uma identificação que acabou transformando o sonho de retorno. Muitos querem retornar à sua terra natal para revê-la, mas, quando questionados sobre voltar definitivamente, relutam em aceitar a ideia.

Não sei se eu voltaria, eu acho uma vida meia... até se me ocupar, tiver uma ocupação, eu acho a gente quando vai passear é uma coisa, pra morar é outra coisa. Até se eu me ocupasse em alguma coisa. Se eu fosse fazer um trabalho, se eu tivesse trabalhando e tal eu acho é claro, poxa, acha que eu não vou me acostumar na minha terra, como é que vai fazer?... Mas de todos esses países que eu vi eu não me acostumaria fora de São Paulo não!¹³³

Com o passar do tempo, a estabilidade e a vida em seu rumo, fica difícil uma tentativa de retorno. A terra natal fica “esquecida” ou “adormecida” por conta de outras questões. A fixação definitiva é uma regra praticamente geral, pois se observa ao longo dos processos que a emigração familiar tende a dificultar o retorno. Com os filhos nascidos e sendo educados em outro país, surgem obstáculos para a decisão de retornar. Para os que têm sucesso, a possibilidade de retorno definitivo diminui ainda mais.

Em estudo¹³⁴ sobre o retorno à Ilha de São Miguel, em especial ao Concelho de Nordeste, que é um dos lugares mais rurais da ilha, podem-se observar as

¹³² Cf.: CONSELHO DA COMUNIDADE LUSO-BRASILEIRA DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Boletins**. Edição 2. Maior população portuguesa ausente do país vive no Brasil. Disponível em: <<http://www.cclb.org.br/boletins/boletins02.htm>>. Acesso em: 21/08/2009.

¹³³ Depoimento do Senhor Manoel de Medeiros, em entrevista concedida em 03/06/2008, em sua indústria.

¹³⁴ MEDEIROS, Octávio H. R. de; MADEIRA, Arthur B. **Emigração e Regresso no Concelho de Nordeste**. Ponta Delgada: Centro de Estudos Sociais - Universidade dos Açores, 2004. p.77.

razões do regresso entre os emigrados que permaneceram por um período de dois ou mais anos e tinham como objetivo assentar-se de vez no país. O quadro apresentado a seguir exibe as razões mencionadas:

Quadro 1 - Principais razões do regresso¹³⁵

RAZÕES	%
Já tinha atingido os objetivos	38,9
Não conseguiu integra-se	11,6
Porque o país já está reformado	0,0
Porque estava desempregado	2,1
Por questões familiares	14,7
Por questões de educação dos filhos	5,3
Porque tinha bens no país de origem	2,1
Por motivos de saúde	11,6
Outras razões	13,7
TOTAL	100,00

Os açorianos da emigração são hoje, pelo seu número e pela sua diversidade, um vasto prolongamento da unidade e da diversidade dos Açores. São continuadores, descendentes, representantes de um conjunto de tradições, de uma língua e de uma cultura – de que não têm que se envergonhar. Enquanto conhecem a sua língua materna, enquanto lembrarem as suas terras e as suas festividades, enquanto conservarem, ainda que só reminiscências da história do seu povo, estão a constituir uma comunidade autêntica, assente nos laços de sangue e de cultura.¹³⁶

Nessa colocação percebe-se um discurso pautado na construção da açorianidade, como ponto-chave para os que desconstruíram e reconstruíram suas vidas e encontraram, de alguma forma, um meio de continuar alguns de seus traços culturais.

As formas como cada indivíduo busca suas raízes e como articulam grupos remetem a uma questão: a necessidade de se construir um “ser açoriano”, uma identidade específica. Assim:

¹³⁵ MEDEIROS, Octávio H. R. de; MADEIRA, Arthur B. **Emigração e Regresso no Concelho de Nordeste**. Ponta Delgada: Centro de Estudos Sociais - Universidade dos Açores, 2004. p.77 - “Quadro 28 - Principais razões do regresso”.

¹³⁶ PIRES, António M. B. Machado. Emigração, Cultura e Modo de Ser Açoriano. **Revista Lusitana**. Instituto Nacional de Investigação Científica, 1981. p.17. Disponível em: <http://www.fl.ul.pt/unidades/centros/ctp/lusitana/rlus_ns/rlns01/rlns01_p7.pdf>. Acesso em: 20/08/2010.

Esparramados pelas brumas do mar que pontilharam muitas terras, notadamente ao longo dos séculos XVIII a XX, ilhéus açorianos realizaram a diáspora e passaram a constituir uma comunidade internacional. Desafiados sim, muitos emigraram, tangidos pela alma partida, em busca de trabalho, de meios concretos de sobrevivência, para além mar, a sangrar horizontes, na expectativa de encontros e de reencontros. Foi a saída. Por onde ancoraram, suas marcas, sua herança cultural buscou espaço, apesar de reveses. Essa história e suas particularidades, captada não só no aparente tem sido buscada com vivo e incessante interesse pelos próprios emigrados na contemporaneidade, como pelos descendentes daqueles que há mais tempo partiram para outras plagas. Qual surto, como uma "epidemia", alastrou-se a busca pela origem de base açoriana, com vigor tal que a genealogia ganhou espaço e dimensão como nunca dantes. A pergunta a ser feita é: por que esse interesse? Por que essa busca? Por que esse resgate de origens?¹³⁷

A abordagem acerca da continuidade das raízes e da busca das origens foi por muito tempo de interesse da História. Agora, trata-se de uma tendência daqueles que efetivamente valorizam o passado e os antepassados, pois sem história ninguém se reconhece nesse ambiente cada vez mais igual e tão diferente.

No discurso com base na açorianidade¹³⁸, percebe-se que a valorização das memórias e das histórias da imigração se dá à luz de muitas discussões acadêmicas. E, com essa identificação entre os membros de um grupo, passou a ser importante para os indivíduos ter uma identidade de suas raízes. Também há a questão política, que traz, sob novos interesses, a organização dos grupos para trocar ideias, informações e demais proveitos bilaterais.

Segundo estudos sobre essa questão,

A idéia de açorianidade vai significar, ao longo do século XX, um esforço sistemático e permanente de intelectuais e organizações açorianas para fixar – primeiramente no espaço nacional português e, conseqüentemente, nas comunidades transnacionais de imigrantes e descendentes – um espaço da diferença constitutivo da identidade cultural regional das populações do Arquipélago. Este esforço teve origem em fins do século XIX no bojo das tensões políticas e movimentos autonomistas da região em relação ao poder central em Lisboa,

¹³⁷ BARROSO, Vera Lucia Maciel. **O passado como passaporte do futuro**. 2009. Disponível em: <http://www.comunidadesacorianas.org/artigo.php?id_artigo=59&idioma=PT>. Acesso em: 20/09/2009.

¹³⁸ A açorianidade é uma ideia concebida pelo escritor Vitorino Nemésio (1932). O enredo de suas obras literárias gira em torno da fixação dos valores que representam a identidade cultural do povo ilhéu.

aparecendo como um discurso de tipo culturalista, justificador da singularidade da “alma açoriana”, a açorianidade vai caracterizar a região como uma comunidade de descendência com costumes e maneiras de ser próprios.¹³⁹

A partir da vinda para o Brasil, uma nova vida se organizava, e os caminhos eram trilhados de forma a reorganizar espaços de memória, como é o caso da Casa dos Açores de São Paulo, palco de identificação entre os sujeitos, com suas festas religiosas responsáveis pela reconstrução das identidades açorianas na cidade.

As memórias de alguns protagonistas dessa história podem ser representadas conforme suas visões da história comum, do trajeto e da inserção na história de uma nova cidade, um novo país.

O guardião ou o mediador, como também é chamado, tem como função primordial ser um “narrador privilegiado” da história do grupo a que pertence e sobre o qual está autorizado a falar. Ele guarda / possui as “marcas” do passado sobre o qual se remete, tanto porque se torna um ponto de convergência de histórias vividas por muitos outros do grupo (vivos e mortos), quanto porque é o “coleccionador” dos objetos materiais que encerram aquela memória.¹⁴⁰

Das memórias fazem parte os instrumentos e objetos que de alguma forma dizem algo sobre o passado, individual ou coletivo; eles são dotados de marcas que falam por si. Os passaportes, as propagandas, as cartas, os depoimentos sobre o passado se inserem num contexto capaz de falar sobre o tempo, sobre os fatos e sobre os atos que trouxeram para a atualidade visões distintas da história, até então narrada e cristalizada pelos documentos oficiais.

No próximo capítulo, o tema em destaque são as festas nos Açores, que foram e são até o momento um elo com o passado, trazendo elementos antigos e novos a partir de sua gênese e formando o que se pode chamar de materiais de memórias, individuais e coletivas.

¹³⁹ LACERDA, Eugênio Pascele. **O Atlântico Açoriano**: uma antropologia dos contextos globais e locais da açorianidade. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Centro de Filosofia e Ciências Humanas - Departamento de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina, . Florianópolis, 2003. p.56.

¹⁴⁰ GOMES, Ângela de Castro. A guardiã da memória. **Acervo** - Revista do Arquivo Nacional. Vol.9, n.1/2. Rio de Janeiro, jan./dez. 1996. p.07.

CAPÍTULO 2 - AÇORES: RELIGIÃO, CICLOS E REPRESENTAÇÕES CULTURAIS

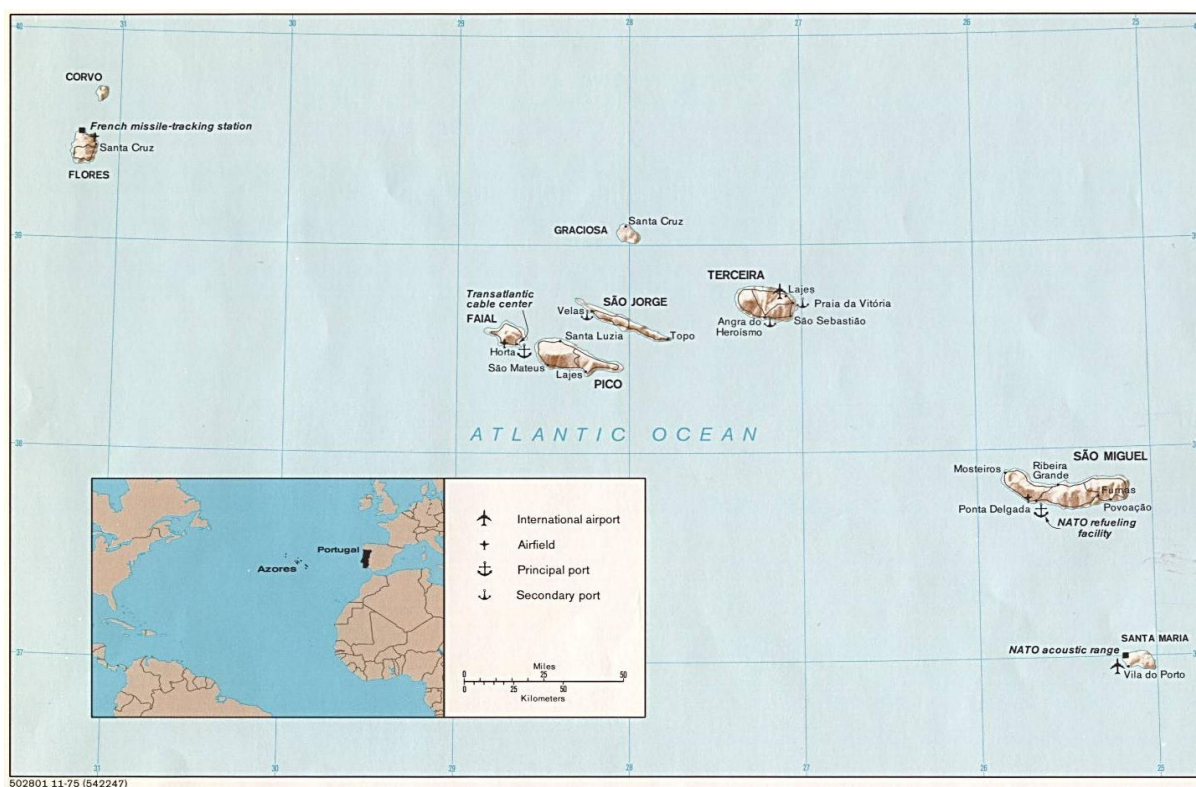


Imagem 24 - Mapa de Localização das Ilhas Açorianas.¹⁴¹

¹⁴¹ Mapa de localização das nove ilhas do Arquipélago dos Açores: Flores, Santa Maria, Faial, Pico, Terceira, São Miguel, Corvo, São Jorge e Graciosa. Crédito: Central Intelligence Agency (CIA). Fonte: MAPAS PORTUGAL. Disponível em: <http://www.mapas-portugal.com/Mapa_Ilhas_Acores_Portugal.htm>. Acesso em: 20/10/2010.

Neste capítulo serão apresentadas as articulações elaboradas a partir dos conceitos de sagrado e profano, enfatizando a religiosidade em Portugal como ponto de partida para repensar a construção das festas nos Açores. Busca-se abordar a construção social das festas e os motivos que levaram à sua permanência até os dias de hoje tanto nas ilhas açorianas como no continente e nos países onde os açorianos se fixaram.

Essa dicotomia entre o sagrado e o profano é trabalhada, a partir de suas fronteiras, como algo dinamizado pela própria conceitualização, também observada nos comportamentos dos participantes dos rituais, não como formas conceituais, mas como ações de suas realidades, em suas construções socioculturais. Como forma de repensar suas interações com as questões de fé e sua participação ativa nas ações pautadas nos preceitos religiosos, os itens apresentados são dimensionados a partir das questões políticas, sociais e culturais em conjunto com a representação da religiosidade católica.

Neste capítulo se discutirá também a respeito do calendário festivo anual das ilhas açorianas, que inclui os bodos do divino, sua tradicional culinária e os ciclos da festa, no qual se estabelecem os dias santos e as comemorações propriamente ditas.

Para exemplificar a manutenção atual das festas religiosas nos Açores, pretende-se apresentar as festas do Divino em freguesias da Ilha Terceira, como Vila Nova e Santa Luzia, e a festa do Senhor Santo Cristo dos Milagres de Ponta Delgada, em São Miguel, ambientes distintos de criação e de formação socioespacial que ora se distanciam, ora se aproximam enquanto apropriações do sagrado.

2.1 ENTRE SAGRADO E PROFANO: RELIGIÃO E FRONTEIRAS

A religiosidade dos açorianos¹⁴² é evidenciada em seu comportamento cotidiano, fazendo-se presente, por exemplo, na forma de organizar os padrões da

¹⁴² “[...] os açorianos são profundamente crentes e manifestam a sua devoção e fé de uma forma veemente. Os santos a que os fiéis apelam, os ritos praticados e as crenças formuladas são católicos. A população vive a religião cerimonial esperançosa de salvar a alma do Inferno e, por isso,

família, a casa e a educação, num emaranhado de condicionamentos sociais e culturais. Assim, parte-se da ideia de que a religião participa de tudo o que é social, sendo um produto humano produzido pelo homem sobre ele mesmo,¹⁴³ fazendo parte de seus hábitos, costumes e de suas tradições.¹⁴⁴

Ao destacar essa concepção de religiosidade dos açorianos, o presente estudo parte do pressuposto de que os princípios por eles vividos devem ser entendidos tanto como uma compreensão de mundo que envolve todas as práticas sociais, individuais e coletivas sob a forma de normas de conduta, comportamentos e divisões do cotidiano, ou ainda como apreensões transmitidas entre as gerações que permaneceram temporalmente. Ao se relevar essa conotação, percebe-se que as representações de como se organizam as esferas da religião também partem de tênues regiões de fronteira entre o que é sagrado e o que é profano na vida cotidiana dos indivíduos que delas participam.

Os pressupostos advindos da forma como a Igreja exerce influência nos sentidos e significados dos rituais religiosos, especialmente das festas do Espírito Santo, representam, de certa forma, uma construção mental. “O culto do Divino Espírito Santo constitui porventura a maior manifestação da religiosidade popular açoriana.”¹⁴⁵

Essa formação dos conceitos e seguimentos de fé parece estar intrinsecamente ligada à questão do que é ser religioso, que também é uma forma de construção social, advinda da própria formação da história do catolicismo em Portugal.

cumprir os sacramentos do Baptismo, da Confirmação, da Confissão, da Eucaristia e da Extrema-Unção, festeja o Natal e a Páscoa, enterra-se nas Igrejas e exercita a caridade e a solidariedade através das Confrarias e Misericórdias.” COSTA, Susana Goulart. **Açores: Nove Ilhas, Uma História**. Tradução de Rosa Neves Simas. Berkeley - Califórnia: Institute of Governmental Studies Press, University of California, 2008. p.144.

¹⁴³ Este estudo menciona a questão da religiosidade dos portugueses em relação à religiosidade nos demais países da Europa, fazendo uma análise do comportamento e da crença do país, ponderando as gerações e a dinâmica cultural. “Os rasgos que caracterizam o catolicismo português são uma elevadíssima confiança na instituição eclesial, uma identidade católica alta, uma prática religiosa não tão alta como a sua identidade (embora superior à média do conjunto dos países comparados) e um alto nível de crença em Deus.” MENÉNDEZ, Millán Arroyo. *Religiosidade e Valores em Portugal: Comparação com a Europa e a Espanha Católica*. **Análise Social**. Vol.XLII (184). Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Lisboa, 2007. p.779.

¹⁴⁴ A tradição pode ter como acepção o “conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas [...], de natureza ritual ou simbólica, [que] visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado”. HOBBSAWM, Eric J.; RANGER, Terence. **A Invenção das Tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 1997. p.09.

¹⁴⁵ MELLO, José de Almeida. **Grandes Festas do Espírito Santo de Ponta Delgada**. Ponta Delgada: Publiçor, 2009. p.11.

[...] os rasgos que caracterizam a religiosidade portuguesa seriam: uma elevada confiança na instituição eclesiástica; uma alta identificação religiosa com o catolicismo; uma prática religiosa não tão elevada como a sua identidade católica (embora superior à média dos oito países), expressa mais na oração individual do que na assistência à missa; um elevado nível de crença em Deus, claramente relacionado com o Deus pessoal da tradição católica, embora mantendo em simultâneo mais cepticismo do que fé nas crenças no além. A religiosidade dos portugueses não está tão assente, como noutros países, numa crença no além, mas parece guardar maior relação com aspectos mais mundanos, menos transcendentais. Parece-nos, neste ponto, que estará relacionada com os valores mantidos pela instituição eclesiástica, com a confiança depositada na mesma enquanto garante da ordem moral e enquanto guia de princípios.¹⁴⁶

Os valores criados revelam os significados da própria conceituação da palavra religião, considerada uma lente interpretativa, observada por diversas formas de análise. Seja qual for o enfoque da interpretação – sob o prisma social, cultural, psicológico ou outro –, criam-se diferentes conjuntos de dados,¹⁴⁷ que dependem do olhar direcionado.

Neste estudo, a opção pela abordagem voltada à esfera social, permeada pelas questões resultantes da construção cotidiana, se deu a partir das observações do próprio conceito de festa¹⁴⁸, que, inserida num contexto mais amplo, faz parte de um fenómeno que, ao mesmo tempo, traz formas de sociabilidade e fé.

A organização social dos açorianos, entremeada pela simbologia das festas e demais atividades cotidianas ligadas à religiosidade, reflete-se em suas ações pautadas pelos costumes anteriores, como forma de manutenção dos significados e (re)significados dinamizados ao longo dos anos. Assim, a religião apresenta-se como “uma forma de mediação específica que leva em conta o carácter ilimitado do desejo humano e explica o mundo finito, colocando-o em relação com o horizonte

¹⁴⁶ MENÉNDEZ, Millán Arroyo. Religiosidade e Valores em Portugal: Comparação com a Europa e a Espanha Católica. **Análise Social**. Vol.XLII (184). Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Lisboa, 2007. p.761. Esse trabalho aborda a concepção da religiosidade católica numa abordagem comparativa entre Portugal, Espanha e a Europa Católica, tentando compreender os princípios e fundamentos que levam a essa construção.

¹⁴⁷ Para as mais variadas interpretações do universo religioso ver: PADEN, William E. **Interpretando o Sagrado**: Modos de Conceber a Religião. São Paulo: Paulinas, 2001. p.20.

¹⁴⁸ “Festa é um contexto, um ambiente, um fenómeno cultural global não reduzível a ritual ou cerimônia, nem mesmo a uma atitude.” VELASCO, H. M. **Tiempo de Fiesta**. Madrid: Tres-catorzedieciséte, 1982.

infinito [...]”.¹⁴⁹ Essa explicação do mundo ocorre pelo sentido que a fé realça no cotidiano daqueles que dela participam, considerando os símbolos e significados das ações e manifestações da fé.

Os símbolos e os sentidos de todos os objetos e instrumentos usados durante essas festividades adquirem forma sagrada, haja vista que representam o tempo santo, tempo de penitência, de glorificação e de agradecimento. Dos significados de cada símbolo emerge a questão: como os instrumentos podem ser formas de dominação que, ao mesmo tempo, encontram-se num outro território fora da Igreja, exercendo, de certa maneira, uma forma de controle da formação dos rituais durante o tempo das festividades?

Da análise dessas formas de poder obtém-se um aprofundamento dos possíveis condicionamentos sociais da religiosidade, o que permite conhecer e interpretar vestígios percebidos no cotidiano e nas esferas e limites fronteiriços do sagrado e do profano. Dessa forma, a religião, considerando-se as festividades do Divino enquanto fenômeno social, e as formas pelas quais se manifesta podem ser indicadas no contexto dos Açores como meio de representação dos comportamentos, das relações sociais e da manutenção dessa tradição.¹⁵⁰

Tendo em vista o contexto de Portugal e os preceitos da Igreja Católica, do ponto de vista sociológico, parte-se da ideia de que a religião participa de tudo o que é social, sendo um produto humano produzido pelo homem que reage sobre ele mesmo.¹⁵¹ Essa afirmação, de algum modo, relaciona-se com a construção social das festividades nos Açores, já que toda ou quase toda festa que acontece nas ilhas tem um elo com o calendário cristão e os dias santos.

Observando-se as postulações da religião como formas de ordenamento, pode-se dizer que a religiosidade atua em vários níveis, sendo capaz de englobar toda a vida do homem:

¹⁴⁹ CRESPI, Franco. **A Experiência Religiosa na Pós-Modernidade**. Bauru, SP: EDUSC, 1999. p.15.

¹⁵⁰ Essa imagem de açoriano devoto, crente, com seus comportamentos advindos da religiosidade, pode ser vista em termos de construção da vida cotidiana. “Pensamos que o Culto do Divino Espírito Santo nos Açores acima de tudo é uma fé milenar, vivida, enriquecida, transmitida, perene; que é um elemento aglutinador no tempo e no espaço de uma forma bem específica de o Açoriano estar no mundo, de ser crente.” MARTINS, Francisco Ernesto de Oliveira. **A Festa nos Açores**. Açores, Portugal: Serafim Silva Artes Gráficas/ Maia, 1992. p.304.

¹⁵¹ BERGER, Peter. **El Dosel Sagrado**: Elementos para una sociología de la religión. Buenos Aires: Amorrortu, 1971. p.13.

O mundo religioso expressa-se em vários níveis e formas: a nível cognitivo, através de crenças e teologias; a nível normativo, através de preceitos e obrigações; a nível expressivo, através de símbolos, ritos e práticas; e a nível organizativo, através de estruturas e agentes religiosos.¹⁵²

Nesse sentido, pode-se afirmar que a vida cotidiana da comunidade açoriana era, em algumas freguesias, fundamentada nos preceitos religiosos, de maneira que os membros das famílias tinham suas crenças, obrigações, práticas religiosas, ritos e símbolos como forma de dar continuidade à cultura dos antepassados, a exemplo da Festa do Divino. Ainda pensando nesses níveis supracitados, há a questão dos agentes religiosos, que podem ser entendidos como os párocos ou ainda como os organizadores dos rituais que ocorrem nas ilhas.

Considerando a ideia de que “o grupo produz e projeta o poder simbólico que será exercido sobre ele e ao fim do qual se constitui”¹⁵³, a religião, classificada como simbólica, interage com outras formas de ordenamento, sendo essa uma forma de subordinação e hierarquização. Esse tipo de poder existe porque o indivíduo acredita na existência do sagrado, e isso lhe confere autoridade, mesmo que seja por meio de elementos simbólicos, como sucede com a Igreja Católica, que confere prestígio e autoridade aos seus dirigentes, os bispos e padres, de forma mais direta, no sacramento da Ordem.

A religião, por intermédio de seus representantes, utiliza símbolos¹⁵⁴ sagrados cujas ordens se estabelecem de forma hierárquica. Essa característica faz da Igreja Católica, por exemplo, uma instituição com autoridade, além de religiosa, política e social, com respeitabilidade notória e real influência social, podendo dar ensejo à exclusão ou inclusão de qualquer membro.¹⁵⁵

¹⁵² LENZ, Matias M. **Função Social da Religião em uma Sociedade de Classes**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), PUC-SP, São Paulo, 1984. p.04.

¹⁵³ BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007. p.56.

¹⁵⁴ “O que é em que consiste, o que pode ser chamado símbolo? Entendo-o como a revelação sensível e manifesta do sagrado.” TRIÁS, Eugenio. Pensar a religião: o Símbolo e o Sagrado. In: VATTIMO, Gianni; DERRIDA, Jacques (Orgs.). **A religião: o seminário de Capri**. São Paulo: Estação Liberdade, 2000. p.117.

¹⁵⁵ PEREIRA, José Carlos. Religião e Poder: Os símbolos do poder sagrado. **CSOnline** - Revista Eletrônica de Ciências Sociais. Ano 2, n.3. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFJF- Universidade Federal de Juiz de Fora, maio de 2008.

A religião exerce diversas formas de influência, para que a crença nos sacramentos,¹⁵⁶ nas práticas religiosas de qualquer espécie, incluindo orações, rituais e ações, possa interferir em suas relações sociais, transformando a vida cotidiana e seus momentos diversos.¹⁵⁷

A Religião Católica pode ser entendida como um sistema simbólico e um veículo de poder e de política porque sua temática refere-se diretamente à ordem das coisas. A estrutura e organização deste sistema simbólico, na qual está amoldada a religião, deriva da seguinte forma: “Tanto pelo fato de que os sistemas simbólicos derivam sua estrutura, o que é tão evidente no caso da religião, da aplicação sistemática de um único e mesmo princípio de divisão e, assim, só podem organizar o mundo natural e social recortando nele classes antagônicas, como pelo fato de que engendram o sentido e o consenso em torno do sentido por meio da lógica da inclusão e da exclusão, estão propensos por sua própria estrutura a servirem simultaneamente a funções de inclusão e exclusão, de associação e dissociação, de integração e distinção.”¹⁵⁸

Essas relações entre o poder, o interesse, a crença e a simbologia são, de certa forma, vistas no cotidiano dos açorianos nas experiências de devoção, de agradecimento ao solo pelo alimento, de renovação dos seus preceitos de fé, ou em qualquer outra forma de apelo ao mundo espiritual. Desde o ato de ir à missa aos domingos até as rezas, romarias e demais atos rituais, se observa que essas atividades se encontram atreladas às formas de sociabilidade da Igreja.

O homem religioso assume um modo de existência específica no mundo, e, apesar do grande número de formas histórico-religiosas, este modo específico é sempre reconhecível. Seja qual for o contexto histórico em que se encontra o *homo religiosus*, que transcende este mundo, que aqui se manifesta, santificando-o e tornando-o real.¹⁵⁹

¹⁵⁶ “[...] os principais instrumentos de dominação da Igreja foram a consolidação da Teologia e a prática dos Sacramentos.” LE GOFF, Jacques. **O Deus da Idade Média**: conversas com Jean-Luc Pouthier. Tradução de Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p.88.

¹⁵⁷ A religião pode ser vista “como um sistema unificado de crenças e práticas relativas a coisas sagradas, que, segundo ele, são coisas separadas e ou proibidas. Pois, é um ‘fato social’, que surge das relações sociais, nas sociedades simples, associadas a outros fatos sociais; mais tarde, com seu desenvolvimento, chegaria a ganhar vida própria.” ROSA, Merval. **Psicologia da Religião**. 2ªed. Rio de Janeiro: JUERP, 1979. p.42.

¹⁵⁸ PEREIRA, José Carlos. Religião e Poder: Os símbolos do poder sagrado. **CSOnline** - Revista Eletrônica de Ciências Sociais. Ano 2, n.3. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFJF- Universidade Federal de Juiz de Fora, maio de 2008. p.85. O autor cita: BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1992. p.30.

¹⁵⁹ ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. A Essência das Religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p.164.

A religiosidade estabelece um vínculo de gratidão pelo trabalho e pelas atividades cotidianas, além das graças alcançadas, e pode-se dizer que, de alguma forma, também cria formas de interação social. O indivíduo que segue a religião e nela acredita assume a transcendência desse mundo, ou seja, crê no mundo espiritual, passando a assumir determinadas regras que considera serem necessárias para seguir a vida.

Ao perceber essas esferas advindas da fé e das menções ao sagrado, a vida cotidiana se modela de forma a ter um ordenamento do dia, o que se pode notar nas colocações do tempo da família. Quando comenta o cotidiano familiar, o Sr. José de Arruda Soares lembra-se da noite em sua casa, e também da divisão de afazeres, que se dava tanto no trabalho como nas festas, e ainda nas orações e demais práticas cotidianas.

[...] e ali [refere-se à casa durante o final do dia] você rezava o terço de noite todo dia, na copa, que era um quartinho onde minha mãe ficava grávida, né? Um quartinho ali e coisa, tinha a cômoda, tinha Nossa Senhora, a gente rezava o terço todo dia à noite e aí a gente não podia brincar, não podia fazer nada que meu pai já “porrada” pra cabeça... [risos]¹⁶⁰

As atividades da família tinham uma dinâmica que marcava o cotidiano dos filhos e revelava uma educação religiosa severa, denotando que os condicionamentos religiosos foram sendo incorporados ao longo das gerações. Nas colocações supracitadas percebe-se que os pais educavam as crianças numa sistemática com tempos definidos para orações. Dessa forma, orientavam-nas de forma a transmitir a tradição religiosa.

Quando rememoram os dias de festa, os entrevistados referem-se sempre a datas em que havia o entrelaçamento dos fatos cotidianos com a religião, ou a datas em homenagem a “santos”. Ao serem questionados sobre as festas de que se lembram com mais facilidade, logo vêm à mente os casamentos, as festas do Divino Espírito Santo, do Santo Cristo dos Milagres, cabendo notar que as relações sociais se fazem presentes em todos os momentos das festas, desde a confecção dos pratos até os rituais, passando pelo auxílio mútuo entre os parentes e amigos, as relações de amizade, de companheirismo e cooperação.

¹⁶⁰ José de Arruda Soares comenta os momentos de reza na sua casa e como era a dinâmica desse “tempo”. Entrevista concedida em 07 de julho de 2008, na Casa dos Açores de São Paulo.

Além dos “tempos” para orar, brincar, estudar e trabalhar, havia momentos de entretenimento ligados ao trabalho, quando os familiares, amigos e parentes se encontravam para desempenhar alguma função lucrativa, uma forma de mutualismo.¹⁶¹

Na colheita do milho, todas as espigas eram armazenadas num galpão e numa noite marcada, reuniam-se os amigos e vizinhos. No meio de muitos desafios e conversa alegre, pelas mãos calejadas dos participantes, o milho ia sendo debulhado. Ao final, cada um levava uma parte. Nos trabalhos, havia colaboração, associação e cooperação entre familiares, vizinhos e amigos. Nas festas de casamento o que mais gostava eram os doces e como havia falado, o “*tutti-fruit*” era o meu preferido, porque tinha todas as frutas ali, num único pratinho.¹⁶²

A estrutura social açoriana, na qual a cooperação entre os vizinhos, amigos e parentes se fazia presente em alguns momentos da vida cotidiana, culminando com a partilha do alimento, é visualizada nas falas que rememoram os dias de festa. As dificuldades oriundas do meio rural – com os aspectos econômicos quase sempre em evidência – explicavam a cooperação entre os habitantes das ilhas.

Nas sociedades em que domina o modo de produção capitalista, a função social da religião, tanto no sentido de força de legitimação da ordem constituída, quanto num sentido crítico, adquire uma nova potencialidade, à medida que se acentuam as desigualdades sociais inerentes ao sistema.¹⁶³

As desigualdades sociais, as formas de inserção/exclusão e os descontentamentos nas ilhas açorianas mostravam-se inerentes ao sistema. Nesse sentido, a economia acabava por exercer influência nos movimentos cotidianos das famílias e na função social da religião, que acabava se tornando um refúgio para esses sujeitos, devido às condições em que viviam.¹⁶⁴ Os problemas resultantes das

¹⁶¹ LUCA, Tânia Regina de. **O sonho do futuro assegurado**. O mutualismo em São Paulo. São Paulo: Contexto; Brasília: CNPq, 1990.

¹⁶² Henrique de Arruda Soares comenta sobre as atividades de lazer da família em festas e comensalidades. Entrevista concedida em 07 de julho de 2008, na Casa dos Açores de São Paulo.

¹⁶³ LENZ, Matias M. **Função Social da Religião em uma Sociedade de Classes**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), PUC-SP, São Paulo, 1984. p.11.

¹⁶⁴ Em relação aos problemas socioeconômicos enfrentados pelos açorianos, Fátima Sequeira Dias traça um panorama das ondas imigratórias: “As terras com culturas destinadas ao autoconsumo, quase sempre tomadas de renda, com contratos de curto prazo, forneciam, dificilmente, o sustento às numerosas famílias de rendeiros. As descrições sobre a pobreza dessas famílias e a dos

relações entre os donos das terras e os seus trabalhadores acabavam por configurar uma sociedade marcada pelas dificuldades econômicas, formando relações de dominação, exploração e dependência, o que, de certa forma, ampliava a crença nos santos e a religiosidade do povo.¹⁶⁵

A religião passava a ser, então, um refúgio dos menos privilegiados e, no caso das ilhas, considerando os donatários uma minoria, de grande parte dos habitantes das freguesias. Estes, além de suas crenças apreendidas durante gerações e demais motivações que denotavam fé, disciplina, apreço, agradecimento, tinham nas ações da Igreja uma oportunidade de se relacionar com vizinhos, amigos e parentes.

No microcosmos que é a aldeia (freguesia), a estratificação e a hierarquização social que resultam da distribuição da riqueza nem precisam do acidental para suscitar a necessidade de um tempo de reparação, ou seja, a pobreza é um fenómeno estrutural quase definitivo. Por tal, foi (e ainda é) imperioso que, pelo menos durante o tempo simbólico da festa, se desenhe a imagem de um mundo solidário, se não menos fantasiosamente igualitário, para que exorcizem os fantasmas alienantes (e perigosos) da idéia de que o proveito de uns se efectua à custa do mal dos outros.¹⁶⁶

A prática simbólica da religião só é eficaz quando há crença e quando exerce influência nas esferas cotidianas de quem a pratica. Nesse sentido, a religião pode ser entendida como um sistema simbólico e um veículo de poder e de política, em razão de sua estrutura e organização:

Tanto pelo fato de que os sistemas simbólicos derivam sua estrutura, o que é tão evidente no caso da religião, da aplicação sistemática de um único e mesmo princípio de divisão e, assim, só podem organizar o mundo natural e social recortando nele classes antagônicas, como pelo fato de que engendram o sentido e o consenso em torno do sentido por meio da lógica da inclusão e da exclusão, estão propensos por sua própria estrutura a servirem simultaneamente a funções de

assalariados agrícolas confirmam que a pobreza nunca chegou a ser erradicada da ilha mais agrícola e mais rica do arquipélago.” DIAS, Fátima Sequeira. **Os Açores na História de Portugal - Séculos XIX-XX**. Lisboa: Livros Horizonte, 2008. p.14.

¹⁶⁵ “O catolicismo popular abriga ritos e a invocação de Santos para curar enfermidades ou atender necessidades. Essas características imprimem a idéia de uma religiosidade apegada a grande número de Santos e entidades, como anjos ou mesmo o Espírito Santo.” MEGALE, Nilza B. **Folclore Brasileiro**. 3ªed. Petrópolis: Vozes, 1999. p.72-3.

¹⁶⁶ MARTINS, Francisco Ernesto de Oliveira. **A Festa nos Açores**. Açores, Portugal: Serafim Silva - Artes Gráficas/ Maia, 1992. p.XVIII (prefácio).

inclusão e exclusão, de associação e dissociação, de integração e distinção.¹⁶⁷

No ano de 1956, momento da vinda da família Arruda Soares para o Brasil, Portugal apresentava uma conjuntura política que determinava os padrões comportamentais dos seus cidadãos. Isso se configurava nas esferas do cotidiano dos indivíduos, em que a fé, o comportamento e a família estavam sempre acima de qualquer coisa.

Além das postulações formuladas por Salazar¹⁶⁸, que incluíam a religiosidade como ponto forte de uma reorganização social, muito antes da construção de sua trilogia, Portugal já tinha uma religiosidade católica evidenciada em seu comportamento.¹⁶⁹ Aliás, no que concerne à Igreja, algumas considerações são imprescindíveis para analisar os valores embutidos nas ideias de Salazar, considerando seu tempo no governo e o tempo de vinda dos emigrantes açorianos para o Brasil.

A “imagem” criada durante o regime se assentava no fato de que, para se atingir a eficácia social, as instituições, ideias ou valores encarnados teriam de valer não apenas por aquilo que são, mas sobretudo pelo modo como se manifestam à consciência política.¹⁷⁰ No entanto, apenas menciona-se esse tempo de governo para que se possa, a partir dessa reafirmação religiosa, obter uma releitura da religião enquanto instrumento de condicionamento da sociedade portuguesa.

¹⁶⁷ MARTINS, Francisco Ernesto de Oliveira. **A Festa nos Açores**. Açores, Portugal: Serafim Silva - Artes Gráficas/ Maia, 1992. p.XVIII (prefácio).

¹⁶⁸ “Podemos dizer que todo o discurso sobre a identidade, seja ela de um país, região, grupo ou classe social, revela o campo de uma luta simbólica, onde o que se decide é quem tem o poder de definir a identidade e o poder de fazer conhecer e reconhecer a identidade definida (Bourdieu, 1980, p.67). Ora o discurso salazarista sobre a identidade nacional visa tornar legítima a definição católica de identidade, pelos manifestos ganhos políticos daí resultantes.” MARTINS, José de Lemos. **O Catolicismo e a Construção da Identidade Nacional**. 28 ago. 2009. Disponível em: <<http://cepen.org/portaldacidadania/2009/08/o-catolicismo-e-a-construcao-da-identidade-nacional>>. Acesso em: 12/08/2010.

¹⁶⁹ “A Igreja Católica (Papado/ Cúria Romana/ Santa Sé) influiu decisivamente na formação política de Portugal e na criação e manutenção do Padroado Português; e criou um vínculo muito profundo com Portugal. As reflexões precedentes mostraram (segundo a nossa opinião, claramente) o vínculo muito profundo estabelecido (desde o início) entre o Estado Português e a Igreja Católica (Santa Sé), relativo à manutenção e à defesa desta Igreja e à expansão e protecção do Catolicismo, na Metrópole (em Portugal) e no Império (nas colónias/províncias ultramarinas).” MARTINS, Manuel Gonçalves. **O Estado Novo e a Igreja Católica em Portugal (1933-1974)**. Actas do IV Congresso Português de Sociologia. APS - Associação Portuguesa de Sociologia, Universidade de Coimbra, 17-19 abril 2000.

¹⁷⁰ BACALHAU, Mário. **A Igreja em Portugal: O Crepúsculo da Ideologia**. Arquivo Eletrônico. Centro de Documentação 25 de Abril. Universidade de Coimbra, s/d. p.01-06. Disponível em: <[HTTP://www1.ci.uc.pt/cd25a/wikko.php?wakka=flama7947](http://www1.ci.uc.pt/cd25a/wikko.php?wakka=flama7947)>. Esse artigo foi publicado sobre a imagem da Igreja numa leitura dos aspectos políticos que saíram nos meios de comunicação durante a ditadura.

Os múltiplos fatores que atestam a religião como veículo de poder e de política se fundamentam nos seus mais variados conteúdos disciplinares, como seus sermões e homilias, as encíclicas e as representações arquitetônicas e iconográficas no espaço sagrado, que são pontos-chave para se entender esse território sagrado. Esse foco na disciplinarização, imposto durante o regime, tinha relação com a ideia de instruir os fiéis para a submissão à estrutura hierárquica e doutrinária da Igreja e do poder instituído por ele, que acabou se inserindo na população, a qual já era católica e ativa antes de seu legado. Essa posição acabou formatando muitas das continuidades religiosas verificadas nos adeptos da Igreja em Portugal.

A respeito da quantidade de adeptos do catolicismo, Portugal demonstra ser o país com maior número de católicos, em relação ao total da população europeia.¹⁷¹ Esse dado permite inferir que certos condicionamentos extrapolaram gerações e se mantiveram no país. Por conseguinte, a população se manteve, de certa forma, condicionada à religiosidade e à manutenção de determinadas práticas afins.

A Igreja contribui para a manutenção da ordem política, ou melhor, para o reforço simbólico das divisões desta ordem [...] pela imposição e inculcação dos esquemas de percepção, pensamento e ação objetivamente conferidos às estruturas políticas e, por esta razão, tendentes a conferir a legitimação suprema que é a “neutralização”, capaz de instaurar e restaurar o consenso acerca da ordem do mundo mediante a imposição e a inculcação de esquemas de pensamentos comuns, bem como pela afirmação ou pela reafirmação solene de tal consenso por ocasião da festa ou da cerimônia religiosa, que constitui uma ação simbólica de segunda ordem que utiliza a eficácia simbólica reforçando a crença coletiva em sua eficácia.¹⁷²

Salazar teve entre suas metas a aliança com a Igreja,¹⁷³ que, apesar de todos os rumores e tentativas antissalazaristas, conseguiria fomentar as ações

¹⁷¹ MENÉNDEZ, Millán Arroyo. Religiosidade e Valores em Portugal: Comparação com a Europa e a Espanha Católica. **Análise Social**. Vol.XLII (184). Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Lisboa, 2007. p.757-787.

¹⁷² BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007. p.70.

¹⁷³ “A ligação entre Estado Novo e a Igreja Católica foi bastante frutífera, sendo esta última beneficiada com uma ampla isenção de impostos, abolição da censura para publicações cristãs, revogação da lei do divórcio e a restauração do ensino religioso nas escolas oficiais. Segundo a constituição de 1933, a religião católica era expressamente declarada como ‘religião da nação portuguesa’. Esta aproximação institucional refletia-se nas escolas portuguesas: crucifixos eram expostos em salas de aula, livros de Doutrina Cristã eram utilizados como material didático. A religiosidade cristã do Estado Salazarista ainda tinha seu lugar garantido no lema trino seguido pelo

políticas que concretizariam seus objetivos maiores. A Igreja, em contrapartida, dominaria o povo por meio de seu poder de persuasão, com temores, pensamentos comuns e afirmações religiosas de pecado, absolvição e vida eterna.

[...] a dicotomia estadista clerical/governante regalista torna-se uma falsa questão. Enquanto governante Salazar não só nunca foi um peão da Igreja, como revelou sempre um extremo cuidado em não ofender a sensibilidade laicizante da maioria do *establishment* militar. A Concordata, negociada com a Santa Sé entre 1937 e 1940, embora concedendo um tratamento “deferencial e privilegiado à Igreja” (no dizer de Braga da Cruz), veio confirmar o princípio da separação herdado da I República. Globalmente [...] a situação aproximava-se do modelo teorizado pelo tomismo, reconhecendo o Estado à soberania da Igreja no domínio espiritual e o seu poder indirecto no domínio temporal, nomeadamente na regulação dos costumes.¹⁷⁴

Há críticas às teorias abordadas pelos autores que tratam da política portuguesa e se referem à Igreja como apoiadora do Salazarismo. Uma delas merece destaque, permitindo analisar pontos de vista distintos do momento histórico e da conjuntura política durante o programa do governo.¹⁷⁵ Essa crítica observa que, quando Salazar entrou no governo, os católicos apoiaram-no e permaneceram assim por muito tempo. “[...] a confiança dos católicos manter-se-ia, podemos dizer, inquebrável. A experiência demonstrou, no entanto, que, instalado no poder, Salazar nem sempre se comportava como católico, nem sequer como político cristão.”¹⁷⁶

A opinião do clero é muito importante nesta matéria, principalmente em Portugal, onde o povo está ainda muito longe de possuir uma suficiente mentalidade política. Ora, o trato pessoal que tivemos em 1960 e 1961 com vários padres de três das mais categorizadas dioceses portuguesas, as de Lisboa, Guarda e Évora, e a troca de impressões acerca deste ponto de estatística com sacerdotes cultos e postos em contacto com a generalidade dos meios eclesiásticos levaram-nos à conclusão de que, ao começar o ano de 1962, pelo

regime: Deus, Pátria e Família.” Esse texto explicita de forma direcionada quais eram os benefícios da Igreja e de sua ligação com Salazar durante o Estado Novo. SILVA, Ewerton Luiz Figueiredo Moura da. A Educação como Arma Política no Estado Novo Português. **História e-história**. Revista eletrônica. Grupo de Pesquisa Arqueologia Histórica da UNICAMP, Editora Randal Fonseca, s/d. Disponível em: <<http://www.historiahistoria.com.br/materia.cfm?tb=professores&id=98>>.

¹⁷⁴ OLIVEIRA, Pedro Aires. O Roubo das Almas: Salazar, a Igreja e os Totalitarismos (1930-1939). **Análise Social**. Vol.XLII (185). Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Lisboa, 2007. p.1135-40.

¹⁷⁵ CAMPOS, José Narino de. **A Verdade e o Mito do Salazarismo**. São Paulo: Felman, 1962.

¹⁷⁶ OLIVEIRA, op. cit., p.29.

menos 70% de todo o clero secular ansiava por uma alteração das estruturas políticas, desejando o estabelecimento de formas democráticas, anti-salazaristas. [...] É compreensível que os sacerdotes idosos, que viveram a época de perseguição religiosa a seguir à implantação da República, continuem preferindo o governo fascista de Salazar [...].¹⁷⁷

As ideias postas nessa versão histórica do relacionamento da Igreja com Salazar apontam que era dele toda e qualquer responsabilidade sobre os acontecimentos ocorridos na sociedade durante o período em que esteve no poder, eximindo a Igreja de coparticipar com sua ideologia. De acordo com os depoimentos e documentos que colheu, a Igreja foi mais uma vítima de Salazar, e esteve frente à ditadura por conta da falsa ideologia salazarista, que tinha Deus na sua trilogia.

Muitos são os pontos de vista sobre a união da Igreja a Salazar. Geralmente são pontos de vista dicotômicos, teorias contra e a favor da Igreja, ou pelo menos enfatizam o seu apoio ou repulsa pelo sistema. No entanto, há uma ponderação a ser feita no que se refere aos apontamentos sobre os interesses bilaterais, num verdadeiro jogo político:

Por causa do apoio concedido a Salazar, a Igreja Católica desapareceria do espírito do povo, principalmente dos operários e dos jovens e (indicado a transformação efectuada nos cristãos) afirmou que os católicos portugueses sentiam a necessidade de abandonar as orientações do Centro Católico (favorável a Salazar: onde, segundo o bispo [Dom António Gomes Ferreira] a Igreja Católica encontrava “o beijo da morte”) e combater o Corporativismo português (considerado meio para explorar profundamente o povo e privar os operários do direito natural e indiscutível de associação e de liberdade).¹⁷⁸

Segundo o ensaio intitulado “Relação Estado e Igreja Católica, em Portugal e Brasil, no Pós-Segunda Guerra Mundial”, a compreensão das relações/contradições estabelecidas entre Igreja e Estado posiciona-se sob algumas conclusões acerca dessa temática que elucidam problemas de diversas ordens.

¹⁷⁷ OLIVEIRA, Pedro Aires. O Roubo das Almas: Salazar, a Igreja e os Totalitarismos (1930-1939). **Análise Social**. Vol.XLII (185). Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Lisboa, 2007. p.169-70.

¹⁷⁸ OLIVEIRA, Miguel de. **História Eclesiástica de Portugal**. Lisboa: União Gráfica, 1948. p.199-200.

Assim, destaca as origens da mudança de rumo da relação entre o Estado e a Igreja.¹⁷⁹

Ao se pensar na fé, na religiosidade e nas relações que a Igreja estabeleceu em Portugal, dentro e fora do período estudado, percebe-se que essas acabaram sendo incluídas, de certa forma, na população e parecem arraigadas em sua construção histórica, pois:

A Igreja Católica é uma instituição presente na sociedade portuguesa não só desde os primórdios da história do País, como Estado independente, mas também já alguns séculos antes disso, em povos que se estabeleceram no território nacional. Os séculos que já leva de história ininterrupta na formação e evolução da sociedade e da cultura portuguesas asseguram-lhe uma posição e funções sociais de tal modo relevantes e sedimentadas como talvez se não verifique como nenhuma outra instituição em Portugal.¹⁸⁰

Pensar nos rituais religiosos a partir dos sentidos e significados do que é sagrado, de como se constituiu o catolicismo e a influência de Salazar, é tentar entender as permanências dos rituais simbólicos que mantêm suas funções sociais nas comunidades açorianas. Os lugares que se condensam de forma dicotômica entre o sagrado e profano são entendidos pelas comunidades como sagrados e não sagrados, mas em fronteiras tênues.

Assim, a partir dos elementos tirados de lugares comuns, que são os “não-sagrados” ou os profanos, surge a ideia do mito. Esse pode ser pensado a partir de “um discurso relativo ao lugar/não lugar (ou origem) da existência concreta, um relato bricolado com elementos tirados de lugares comuns, uma história alusiva e fragmentária cujos buracos se encaixam nas práticas sociais que simboliza”.¹⁸¹

A fronteira que separa o sagrado do profano pode ser entendida como um conjunto de componentes da religião católica que se encontram no interior da Igreja

¹⁷⁹ CARVALHO, Carlos Henrique de. **Relação Estado e Igreja Católica, em Portugal e Brasil, no Pós-Segunda Guerra Mundial**. Actas do VII Congresso Lusobrasileiro de História da Educação - Cultura Escolar, Migrações e Cidadania. Porto: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, 20-23 Junho 2008. p.01-12.

¹⁸⁰ Para aprofundamento sobre as relações da Igreja Católica com o país, o professor do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa debate a posição da instituição enquanto elo de ligação emocional e de influências estabelecidas. ANTUNES, Manuel Luís Marinho. Notas sobre a Organização e os meios de intervenção da Igreja Católica em Portugal: 1950-1980. **Análise Social**. Vol.XVIII (72-73-74). Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Lisboa, 1982. p.1141.

¹⁸¹ CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996. p.182.

e sua função social. Esses componentes internos articulados aos externos (fora do espaço sagrado) podem ser interpretados enquanto signos que vivem sob constante campo de forças e são passíveis de mudar a órbita de seus significados e sentidos.¹⁸²

A fronteira¹⁸³ não deve ser entendida como um muro que apenas separa dois espaços específicos, mas sim como todo o espaço ao redor destes, interligando-se na subjetividade. Além do sagrado e do profano nos instrumentos, insígnias e símbolos religiosos, há o que se pode chamar de estrutura interna de cada subespaço. As diferenças internas desses subespaços podem ser variadas no que concerne à ordem social, psicológica, ideológica, física, econômica, entre outras.

Assim sendo, na crença há uma série de condicionamentos que transformam em fronteira os dois subespaços distintos, sagrado e profano, pois possuem em sua estrutura interna diferentes características. O espaço sagrado é que permite ao homem obter um ponto de referência à sua existência, “deixando de ser caótica, enquanto o espaço profano mantém-se homogêneo e não goza de nenhum plano ontológico por não se constituir como realidade ou orientação de vida”¹⁸⁴.

A fronteira funciona como um terceiro lugar, um jogo de interações e de entrevistas. A fronteira é como um vácuo, símbolo narrativo de intercâmbios e encontros.¹⁸⁵ O tempo sagrado pode ser entendido como reversível, mítico, primordial, aquele original e, portanto, fora da temporalidade e do tempo profano como a duração temporal do cotidiano, com começo, meio e fim.¹⁸⁶

Essas manifestações espaciais se encontram em regiões de fronteira, pois o que é divino, de certo modo, se separa do que faz parte do mundo social, cotidiano e, portanto, profano. O terceiro lugar, ou seja, a fronteira entre o que é divino e o que é profano, pode ser entendido enquanto o espaço da transformação. Nesse espaço, em que os símbolos tornam-se sagrados, são unidos os dois tempos, ou seja, o momento do ritual de sacralização dos símbolos, que passa a ressignificá-los.

¹⁸² LOTMAN, Iuri. **A estrutura do texto artístico**. Lisboa: Estampa, 1978. p.372.

¹⁸³ LOTMAN, Jurij M. **Cercare la strada**. Modelli della cultura. Venezia: Marsilio, 1994. p.35.

¹⁸⁴ ELÍADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. A Essência das Religiões. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p.63-4.

¹⁸⁵ CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. 1. Artes de Fazer. Rio de Janeiro: Vozes, 2003. p.214.

¹⁸⁶ ELÍADE, op. cit., p.63-4.

Participar religiosamente de uma festa implica a saída da duração temporal “ordinária” e a reintegração no Tempo mítico reatualizado pela própria festa. Por consequência, o Tempo sagrado é indefinidamente recuperável, indefinidamente repetível.¹⁸⁷

A sacralização dos símbolos é o momento de transformação do que é comum e, portanto, profano em algo sagrado, no espaço, ambiente e ritual apropriados para a ação. O ritual é o elemento de criação da importância do objeto comum e sua transformação em especial e santificado.

No caso das manifestações festivo-religiosas, cabe notar que, ao serem analisadas enquanto sagradas, podem ser apreendidas em seus mais amplos sentidos e territórios, sendo acolhidas como atos e ações sagrados, mas fora do espaço criado para esse fim, a Igreja. Por sua vez, a Igreja é o território do sagrado, onde acontece o ritual de coroação, de significação dos símbolos. A sequência da festa fora desse espaço passa a ser profana, apesar de ser uma festa religiosa. Esse momento de saída do espaço santo permite aos membros da comunidade alcançar suas funções na festa.

A vivência dos membros da comunidade nas festas e as atribuições individuais e coletivas fazem parte dos relacionamentos com os outros e do imaginário de servir e ter funções importantes dentro do grupo. Assim, “[...] a participação num grupo religioso implica certos deveres e obrigações. Isso por causa da relação entre o respeito à divindade e o respeito pelas criaturas que a representam”¹⁸⁸.

Com relação às festas, na maioria das vezes eram no domingo. Era bom, pois colocávamos a roupinha nova que a minha mãe e minha irmã Helena faziam e com alegria íamos para igreja. Ir

¹⁸⁷ ELÍADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. A Essência das Religiões. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p.64.

¹⁸⁸ O texto de Michel de Certeau, publicado em 1956, traz uma discussão sobre intuições fundamentais para o estudo da vivência do que é sagrado. “Premier texte publié dans un bulletin d'étudiants (Lyon, 1956), cet article est repris ici dans une version critique retrouvée dans son ‘Nachlass’. Elle incorpore des corrections de sa main et une longue autocritique, rédigée six mois après la première parution, où l'on remarquera la prescience du jugement porté sur ses directives de recherche. L'article concerne l'expérience du croyant, en particulier chez les mystiques. Il en souligne l'inscription dans le temps, le déchirement entre un ‘déjà’ et un ‘pas encore’, la détermination par le langage, enfin la relation à l'Eglise. Il reconnaît dans l'expérience mystique une proclamation de Dieu à son peuple et situe toute expérience spirituelle sous le signe de l'altérité, dans sa dépendance, car pour le chrétien l'autre est le lieu de la rencontre avec Dieu.” CERTEAU, Michel de. *L'expérience religieuse, “connaissance vecue” dans l'église. Recherches de science religieuse*. Tome 76, 2. Paris, 1988. p.202.

à missa, e participar das festas religiosas, era atos importantes. Ficávamos sempre esperando o dia. Na caminhada, de casa até a igreja, se encontrava alguns amiguinhos e familiares. Assuntos eram colocados em dia, o que gerava muita conversa e descontração... Nos trabalhos, havia colaboração, associação e cooperação entre familiares, vizinhos e amigos.¹⁸⁹

As relações estabelecidas a partir das festas e dos rituais específicos organizados por grupos enfatizam a questão do que é e até onde chega o sagrado e o profano nas convicções acerca dos rituais. Entender o porquê dos rituais significa compreender o que o mito faz para que haja o deslocamento dos espaços. Assim:

[...] um mito retira o homem de seu próprio tempo, de seu tempo individual, cronológico, “histórico” - e o projeta, pelo menos simbolicamente, no Grande Tempo, num instante paradoxal que não pode ser medido por não ser constituído por uma duração. O que significa que o mito implica uma ruptura do tempo e do mundo que o cerca; ele realiza uma abertura para o Grande Tempo, para o Tempo Sagrado.¹⁹⁰

Destarte, quando abordadas as questões sobre as fronteiras do sagrado e do profano, há de se situar a referência, se relacionada ao tempo, ao lugar, às imagens, ao mito ou ao ritual todo, como princípios e definições de representação cultural enquanto enfoque para melhor compreensão e análise.

Nas festas religiosas, em especial as festas do Divino, há uma combinação de elementos sagrados e profanos. Desse modo, quando analisadas as funções e objetivos da criação e continuidade desse tipo de manifestações, emergem alguns pontos cruciais para a compreensão dos rituais – como a pergunta: afinal, o que significa o Espírito Santo?

[...] O Espírito é o ambiente, a fama, mas também o dom, a inspiração, a sintonia fina, a energia comum, enfim, o seio em que o Pai gera o Filho. Por isso, para conhecer bem a Trindade, é bom não esquecer que: Jesus é o caminho, o Pai e o Espírito são a paisagem. Paisagem sem caminho pode ser bonita, mas não permite andar. Em termos religiosos, isso significa praticar muita religião como rituais, culto, leis e

¹⁸⁹ O Senhor Henrique de Arruda Soares menciona a divisão de trabalho entre o grupo de moradores da Ilha de São Miguel, num contingente rural e de mútua ajuda. Entrevista concedida em 07 de julho de 2008, na Casa dos Açores de São Paulo.

¹⁹⁰ ELÍADE, Mircea. **Imagens e Símbolos**: Ensaios sobre o simbolismo mágico religioso. São Paulo: Martins Fontes, 1991. p.53-4.

obrigações, mas não seguir um caminho, não ser discípulo de um mestre.¹⁹¹

A crença no Espírito Santo e a crença na Santíssima Trindade se encontram vinculadas, não há separação. Contudo, quando se menciona apenas o Divino, faz-se referência ao momento bíblico da descida do Espírito na Terra. Esse momento é o Pentecostes, o momento de celebração da vinda do Paráclito na Terra. As características visualizadas nas mais variadas formas da festa em todo o Brasil e em Portugal possuem variações de acordo com a cultura e o modo de vida de cada comunidade.

As festas do Divino Espírito Santo, tanto no Brasil como em Portugal, mais especificamente nos Açores, onde se encontram as raízes desses festejos, possuem em sua dinâmica a incorporação de elementos culturais locais, em suas amplas e variadas formas de celebrar o Pentecostes¹⁹². Ainda percebendo essas incorporações, há uma abordagem que revela traços de adaptabilidade da própria Igreja Católica, que passa a aceitar as diferenças.

[...] em sua variação de formas e alternativas o catolicismo parece ser dentre todas as religiões mais visíveis do Brasil, aquela que combina o maior número de formas diferentes de celebrações, podendo fazê-las, inclusive, sucederem-se umas às outras, do que resulta a própria festa católica. Assim, numa Festa do Divino Espírito Santo, a folia precatória de antes dos festejos, a novena, as procissões, a grande missa do domingo e os folguedos, como os ternos de moçambiques e as cavalhadas. Apesar dos esforços da Igreja para separar uma parte propriamente religiosa das outras folclóricas ou das francamente profanas, para o devoto popular o sentido da festa não é outra coisa senão a sucessão cerimonial de todas estas situações, dentro e fora do âmbito restrito dos ritos da Igreja.¹⁹³

A fronteira entre o sagrado e o profano pode ser enfim percebida como “um lugar paradoxal, onde dois mundos se comunicam e onde se pode efetuar a

¹⁹¹ SUSIN, Luiz Carlos. **Pai, Filho e Espírito Santo**. São Paulo: Edições Paulinas, 2003. p.14.

¹⁹² “Pentecostes é festividade do mês de maio, justamente o mês da fartura, em que os pagãos festejam Ceres e Afrodite, cultuando o ‘reflorescimento da terra’, o que aconteceu desde a remota Antiguidade. A Igreja Católica, reagindo ao costume dos primitivos portugueses de festejar o mês de maio, fez dele o mês de Maria como é até hoje.” ETZEL, Eduardo. **O Divino: Simbolismo no Folclore e na Arte Popular**, 1995. p.57.

¹⁹³ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A cultura na rua**. Campinas, SP: Papyrus, 1989. p.37.

passagem de um mundo para outro”¹⁹⁴. Da forma como a fronteira foi trabalhada, percebe-se que esses dois lugares ora são dicotômicos ora se encontram num único significado, por meio de um lugar sagrado e de um tempo sagrado, capaz de transformar o profano e, ao mesmo tempo, dar-lhe uma nova interpretação.

Para interpretar as raízes, formas e manifestações da Festa do Divino Espírito Santo, tem-se em seguida uma desconstrução que busca historicizar os tempos e as diversas formas de contemplar as continuidades e descontinuidades das festas nos Açores.

2.2 FESTAS NOS AÇORES: GÊNESE E CELEBRAÇÕES

Ao longo da história dos açorianos, a festa¹⁹⁵ tornou-se algo incrustado em seu cotidiano, como forma de sociabilidade, comensalidade e também como uma tradição religiosa, perpetuada até a atualidade na cidade de São Paulo, escolha de muitos dos emigrados dos Açores. Para apresentar as festas religiosas nos Açores, faz-se necessário situar a trajetória bíblica do surgimento e manifestação do Espírito Santo e sua construção simbólica por meio das passagens que constam no evangelho.

O nascimento de Jesus Cristo e o de João Batista são considerados os primeiros atos que demonstram o surgimento do Espírito Santo, ou suas primeiras manifestações. A vinda do Espírito Santo a partir da aparição do anjo para Maria, na trajetória de concepção de Jesus Cristo, é para os católicos o início dos seguimentos religiosos e da crença no Divino.

A partir dessa concepção do nascimento do filho de Deus, inicia-se a construção dos ensinamentos bíblicos e das manifestações do Espírito, que, condicionadas aos ensinamentos católicos, acabam traçando os movimentos pelos quais as representações culturais religiosas vão ao longo de sua história sendo elaboradas e reelaboradas.

¹⁹⁴ ELÍADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. A essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p.28-9.

¹⁹⁵ “Expressão teatral de uma organização social, a festa é também fato político, religioso ou simbólico. Os jogos, as danças e as músicas que a recheiam não só significam descanso, prazeres e alegria durante sua realização; eles têm simultaneamente importante função social [...]” DEL PRIORE, Mary Lucy. **Festas e Utopias no Brasil colonial**. São Paulo: Brasiliense, 2000. p.10.

Quanto à questão da permanência das festas religiosas nos Açores e, posteriormente, no Brasil, onde elas encontraram terreno fértil por conta da imigração açoriana e portuguesa, é pensada a partir da fé e da transmissão dos atos e sentidos de geração em geração.

Dessa forma, procura-se nesta abordagem apresentar um conteúdo que posteriormente esboçará uma sequência de fatos articulados na história dos açorianos da Vila Carrão, que vão da construção da festa nos Açores até a reconstrução do território tradicional no bairro, a Casa dos Açores de São Paulo, como uma identificação entre os membros do grupo que, advindos das ilhas, promovem certas continuidades e reorganizações das festividades tradicionais.

A intenção é ainda identificar as primeiras construções da Festa do Divino Espírito Santo nos Açores, para se compreender o elo social e religioso dessa festividade, ainda viva nos mais variados espaços reconstruídos historicamente pelo fenômeno imigratório. Desse modo, procurar-se-á entender a gênese dessa manifestação religiosa e cultural a partir de suas mais variadas articulações.

Os estudos feitos sobre essa temática mencionam, em sua maioria, a história da Rainha Izabel e de Dom Diniz como precedente das intenções contidas na coroação de pessoas durante a festa, fazendo referência à partilha de bens materiais com os pobres. Há também algumas abordagens que relacionam o início das festividades com as celebrações da Idade Média realizadas em agradecimento à terra e à colheita, elementos que, de certa forma, influenciam suas mais variadas reformulações ao redor do mundo, independentemente do sentido ora recriado. Para essa reflexão parte-se da hipótese de que “a periodicidade da produção agrícola induziu o homem em determinadas épocas de sementeira e colheita a congregar a comunidade para celebrar, agradecer ou pedir proteção”¹⁹⁶.

Essa ideia expressa a formação das comemorações anteriores ao cristianismo, incluindo as festas profanas de culto a divindades protetoras das plantações. “Com o advento do cristianismo, tais solenidades receberam nova roupagem: a Igreja determinou dias que fossem dedicados ao culto divino,

¹⁹⁶ “A repetição dos ciclos agrícolas, identificados com a reunião de grupos sociais, acabou por dar à festa uma função comemorativa.” DEL PRIORE, Mary Lucy. **Festas e Utopias no Brasil colonial**. São Paulo: Brasiliense, 2000. p.13.

considerando-os dias de festa, os quais formaram em seu conjunto o ano eclesiástico.”¹⁹⁷

Considerando-se verdadeira a versão que envolve a Rainha Isabel, conforme apontado em diversas obras sobre a Festa do Divino, tem-se a sua criação concebida como um benefício aos pobres.

Foi instituída pela Rainha Isabel, casada com o rei Dom Dinis, o lavrador, na cidade de Alenquer, onde foi construída uma igreja em homenagem ao Divino Espírito Santo, no início do século XIV. Conta a lenda que a rainha gostava de distribuir esmolas para os pobres, especialmente comida. O rei, sovina, passou a proibir a esposa dessa prática. Certa vez, quando levava pão aos famintos na rua, ela foi surpreendida de repente pelo rei, que lhe perguntou o que trazia. Temendo a reação do marido, ela respondeu que trazia rosas. Ao verificar espantado, o rei viu lindas flores. Desse milagre parece ter nascido a tradição de se distribuir comida para todos os participantes nas comemorações do Divino. A devoção se espalhou rapidamente em Portugal e se tornou festa coletiva de grande interesse popular.¹⁹⁸

Embora essa iniciativa da Rainha Santa Isabel de Portugal no século XIV seja indicada como ponto de partida das festividades, “muito antes houve uma confraria em Benaventes, do século XIII, anterior a 1227, e, portanto a D. Dinis, a cargo da qual estava um bodo aos pobres por dia do Espírito Santo”.¹⁹⁹

Há estudos a respeito das festividades que apontam que o início dos bodos²⁰⁰ aos pobres se deu entre 936 e 1218, na dinastia dos Ottons, como uma forma de fazer uma genealogia das Festas do Divino.

A festividade do Divino Espírito Santo é oriunda dos Estados Alemães onde inicialmente foram praticadas durante a dinastia dos Ottons e destinava-se a lançar fundamentos de uma instituição que, à maneira de um banco, formado de esmolas, acudisse aos pobres nos anos de penúria. E, como os invocantes eram reis, os festejos conservaram aspectos de realeza, o que evidencia que na Idade Média a atenção com os

¹⁹⁷ DEL PRIORE, Mary Lucy. **Festas e Utopias no Brasil colonial**. São Paulo: Brasiliense, 2000. p.13.

¹⁹⁸ BERNARDES, Juliano. **O Divino e o Profano**: A Inserção de Novos Discursos na Festa do Divino Espírito Santo em Barra Velha - SC. Disponível em: <http://www.larc.ufsc.br/arquivos/divino_e_profano.pdf>. Acesso em: 12/02/2008.

¹⁹⁹ ETZEL, Eduardo. **O Divino**: Simbolismo no Folclore e na Arte Popular, 1995. p.55.

²⁰⁰ “Vodos ou bodos são entendidos como tradicional distribuição de comida aos pobres.” ABREU, Martha. **O Império do Divino**: Festas Religiosas e Cultura Popular no Rio de Janeiro, 1830-1900. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: FAPESP, 1999. p.39.

necessitados foi, em determinadas épocas, objeto de cuidados dos governantes e monarcas europeus.²⁰¹

Poucos autores destoam dessa linha de pensamento segundo a qual as Festas do Divino teriam se iniciado a partir da coroação de um pobre pela Rainha e desconstroem a gênese das manifestações festivas na Europa, criando um panorama da temática na antiguidade. Ao se considerar a fome enquanto um problema de todas as civilizações e o alimento a principal questão de construção de rituais, há outra visibilidade dos princípios organizadores da festa do Divino.

Fomes apertadas nos estados alemães determinaram um dos imperadores da dinastia, Othon, a lançar os fundamentos desta instituição como banco formado de esmolas para acudir a pobres nos anos de penúria. Da divindade que invocaram, do imperante que tomara a iniciativa, nasceram os festejos religiosos, que a confraria imperial votava ao culto do Espírito Santo nesta quadra do ano, devoção e costume que de lá se propagou pelos Estados da Europa cristã [...].²⁰²

Assim como a questão da fome, que permeia a organização de comemorações dos ciclos agrícolas, era a busca pelo alimento o princípio dos festivais na antiguidade. Partia-se da sequência das estações do ano para fomentar os festivais, que foram, no curso da história, sendo modificados, com a incorporação de outros elementos e intenções. O cerne dos festejos, contudo, é sempre o mesmo: a comida e a fartura do alimento.

Entre os festivais judaicos um dos principais era o da colheita que se realizava cinquenta dias depois da Páscoa judaica, correspondendo ao nosso Pentecostes. Enquanto na religião cristã comemora-se a descida do Espírito Santo sobre os Apóstolos, os hebreus comemoravam a colheita no dia santo que a tradição atribuía ser o dia da chegada dos Dez Mandamentos.²⁰³

Além desses festejos, os romanos e germanos tinham as maias²⁰⁴ e janeiras, festivais que sobreviveram em Portugal. Esses acontecimentos fazem parte

²⁰¹ PIAZZA, Walter F. **Aspectos Folclóricos Catarinenses**. Florianópolis, SC: Comissão Catarinense de Folclore, 1953. p.34.

²⁰² VÁRZEA, V. **Santa Catarina: A Ilha**. Florianópolis: Lunardelli, 1985. p.69.

²⁰³ ETZEL, Eduardo. **O Divino: Simbolismo no Folclore e na Arte Popular**, 1995. p.29-30.

²⁰⁴ “As maias eram cantigas que a infância festejava na chegada do mês de maio; são recordações festivas com que o povo congratulava-se com seus protetores, pondo-lhes griestas às portas e

de uma cadeia que mostra que “a organização social portuguesa é toda romana, o que explica esta reminiscência de antigos ritos”²⁰⁵.

No cristianismo, as mesmas festas recebem outras conotações, seguindo em alguns lugares os mesmos princípios e em outros, características adaptadas da religião.

O chamado “Mês de Maria” procurava substituir as festas de Afrodite nas quais os portugueses penduravam “giestas à porta” para comemorar a fartura e o culto do reflorescimento da terra. As festas do “Divino”, propositadamente comemoradas em maio, tentavam, desde D. João I, em 1385, evitar o paganismo das “Maias”, cantadas e dançadas pelas ruas.²⁰⁶

Há no decorrer da história dos festivais em louvor à colheita e à fartura de alimentos uma influência dos romanos, pois eles “acreditavam em muitos deuses, cada um com sua própria personalidade e características, representando aspectos particulares da vida”²⁰⁷. A adoração aos deuses fazia parte do universo cotidiano dos romanos, que tinham nas festas o intuito de agradecer às mais variadas graças cotidianas.

As janeiras, por exemplo, eram festas romanas que Portugal acabou adotando até o cristianismo. Durante a comemoração os indivíduos iam de casa em casa e cantavam frases de culto ao ano que se iniciava. Ao terminarem a canção numa casa, esperavam que os donos trouxessem as *janeiras*, que eram comidas como castanhas, nozes, maçã, chouriço, morcela, entre outros alimentos. Essa festa acabou sendo chamada de “bom princípio do ano novo”, e, em algumas freguesias, os moradores ofereciam aos festeiros chocolates e dinheiro, embora não fosse essa a tradição.

Na evolução dos costumes a fim de que o povo abandonasse os festejos das janeiras e maias instituíram-se procissões que os distraíssem daqueles ritos gentílicos e, todavia ainda hoje (1873) em algumas de nossas províncias se não extinguiram

contando-lhes debaixo das janelas. A tradição popular atribuiu estes costumes de lançarem-se griestas pelas portas à memória do que se praticou com a Virgem Maria marcando-se o caminho da fuga para o Egito com flores e ramos para que se não perdesse.” ETZEL, Eduardo. **O Divino: Simbolismo no Folclore e na Arte Popular**, 1995. p.30.

²⁰⁵ Ibidem.

²⁰⁶ DEL PRIORE, Mary Lucy. **Festas e Utopias no Brasil colonial**. São Paulo: Brasiliense, 2000. p.13.

²⁰⁷ HILL, Jonathan. **História do Cristianismo**. São Paulo: Edições Rosari, 2008. p.45.

de todo estes restos de tão inveterado paganismo. Talvez os costumes tenham persistido de alguma forma, pois Aulete (dicionário) no verbete “maia” acrescenta que “as crianças iam pelas estradas pedindo donativos para as festas desses dias”.²⁰⁸

Os festivais trazem a mesma tônica em todas as civilizações, mudando certas características segundo os costumes de cada lugar. No entanto, o alimento se encontra no cerne das festas de todos os povos enquanto elemento folclorizado e das tradições profanas.

Dizer o mesmo em relação à Festa do Divino, acreditando ser ela uma reconstrução das remotas festividades das colheitas com nova roupagem, é partir do pressuposto de que ela também foi transformada pelo cristianismo.²⁰⁹ Essa conotação reformula o seu objetivo maior, que é dividir o alimento como ato de fé, bondade, pois a festa em que uma figura imperial coroa um pobre revela alguns traços que, de certo modo, colocam o reinado junto com o povo. A comunhão das festas era uma forma de agrupar elite e povo até o século XVI.²¹⁰

Nos Açores as festas em homenagem ao Divino ainda trazem em seu bojo os elementos da religião, o momento da coroação e a procissão até os impérios²¹¹, e mostram algumas articulações com as freguesias nas quais ocorrem. O lado religioso da festa é tido pelos seguidores como único. Eles não veem em momento algum o profano da festividade. “A festa do Divino tem quatro elementos básicos, o Teatro, a Folia, a Comilança e o Objetivo: Espírito Santo e, apesar da iniciativa da Rainha Isabel, os elementos advêm de antigos costumes.”²¹²

²⁰⁸ ETZEL, Eduardo. **O Divino: Simbolismo no Folclore e na Arte Popular**, 1995. p.30.

²⁰⁹ Ibidem.

²¹⁰ BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

²¹¹ “Os Impérios são construções de um só compartimento, de planta aproximadamente quadrangular, elevadas sobre fundações que as colocam num plano superior ao das outras construções do aglomerado, abrindo-se na fachada através de porta e janela que as ladeiam, por vezes com peitoris de ferro fundido e frontal triangular encimado por um dos símbolos do Espírito Santo – a pomba ou a coroa-pintado, assim como as barras, estas de cores fortes. Têm acesso por escada exterior, nalguns casos de madeira e removível, e o tecto é de duas águas. O interior é ocupado por uma ou mais mesas, alguns bancos ou cadeiras, nichos e altar na parede do fundo.” DUARTE, Mário; RAACH, Karl-Heinz. **Os Impérios da Ilha Terceira**. Angra do Heroísmo, Açores, Portugal: Blu Edições, 2002. p.3.

²¹² Para compreensão dos elementos apontados, pode-se dizer que: “O teatro religioso é prática comum a partir do séc. XII, ampliando-se nos séc.XVI e XV e sendo retomada com grande interesse catequético pelos jesuítas, ordem que se formou no século XVI (1536). Assim, o teatro introduzido na festa do Divino era uma prática comum na época da Rainha Isabel.” (p.57) “A folia, já sabemos ter vindo de longe, das andanças boêmias e ciganas da Idade Média com o elemento lúdico em comum que possivelmente manteve a preferência dos povos pelos séculos afora.” (p.58) “[...] comilança, que era também um hábito comum, tanto que desde o rei D. Manuel (1469-1521), o livro V. Tit. 5 das

A continuidade das Festas do Divino não foi apenas a continuação de uma tradição, mas seu caráter lúdico intimamente relacionado com o trabalho no campo que almejava a todo tempo a abundância, fartura e novos campos de cultivo. “Estava tudo interligado, abundância no campo e nas festas. A comilança, abundância e alegria foi o clima de expectativa do homem em sua existência durante toda a sua história.”²¹³

A comilança, uma das características intrínsecas às festas do Divino, mostra-se também atrelada à distribuição de esmolas; é um momento para se fazer todo tipo de caridade, bem como pedidos direcionados para a abundância de qualquer natureza. “Em Portugal continental, a tentativa de incorporar a festa à ortodoxia, despindo-a de seus traços heréticos, data da segunda metade do século XV e prosseguiu com êxito daí por diante.”²¹⁴

Conforme apontado no Arquivo dos Açores, em textos sobre as origens da Festa do Divino, “as folias ao Espírito Santo, com quanto pareçam ter tido uma origem pagan no *druidismo*²¹⁵, ou na superstição grega, todavia elas foram introduzidas em Portugal e nas Ilhas dos Açores com maior devoção e piedade”.²¹⁶ Os druidas²¹⁷, em que pese a ausência de descrição, são apenas mencionados na

Ordenações do reino de Portugal proibia comesainas dadas aos pobres em benefício dos mortos. [...] A Ordem do Espírito Santo foi fundada em Mompilher nos fins do século XII e dali a pouco com bênção de Inocêncio III (papa entre 1198-1216) levando por toda cristandade hospitais e albergues para o exercício das misericórdias em os pobres e doentes. Assim, também o culto ao Espírito Santo era corrente na época da Rainha Isabel [...].” ETZEL, Eduardo. **O Divino: Simbolismo no Folclore e na Arte Popular**, 1995. p.59.

²¹³ Ibidem. p.60.

²¹⁴ CORTESÃO, Jaime. “O sentido da cultura em Portugal no século XV”. In: CORTESÃO, Jaime. **Os factores democráticos na formação de Portugal**. Lisboa: Portugalia, 1966. p.200.

²¹⁵ “*Druidismo* - Alguns estudiosos preocupam-se em discernir duas correntes religiosas: a céltica e a druídica. Embora muito semelhantes (levando-se em conta que a céltica é derivada da druídica) existe uma tendência a fazer certas considerações. Acredita-se que o celtismo era mais rudimentar e mais ligado ao culto da Mãe Natureza, enquanto o druidismo apegava-se a diversas divindades ligadas à natureza. Pode-se afirmar que o druidismo se baseava em dois grandes princípios: o Respeito à Natureza e na crença da imortalidade. Os druidas eram os sacerdotes e presidiam as cerimônias religiosas [...]”. PORTAL BRASIL ESCOLA. **História do Mundo**. Religião Celta - História da Religião Celta. Disponível em: <<http://www.historiadomundo.com.br/celta/religiao-celta.htm>>. Acesso em: 07/09/2009.

²¹⁶ ARQUIVO DOS AÇORES. **Antiguidades Açorianas: Impérios do Espírito Santo**. Vol.I. s/d. p.183. Disponível em: <<http://www.arquivodosacores.com/index.php?volume=1&de=&a=&ano=&indice=0&tags=Imp%E9rios%20do%20Esp%E9rito%20Santo&pagina=182>>. Acesso em: 20/07/2010.

²¹⁷ LANGER, Johnni. Mitologia e Literatura Medieval: Entrevistas com Hilário Franco Júnior, José Rivair Macedo e João Lupi. **Fênix**. Revista de História e Estudos Culturais. Vol.3, Ano III, n.1. Núcleo de Estudos em História Social da Arte e da Cultura, Janeiro/ Fevereiro/ Março 2006. p.13. “[...] tudo o que conhecemos a respeito dos druidas vem de alguns textos romanos – sobretudo do *De Bello Gallico* de Júlio César – referentes à Gália; sabe-se que houve druidas nas ilhas Britânicas, mas os textos que falam deles são muito tardios (Idade Média avançada) ou poucos e curtos; nem a *História da Igreja* de Beda, nem as crônicas dos saxões citam os druidas. Do restante mundo céltico – Europa

mitologia sobre os gauleses, mas alguns documentos atestam essa possibilidade de introdução da festa nas Ilhas.

Sobre as primeiras inserções das festividades em Portugal, há também apontamentos que se referem a acontecimentos dessa natureza na França: “Antes de estabelecidos entre nós os Impérios do Espírito Santo, tínhamos as folias denominadas do Bispo Innocente; as quaes também foram solemnizadas em França, e eram anualmente com esplendor festejadas em S. Martinho de Tours.”²¹⁸

Alguns textos²¹⁹ ainda mencionam a lenda da Rainha Isabel enquanto principal motivação das continuidades festivas nas ilhas. Segundo alguns pesquisadores, os pioneiros da colonização das ilhas introduziram tanto a fé católica enquanto religião como as festas em louvor ao Divino.

Segundo alguns historiadores e documentos que temos à vista, foi posteriormente estabelecido o primeiro Império do Espírito Santo, com as suas populares folias, tendo tido seu princípio na Vila d'Alemquer, e sendo seus fundadores a Rainha Santa Isabel e El Rei D. Diniz. O douto Bispo do Porto, Fernam Corrêa de Lacerda, o elegante historiador da Santa Rainha assim se expressa: “Depois de haver edificado em Alemquer uma Igreja ao Espírito Santo, no primeiro anno em que se fez a solemnidade da coroação do Imperador, e com todo o luzimento, não só chamou a nobreza para tomar parte neste Império, que Ella tão piedosamente acabava jerarchias. Tanto que o ornato da Igreja esteve posto em sua perfeição, se disse n'ella, com assistência dos Reis e da Corte, uma missa officiada com toda a solemnidade, e acabado o sacrosanto sacrificio, chamando os Reis a nobreza mais qualificada, e parte da boa gente da Villa, e seus contornos, que tinha assistido naquelle religioso acto, lhes encommendou aquella casa, o que elles tiveram por grande honra... Estimaram os reis esta piedosa promessa da nobreza, e do povo, em que o povo igualou a generosidade da nobreza... Ajuntaram-se as pessoas, a quem os Reis tinham encommendado a Igreja... e erigiram uma confraria (a primeira) em louvor do Espírito Santo, a que fizeram liberaes doações.” (História da vida de Santa Isabel Rainha de Portugal, p.185 e seg.)²²⁰

Central, Península Ibérica, Norte da Itália – não há notícias deles e não se pode dizer que tenha havido druidas; o druidismo parece ser uma instituição gaulesa que passou às ilhas.”

²¹⁸ LANGER, Johnni. Mitologia e Literatura Medieval: Entrevistas com Hilário Franco Júnior, José Rivair Macedo e João Lupi. **Fênix**. Revista de História e Estudos Culturais. Vol.3, Ano III, n.1. Núcleo de Estudos em História Social da Arte e da Cultura, Janeiro/ Fevereiro/ Março 2006. p.183.

²¹⁹ O arquivo dos Açores online disponibiliza textos sobre o início das festividades nas ilhas. Esse é um arquivo elaborado com o apoio da Universidade dos Açores. Cf.: ARQUIVO DOS AÇORES. Disponível em: <<http://www.arquivodosacores.com/index.php>>. Acesso em: 22/08/2010.

²²⁰ ARQUIVO DOS AÇORES. **Antiguidades Açorianas**: Impérios do Espírito Santo. Vol.I. s/d. p.183. Disponível em: <<http://www.arquivodosacores.com/index.php?volume=1&de=&a=&ano=&indice=0&tags=Imp%E9rios%20do%20Esp%E9rito%20Santo&pagina=182>>. Acesso em: 13/09/2010.

Sobre a continuidade das festividades em homenagem ao Divino Espírito Santo nas ilhas açorianas, tem-se a informação de que foram introduzidas com a colonização e, “um dos primeiros capitães Donatários da Ilha de Santa Maria, Pedro Soares de Souza, já ali se faziam estas festividades, contribuindo elle não pouco para o bodo aos pobres; e mais tarde edificaram uma Ermida ao Espírito Santo, que hoje é Parochia”²²¹.

No que diz respeito à história do Espírito Santo na Europa, cabe observar:

A devoção dos povos pelo Espírito Santo não fôra só em Portugal que levára a sua solemnidade ao mor esplendor. Se uma Santa rainha estebelecêra entre portuguezes os Impérios do espírito santo, e as folias; um Rei christianíssimo criára em frança uma ordem e milícia do espírito santo. Em 31 de Dezembro de 1578 Henrique III instituía em frança a ordem e milícia denominada do espírito santo, para memorar três grandes acontecimentos no dia do Pentecostes a que elle não podia ser indifferente: - O seu nascimento; a sua posse da coroa da polônia; e a sua elevação ao throno da França. A ordem era composta de cem cavalleiros, que usavam de uma cruz de ouro, lançada ao pescoço, e pendente de uma fita azul celeste.²²²

Na Ilha Terceira, as primeiras festas partiram da configuração espacial da Vila, e se deram aproximadamente no ano de 1492, conforme indica documento acessado no Arquivo dos Açores:

Sabemos que em Angra (sendo ainda Villa) já pelos annos de 1492 se fazia um esplendido Imperio, então denominado dos nobres, tendo uma Ermidinha com a invocação do Espírito Santo, e á porta d'esta davam o bôdo, superintendendo depois nesta festividade a Santa Casa de Misericórdia. Sabemos por documento do anno de 1523, que muitos annos antes deste havia Imperios na Villa da Praia da ilha Terceira com grande bôdo, sahindo o Imperdaor da Casa da Misericordia da dita Villa.²²³

Em São Miguel encontram-se referências sobre as festividades e sobre a construção do Império no ano de 1665, quando em Ponta Delgada foi erigido o Império dos Nobres. Assim:

²²¹ ARQUIVO DOS AÇORES. **Antiguidades Açorianas**: Impérios do Espírito Santo. Vol.I. s/d. p.183. Disponível em: <<http://www.arquivodosacores.com/index.php?volume=1&de=&a=&ano=&indice=0&tags=Imp%E9rios%20do%20Esp%E9rito%20Santo&pagina=182>>. Acesso em: 13/09/2010.

²²² Ibidem. p.186.

²²³ Ibidem. p.188.

Em os quinze dias do mez de Novembro deste presente anno de 1665, em o Consistório da Santa Casa de Misericórdia, estando em mesa redonda o licenciado Antonio Pacheco Ozório, Provedor, e Conselheiros se propoz pelos votos do Espírito Santo, a devoção que tinham de que houvesse Irmandade em esta cidade, como em todas as ilhas há, e em o Reino, elegendo Imperador, e mordomos e mais pessoas para o tal ministério: e que pediam ao Senhor Provedor, e Conselheiros lhes concedessem licença para na Igreja desta Cauta Casa se fizesse: O que ouvido pelo Provedor, e Conselheiros deram a licença pedida; em fé de que fiz este assento, que assignaram comigo Escrivão João Álvares Lordelo. - O Provedor - Ozório Duarte Neumão Sanches. - Manoel Pacheco de Mello. - Francisco Rodrigues Carrasco.²²⁴

Sobre a festa do Divino Espírito Santo nos Açores, alguns pesquisadores mencionam que as comemorações vêm sempre dos antepassados, num processo de constantes transformações, e descrevem-nas enquanto fundamentais para os usos e costumes, existindo sempre a colaboração desconhecida que vem do passado e das origens.²²⁵

As festas dos Açores estão sempre ligadas às motivações sociorreligiosas, onde se observa um grande conjunto de expressões originárias da linguagem, música, dança, teatro, artesanato, culinária, trajo e outras formas que possam significar os motivos das festas, dos cultos, dos rituais, e das práticas devocionais. Assim, os ciclos das festas acontecem para cumprir os seus motivos em honra de santos, datas ou acontecimentos de alto significado social, das razões principais geradoras da consciência do indivíduo como Homem.²²⁶

Quando fala da configuração da festa nos Açores, o supracitado autor relaciona as festividades aos rituais estabelecidos a partir dos significados pertencentes à religião e à sociedade, nos quais se fazem presentes a devoção, a tradição e os costumes, que advêm dos antepassados, a fim de garantir o respeito

²²⁴ ARQUIVO DOS AÇORES. **Antiguidades Açorianas**: Impérios do Espírito Santo. Vol.I. s/d. p.183. Disponível em: <<http://www.arquivodosacores.com/index.php?volume=1&de=&a=&ano=&indice=0&tags=Imp%E9rios%20do%20Esp%C3%A7o%20Santo&pagina=182>>. Acesso em: 12/09/2010. p.189. Segundo consta nesse Arquivo, esse texto foi extraído de um livro antigo intitulado “Livro dos assentos que se fazem n’esta Santa Casa de Misericórdia para melhor serviço della”, na forma do Compromisso feito no ano de 1663, sendo Provedor o Exmo. Sr. Conde da Villa da Ribeira Grande e D. Manuel da Camara. Está o dito documento a f. 18.

²²⁵ MARTINS, Francisco Ernesto de Oliveira. **A Festa nos Açores**. Açores, Portugal: Serafim Silva Artes Gráficas/ Maia, 1992. p.01.

²²⁶ Ibidem.

aos santos, mas mantêm-se frente às relações sociais dos membros da comunidade.

Algumas críticas são feitas às festas do Divino no que concerne a uma visão simplista e linear de manutenção da tradição. Como exemplo dessa visão tem-se:

Esta forma concreta de religiosidade popular, nos Açores, está ligada a fortes estruturas organizativas que estão quase totalmente desligadas das estruturas oficiais da Igreja. Surgiram fortes tensões e até agressões. Tem havido tentativas de reforma, bastante sujeitas ao fracasso, como veremos. O estudioso estranho diria que há uma separação radical entre Igreja-Império. Há diferenças, mas estas são externas, administrativas, diríamos, organizativas e rituais. No fundo, há ligação de fé, mas também aparece a manifestação duma religião anti-clerical, não como um ataque dos não-católicos ao poder da Igreja, mas como a caracteriza A. Bessa Luís (em Bento Domingues. *A religião dos portugueses*. Porto, Figueirinhas, 1989, p. 15-80), em não poder passar sem a Igreja e sem o podre, mas em não consentir que este confisque só para ele a direção da vida religiosa, que é de todos. Quanto mais *episcopal-clerical* é a cidade ou a ilha mais se sente este contra-peso. O fato é que os pertencentes ao catolicismo popular, no sentido estrito, têm, com frequência, um manifesto anti-clericalismo, não porque o clero tenha pregado um cristianismo exigente, mas, pelo contrário, porque se aliou com as classes dirigentes não populares.²²⁷

Essa visão de religiosidade ligada ao anticlericalismo tem fundamento no que se pode chamar de desligamento das estruturas oficiais da Igreja, no que concerne à formatação das festividades, da simbologia do sagrado e do profano, numa forma de garantir as identidades e a história do povo. Assim, as festas não necessariamente atêm-se a fundamentos da Igreja, mas, como sempre foi nas ilhas, estão ligadas ao cotidiano e às dificuldades enfrentadas durante toda a sua história.²²⁸

A partir das tradições e de sua trajetória na história dos Açores, partir-se-á no próximo item para as discussões sobre os ciclos do ano nas festividades, verificando-se como se organizam no cotidiano dos açorianos que delas participam ativa ou passivamente.

²²⁷ MENDES, Hélder Fonseca. **Descrição Histórico-Crítica das Festas do Espírito Santo nos Açores**. p.08. Disponível em: <http://www.forumdaigrejacatolica.org.br/artigos/espiritosanto_festas.pdf>.

²²⁸ Ibidem.

2.3 CICLOS DO ESPÍRITO SANTO: TOURO, HOMEM E DEUS

Quando se examinam as festividades nos Açores, algumas questões que sobressaem dizem respeito aos ciclos do ano, nos quais se busca um equilíbrio entre a natureza, o espírito, o homem e Deus, numa forma de partilhar e socializar o espaço e agradecer à terra pela fartura.

A dinâmica das festas toma distintos caminhos nas diversas freguesias em cada uma das ilhas. As características principais mantêm-se, mas assumem uma formatação singular em cada comunidade.

Conforme apontamentos sobre os ciclos das festividades, nos Açores eles se dividem em dois grandes grupos:

Ciclos do Espírito Santo e do Touro – que começam em maio, que é o mês das flores e verduras, da alegria, da primavera e da fecundidade da terra, acabando estes ciclos no fim do ano litúrgico católico e Ciclos do Homem e de Deus – com a sua origem longínqua em Portugal Continental, vai com a nossa emigração até os Estados Unidos e ao Brasil. É o tempo de pagamento das promessas e da caridade.²²⁹

Quanto aos significados dos ciclos, o Espírito Santo representa o Espírito; o Touro, os bens materiais; e o Homem e Deus, a união de ambos pela fé. Das manifestações nas diversas ilhas, “O Espírito Santo em Santa Maria, Terceira e Pico tem características especiais e momentos muito altos, sendo muito diferentes e variando de ilha para ilha”.²³⁰

As festividades do Divino Espírito Santo parecem revelar algumas semelhanças nas diversas localidades dos Açores em que são celebradas. No entanto, algumas se assemelham mais, outras menos. A Ilha de São Miguel possui em suas festividades certas características também vistas nas festas da Ilha de Santa Maria; já a Ilha Graciosa mostra atributos semelhantes aos da Ilha Terceira; e as comemorações das Ilhas Faial, São Jorge, Flores e Corvo se assemelham mais às da Ilha do Pico.²³¹

²²⁹ MARTINS, Francisco Ernesto de Oliveira. **A Festa nos Açores**. Açores, PT: Serafim Silva Artes Gráficas/ Maia, 1992. p.01.

²³⁰ Ibidem.

²³¹ Ibidem.

Quando os estudos abordam os ciclos, a presença do touro enquanto animal sagrado é evidenciada; significa riqueza e prosperidade, além de representar os bens materiais como um todo. “No ciclo do Touro, percorremos uma longa caminhada, que vai desde a Reconquista cristã da Península até as cavalhadas, S. João, S. Marcos, indo até as Touradas, sacrifício ritual do touro, e bodos de leite e carne.”²³²

O ciclo do Divino é o tempo mais especial do calendário nativo para saldar as dívidas de promessa com o “santo”. É também um tempo de visitação e aferição das obrigações das pessoas para com a grande festa “em honra do Divino”; tempo de cortejos e daquela exibição vistosa da indumentária real, tipicamente comunitária; da aglutinação dos familiares e amigos na passagem solene dos cortejos e bandas, momento em que todos se entrevêem como estando no espetáculo da realeza imperial ladeada pelos súditos do arraial.²³³

No que se refere aos ciclos do Homem e de Deus, cabe observar que se iniciam no mês de novembro, com o fim do ano litúrgico católico. Nos tempos do povoamento, havia a obrigação de se distribuir pão cozido aos pobres nesse período, mais especificamente no dia de finados, a fim de encomendar as almas, ritual que incluía o bodo dos pobres ou festa de S. Martinho. Esses ciclos abarcam as festas de natal, carnaval e páscoa.²³⁴

As comemorações nesses ciclos contam com a representação do homem que vem do teatro grego, medieval e vicentino, cuja presença é encontrada nas danças do entrudo e no teatro popular, apresentado ao público ao ar livre, nos cadafalsos ou *triatos*, que são impérios com folias, foliões e *reises*. Já nas janeiras há a representação de Deus e sua origem, mediante o relevo das ordens religiosas, que incluem as confrarias, os romeiros e as romarias, com foco principal em São Miguel e Santa Maria, com a Procissão do Senhor Santo Cristo dos Milagres.²³⁵

As festas têm um significado de extrema importância para o povo açoriano. Os símbolos se encontram no cotidiano da comunidade como uma luta simbólica pela identidade.

²³² MARTINS, Francisco Ernesto de Oliveira. **A Festa nos Açores**. Açores, PT: Serafim Silva Artes Gráficas/ Maia, 1992. p.02.

²³³ LACERDA, Eugênio Pascele. **O Atlântico Açoriano: uma antropologia dos contextos globais e locais da açorianidade**. Tese (Doutorado em Antropologia Social), UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis - SC, 2003. p.149.

²³⁴ MARTINS, op. cit., p.02.

²³⁵ Ibidem.

Sabe-se que os indivíduos e os grupos investem nas lutas de classificação todo o seu ser social, tudo o que define a idéia que eles têm deles próprios, todo o impensado pelo qual eles se constituem como “nós” por oposição a “eles”, aos “outros” e ao qual estão ligados por uma adesão quase corporal. É isto que explica a força imobilizadora excepcional de tudo o que toca à identidade.²³⁶

A simbologia das festas, os instrumentos, insígnias e objetos usados durante o período das festividades ao Divino consistem em formas de integrar as comunidades, pois funcionam como meios de conhecimento e informação. Nesse sentido, são os símbolos instrumentos por excelência da “integração social”, pois, enquanto:

[...] instrumentos de conhecimento e de comunicação. (cf a análise durkeimiana da festa), eles tornam possível o consenso acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social: a integração “lógica” é a condição da integração “moral”.²³⁷

Dos símbolos do Espírito Santo os principais encontrados na Bíblia são: o vento (ar); a fonte (água); a pomba; o fogo; e o azeite. Esses símbolos estão presentes em todas as festas, pois indicam os caminhos pelo Espírito por meio de suas passagens. Quanto aos significados²³⁸, sabe-se que a água simboliza a ação do Espírito Santo no Batismo; o dedo mostra a força e o poder de Deus; o fogo simboliza a energia transformadora dos atos do Espírito Santo; a mão representa a mão de Jesus, que cura os doentes e abençoa as criancinhas; a pomba demonstra o Espírito que desce e repousa no coração purificado dos batizados; o selo denota o

²³⁶ BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. 7ªed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. p.124.

²³⁷ Ibidem. p.10.

²³⁸ “Para perceber toda a força deste simbolismo, há que retomar à unção primeira realizada pelo Espírito Santo: a de Jesus. Cristo (“Messias” a partir do hebraico) significa ‘Ungido’ do Espírito de Deus. Houve ‘ungidos’ do Senhor na Antiga Aliança de modo eminente o rei Davi. Mas Jesus é o Ungido de Deus de uma forma única: a humanidade que o Filho assume é totalmente ‘ungida do Espírito Santo’. Jesus é constituído ‘Cristo’ pelo Espírito Santo. A Virgem Maria concebe Cristo do Espírito Santo, que pelo anjo o anuncia como Cristo por ocasião do nascimento dele e leva Simeão a vir ao Templo para ver o Cristo do Senhor; é Ele que plenifica o Cristo é o poder dele que sai de Cristo em seus atos de cura e de salvação. É finalmente Ele que ressuscita Jesus dentre os mortos. Então, constituído plenamente ‘Cristo’ em sua Humanidade vitoriosa da morte, Jesus difunde em profusão o Espírito Santo até ‘os santos’ constituírem, em sua união com a Humanidade do Filho de Deus, ‘esse Homem perfeito... que realiza a plenitude de Cristo’ (Ef 4, 13): ‘o Cristo total’, segundo a expressão de Santo Agostinho.” Ver informações a respeito dos símbolos do Espírito Santo: CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA DE A A Z. **Espírito Santo** - Símbolos do Espírito Santo. Disponível em: <<http://catecismo-az.tripod.com/conteudo/a-z/e/ES-simbolos.html>>. Acesso em: 19/09/2009.

efeito indelével da unção do Espírito Santo nos sacramentos do batismo; e a unção simboliza o próprio Espírito Santo, a ponto de tornar-se sinônimo dele.

[...] Vento: “Jesus disse de novo para eles: A paz esteja com vocês”... Tendo falado isso: soprou sobre os apóstolos, dizendo: “Recebam o Espírito Santo” (Jo 20,22). Quando chegou o dia de Pentecostes, o sopro de um forte vendaval precedeu a chegada do Espírito (At 2,2). Água: Tornada sacramental simboliza e significa a ação do mesmo Espírito; Pomba: Quando Jesus foi batizado, “viu o Espírito de Deus, descendo como uma pomba e pousando sobre ele” (Mt 3,16). O símbolo da pomba, para sugerir o Espírito Santo, é tradicional na Igreja; Fogo: “Apareceram, então, umas línguas de fogo, que se espalharam e foram pousar sobre cada um deles. Todos ficaram repletos do Espírito Santo” (At 2,3). O fogo simbolizou a energia transformadora da ação do Espírito nos apóstolos; Azeite: trata-se da unção com óleo que passou a ser sinal eficaz do Espírito, Jesus é o messias, palavra hebraica que significa o ungido. A unção com o óleo, tanto no batismo como na crisma é sinal da presença do Espírito como na crisma, é sinal da presença do Espírito em nós, também [...].²³⁹

Os símbolos, além de serem instrumentos de integração social, são formas de conhecimento e comunicação capazes de fomentar a concordância nas relações sociais, favorecendo a manutenção e reprodução da ordem do comportamento social.²⁴⁰ Ao se pensar nos símbolos e insígnias do Divino utilizados durante o ritual, percebe-se que seus significados se modificam, pois “são rituais que sacralizam símbolos ao mesmo tempo em que contribuem para torná-los sagrados”.²⁴¹

Além desses símbolos do Espírito Santo encontrados na Bíblia do Catolicismo, faz-se oportuno mencionar os sete Dons do Espírito²⁴², que são representados pelas qualidades dadas por Deus ao homem para que ele possa viver plenamente os seus ensinamentos: a Sabedoria, a Inteligência, o Conselho, a

²³⁹ Entre os símbolos reconhecidos do Espírito Santo estão a pomba, a bandeira e as demais insígnias, objetos e construções que foram sendo incorporadas pelas festas. Cf.: O PORTAL DAS FESTAS DO DIVINO ESPÍRITO SANTO. **Os Símbolos do Espírito Santo**. Disponível em: <www.portaldodivino.com/nobrasil/simbolos.htm>. Acesso em: 12/09/2009.

²⁴⁰ BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. p.10.

²⁴¹ Ibidem.

²⁴² “Dons são qualidades que Deus dá à nossa alma que nos permitem perceber e viver as graças dele na nossa vida e praticar sua vontade. Tornam-nos dóceis ao sopro do Espírito Santo, despertando-nos para ouvir a voz de Deus em nosso interior e nas coisas criadas por Ele.” Cf.: O PORTAL DAS FESTAS DO DIVINO ESPÍRITO SANTO. **Dons do Espírito Santo**. Disponível em: <<http://www.portaldodivino.com/nobrasil/simbolos.htm>>. Acesso em: 12/09/2009.

Fortaleza, a Ciência, a Piedade e o Temor de Deus. Dos dons, há a iconografia, na qual o Espírito, simbolizado pela pomba, centraliza a ação de Deus. Assim:

Sabedoria: é o dom de perceber o certo e o errado, o que favorece e o que prejudica o projeto de Deus, quem acredita na libertação e quem está interessado na opressão. Fortaleza: é o dom de resistir às seduições da sociedade capitalista, de ser coerente com o Evangelho, de enfrentar riscos na luta por justiça, de não temer o martírio. Piedade: é o dom de estar sempre aberto à vontade de Deus, procurando agir como Jesus agiria e identificando no próximo o rosto do Cristo. É o Dom pelo qual o Espírito Santo nos dá o gosto de amar e servir a Deus com alegria. Temor: é o dom da prudência e da humildade, de saber reconhecer os próprios limites, de não pedir ou esperar de Deus que ele faça a nossa vontade. Não quer dizer "medo de Deus", mas medo de ofender a Deus. Sendo Ele o nosso melhor amigo, temos o receio de não lhe estarmos retribuindo o amor que lhe é devido. Mais do que temor, é respeito e estima por Deus.

O símbolo da pomba com as asas abertas envolta em raios iluminados revela os dons do Espírito Santo, e, para o catolicismo, faz parte do que o homem necessita para sua vida. “À pomba, é associada à idéia de pureza e simplicidade, Jesus recomenda aos discípulos que envia: ‘Sede prudentes como as serpentes e simples como as pombas’.”²⁴³

Os símbolos adquirem caráter sagrado quando, por meio de ações solenes, recebem um significado especial, como é o caso da consagração da hóstia, o vinho em corpo de Cristo, a água do batismo e outras solenidades simbólicas.

Os símbolos religiosos oferecem uma garantia cósmica não apenas para sua capacidade de compreender o mundo, mas também para que, compreendendo-o, dêem precisão a seu sentimento, uma definição às suas emoções que lhes permita suportá-lo, soturno ou alegremente implacável ou cavalheirescamente.²⁴⁴

A religião ou crença serve como um acalento psicológico frente às necessidades, ou frente às adversidades da vida, pois “ajuda as pessoas a suportarem ‘situações de pressão emocional’, e tais impasses que nenhum outro

²⁴³ FERNANDES, Aurélia Armas; FERNANDES, Manuel. **Espírito Santo em Festa**. Coimbra: G. C. Gráfica Coimbra, 2006. p.59.

²⁴⁴ GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989. p.77.

caminho empírico abriria, exceto através do ritual e da crença no domínio do sobrenatural”.²⁴⁵

Sobre os significados dos dons, tem-se na Fortaleza a ideia de enfrentamento das adversidades da vida, a fim de que não se caia em tentações. Assim, “por esta virtude, a alma se fortalece para praticar toda a classe de atos heróicos, com invencível confiança em superar os maiores perigos e dificuldades com que nos deparamos diariamente”²⁴⁶.

Por sua vez, o dom da Sabedoria vem do alto e flui através do Espírito Santo, que rege a Igreja de Deus sobre a terra. Na ciência se têm as habilidades e de que forma as coisas acentuam-se progressivamente em determinadas áreas, conforme nossas inclinações culturais e científicas, sempre segundo os desígnios divinos, mesmo que não nos apercebamos disso.

Já o dom do Conselho permite aos homens guiarem a si e ao próximo com discernimento. Do Entendimento advém a capacidade de entender intuitivamente as verdades reveladas e naturais, de acordo com o fim que possuem. Todavia, a aparente correlação não significa que quem possui a sabedoria já traga consigo o entendimento por consequência.

No dom da Piedade obtém-se a graça de ser capaz de perdoar, doar e ser devoto dos ensinamentos bíblicos. E o Temor de Deus coloca-o enquanto Ser Supremo e mais importante na vida dos cristãos.²⁴⁷

Para os açorianos, a festa do Divino possui um significado e um sentido distintos daqueles verificados entre os que não a experienciaram ou são apenas expectadores das manifestações. E, nesse sentido, há uma distinção entre o homem religioso e o não religioso no que diz respeito ao comprometimento ou não com a crença. Para o homem religioso, a fé existe e é sentida de forma natural, ao passo que para o não religioso os ritos nada mais são do que acontecimentos que se referem à família e ao indivíduo.²⁴⁸

²⁴⁵ MALINOWSKI, Bronislaw. **Magia, Ciência e Religião**. Lisboa: Edições 70, 1984. p.67.

²⁴⁶ PÁGINA ORIENTE. Site Católico Apostólico Romano. **Os Sete Dons do Espírito Santo**. Disponível em: <<http://www.paginaoriental.com/catecismo/donsdoesanto.htm>>. Acesso em: 2010.

²⁴⁷ Para ver os dons definidos pela Antropologia, ver: MALINOWSKI, op. cit., 1984.

²⁴⁸ ELÍADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. A Essência das Religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p.151.

Apesar de essa colocação concernir aos ritos de passagens, pode-se dizer o mesmo a respeito do sentido da festa para os seguidores e para os expectadores, como se um não entendesse o significado que o outro percebe enquanto indivíduo e, ao mesmo tempo, grupo. Em outras palavras, o sentimento frente ao ritual é distinto entre aqueles que o fazem e aqueles não são “devotos” ou não possuem uma identificação com essa tradição.

A festa incorporou alguns elementos que se tornaram comuns às homenagens ao Espírito. Além dos símbolos e dos dons já mencionados, nela observam-se a coroa, o cetro, as varas, as bandeiras e o trono enquanto insígnias que possuem uma simbologia que acabou se adaptando a outras localidades e aos costumes de cada época.

Dessas insígnias, a coroa tem o significado de vitória, grandeza e se assenta na cabeça do imperador ou imperatriz, constituindo um prolongamento aos céus.²⁴⁹ Os braços da coroa são a ligação entre a base e a esfera, que representa o mundo, o globo celestial, sendo a pomba o símbolo maior do Espírito Santo.

Muitos são os enfeites utilizados nas coroas. Cada ilha possui diversas coroas em inúmeros impérios. Mas existem as que são os símbolos de cada ilha e também as que fizeram parte das festividades de cada localidade dentro de cada ilha e de cada império.

Nas ilhas há quem faça a decoração de coroas com flores de tecido. Segundo um artigo publicado sobre o assunto:

Durvalina Codorniz é actualmente a única artesã da freguesia da ribeirinha a confeccionar pequenas flores de tecido branco para a decoração das Coroas do Divino Espírito Santo. Um trabalho “minucioso” que na sua família atingiu já a quarta geração e diz: “O pano de tecido é a cambráia, colocado de molho em água com gelatina para endurecer na altura de engomar. Depois de feita a forma da flor, segue o caule, em arame fino, enrolado com papel branco [...]” Associado a este trabalho entende-se também o apreço desta senhora à crença e tradição do Culto ao Divino Espírito Santo.²⁵⁰

²⁴⁹ Sobre a simbologia das insígnias do Espírito Santo ver: FERNANDES, Aurélia Armas; FERNANDES, Manuel. **Espírito Santo em Festa**. Coimbra: G. C. Gráfica Coimbra, 2006. p.73-81.

²⁵⁰ BETTENCOURT, Sónia. Decoração das Coroas do Espírito Santo – Confeção de flores de tecido ultrapassa gerações. **A União**. Jornal Online. Seção Actualidade. 08 de maio de 2008. Disponível em: <<http://www.auniao.com/noticias/ver.php?id=13165>>. Acesso em: 02/07/2008.



Imagem 25 - Coroa Enfeitada, Festa do Divino (Ilha Terceira, Açores, 2008).²⁵¹

O cetro é a insígnia que representa a soberania, autoridade, um prolongamento do braço de Deus. É um objeto usado por reis e generais, além de símbolo nas festas do Divino. Fica inserido dentro da coroa e é ornamentado para as festividades com flores e laços em fita branca – conforme se pode verificar na imagem apresentada –, cor que remete à pureza.

A coroa ornamentada denota a relevância que se dá ao símbolo de honra de toda festa. Ela significa o mais alto grau de alcance das bênçãos e honra para quem é coroado, pois eleva o Espírito a Deus, além da conotação social presente no ato em si.

As doze varas simbolizam os doze apóstolos. São pintadas de vermelho, sendo oito delas com ponteiros pretos, geralmente levadas por mordomos, e as demais sem a ponteira, levadas por convidados. “Também nas procissões do Espírito Santo, geralmente o enquadramento das demais insígnias, como a bandeira e a coroa e até as figuras ou entidades mais importantes pode ser feito por ‘emolduramentos’ de varas.”²⁵² A referência a Moisés, que guiou o povo e foi orientado por Deus para usar a sua vara em diversas situações, é a maior razão do uso da vara para integrar a ligação com o Espírito Santo.

²⁵¹ Acervo pessoal de Elis Regina Barbosa Angelo.

²⁵² FERNANDES, Aurélia Armas; FERNANDES, Manuel. **Espírito Santo em Festa**. Coimbra: G. C. Gráfica Coimbra, 2006. p.75.

O poder simbólico se define numa relação determinada entre os que exercem o poder e os que se sujeitam a ele, na própria estrutura do campo de produção e reprodução da crença. “Os símbolos do poder (trajo, ceptro, etc.) são apenas capital simbólico objetivado e a sua eficácia está sujeita às mesmas condições.”²⁵³

As bandeiras também são conhecidas como estandartes, e, enquanto “símbolo de maior resistência no tempo, de todos os demais símbolos da festa do Divino, ela é a última a desaparecer”²⁵⁴, pois todos que a tocam ou a beijam se sentem próximos ao espírito de Deus²⁵⁵. Exprime em sua simbologia todos os dons desse espírito.

A excelsa energia divina: a encarnada, ou bandeira da coroa cor das línguas de fogo do Espírito Santo, no Cenáculo - significa Sabedoria e o calor “abrasador” do seu incomensurável Amor; a branca, ou bandeira dos foliões [...] a expressão cândida da pomba: inocência, pureza, candura, ternura, encanto, humildade, singeleza, beleza, doçura [...].²⁵⁶



Imagem 26 - Bandeira do Divino, Coroação, Igreja do Raminho (Ilha de São Miguel, Açores, 2008).²⁵⁷

²⁵³ BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. 5ªed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. p.14-5.

²⁵⁴ ARAÚJO, Ana Maria Camara. **Festas, bailados, mitos e lendas**. Vol.1. São Paulo: Melhoramentos, 1964. p.42.

²⁵⁵ Idem. **Festa do Divino e suas transformações na Comunicação e na Cultura**. São Paulo: Andross, 2005. p.71.

²⁵⁶ FERNANDES, Aurélia Armas; FERNANDES, Manuel. **Espírito Santo em Festa**. Coimbra: G. C. Gráfica Coimbra, 2006. p.80.

²⁵⁷ Acervo pessoal de Elis Regina Barbosa Angelo.

Essa missa de coroação mostrada na imagem ocorreu em Raminho, uma freguesia da Ilha Terceira. Esse é o principal ato da elevação do Espírito, momento em que a coroa representa os sete dons do Espírito Santo sob a elevação de um representante da Igreja, celebrando a missa em louvor ao Santo. O ato de coroar define o final da missa de Pentecostes dentro do espaço sagrado; após esse momento, a coroa volta ao Império do Divino.



**Imagem 27 - Trono do Divino, Festa do Divino
(Raminho, Ilha Terceira, Açores, 2008).²⁵⁸**

O Trono do Espírito Santo simboliza o lugar de Deus, um trono real e celeste. É uma representação da hierarquia do poder divino; representa para reis e rainhas o lugar mais importante para se estabelecer.

A partir das questões que se referem ao poder divino nos sentidos e significados das festividades, entre eles as insígnias, os instrumentos e os símbolos, emergem as representações do poder da religião. Apesar de a Igreja não comandar a festa profana e, ao mesmo tempo, sagrada, pois ocorre em parte dentro da Igreja, pode-se dizer que são os rituais que sacralizam os símbolos e contribuem para torná-los sagrados. Exemplos dessa transformação são os símbolos do Divino, que são: uma coroa, um ceptro e uma bandeira. No entanto, tornam-se evidentemente sagrados durante o ato da coroação, em que ganham força e sentido para a fé enquanto representação do sagrado.

²⁵⁸ Acervo pessoal de Elis Regina Barbosa Angelo.

Dos significados de cada símbolo surge a questão: como os instrumentos podem ser formas de dominação da Igreja? Além das simbologias salientadas, há questões anteriormente postas sobre o papel da Igreja nos direcionamentos das organizações, na “educação” proposta durante o Regime e também como forma de manter psicologicamente os fiéis adeptos das práticas religiosas.

Os principais instrumentos de persuasão da Igreja foram a consolidação da teologia e a prática dos sacramentos. Nos ritos sacramentais, os símbolos, nas suas diversificadas formas de representação, têm destaque no sistema simbólico, nas alocações dos sacerdotes e nas orações.²⁵⁹ Assim, esses instrumentos do poder sagrado possuem funções religiosas e sociais persuasivas, com capacidade de harmonização, permitindo apaziguar a realidade e integrar os fiéis na ordem das coisas que desejem no poder consolidado.

Na produção da festa são realizados sorteios para se saber quem terá o poder de estruturar os direcionamentos dos atos e ações específicas de cada indivíduo da comunidade. A crença é reproduzida todos os anos como forma de manter a aliança tradicional da fé e devoção ao santo. Os símbolos intensificam o poder simbólico dado a quem comanda a festa. Para diluir o poder ou pelo menos dividir as funções entre os indivíduos, os sorteios são feitos, salvaguardando esse “direito”.

A religião, por meio de seus representantes, utiliza símbolos dessa estrutura que detêm os capitais simbólicos objetivados. Isso quer dizer que aqueles que se subordinam a esse poder dão àquele que o exerce a força, tornando-o um poder legitimado.²⁶⁰ A autoridade que os membros organizadores têm mediante a formatação anual das festas dá-lhes um poder legitimado. A forma como a busca pelo sagrado se manifesta demonstra uma autoridade religiosa fora da Igreja, que também exerce poder na vida social e política da comunidade.

A Igreja nesse momento não possui força para reprimir ou modificar os atos profanos que ora se encontram entrelaçados com o que é sagrado nas festividades. No entanto, como a população é devota e crê no poder da Igreja, confiante nos mandamentos e sacramentos, acaba por legitimar seu poder sagrado e o poder de

²⁵⁹ LE GOFF, Jacques. **O Deus da Idade Média**. Conversas com Jean-Luc Pouthier. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p.88.

²⁶⁰ BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. 5ªed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. p.15.

seus sacerdotes enquanto influenciadores e motivadores da fé, pois acreditam no Espírito Santo de forma veemente.

O Espírito Santo desempenha um papel mediador fundamental: ele é mediador entre o céu e a terra, entre a alma e o corpo, entre Deus e os homens, entre a necessidade e o gosto, entre a fome e o paladar, entre a contenção e o excesso, a escassez e a fartura, entre o sublime e o humano.²⁶¹

Desde a criação do espaço sagrado²⁶² para a construção da festa, ou seja, os impérios, ou teatros, nos quais é depositada a coroa na sétima domingo para sorteio do próximo a levá-la para casa, até o último dia de festa, o ritual se apresenta como uma tradição. Assim, o espaço sagrado da festa representa o centro do mundo.

Vários povos e culturas buscam para si algo que representa o centro do mundo, uma repetição constante da cosmogonia. Seja uma montanha sagrada ou um templo ou palácios, todos buscam algo que simbolize um ponto de encontro entre o céu, a terra e o inferno. Os mastros representam o centro sagrado, a zona da realidade absoluta que sobreviveu no mundo ocidental até hoje, num ato preeminentemente divino [...]. O universo é concebido como algo que se espalha a partir de um ponto central. A criação do homem, que responde à cosmogonia, também teria acontecido em um ponto central, no centro do mundo.²⁶³

O lugar sagrado da festa, o império, guarda não apenas os símbolos, insígnias, alimentos e sentidos do sagrado e da fé, mas também sugestiona a experiência de viver a fé, a experiência de sentir algo maior, o sobrenatural.

Nos Açores, existem os ciclos do Homem e de Deus, que contemplam Natal e outras festas profanas, mas, ao mesmo tempo, trazem consigo muito do que para os açorianos é sagrado, sem conseguir o desvincilamento da religião, pois não diferenciam o que é sagrado do que é profano, considerando toda e qualquer festividade organizada pelas freguesias como religiosa.

²⁶¹ GONÇALVES, José Reginaldo Santos; CONTINS, Marcia. Entre o Divino e os Homens: a Arte nas Festas do Divino Espírito Santo. **Horizontes Antropológicos**. Ano 14, n.29. Porto Alegre, jan./jun. 2008. p.43.

²⁶² Para Mircea Eliade, o espaço sagrado é portador do Cosmo. Quando o homem ergue um templo, ele repete o ato da Criação. É um espaço que reproduz o "centro do Mundo", um espaço divino, distinto do profano. Cf.: ELÍADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. A Essência das Religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

²⁶³ Ibidem. p.26.

Os ciclos do Homem e de Deus preconizam as festas de Natal, Carnaval e Páscoa e têm como momentos o teatro popular, no qual as representações são feitas ao ar livre, a organização dos *cadafalsos*, *triatos* e *impérios* com *folias*, *reises* e *janeiras* no que concerne ao Homem enquanto representatividades culturais.²⁶⁴ Em algumas localidades ainda existem os foliões, representados por três ou cinco homens. Até a década de 1970 trajavam “balandrau”²⁶⁵ de chita vermelha com estampa de flores amarelas – conhecido como capa ou casaco largo e comprido usado por algumas irmandades em cerimônias religiosas – e algumas vezes usavam lenço na cabeça. Atualmente, se veem homens vestidos com roupas comuns, mesmo participando das folias.

Essas folias acompanham todos os atos das cerimônias, desde as coroações e o acompanhamento das coroas nos momentos de mudança de uma casa para outra e de um império para outro até a distribuição dos bodos²⁶⁶ e esmolas.

Os foliões tocam os instrumentos de percussão, tambor, pandeiro e os “testos”²⁶⁷. Em algumas localidades ainda há o uso da viola de doze cordas, o violão, o violino e o acordeão. A respeito das folias ainda cantadas durante o ritual, pode-se dizer que:

[...] ligaram-se às festas do Espírito Santo, o que é natural, pois, segundo opina o Sr. Dr. Luiz Chaves, há íntima relação entre os impérios e as figurações que iam na procissão de Corpus Christi, tendo aqueles a sua origem nestas. Foi tão importante o seu papel em tais festas que, nalgumas localidades do continente o que delas substituiu se confundiu com a folia.²⁶⁸

²⁶⁴ A denominação dessa linguagem utilizada nos Açores diz respeito aos lugares da festa. Por *cadafalsos* entende-se uma forma de estrado ou tablado erguido em lugar público; por *triatos* e *impérios* com *folias*, tem-se a idéia de construções e edifícios de pedra ou de cimento, podendo ver-se o seu interior através de portas envidraçadas que quase ocupam a largura e a altura do edifício. Os foliões são os homens que vão de porta em porta cantando e pedindo ajuda aos pobres; as *reises* e *janeiras* são de cunho “pagão”, já os “reis”, “reises” ou “reisadas” são a forma “cristianizada” das “janeiras”.

²⁶⁵ “Balandrau” é uma palavra originária do latim medieval *balandrana*, que definia a vestimenta de capuz e mangas largas abotoada na frente e, pelo uso, designava certas roupas usadas por confrarias, normalmente em cerimônias de cunho religioso, como é o caso das Festas do Divino Espírito Santo.

²⁶⁶ O bodo pode ser entendido como uma distribuição de comida à comunidade de acolhida do mesmo.

²⁶⁷ Testos são espécies de pratos metálicos.

²⁶⁸ MARTINS, Francisco Ernesto de Oliveira. **A Festa nos Açores**. Açores, Portugal: Serafim Silva Artes Gráficas/ Maia, 1992. p.235.

Muitas são as versões das folias e os momentos em que são entoadas. Quando sai o cortejo da casa ou império para a Igreja, antes da coroação, há a menção do trajeto, da seguinte forma:

Saí vós Espírito Santo, saí vós mais quem vos leva, Quando vós saís a campo, todo mundo se alegra, e ao chegarem em frente da igreja saúdam-na: Deus vos salve casa santa, De Deus sois acompanhada, Onde está o cálix bruto, E a hóstia consagrada.²⁶⁹

Durante todo o percurso os partícipes vão cantando os momentos específicos, como a saída, o cortejo, a chegada, o bodo, as sopas, os brindes, entre outros. Ao término da *função* – a refeição ritual entre os organizadores e convidados da festa, que consiste de "sopa do Espírito Santo" (pão seco que depois é recoberto com água de cozer carne, temperada com hortelã e outros condimentos), o cozido de carne, pão de água, a massa sovada (um pão de massa doce e rico em ovos) e arroz-doce polvilhado com canela –, há uma música de encerramento, criada por cada grupo, variando conforme sua desenvoltura e referências da localidade.

Já as filarmônicas, que, de certa forma, substituíram os foliões, são grupos de instrumentistas que tocam durante o bodo e as cerimônias nos impérios²⁷⁰. Da saída à chegada da coroa há a organização das músicas que acompanham os atos propriamente ditos. As filarmônicas se apresentam também durante a tarde e todos ficam aguardando o dia todo por cada ato da festa.

Ademais, os tempos²⁷¹ que contemplam o ciclo de Deus, que tem como elementos as romarias e procissões, em especial dedicam-se ao Senhor Santo Cristo dos Milagres. Essa comemoração tem um significado de intensas emoções entre os micalenses e é uma das atratividades mais importantes das ilhas.²⁷²

O ritual das festas do Senhor Santo Cristo dos Milagres²⁷³ é uma representação de grande relevância para os micalenses e para os açorianos em geral. Desde a criação dos tapetes ou caminhos de flores até a finalização da

²⁶⁹ MARTINS, Francisco Ernesto de Oliveira. **A Festa nos Açores**. Açores, Portugal: Serafim Silva Artes Gráficas/ Maia, 1992. p.237.

²⁷⁰ Impérios: edificações típicas e singulares organizadas para acolher as festas do Divino em cada freguesia nas Ilhas Açorianas.

²⁷¹ LEAL, João. **As festas do Divino Espírito Santo nos Açores**: um estudo de antropologia social. Lisboa: PDQ, 1994.

²⁷² MARTINS, op. cit.

²⁷³ SÁ, Daniel de. **Peregrinos do Senhor Santo Cristo dos Milagres**. Lisboa: Paulus, 2009.

procissão, a cidade mergulha nas tarefas de construção desse evento sociorreligioso de forma extremamente aplicada.

Sobre o início dessas festas, há menção às graças recebidas após os catastróficos tremores ocorridos no ano de 1713, que deixaram a população da ilha de São Miguel em pânico.

Em 1713, os temores de terra encheram de pavor a população da ilha, que depois de um mês de pânico, fugida de suas casas e vivendo pelos campos, suplicou a proteção divina. A irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Ponta Delgada e algumas pessoas de relevo social pediram e obtiveram licença canônica para fazer uma procissão com a imagem do *Ecce Homo*, já conhecida da população por Senhor Santo Cristo dos Milagres.²⁷⁴

Esse momento histórico foi, nos últimos tempos, o ponto mais alto da devoção entre os fiéis devotos do santo na Ilha. O catolicismo ainda impera entre a população habitante de Ponta Delgada, que, em tempos de festa, fica repleta de fiéis tanto da ilha como das demais localidades, recebendo ainda açorianos vindos de outros países nos quais se tornaram cidadãos.

A seguir, pode-se conferir a descrição da primeira procissão realizada pela Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Ponta Delgada, na qual houve fervoroso agradecimento pelo fim dos tremores:

Preparou-se tudo o necessário, e correu esta notícia por vilas e lugares circunvizinhos com júbilo universal de grandes e pequenos. Já na véspera ardiam diante da Santa Imagem oito lanternas e muitas tochas. Ao princípio da tarde deste dia, dezessete de Dezembro, se juntaram as Confrarias e Comunidades Religiosas. Concorreu igualmente toda a nobreza e inumerável multidão de povo, que com viva fé confiava se aplacaria a indignação Divina com a vista de Santa Imagem. Caminhava já a procissão em que todos iam descalços; e tanto que a Santa Imagem se deixou ver na portaria, foi tão excessiva a comoção em todos, que a publicaram as lágrimas e suspiros, testemunhos irrefragáveis da contrição dos corações.²⁷⁵

²⁷⁴ MARTINS, Francisco Ernesto de Oliveira. **A Festa nos Açores**. Açores, PT: Serafim Silva Artes Gráficas/ Maia, 1992. p.290.

²⁷⁵ Ibidem.

Essa primeira procissão recebeu licença canônica para ser realizada, solicitada pela Irmandade de Santa Casa de Misericórdia. Tal licença autorizava ainda os partícipes a saírem em cortejo pelas ruas da cidade com a imagem de *Ecce Homo*, conhecido pela população como Senhor Santo Cristo dos Milagres.

A festa em comento tornou-se uma atratividade turístico-religiosa de Ponta Delgada, de forma que milhares de pessoas vão à cidade assistir à missa em louvor ao Senhor Santo Cristo dos Milagres, que ocorre no quinto domingo depois da Páscoa. Após a missa, há a procissão pelas ruas da cidade, em que tradicionalmente os fiéis passam por cima dos caminhos de flores elaborados pelos moradores locais em louvor ao Santo.

A cidade fica repleta de fiéis da ilha, de outras ilhas e de todo o mundo, que vão ao local interessados em conhecer as festas. Muitos são os souvenirs oferecidos aos turistas e levados por eles para casa e para presentear pessoas. Incluindo diversos objetos e insígnias referentes à religiosidade do povo micalense, essas lembranças tornaram-se verdadeiros símbolos da cidade.



**Imagem 28 - Senhor Santo Cristo dos Milagres
(Ponta Delgada, Ilha de São Miguel, Açores).²⁷⁶**

²⁷⁶ Fonte: ACORES.NET. Disponível em: <<http://acores.net/santocristo/galeria.php>>. Acesso em: 20/01/2010.

No coração de cada açoriano, disperso pelo mundo, há um altar de culto eterno ao Senhor Santo Cristo, onde as suas preces mantêm permanentemente acesas místicas velas de imperecível devoção e saudade. Daí a presença de milhares de açorianos que vêm participar, todos os anos, de Portugal, dos Estados Unidos da América, do Canadá e, naturalmente, das outras ilhas, nas grandes festas do Senhor Santo Cristo dos Milagres, numa autêntica e profunda manifestação de fé e devoção. Semanas antes da procissão, o mosteiro da Esperança e a praça 5 de Outubro são preparados e enfeitados festivamente com milhares de lâmpadas multicores, mastros e bandeiras, flores de todas as espécies e cores que conferem ao recinto um deslumbrante ar de festa. As festas duram vários dias. Sucedem-se os serviços religiosos e os concertos. Na tarde de sábado, há pessoas que andam à volta da praça de joelhos sobre as pedras do pavimento ou, então, carregadas de círios de cera, num agradecimento pela graça recebida do Senhor numa hora de aflição e sofrimento. Depois, no domingo, milhares de pessoas incorporam-se na procissão.²⁷⁷



Imagem 29 - Tapete ou Caminho de Flores (Ponta Delgada, Ilha de São Miguel, Açores, maio de 2008).²⁷⁸

²⁷⁷ A Festa do Senhor Santo Cristo dos Milagres é a maior festa religiosa da Ilha de São Miguel. ACORES.NET. **O culto do Senhor Santo Cristo dos Milagres**. Disponível em: <<http://acores.net/santocristo/index.php?step=6>>. Acesso em: 20/01/2010.

²⁷⁸ Acervo pessoal de Elis Regina Barbosa Angelo.

Os tapetes são construídos com flores e sementes. Há um ritual antigo que vai formulando as regras de confecção, indicando desde os desenhos até as cores e os elementos da natureza a serem utilizados. Esse trabalho leva horas para ficar pronto – alguns membros da comunidade iniciam a confecção dos tapetes com um ou dois dias de antecedência – e tornou-se reconhecidamente uma obra de arte.

A arte dos tapetes ou caminhos de flores é muito importante no ritual religioso das nossas freguesias e cidades dos Açores. O tempo, dinheiro e esforço que estes tapetes de flores exigem na sua preparação indica a sua importância. É uma arte efêmera ritual que vem dos altares até aos caminhos passando de geração para geração.²⁷⁹

Terminada a confecção dos tapetes, inicia-se a procissão, e todos os participantes vão caminhando sobre as flores e sementes, destruindo a arte ali posta. Esse é considerado o tempo de transformação da arte em fé, do sacrifício em privilégio e satisfação para os seus produtores.

Algumas semanas antes da procissão, são preparados e enfeitados festivamente o Mosteiro da Esperança e a Praça 5 de Outubro, que recebem lâmpadas de várias cores, mastros e bandeiras, flores de todos os tipos e cores para demonstrar a chegada do Santo Cristo. Essas festas têm a duração de seis dias e são realizadas todos os anos a partir do quinto domingo após a Páscoa.

Muitos dão a volta na praça de joelhos sobre as pedras do pavimento, ou então carregando círios de cera, como forma de agradecimento pelas graças recebidas. Isso ocorre geralmente no sábado anterior à procissão.

²⁷⁹ MARTINS, Francisco Ernesto de Oliveira. **A Festa nos Açores**. Açores, PT: Serafim Silva Artes Gráficas/ Maia, 1992. p.263.

No domingo da procissão, além dos grupos já organizados²⁸⁰, muitas pessoas acabam seguindo o cortejo pela cidade. A grande procissão acaba quase à noite, após cinco horas de caminhada pelas principais ruas de Ponta Delgada. O corpo principal do tesouro do Senhor Santo Cristo dos Milagres é constituído pelas seguintes joias: o Resplendor, a Coroa, o Relicário, o Ceptro e as Cordas.

A organização dos grupos é surpreendente. Existe uma ordem minuciosa de representantes da cidade, das freguesias, da Igreja e demais entidades. As pessoas comuns seguem o cortejo depois da ordem estabelecida, também conhecida como “Ordem Geral da Procissão Irmandade do Senhor Santo Cristo dos Milagres”, com um ordenamento que valoriza as entidades e celebridades da festa, a partir do grau de relevância religiosa e da própria construção política e social da cidade. Essa ordem pode ser visualizada no Anexo I deste estudo.

A população vai ao cortejo todos os anos e as comunidades das freguesias ajudam na organização e realização das festas em homenagem ao santo. A Igreja do Senhor Santo Cristo dos Milagres fica ornamentada e iluminada em variados momentos do ano. O ponto alto da ornamentação se dá no Natal, época em que também as fachadas e os edifícios mais imponentes da cidade recebem iluminação.

Nas nove ilhas, muitas são as festividades em honra aos santos, mas as principais delas, que aglomeram multidões, são as festas do Senhor Santo Cristo dos Milagres e as Sanjoaninas, além do Carnaval, Natal e Ano Novo. As festas Sanjoaninas formatam-se na organização de diversos eventos que ocorrem de forma descentralizada durante oito dias consecutivos, em homenagem ao solstício do verão, que é a época de cuidar e proteger as árvores e hortaliças, para frutificarem adequadamente no outono.

²⁸⁰ Cf.: ACORES.NET. **Ordem Geral da Procissão**. Disponível em: <<http://www.acores.net/santocristo/ordem.php>>. Acesso em: 20/07/2009.

Em Angra do Heroísmo, na Ilha Terceira, as festividades seguem um ritual de organização que tem na simbologia do solstício um papel relevante para a vegetação. Durante todos os momentos do ritual há uma forte evocação da vegetação, pano de fundo das representações. As festas trazem alguns elementos que são considerados fundamentais para os oito dias de atividades. Ao agradecer ao sol e ao verão, a rainha da festa ganha destaque, seguida do cortejo, das oferendas, das canções, do touro, do fogo, dos esportes e do Espírito Santo.

Tais festividades iniciam-se sempre com um solene cortejo, que é conhecido como “Cortejo da Rainha”, no qual ela desfila no topo de um carro alegórico, seguido por vários outros, havendo em cada ano um tema diferente. Ela é recebida solenemente na Câmara Municipal, pelo respectivo Presidente, e desfila em todos os cantos das festas, fazendo o papel de *hostess* ou anfitriã do ano. Tradicionalmente, o cortejo traz, além da rainha, crianças e um rapaz, que faz as vezes de mestre de cerimônia. Cabe também à rainha fazer o discurso de abertura das festas. Isso ocorre também na Câmara Municipal.

Os temas dos carros alegóricos seguem quase sempre as inspirações encontradas nas ilhas: sol, mar, praia, primavera, natureza, entre outros. Na imagem apresentada mais à frente pode-se observar um carro que exhibe um ser que remete ao homem, ao mar e às árvores, numa miscelânea de formas.

Na Europa, centraliza-se no *culto da árvore*. Grandes florestas cobriam a maior parte do território europeu. Entre as tribos e outros grupos humanos que as habitavam para quem o controlo do fogo foi essencial, na preparação de alimentos e instrumentos, desenvolveu-se a crença de que o sol vivia dentro das árvores, pois bastava esfregar dois troncos para deles sair. A explicação para este facto era a de que o Sol, entendido como fogo, estaria na Terra (que no início era uma bola de fogo). À medida que esta arrefeceu escondeu dentro de si o fogo, que, no entanto subia pelas raízes das árvores. As árvores tornaram-se assim o depósito da energia do Sol e da vida, e como tal, sagradas. Entre as tribos Germânicas existia uma lei que castigava ferozmente quem ferisse a casca de uma árvore: a pele era-lhe arrancada e colada à árvore ferida. As florestas eram tidas como lugares sagrados, onde as árvores conservavam o espírito do deus Sol, fertilizador da Terra.²⁸¹

²⁸¹ A imagem de árvore lembra o culto à árvore, que para muitos é um símbolo sagrado do espírito do sol. COSTA, Antonieta. As festas Sanjoaninas e suas origens mais remotas. Estudo Comparativo Documental. **Cadernos NEPS**. Série B1. Núcleo de Estudos de População e Sociedade, Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, 2002. p.15-6.



Imagem 30 - Festas Sanjoaninas (Ilha Terceira, Açores, 2008).²⁸²

As oferendas tinham como ponto de partida um cortejo específico, que, ao longo dos anos, foi sendo substituído pelas paradas, atualmente visualizadas durante as festas. Cada uma das freguesias apresenta suas danças e músicas num gesto singular. Todos aguardam esse momento para conhecer a criação de cada grupo de acordo com a temática do ano.

Os fogos de artifício transformam-se em um verdadeiro show pirotécnico e a iluminação elaborada para a ocasião favorece o brilhantismo das comemorações, dando vitalidade para a festa durante a noite. As fogueiras de São João também se fazem presentes, principalmente no dia 23, véspera do dia do santo.

Outros atrativos referem-se aos touros. Os terceirenses adoram a figura do touro e apreciam as brincadeiras com os animais. Além da tourada, “a corda” ou corrida de corda e a corrida de praça também são comuns. Os carros que levam os touros sempre são enfeitados com muitas flores e papéis coloridos.

²⁸² Fonte: ACORES.NET. Disponível em: <<http://www.acores.net/canalacores/view.php?id=447377>>. Acesso em: 20/08/2009.

Ocorre ainda uma coroação única que engloba todas ou quase todas as Irmandades da Ilha, saindo em procissão até a Igreja da Sé, onde é celebrada uma missa do Espírito Santo. Nessas festas a cidade se encontra; é um momento de socialização das freguesias, de reencontrar pessoas, conhecer outras e também de afirmar a fé e a descontração.

2.4 ESPÍRITO SANTO: REPRESENTAÇÕES CULTURAIS

Como forma de consagrar o dia do Espírito Santo, foi instituído nos Açores o “Dia da Região Autônoma”, a segunda-feira do Espírito Santo em Decreto Regional, “Porque é o mais popular dos dias de repouso e recreio em toda a Região, entende-se justo consagrá-lo como afirmação da identidade dos açorianos, de sua filosofia de vida e da sua unidade regional”²⁸³.

Apesar de algumas singularidades de comunidade para comunidade ou entre ilhas, percebe-se que a festa vai sendo construída a partir de seus significados para cada coletividade. Na ilha de Santa Maria, os impérios possuem algumas distinções, como imperador e imperatriz, *trinchante* ou presidente, foliões (ainda existem), *briadores* (*bereadores*, vereadores), menino da mesa, copeiro, cozinheiro e cozinheiras, servente e aguadeiro.

Além das funções específicas do pessoal do império, há diferenças de significados dos ingredientes e produtos que são doados durante a festa. Assim, para construir a festa com as doações:

[...] no tempo das debulhas do trigo, mulheres e raparigas com um pequeno açafate forrado com um pano vermelho, tendo dentro uma pequena pomba de madeira, pintada de branco, percorrem as eiras, aos ranchos, pedindo esmola de trigo, que todos dão da melhor vontade, em regra um boa mão cheia [...]. Outras vezes a pomba é substituída pelo sceptro que é levado como credencial, por um homem, de cabeça descoberta e de sacco às costas e que faz igual peditório. Neste ultimo caso, o dono da eira, beijando respeitosamente o sceptro e dando-o a

²⁸³ Decreto Regional N° 13/80/A, de 21 de Agosto. Aprovado em 26 de julho de 1980.

beijar aos outros, enterra-o no montão de trigo, como para invocar a protecção do Espírito Santo.²⁸⁴

As organizações das festas do Divino diferenciam-se nos detalhes de funções, elementos da organização e distribuição de comida e doações. No entanto, o objetivo principal de exercer a caridade se mantém em todas as ilhas.

O ritual da coroação²⁸⁵ é o ato que ocorre em todas as festas do Divino Espírito Santo. A coroa possui um significado de poder, vitória e elevação – desde o ato de coroar com louros os vencedores de atividades esportivas até a coroa de reis e rainhas ao longo dos tempos.

O ciclo do Espírito Santo se inicia no último domingo de festas, no momento em que é realizado o “pelouro”, após os arremates de ofertas e doações em geral. O “pelouro” é o sorteio que se realiza entre os irmãos do império, geralmente cumprindo uma promessa. Nesse momento designa-se quem será o imperador em cada semana da Páscoa até o Domingo de Pentecostes. São sete ou oito semanas, se terminar no domingo da Trindade, que é o domingo depois do Pentecostes. A dinâmica é a seguinte: quem tira no sorteio o número um será o responsável pelos festejos na primeira semana e ficará com a coroa do Espírito Santo durante todo o ano. A coroa é colocada no trono, que é o altar doméstico, onde a coroa é venerada, e significa sorte para aquele que a conquistar.

Portanto, no final da Páscoa inicia-se a época do Espírito Santo. Durante cada semana são realizadas as “alumiações”, momentos de adoração das insígnias do Divino e de convívio social. É nessa ocasião que ocorre a reza do terço no império ou na casa do imperador e que todos cantam a música do “pezinho” ao imperador e a todos que realizam ofertas ao Espírito Santo – uma tradição na qual um grupo vai de casa em casa cantar aos benfeitores do império.

²⁸⁴ MARTINS, Ernesto de Oliveira. **Festa nos Açores**. Açores, Portugal: Serafim Silva Artes Gráficas, 1992. p.26.

²⁸⁵ “O coroado se ajoelha. O pároco asperge água benta na coroa. Depois, toma o ceptro, que tem na extremidade uma pombinha do espírito santo, a qual beija e, de seguida, dá a beijar ao coroando. Com a mão direita, o coroando (imperador ou imperatriz) toma das mãos do pároco o ceptro e encosta-o ao ombro esquerdo, passando a segurá-lo com as duas mãos. Seguidamente, o sacerdote toma das mãos do pajem a coroa (também encimada por uma pombinha), que beija, dando-a também a beijar ao coroando, colocando-lha, então, na cabeça. Acto contínuo, o sacerdote incenseia a coroa e ajoelha. E o coro entoia o hino ‘Veni, Creator Spiritus’.” FERNANDES, Aurélia Armas; FERNANDES, Manuel. **Espírito Santo em Festa**. Coimbra: G. C. Gráfica Coimbra, 2006. p.85.

A sexta-feira é o dia do sacrifício do boi, com vistas ao bodo que o imperador, no domingo, oferece aos seus convidados. Em muitos casos, é o próprio imperador que, no ato do “sacrifício” ou da “matança” do boi, benze-o com o cetro do Espírito Santo. Na sequência, tem-se no domingo a primeira procissão, que sai da casa do imperador com a coroa, o cetro e a salva, que é transportada tradicionalmente por jovens vestidas de branco para a igreja, onde se realiza a cerimônia da coroação.

A bandeira do Espírito Santo, vermelha ou escarlate com a pomba bordada na cor branca, segue sempre à frente na procissão. Muitas vezes, não é o imperador que é coroado, mas sim uma série de pessoas que ele designa, adultos ou crianças. Cada império possui várias coroas, a fim de usá-las no ritual da coroação como for conveniente ou conforme os desígnios do imperador.

Após a coroação inicia-se uma nova procissão, que vai até o local do bodo, em que são distribuídos geralmente pão e vinho a todos os presentes. Depois de terminado o bodo, o imperador segue em cortejo até o império, ou até a residência do imperador da próxima semana, a fim de entregar-lhe as insígnias do império.

Essas procissões, nas quais a autoridade religiosa não está presente, são visualizadas como grandes solenidades. Atualmente, as festas são acompanhadas pelas filarmônicas, bandas que tocam nas praças durante o bodo e após este, geralmente até o final da festa. O dia mais solene e com um grau maior de importância é, sem dúvida, o Domingo de Pentecostes, que, em muitos lugares, se prolonga até o domingo da Santíssima Trindade.

Na sexta-feira, os bois são enfeitados e os fazendeiros – donos dos bois – fazem a “procissão do vitelo”. Esses mesmos animais são sacrificados depois para os bodos e distribuição das esmolas aos carentes e necessitados em presídios, igrejas, casas de doações e caridade.

No Domingo de Pentecostes, após a missa, há a coroação, que é o momento mais importante da festa. Parte-se em cortejo até o império ou casa do imperador para o bodo ou *função*.

Os foliões sintetizavam tradições muito antigas. Dançavam, cantavam, no seu jeito brincalhão, um pouco malicioso, mas paradoxalmente eram os verdadeiros mestres de cerimônias, regendo todos os passos dos festejos. Vestidos de cores avermelhadas, o seu prestígio estava simbolizado na “mitra” que levavam sobre a cabeça. Já vimos que, na Beira, as

confrarias do império denominavam-se folias. Ora, folia vem do francês *folie*, que significa loucura, razão pela qual muitos especialistas vêem na origem dos foliões – na mesma linha de pensamento, *fou* ou *fol* em francês significa louco as antigas *festas dos loucos* realizadas em França. É lógico que haja nesta tese alguma razão, mas não nos podemos esquecer que, por sua vez, estas festas dos loucos têm uma origem na Europa celto-romana.²⁸⁶

A Festa do Divino reorganizou uma série de eventos e sintetizou-os em um ritual único, elaborado a partir dos elementos do povo. A inserção de símbolos e formas de manter a vida cotidiana, os ensinamentos bíblicos e a coroação fizeram da festa o que ela é ainda hoje, em tempos distintos daqueles nos Açores, ao longo de sua história.

O touro, por exemplo, é considerado um animal de extrema importância para os açorianos. Há certa adoração pelo animal, que é tido como sagrado. Em algumas ilhas existem rituais que vão desde o desfile de touros, touros ornamentados para as festividades, cortejo de produtos alimentícios, touradas à corda, folias com touros, até a matança. Nesse episódio, como um sacrifício dos ídolos pagãos, cumpre-se um ritual:

Chegada a hora da cruenta oblação, é o animal agarrado, com a multidão a comprimir-se de tal forma que a rês não pode movimentar-se. O matador, manejando habitualmente a choupa sobre o cachaço do animal, à frente de todos o abate, sem que alguém esboce um gesto de dor ou repugnância. É apenas um ritual milenário que se cumpre [...]. Depois de esfolado no chão, é içado por correntes movidas por uma roldana para uma armação em forma de forca e assim mesmo designada, onde é aberto e esquartejado, sendo parte da carne logo arredada para o bodo e a restante para a venda.²⁸⁷

A matança do boi ou touro ocorre em todas as ilhas, e a razão dessa ação é o bodo, em especial no último domingo, o Domingo de Pentecostes, na última coroação. Nessa ocasião, o bodo é feito com o maior cuidado e a festa é considerada a mais importante para as comunidades.

²⁸⁶ LOUÇÃO, Paulo. **O Culto do Espírito Santo nos Açores**. Disponível em: <http://www.nova-acropole.pt/a_espiritosanto-cores.html>. Acesso em: 22/09/2009.

²⁸⁷ MARTINS, Francisco Ernesto de Oliveira. **A Festa nos Açores**. Açores, Portugal: Serafim Silva Artes Gráficas/ Maia, 1992. p.185.

Esse ritual ainda está muito presente entre os açorianos e faz parte de suas tradicionais festividades. Cumpre lembrar que engloba diversas etapas, desde a comensalidade, a fatura, a doação até os princípios advindos dos dons do Espírito, fazendo-se presente em toda Festa do Divino.

A população portuguesa tem pelo boi uma veneração sagrada. O touro foi, em certas religiões e desde a mais remota antiguidade, um animal divinizado, característica que logo a Igreja soube assimilar. Nesta tendência se enquadram as bênçãos de animais e a tolerância para sua participação em festejos de índole religiosa, como o boi de São Marcos [...].²⁸⁸

Embora a imagem do boi seja inserida em variados momentos das festividades, a matança faz parte do ritual dos bodos de carne. A figura do boi aparece quando o animal é ornamentado para os festejos, bem como na benção, na tourada a corda, nos desfiles de carros de bois e até no ato final, quando são servidos os pratos açorianos típicos de alcatra.



Imagem 31 - Bodo, desfile da Ilha de São Miguel.²⁸⁹

²⁸⁸ MARTINS, Francisco Ernesto de Oliveira. **A Festa nos Açores**. Açores, Portugal: Serafim Silva Artes Gráficas/ Maia, 1992. p.183.

²⁸⁹ MELLO, José de Almeida. **Grandes Festas do Espírito Santo de Ponta Delgada**. Ponta Delgada - Ilha de São Miguel: Publiçor, 2009. p.65.

O bodo é conhecido como distribuição gratuita de carne, pão, rosquilhas de "mossa sovada" e vinho. As esmolas, a distribuir, são benzidas pelo pároco, previamente, bem como o pão. Estaria relacionado com um voto inicial; o mesmo que vôdo. Ao domingo de pentecostes chama-se 1º bodo, e ao do Santíssima Trindade, 2º bodo. O mais forte é o primeiro, pois esse é que vai "dar nome" à freguesia. 2. Dar o jantar, as ofertas e fazer as solenidades, a cargo do imperador; 3. momentos dos festejos do Espírito Santo durante os quais se distribui o pão; é nesta altura que "se corre bodos", significa passar de uma freguesia a outro, onde há verdadeiros arraiais populares, agora estragados pelo excesso de trânsito automóvel. Estas ofertas a distribuir pelo "cidadão anônimo" são dádivas dos irmãos daquele império, dos mordomos, desde lavradores abastados a viúvas pobres. Não se sabe quem dá, nem quem vai receber. O Senhor Espírito Santo é assim! *Imperador* é aquele que coroa (é coroado) no domingo (dominga) que lhe está destinado pelo sorteio do ano anterior, e que promove as festas, a partir da sua casa, e em ligação ao Império. É a mais alta dignidade da hierarquia do Império. A partir dessa altura, o tempo será contado naquela família e comunidade, pelo ano daquela coroação.²⁹⁰

Para as famílias que participam dos bodos, a maior recompensa é o fortalecimento do seu espírito e a honra de participar da dádiva.²⁹¹ Esse seria um dos dons do Espírito Santo de maior relevância: dividir com os outros a comida, a fartura à mesa. "A função do Espírito Santo ou império tem por fim primário o exercício da caridade, como primeiro fructo do espírito Santo, numa das suas manifestações mais úteis – a esmola. O mais é tudo secundário."²⁹²

Destarte, o objetivo maior da festa é a caridade. No entanto, cada um dos partícipes tem sua forma de sentir, pensar e, por conseguinte, tem seus objetivos individuais e coletivos a respeito da festa. Nesse sentido, a conotação de dádiva pode não se confirmar, pois, tendo em vista as ações de dar, receber e retribuir, muitos questionamentos podem surgir, questionamentos esses que, contudo, não

²⁹⁰ MENDES, Hélder Fonseca. **Descrição histórico-crítica das festas do Espírito Santo nos Açores**. p.06. Disponível em: <http://www.forumdaigrejabatolica.org.br/artigos/espiritosanto_festas.pdf>.

²⁹¹ A dádiva para Marcel Mauss, por um lado, é concebida como um sistema geral de obrigações coletivas, o que vem a reforçar a tese de Durkheim a respeito da sociedade como fato moral; por outro, faz questão de penetrar no universo da experiência direta dos membros da sociedade, que causa certa incerteza estrutural na regra tripartida do dar, receber e retribuir. Ver: CAILLÉ, Alain. "Dádiva e associação". In: MARTINS, Paulo Henrique (Org.). **A dádiva entre os modernos: discussão sobre os fundamentos e as regras do social**. Petrópolis: Vozes, 2002.

²⁹² MARTINS, Francisco Ernesto de Oliveira. **A Festa nos Açores**. Açores, Portugal: Serafim Silva Artes Gráficas/ Maia, 1992. p.25.

serão tratados neste trabalho, mas que abrem um leque de opções para se pensar nos dons da festa.

Os ciclos definem os momentos em que as festas são construídas pelas freguesias. Durante todo o ano, a vida cotidiana nas ilhas se condiciona ao calendário religioso e festivo. Cada membro das comunidades tem suas atribuições definidas por meio dos sorteios anuais, realizados durante a própria Festa do Divino, momento de finalização de um ciclo e início de outro.

Cada ciclo possui conotações distintas, mas, de alguma forma, eles se organizam de forma contínua, pois há nesses entremeios uma ordem que segue o ano e suas estações.

Os Ciclos do Espírito e do Touro começam em Maio, que é o mês das flores e verduras, da alegria, da Primavera e da fecundidade da terra, acabando estes ciclos no fim do ano litúrgico católico. O Ciclo do Espírito Santo, com a sua origem longínqua em Portugal continental, vai com a nossa Imigração até aos Estados Unidos e ao Brasil. É o tempo de pagamento das promessas e da caridade. [...] No ciclo do Touro, percorremos uma longa caminhada, que vai desde a reconquista cristã da Península até as Cavalhadas, S. João, S. Marcos, indo até às Touradas, sacrifício ritual do touro, e bodos de leite e carne. [...] Os ciclos do Homem e de Deus começam no fim do ano litúrgico católico, no mês de Novembro, o de Todos os Santos, que nos tempos do Povoamento se estipulava a obrigação de se distribuir pão cozido aos pobres, no dia dos fiéis defuntos, ou dos mortos. [...] O Ciclo do Homem vem do teatro grego, medieval e vicentino, cuja presença é encontrada nas nossas danças do Entrudo e no teatro popular representado ao ar livre, nos cadafalsos, “triatos” e impérios com folias, foliões, reises e janeiras. Finalmente, temos o ciclo de Deus, com a sua origem nas ordenas religiosas, confrarias, romeiros e romarias aos lugares já reconquistados aos infiéis, procissões em louvor a Deus, à Virgem Santíssima, e aos Santos, acabando na maior e mais fervorosa que se realiza nos Açores, mais principalmente em São Miguel e Santa Maria, que é a procissão do Senhor Santo Cristo dos Milagres.²⁹³

Nos ciclos percebe-se a influência da religiosidade, entremeada nas denominações do que é sagrado e profano. As questões específicas de cada ilha definem-se frente à construção social de cada freguesia e dos costumes e tradições de seus antepassados.

²⁹³ MARTINS, Francisco Ernesto de Oliveira. **A Festa nos Açores**. Açores, Portugal: Serafim Silva Artes Gráficas/ Maia, 1992. p.1-2.

Nas ilhas Terceira, Pico, Faial, São Jorge, Corvo, Graciosa, Flores e Santa Maria, as festas do Divino ainda mantêm-se com maior intensidade. Na Ilha de São Miguel, a festa em louvor ao Senhor Santo Cristo dos Milagres ocorre com maior fervor e louvor dos fiéis, pois se tornou de grande impacto com o turismo e com as devoções frente aos fatores climáticos, que em alguns momentos foram devastadores para os seus habitantes. Em Ponta Delgada, Ilha de São Miguel, os tremores de terras foram, de certa forma, responsáveis pela adoração ao Santo, que se tornou um ícone religioso e histórico da localidade.

Das mais populares, as festas do Espírito Santo ocorrem em todas as Ilhas, nas suas mais variadas freguesias, da Páscoa ao Pentecostes ou à Santíssima Trindade. São sete ou oito semanas de rituais cristãos adaptados à vida cotidiana dos açorianos na lavoura, nos pastos, na cidade e no comércio.

No próximo item, tratar-se-á mais especificamente do ritual dos bodos na Ilha Terceira, em especial na freguesia da Vila Nova.

2.5 FESTAS RELIGIOSAS: FREGUESIAS

A criação, execução e ornamentação das festas nos Açores possuem variadas formas, variando em cada freguesia. As tradições mantêm o escopo principal e as intenções das festividades; no entanto, as questões socioeconômicas são evidenciadas em cada localidade e em cada festa.

Além da construção festiva anual e dos preparativos de homens e mulheres nas suas mais variadas funções, percebem-se diferenciações também nos espaços construídos, com a finalidade de diferenciar o território religioso da festa, ou seja, o

que os açorianos denominam de “*Impérios*”²⁹⁴, construções encontradas em toda freguesia. Só na Ilha Terceira existem mais de cinquenta espalhados pelos recantos, construídos em épocas distintas e com configuração típica. Ao deparar-se com um “*Império*”, fica fácil reconhecê-lo.

Quando chegamos a esta ilha, logo deparamos com o vivo colorido e a alegria que emanam dos sessenta e oito impérios que povoam este pedaço de terra circundado pelo grande oceano. Estes impérios são umas “capelas” sui generis do Espírito Santo pertencentes às respectivas irmandades laicas. Com este estilo arquitetônico, constituem uma característica desta ilha e começaram a ser construídos no século XVIII. Nas outras ilhas existem casas e capelas do Espírito Santo e os triatos ou teatros, pequenas construções de madeira que são montadas na época dos festejos.²⁹⁵



Imagem 32 - Império da Rua do Conde.²⁹⁶

²⁹⁴ DUARTE, Mário; RAACH, Karl-Heinz. **Os Impérios da Ilha Terceira**. Angra do Heroísmo, Açores, Portugal: Blu Edições, 2002. p.3.

²⁹⁵ LOUÇÃO, Paulo. **O Culto do Espírito Santo nos Açores**. Disponível em: <http://www.nova-acropole.pt/a_espiritosanto-acoeres.html>. Acesso em: 23/08/2009.

²⁹⁶ Acervo pessoal de Elis Regina Barbosa Angelo (2008).



Imagem 33 - Império da Vila Nova.²⁹⁷

A gestão e utilização dos impérios é totalmente autónoma da Igreja. Aliás, a única função do sacerdote católico na “religião do Espírito Santo” é colocar a coroa aos imperadores ou imperatrizes e benzer as carnes e o pão a utilizar nas cerimónias.²⁹⁸

Durante as festividades, cada freguesia organiza a festa dentro de certos princípios básicos. De modo geral, os açorianos fazem primeiro a missa e depois vão até o Império em procissão, carregando os instrumentos e objetos fixos, ou seja, a coroa, o mastro²⁹⁹, a bandeira, entre outros. Uma vez que tais instrumentos estejam alocados no Império, iniciam-se as doações e oferendas que farão parte do dia de Pentecostes.

No que diz respeito aos significados das oferendas, são manifestações populares que se referem em especial ao tempo do Homem e ao tempo de Deus. Em resumo, significam agradecimento pelo alimento, pagamento de promessas e riqueza material e espiritual.

²⁹⁷ Acervo pessoal de Elis Regina Barbosa Angelo (2008).

²⁹⁸ LOUÇÃO, Paulo. **O Culto do Espírito Santo nos Açores**. Disponível em: <http://www.nova-acropole.pt/a_espiritosanto-cores.html>. Acesso em: 23/08/2009.

²⁹⁹ O mastro é o símbolo da fartura, representa o ato da fecundação. “[...] os mastros nativos são reminiscências dos cultos agrários, homenagens propiciatórias às forças vivas da fecundação das sementes.” CASCUDO, L. C. **Dicionário de Folclore**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000. p.371.

Os bodos que ocorrem nos Açores representam a festa em si; se chamam lá de bodo do leite, bodo da carne e do vinho, bodo do pão. O bodo é, na verdade, a distribuição de comida entre os membros da freguesia, ou local onde se realizam as festas, os Impérios do Divino.

A organização dos carros que ficam em exposição durante o bodo também é um espaço de socialização, em que os proprietários e residentes convivem com os visitantes. As mulheres arrumam-nos com rendas e colocam comidas e bebidas para servirem aos amigos, conhecidos e parentes durante todo o ritual, que vai da missa de Pentecostes até a procissão que leva a coroa de volta ao Império, momento em que se servem pães, vinho, leite, carne.



**Imagem 34 - Carro de vime ornamentado para o bodo
(Vila Nova, Ilha Terceira, Açores, maio de 2008).³⁰⁰**

Em todas as Ilhas, apesar das diferenças, a missa e a coroação seguem alguns padrões. O cortejo da procissão sai geralmente da igreja e vai até o império, levando as insígnias para ficarem guardadas até o próximo ano, quando os novos mordomos³⁰¹ organizarão novamente as festividades. Após o cortejo, inicia-se a distribuição de pão, vinho ou leite e comidas típicas de cada localidade. Algumas vezes os próprios moradores do local montam as mesas de comidas, levando cada

³⁰⁰ Acervo pessoal de Elis Regina Barbosa Angelo.

³⁰¹ “Um mordomo é responsável por angariar todos os apoios para as festividades a realizar durante a mordomia. O mordomo é quem apresenta o bodo de pão e vinho ao público em geral no domingo que lhe couber em sorte, além do bodo que é distribuído na segunda-feira da Mordomia aos residentes que contribuíram no peditório geral.” MAGINA MEDINA, João Manuel. **O Ciclo do Espírito Santo**. Angra do Heroísmo, Terceira, Açores, Portugal: Nova gráfica, 2007. p.15.

qual seu prato de doce ou salgado para servirem uns aos outros e a todos os visitantes e turistas que quiserem participar.

A Comissão do Império tem como membros o presidente, o secretário, o tesoureiro e três vogais, responsáveis durante dois anos pela manutenção do império, pela despesa, coreto, seis coroas, duas bandeiras e trinta insígnias do império. No Domingo de Pentecostes faz-se o sorteio dos “peloiros” e a comissão presta contas.

O Imperador é quem efetua a coroação nos Açores, bem como prepara as suas festividades com as despesas por sua conta. Angaria fundo e recebe ajuda e apoio de toda a comunidade, seja com as doações ou a criação de animais para ofertar durante a semana de festa. Geralmente, presenteia os visitantes com massa sovada, também por sua conta.

A Filarmônica está a caminho, dando-se início à preparação do cortejo que parte para a igreja. As bandeiras abrem o cortejo, seguindo-se as ofertas que irão ser entregues no Império, depois as coroas, e por fim a Filarmônica. Os convidados e familiares formam duas alas. O cortejo segue até a igreja. Depois do sacerdote celebrar a eucaristia, é chegado o momento da coroação. Em frente ao altar, são colocadas em fila, todas as coroas que fazem parte desta cerimônia. Por detrás, ficam os respectivos acompanhantes. Recebendo o Sacerdote a coroa, retira o ceptro, beijando-o e entregando-o a quem vai ser coroado. Levanta a coroa sobre a cabeça deste, e com o sinal da cruz, impõem-na de seguida. Esta cerimônia é repetida por todos os que vão coroar. Nos domingos de Pentecostes e da Trindade, finalizada esta cerimônia, o cortejo parte até a despesa, para se proceder à benção do pão e do vinho, que são distribuídos no bodo. É efectuada uma pequena cerimônia. O aroma do incenso ainda está no ar e o cortejo desloca-se até o Império, onde são entregues as coroas, bandeiras e insígnias. Aqui ficam no altar, até o final do bodo que se realiza no largo circundante. Posteriormente, novo cortejo se organiza até o local onde é servida a função.³⁰²

³⁰² MAGINA MEDINA, João Manuel. **O Ciclo do Espírito Santo**. Angra do Heroísmo, Terceira, Açores, Portugal: Nova gráfica, 2007. p.05.



Imagem 35 - Bodo da Vila Nova (Ilha Terceira, Açores, maio de 2008).³⁰³

Depois que o bodo termina, o Imperador começa o cortejo de coroação. Sai do império e parte para a *função*. São organizadas várias mesas extremamente longas e é servida a *função* (iguarias próprias do Espírito Santo). Nela se incluem: “pão de tranca” coberto com folhas de repolho temperadas com hortelã e um cozido feito com carne de vaca, linguiça, carne de galinha, sangue, toucinho, repolho, cenoura, batata da terra, batata doce e outros temperos.

Os açorianos também preparam a famosa “alcatra”, com molho e massa sovada, acompanhada de pão de água, pão de milho e vinho de cheiro. No final da *função* é servido arroz-doce. Esses pratos nunca mudam, pois fazem parte das tradições festivas do Divino – a sequência dos atos é como um ritual gastronômico.

Para finalizar o Domingo de Pentecostes, com a *função* acabada, um novo cortejo se organiza para o “arraial” – ocasião da festa na qual as pessoas visitam o Império e, ao som da filarmônica, se divertem. No final do cortejo são guardadas as coroas, bandeiras e insígnias, e recomeça a festa, que vai até o anoitecer. As *arrematações* ocorrem durante esse período e consistem em solicitações de dinheiro em troca dos gêneros alimentícios entregues à Igreja ou ao império.

Após o término do arraial ocorre o sorteio dos *peloiros*, candidatos a imperadores para o próximo ano. São sorteados oito nomes que irão cumprir as tarefas no ano seguinte. Caso haja mais de oito nomes na lista preenchida por

³⁰³ Acervo pessoal de Elis Regina Barbosa Angelo.

ordem de chegada, colocam-se num pires um bilhete em branco e os nomes; aquele que pegar o papel em branco no sorteio fica fora da disputa. Ocorre, então, depois da escolha do Imperador, o cortejo até sua residência, onde um novo ciclo se inicia. “É ao som da Filarmônica que a recepção final se efectua junto à residência do novo Imperador. Sobre o negro da noite, que, entretanto já caiu, as coroas são colocadas no novo altar, as visitas sucedem-se, e dá-se início a um novo ciclo.”³⁰⁴

A cerimônia de encerramento do ciclo ocorre na segunda-feira, com um cortejo que sai da despensa e se junta ao cortejo que sai da casa do novo mordomo. Após a união dos cortejos, sob pétalas de rosas, é entregue ao novo mordomo a vara do Espírito Santo, simbolizando um novo caminho. Quando acaba a cerimônia, o mordomo coloca a vara no altar decorado, concluindo esse ciclo e iniciando o novo ano.

Esse ritual ocorre praticamente da mesma forma em todas as freguesias das ilhas. São Miguel tem nas festas algumas modificações maiores, pois a Festa do Senhor Santo Cristo dos Milagres tornou-se a mais importante na ilha, deixando as demais festividades menos expressivas.

[...] É verdade que na Ilha de São Miguel, a mais populosa do arquipélago, as festas do Divino perderam o seu fulgor. É verdade que muitos jovens açorianos já não lhes compreendem a alma arcaica dos seus antepassados; é verdade que algumas das características mais peculiares e de grande calidez humana se têm vindo a perder, como é o caso dos foliões que, progressivamente, foram substituídos pelas filarmônicas; mas não é menos verdadeiro que o Culto do Espírito Santo nos Açores continua vivo, dinâmico, alegre, místico, paraclítico e luminoso em muitas localidades.³⁰⁵

Essa é a percepção tanto dos açorianos que habitam as ilhas como dos emigrantes que vivem no Brasil e retornam aos Açores nos períodos de festividades, caso do Sr. Henrique de Arruda Soares:

³⁰⁴ MAGINA MEDINA, João Manuel. **O Ciclo do Espírito Santo**. Angra do Heroísmo, Terceira, Açores, Portugal: Nova gráfica, 2007. p.79.

³⁰⁵ LOUÇÃO, Paulo. **O Culto do Espírito Santo nos Açores**. Disponível em: <http://www.nova-acropole.pt/a_espiritosanto-acoeres.html>. Acesso em: 23/08/2009.

A festa do Senhor Santo Cristo é muito forte lá em São Miguel, principalmente em Ponta Delgada, assim como as festas de Pentecostes, da Trindade, de São João.³⁰⁶

Na Ilha de São Miguel isso ocorre da mesma maneira. Notei que existe a festa do Divino Espírito Santo com base em Pentecostes, ou seja, cinquenta dias após a Páscoa, essa é a adotada pela Casa dos Açores de São Paulo, mas em São Miguel há outras como a Santíssima Trindade, citada na Bíblia como sendo o momento da anunciação, e da concepção da Virgem Santíssima, esse também é um momento importante porque é ali, surge o momento da Trindade (Pai, Filho e Espírito Santo). Em São Miguel se comemora a festa do Divino Espírito Santo na data de Pentecostes e uma semana após a festa da Trindade, chamada de Pequeno Divino. Vim até a descobrir agora, que também há festas de coroação de São João, onde também, por citação Bíblica, houve a manifestação do Divino Espírito Santo, no momento do ato do Batismo de Jesus.³⁰⁷

Nas colocações do Senhor Henrique, percebe-se o olhar sobre o que significa a Festa do Senhor Santo Cristo dos Milagres e outros festejos que não fazem parte do calendário festivo da Casa dos Açores de São Paulo. O depoente, apesar de ter vindo da Ilha de São Miguel, desconhecia algumas festas e suas reorganizações, depois de praticamente 50 anos vivendo no Brasil.

As irmandades que se formaram no Brasil em decorrência do fenômeno emigratório açoriano trouxeram consigo traços efetivos da religiosidade. A escolha das festividades anunciadas significa uma devoção às raízes, pois, embora apresentem diferenças em algumas localidades, nas quais a configuração muda de acordo com as intenções e devoção dos grupos, trazem marcas arraigadas historicamente.³⁰⁸

A exemplo de outras festas populares conhecidas pela sua exuberância plástica ou performática, as festas do Divino articulam uma dimensão que podemos reconhecer intuitivamente como estética, mas que, no entanto, resiste a ser descrita e analisada como uma categoria diferenciada e

³⁰⁶ O Sr. Henrique de Arruda Soares fala sobre a Festa do Senhor Santo Cristo dos Milagres e sua importância para São Miguel, além de indicar a diferença entre as festividades e sua relativa importância para o povo açoriano. Entrevista concedida em 07 de julho de 2008, na Casa dos Açores de São Paulo.

³⁰⁷ Depoimento do Sr. Henrique de Arruda Soares, em entrevista concedida em 07 de julho de 2008, na Casa dos Açores de São Paulo.

³⁰⁸ GONÇALVES, José Reginaldo Santos; CONTINS, Marcia. Entre o Divino e os Homens: a Arte nas Festas do Divino Espírito Santo. **Horizontes Antropológicos**. Ano 14, n.29. Porto Alegre, jan./jun. 2008. p.68.

autônoma. Isso porque o conjunto de atividades que produzem essas festas realizam-se sob a inspiração de categorias mágico-religiosas e morais, tendo sua razão profunda de existir na obrigação coletiva e individual de “agradar ao Divino”. Assim, o conjunto de atividades técnicas, estéticas, econômicas, fisiológicas e psicológicas que desencadeiam a festa são realizadas como uma contradição oferecida ao Divino Espírito Santo, em agradecimento pelas graças concedidas.³⁰⁹

Já se sabe que cada Ilha desenvolve uma festa com maior ou menor intensidade, e na Ilha Terceira se percebe uma devoção maior ao Divino Espírito Santo, até pela sua configuração geográfica. Cada Império do Divino faz sua festa e a nomeia de acordo com as necessidades e vontades do grupo que habita o local.

Mesmo levando em conta as diferenças entre as ilhas no que tange à construção anual das festas, percebe-se que o cerne dos atos é o mesmo. A devoção das pessoas, o agradecimento à terra e a Deus e a ajuda ao próximo são os objetivos comuns.

Os espaços sagrados convivem com as atividades profanas de forma amena, haja vista que tudo o que se faz nas ilhas é voltado para a religiosidade, ou advém dela de alguma forma.

O cotidiano dos açorianos, a família, a sociedade, a conjuntura política, as festas religiosas e a dicotomia entre sagrado e profano configuram um entendimento da construção do território açoriano. As ilhas possuem traços similares na representação religiosa das suas festividades.³¹⁰

Sobre os elementos de comensalidade, a culinária, os alimentos, os produtos tradicionais confeccionados e a gastronomia açoriana, pode-se afirmar que são uma forma de sociabilidade, pois, além de fazerem parte de toda e qualquer festividade, estão inseridos no cotidiano da população açoriana e nos restaurantes das ilhas como pratos típicos de cada uma delas. Aliás, a alimentação nos Açores possui algumas singularidades, sabores e histórias que vão desde o uso nas festas religiosas, como a do Divino Espírito Santo, até os típicos restaurantes e a vida cotidiana dos seus habitantes. A cozinha açoriana, apesar das modificações

³⁰⁹ GONÇALVES, José Reginaldo Santos; CONTINS, Marcia. Entre o Divino e os Homens: a Arte nas Festas do Divino Espírito Santo. **Horizontes Antropológicos**. Ano 14, n.29. Porto Alegre, jan./jun. 2008.

³¹⁰ MARTINS, Francisco Ernesto de Oliveira. **A Festa nos Açores**. Açores, Portugal: Serafim Silva Artes Gráficas/ Maia, 1992.

temporais, tem mantido “o fundo tradicional que é uma das suas marcas características”³¹¹.

Seguindo os critérios alimentares definidos para a festa do Divino, a *função* é o “conjunto de actos [de] que é obrigado a participar todo aquele que festeja o Espírito Santo, mas designa especialmente o jantar que o imperador oferece aos convidados no domingo em que se realiza a coroação”³¹². Dos pratos típicos da festa do Espírito Santo, alguns não podem faltar em nenhuma *função*, como a Sopa do Espírito Santo, elaborada com caldo de carne, temperada com sal, louro, hortelã, pau de cravo, pimenta e molho de alcatra, levando pão de água e algumas folhas de repolho. Também faz parte da *função* o Cozido do Espírito Santo, que leva carnes de vaca e de galinha, sangue, fígado, toucinho, repolho e, por vezes, batata e a conhecida alcatra, um prato exclusivo da Ilha Terceira, mas existem várias maneiras de prepará-lo. A carne escolhida é passada com sal e vinho branco e se deita num alguidar especial, de barro, chamado “alguidar de alcatra”.³¹³



Imagem 36 - Sopa do Espírito Santo.³¹⁴

³¹¹ MODESTO, Maria de Lourdes; PRAÇA, Afonso; CALVET, Nuno. **Festas e Comeres do Povo Português**. Vol.II. Lisboa: Editorial Verbo, 1999. p.06.

³¹² MARTINS, Francisco Ernesto de Oliveira. **Festas Populares dos Açores**. Lisboa: Região Autónoma dos Açores/ Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1985.

³¹³ MODESTO, CALVET, op. cit., p.137.

³¹⁴ Acervo pessoal de Elis Regina Barbosa Angelo (2010).



Imagem 37 - Cozido do Espírito Santo e Pão Doce.³¹⁵

O “gosto” e a “necessidade”, assim como a “fome” e o “paladar” são categorias “boas para pensar” oposições de natureza social, religiosa, étnica e cosmológica. Embora não esteja evidentemente voltada exclusivamente para o “gosto” ou o “paladar”, a festa do Divino não é um ritual da “fome” ou da “necessidade”, mas principalmente da “fartura”. A sopa do Espírito Santo (assim como a alcatra) servida no jantar no domingo de Pentecostes é especialmente apreciada pelo seu sabor. Na avaliação da qualidade de uma festa levasse em conta não apenas a fartura de alimentos e bebidas (e de convidados), mas também a sua qualidade, e especificamente a qualidade do seu preparo.³¹⁶



Imagem 38 - Alcatra com batatas.³¹⁷

³¹⁵ Acervo pessoal de Elis Regina Barbosa Angelo (2010).

³¹⁶ GONÇALVES, José Reginaldo Santos; CONTINS, Marcia. Entre o Divino e os Homens: a Arte nas Festas do Divino Espírito Santo. **Horizontes Antropológicos**. Ano 14, n.29. Porto Alegre, jan./jun. 2008. p.88.

³¹⁷ Acervo pessoal de Elis Regina Barbosa Angelo (2010).

Os pães são preparados de maneiras distintas para cada momento da festa. O pão de água é servido com a sopa do divino; o pão de mesa acompanha o cozido; e o pão doce é apreciado com a alcatra. Outro tipo de pão é a massa sovada, que alguns conhecem por bolo, que possui variados formatos e pode ser comido tanto com doces como com salgados.

A bebida típica para a *função* é o vinho de cheiro, que, elaborado com “uvas da casta Isabel, é muito aromático”³¹⁸. Há também durante os jantares a carne assada, o arroz doce e os confeitos, conhecidos por alfenins (doces feitos de açúcar).



Imagem 39 - Alfenins sob formas distintas.³¹⁹

Os alfenins são doces feitos de açúcar enfeitados a critério das mãos de quem faz. Os restaurantes, bares e confeitarias vendem diversos formatos desse típico doce português. As balas de coco possuem certa similaridade com esse tipo de confeito. Todas as festas do Divino possuem doces em formato de pomba, significando o espírito, especialmente pela coloração branca.

³¹⁸ GONÇALVES, José Reginaldo Santos; CONTINS, Marcia. Entre o Divino e os Homens: a Arte nas Festas do Divino Espírito Santo. **Horizontes Antropológicos**. Ano 14, n.29. Porto Alegre, jan./jun. 2008. p.137.

³¹⁹ Fonte: BLANCO, Alessandra. **Empadão e as Doceiras de Goiás Velho**. 24 junho 2009. Disponível em: <<http://colunistas.ig.com.br/comidinhas/files/2009/06/alfenin.jpg>>. Acesso em: 25/08/2010.



Imagens 40 e 41 - Preparo de Arroz-Doce para a *Função* da Ilha de São Miguel.³²⁰

O arroz-doce com canela também faz parte da *função*. Os almoços em louvor ao Divino possuem quase sempre esse formato: primeiro é servida a Sopa do Espírito Santo, depois, o cozido açoriano, seguido da alcatra e, às vezes, da carne assada; para finalizar, arroz-doce, sempre regado a vinho tinto.

Alguns pratos típicos dos Açores contêm frutos do mar: sardinhas assadas, camarões, lulas e polvos, variados tipos de peixes do mar. Quanto aos doces e pães, são feitos de forma específica, utilizando-se ingredientes conhecidos, porém elaborados com receitas passadas de geração em geração entre os açorianos.

³²⁰ MELLO, José de Almeida. **Grandes Festas do Espírito Santo de Ponta Delgada**. Ponta Delgada, Ilha de São Miguel: Publiçor, 2009. p.50.

A cozinha açoriana é muito uma cozinha de carne, e também de capoeira. É de estranhar em ilhas, perdidas entre tanto mar. Mas a costa alcantilada das ilhas vulcânicas não propicia bons portos de pesca. Apesar do excelente peixe que aí se pesca, muitas vezes sem comparação de qualidade com o disponível no continente (com destaque para o carapau, a garoupa, a abrótea, o cherne, o atum albacora ou a bicuda/barracuda, e também o marisco), o açoriano, particularmente o micalense, esteve sempre mais voltado para a terra do que para o mar.³²¹

A alimentação, os costumes do saber-fazer, a construção dos pratos típicos são formas de identificação cultural de um povo, pois, nesse contexto, expressam-se as formas de viver, de religiosidade, de formação, bem como as experiências do passado e do presente, transmitidas entre as gerações.

Nas festas do Divino, a alimentação segue uma forma de identidade religiosa, expressa na semelhança e na ordem dos pratos servidos.

A identidade religiosa é, muitas vezes, uma identidade alimentar. Ser judeu ou muçulmano, por exemplo, implica, entre outras regras, não comer carne de porco. Ser hinduísta é ser vegetariano. O cristianismo ordena sua cerimônia mais sagrada e mais característica em torno da ingestão do pão e do vinho, como corpo e sangue divinos. A própria origem da explicação judaico cristã para a queda de Adão e Eva é a sua rebeldia em seguir um preceito religioso: não comer do fruto proibido.³²²

Embora as invenções tradicionais sejam algo específico de cada grupo social, algumas modificações acabam sendo feitas ao longo do tempo. As festas do Divino tinham uma dimensão ampla no que se refere à formação dos espaços de alimentação e às quantidades de pães que se faziam nos bodos, o que hoje nem sempre se verifica.

Quando se olha para as imagens das festas nas ilhas, a comida sempre se faz presente, principalmente nos bodos. A *função* se distingue do bodo, que é a representação da dádiva do partilhar entre os pobres, o alimento em fartura.

³²¹ COSTA, João Vasconcelos. **A cozinha das ilhas açorianas e o povoamento**. Disponível em: <<http://jvcosta.net/cozinha.html>>. Acesso em: 30/08/2010.

³²² CARNEIRO, Henrique S. Comida e sociedade: significados sociais na história da alimentação. **História: Questões & Debates**. n.42. Curitiba: Editora UFPR, 2005. p.72.



Imagem 42 - Procissão do Bodo.³²³



Imagem 43 - Procissão do Bodo.³²⁴

As procissões eram formadas pelas pessoas comuns que apoiavam as festas; também eram elas que confeccionavam os pães para o bodo. Todos repartiam o que tinham para participar dos bodos nas freguesias.

³²³ MARTINS, Francisco Ernesto de Oliveira. **Festas Populares dos Açores**. Lisboa: Região Autónoma dos Açores/ Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1985. p 209.

³²⁴ Ibidem. p.209.

Em algumas freguesias, a simplicidade deu lugar ao luxo nas festas, que vão se reorganizando ao longo do tempo.³²⁵



**Imagem 44 - Festa do Divino na Freguesia de Santa Luzia
(Funchal, Ilha da Madeira, Açores, maio de 2008).³²⁶**

As alterações dizem respeito à forma como as festas vêm sendo realizadas em algumas freguesias, e não necessariamente aos seus objetivos. As festividades incorporam elementos oriundos da própria dinâmica cultural.

Na cidade de São Paulo, como forma de reorganização social e cultural, na qual as identidades se fundem, os rituais se transformam e mantêm traços dos antepassados por meio da religião, visualizada no cotidiano dos imigrantes. As festas religiosas, especialmente aquelas realizadas pelos moradores da Vila Carrão, ainda são fundamentadas nos preceitos advindos dos Açores, observados na construção da Casa dos Açores, nos seus espaços, na coroa vinda da Ilha de São Miguel, nos pratos típicos e demais traços culturais, que serão foco das próximas discussões deste estudo.

³²⁵ SPALDING, Walter. **A Festa do Divino Espírito Santo e sua origem**. Disponível em: <<http://www.portaldodivino.com/nobrasil/origem.htm>>. Acesso em: 22/10/2009.

³²⁶ Acervo pessoal de Elis Regina Barbosa Angelo.

Essa (des)construção do território açoriano será o próximo caminho percorrido para se desvendar as peculiaridades desse povo, que vive de forma singular e complexa frente à multiculturalidade da cidade e ora se mantém no anonimato, ora coloca em visibilidade o trabalho, o lazer e a gastronomia dos seus antecessores, como forma de enfatizar e dar continuidade às suas identidades.

CAPÍTULO 3 - TERRITÓRIO AÇORIANO EM SÃO PAULO: VILA CARRÃO



Imagem 45 - Viaduto Conselheiro Carrão, Bairro do Tatuapé (1970).³²⁷

³²⁷ Fonte: SÃO PAULO (MUNICÍPIO). Museu da Cidade de São Paulo. Casa da Imagem. Disponível em: <<http://www.museudacidade.sp.gov.br/imagem-imagens3.php?&fot=&anoini=&anofim=&mesini=0&mesfim=12&mostrar=s&palavra=&quantreg=734&idImg=707>>. Acesso em: 02/08/2010. Foto de Ivo Justino, 01/09/1970.

Este capítulo procurará discutir a compreensão do processo de transformação dos espaços físicos e culturais refletidos na relação do sujeito com a formação do lugar. As tradições, os hábitos e os valores transmitidos entre as gerações interagem com as práticas de sobrevivência econômica, social e cultural, à medida que os indivíduos constroem sua realidade com base em um universo de representações.

Os hábitos, costumes e valores trazidos pelos grupos inserem-se na relação com o lugar. A configuração espacial permite um olhar direcionado para as questões da construção do território, pensado como um espaço social vivido, englobando “processos de subjetivação individual e coletiva e não relações funcionais do tipo uso ou relações de uso: aqui lugar de morar; aqui lugar de trabalhar; aqui lugar de circular”³²⁸.

A modernização dos meios de transporte, das vias de acesso, da infraestrutura da cidade, das possibilidades de trabalho, entre outros fatores, oferece condições para uma constante transformação na criação dos espaços e dos territórios. As práticas ligadas à cultura, como a culinária, religião, valores de conduta, regras de convivência, formas de trabalho, entre muitas outras questões, se sujeitam não apenas aos fatores ligados à cultura de origem, como também à adaptação que sofre no lugar que as acolhe.

Assim, serão tratados aqui os aspectos de construção social e cultural dos espaços e do território das representações açorianas na Zona Leste da cidade de São Paulo, intermediando a construção da cidade no momento de chegada dos imigrantes no bairro que, de certa forma, também foi por eles criado.

3.1 MEMÓRIAS: CIDADE E VILA CARRÃO

Ao se pensar na cidade como uma multiplicidade de raças, cores e etnias, percebe-se que os grupos de imigrantes instalados formaram “faces” distintas, como se pode notar em bairros, ruas, monumentos, espaços públicos, cooperativas,

³²⁸ ROLNIK, Raquel. História Urbana: História da Cidade? In: FERNANDES, Ana; GOMES, Marco Aurélio (Orgs.). **Cidade & História** - modernização das cidades brasileiras nos séculos XIX e XX. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1992. p.28.

indústrias, fazendas, casas, lugares de memórias, entre muitos outros que, de alguma forma, formatam a organização de um elo com o país de origem.

Os portugueses de forma geral se espalharam pela cidade de São Paulo e habitaram diversos bairros, como é o caso do “Bom Retiro, Belenzinho, Mooca, Bexiga e Brás. No início do século XX, portugueses já habitavam bairros como o Tatuapé, Casa Verde, Pinheiros, Ponte Grande”³²⁹. Além desses bairros, novos espaços construídos pelos portugueses também podiam ser vistos na Vila Gumercindo e no Itaim Bibi, em cujas chácaras passaram a cultivar verduras, legumes e flores, além da criação de vacas leiteiras. Na atualidade, os portugueses não se concentram em lugares específicos, mas algumas organizações se estabelecem nas quatro zonas que separam a cidade.

Em alguns bairros como Santana, Tucuruvi, Tremembé e Vila Guilherme há um número expressivo de portugueses, inclusive vindos das Ilhas da Madeira e Açores. Na Zona Norte, os madeirenses convergiram principalmente para o Imirim e bairros próximos ao Horto Florestal, e na Zona Sul, para Santo Amaro. Os açorianos instalados na Zona Leste da cidade concentram-se principalmente na Vila Carrão.³³⁰

Quando abordada a construção do bairro em conjunto com a formação da cidade, especialmente na década de 1950, momento em que os açorianos já possuíam certa forma de organização de grupo para o trabalho nas fábricas, uma menção à época anterior a esse momento facilita a interpretação de lacunas sobre a rua, o bairro e a própria cidade, que acaba sendo palco de múltiplas e peculiares formações, singulares, mas generalizantes e, de algum modo, organizadas por grupos que dão aos espaços um foco direcionado de seus traços culturais.

Sendo a cidade de São Paulo uma das mais promissoras em termos de crescimento, com atenção à vinda das fábricas, indústrias e migrações de todo tipo, pode-se dizer que a formação da Vila Carrão, na Zona Leste da cidade, iniciou uma horizontalização com características de bairros industriais, nos quais se observam certas funcionalidades e formações peculiares.

A economia paulista ancorava-se em condições extremamente favoráveis para seu pleno desenvolvimento, com a poderosa ampliação de sua capacidade de acumulação por meio da integração das atividades cafeeiras, da agricultura variada, da

³²⁹ FREITAS, Sônia Maria de. **Presença Portuguesa em São Paulo**. São Paulo: Imprensa Oficial, Memorial do Imigrante, 2006. p.106.

³³⁰ Ibidem. p.106-7.

rede introvertida dos transportes, da diversificação do pequeno comércio varejista ao grande atacado, do sistema bancário e, sobretudo, da potencialidade revelada no setor industrial. Nesse processo não interrompido, os anos de 1950 são herdeiros da década anterior [...]. São Paulo transformava-se no centro manufatureiro hegemônico do país. A concentração regional era indispensável às economias de escala, que requeriam o investimento em técnicas modernas, ensejando o aumento da produtividade. Em 1950, o sonho acalentado da industrialização que alçaria o país ao mundo dos países desenvolvidos parecia viável e próximo. A indústria, particularmente aquela instalada em São Paulo, tornava o país auto-suficiente em produtos perecíveis e semiduráveis de consumo.³³¹

Nessa perspectiva da cidade, na qual a potencialidade da mão de obra era de suma relevância para o crescimento ora instalado, as imigrações e as migrações do país iniciaram a franca expansão. Os bairros ganhavam delineamentos específicos no que diz respeito às condições socioeconômicas e culturais dos grupos, que se incumbiam de definir as formações que dariam posteriormente uma caracterização de suas peculiaridades tradicionais.

Sobre o processo de construção da Zona Leste da cidade, pode-se dizer que a ocupação foi constituída ao longo da ferrovia, pois:

A Zona Leste foi ocupada a partir de uma constelação de núcleos que se espalhavam ao longo do antigo caminho que ligava São Paulo ao Rio de Janeiro, através do Vale do Paraíba. Esse eixo foi reforçado com a implantação da antiga ferrovia Central do Brasil (São Paulo - Rio de Janeiro) no final do século XIX. Essa estruturação revela a posição dos que vivem fora da cidade, do "lado de lá" da várzea do Carmo e da ferrovia Santos-Jundiaí, ao longo da qual se implantou um cinturão de indústrias, definindo uma forte barreira entre a cidade das elites e a ocupação periférica, ao longo do século XX, por moradias de trabalhadores em loteamentos irregulares ou clandestinos, casas autoconstruídas e conjuntos habitacionais construídos pelo poder público.³³²

³³¹ ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. Empreendedores Culturais Imigrantes em São Paulo de 1950. **Tempo Social**. Revista de Sociologia da USP. Vol.17, n.1. São Paulo, 2005. p.1.

³³² ROLNIK, Raquel; FRÚGOLI JR., Heitor. Reestruturação urbana da metrópole paulistana: a Zona Leste como território de rupturas e permanências. **Cadernos Metrôpole**. n.6, 2º sem. Observatório das Metrópoles, 2001. p.44.

Quanto à formação dos bairros que se inscrevem atualmente na Zona Leste da cidade, as ruas, as extensas avenidas e o rumo que teriam os espaços horizontalizados foram formados a partir das chácaras.³³³

Do ponto de vista da urbanização é importante registrar que, embora comprometidos com novos padrões urbanísticos, os loteamentos criaram núcleos relativamente isolados do conjunto da cidade. Assim, as ruas oriundas do ciclo de loteamentos de chácaras refletiam num primeiro momento a ausência da função articuladora.³³⁴

As ruas e o padrão urbanístico desses novos espaços criados na região Leste tinham problemas oriundos da falta de recursos, pois ainda não estavam formalizados os loteamentos, e obviamente não contavam nem com infraestrutura básica – faltava água encanada, esgoto, iluminação pública e vias de acesso.

Aqui em São Paulo... Menina, quando eu cheguei aqui em SP eu vim pra Vila Carrão, me instalei, sempre morei na Vila Carrão, faz 50 e... Quer dizer agora em junho vai fazer 52 anos que eu tô aqui. A única estrada, única avenida asfaltada e era só um trequinho que vinha até aqui perto do cemitério, vinha lá do largo do Carrão e era a Avenida do Conselheiro Carrão. O resto era tudo terra... Era intransitável. Então vivia um lugarejo só de chácaras. Era só chácaras, chácara de um lado, chácara de outro. Vivíamos em função de uma fábrica chamada Guilherme Giorgi, entendeu? Então todo açoriano que vinha de lá, ele vinha pra trabalhar no Guilherme Giorgi. Na fábrica Guilherme Giorgi, entendeu?³³⁵

Quando menciona o espaço onde vivia, o depoente rememora os lugares criados a partir das chácaras e a infraestrutura precária a que se submetiam os açorianos que vinham para o trabalho fabril. Cumpre notar que essas características observadas pelos moradores da Vila estiveram condicionadas à política de zoneamento urbano, inscrita na lógica de funcionalidade da cidade.

A função desempenhada por cada padrão urbanístico desencadeava espaços construídos com finalidades específicas. A rua, por exemplo, tinha em seu

³³³ MEYER, Regina Maria Prosperi. O Papel da Rua na Urbanização Paulistana. **Cadernos de História de São Paulo**. n.2. São Paulo: Museu Paulista da Universidade de São Paulo, jan.-dez. 1993. p.16.

³³⁴ Ibidem.

³³⁵ Manoel de Medeiros fala de suas memórias da Vila Carrão quando chegou a São Paulo. Entrevista concedida em 03/06/2008, em sua indústria.

bojo a criteriosa instalação conforme os interesses de modernização e rentabilidade econômica.³³⁶

As vilas localizadas nas regiões Leste e Oeste da cidade, como é o caso da Vila Carrão, Brás, Mooca e Barra Funda, surgiram no âmbito do movimento de criação do bairro-casa-moradia. Assim, “a articulação trabalho-moradia promovida pelos industriais é extremamente relevante para entender o padrão urbanístico destes bairros populares”³³⁷.

Tudo começou em 1916, com a chegada dos primeiros imigrantes portugueses, italianos e japoneses a uma antiga fazenda de uva pertencente ao Conselheiro João José da Silva Carrão. Documentos oficiais consideram 1917 o ano de sua fundação, portanto, Vila Carrão completa neste mês de setembro 87 anos.³³⁸

Essa colocação sobre os primeiros imigrantes a virem para a região Leste nos remete a alguns elementos sobre a construção da rua, do bairro e do território³³⁹ que atualmente é conhecido por Vila Carrão, no qual as chácaras deram lugar às casas populares, que se inseriam na proposta casa-moradia-trabalho.

Esse espaço particularmente novo e repleto de múltiplas faces acompanhava o crescimento da cidade de São Paulo, se inserindo no plano urbanístico que pretendia disponibilizar imóveis de preços baixos, delineando os espaços e suas respectivas funções econômicas.³⁴⁰ E esse planejamento envolvendo algumas ruas da Vila Carrão foi sendo configurado à medida que os imigrantes açorianos traziam seus compatriotas para o trabalho nas fábricas,

³³⁶ MEYER, Regina Maria Proserpi. O Papel da Rua na Urbanização Paulistana. **Cadernos de História de São Paulo**. n.2. São Paulo: Museu Paulista da Universidade de São Paulo, jan.-dez. 1993.

³³⁷ Ibidem. p.19.

³³⁸ REVISTA IN. **Era uma vez um bairro com muitas chácaras...** 22 de fevereiro de 2011. Disponível em: <http://www.revistainonline.com.br/exibe_historia_bairro.asp?texto=36&bairro=8>. Acesso em: 22/01/2010.

³³⁹ Território é aqui abordado enquanto espaço socialmente construído, no intuito de trazer uma visão específica dos traços culturais advindos de grupos imigrantistas. ROLNIK, Raquel. História Urbana: História da Cidade? In: FERNANDES, Ana; GOMES, Marco Aurélio (Orgs.). **Cidade & História** - modernização das cidades brasileiras nos séculos XIX e XX. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1992.

³⁴⁰ Sobre a vila operária, a construção do bairro e o saudosismo do passado imaginado, há alguns trabalhos como o de Eva Alterman Blay, que salienta a formação da vila sob a visão do operário e sob a visão do industrial: “Cremos que deste modo pudemos nos afastar das pressuposições e chegar mais perto do porquê as vilas operárias foram construídas, continuam a ser construídas e por que seus moradores buscam morar nelas.” BLAY, Eva Alterman. **Eu Não tenho onde morar: Vilas operárias na cidade de São Paulo**. São Paulo: Nobel, 1985. p.29.

juntamente com outros grupos imigrantistas, como os japoneses, que também têm presença expressiva entre os moradores do bairro.

Nas décadas de 1940 e 1950, políticas nacionais favoráveis à diversificação industrial possibilitam a expansão desse setor para além do corredor das linhas férreas. O maciço investimento no transporte rodoviário amplia a possibilidade de localização das empresas para novos eixos polarizadores tanto na capital, quanto em municípios adjacentes, enfatizando o desenvolvimento do segmento industrial. Durante décadas, a vocação industrial da capital paulista promoveu a expansão e diversificação de uma rede de serviços e comércio.³⁴¹

Com a ampliação das fábricas e indústrias no bairro e em suas adjacências, a mão de obra imigrante era necessária para a ideia de desenvolvimento da metrópole. Ao se analisar a construção dinâmica da metrópole, especialmente dessa área da Zona Leste onde as vilas cresceram no entorno das fábricas e onde se estabeleceram vínculos com o trabalho, evidencia-se a relação dialética entre essa construção e os integrantes desse processo social.

Na região leste destacam-se as vilas operárias na Mooca, construídas para fábricas como a Cervejaria Bavária instalada em 1892 e a do Cotonifício Crespi em 1897. Entretanto, foi no Belenzinho que surgiram as mais expressivas vilas operárias como a Vila Maria Zélia erguida pelo industrial Jorge Street num terreno contíguo a Fábrica Maria Zélia e a Vila Boyes erguida pela Fábrica São Simão e posteriormente comprada pelo grupo Matarazzo para a Tecelagem Belenzinho.³⁴²

Com as novas políticas de expansão, o setor industrial na cidade passou a abarcar os mais variados ramos. Além da indústria leve, caracterizada por fábricas de tecidos, produtos alimentícios e frigoríficos, nessa fase surgiram indústrias com atividades como montagem de automóveis e caminhões, fabricação de pneus, fabricação de produtos químicos, além da metalurgia leve vinculada à produção nacional da usina siderúrgica de Volta Redonda, entre outras empresas que despontaram na área de prestação de serviços. Com a crescente necessidade de

³⁴¹ RODRIGUES, Angela Rösch. **Cidade e Indústria**: estudo sobre a relação dos processos de urbanização e industrialização na cidade de São Paulo. Anais do II Encontro Nacional sobre Patrimônio Industrial. São Paulo: Belas Artes, 2009. p.02.

³⁴² Ibidem. p.04.

ampliar as vias de acesso e as radiais, viu-se também o desenvolvimento do transporte rodoviário, em detrimento do ferroviário.

Nessa nova perspectiva, as características urbanísticas foram repensadas, com o objetivo maior de desafogar o trânsito e redefinir os aspectos do centro da cidade.

Nessa nova fase, um dos aspectos de maior relevância do Plano de Avenidas foi a sugestão das marginais Pinheiros e Tietê como terceiras perimetrais a circundar distantemente o centro. Em 1949, o prefeito Linneu Prestes convida uma equipe dirigida por Robert Moses, autoridade do planejamento da região metropolitana de Nova York, para preparar um “Programa de Melhoramentos Públicos para São Paulo”. Moses identifica o impacto da rede de rodovias estaduais que tinham São Paulo como centro regional, a partir disso, sugere que as marginais concebidas esquematicamente no plano de Maia, recebessem o tráfego das rodovias. Essas novas artérias passaram a comandar os fluxos de circulação da cidade propiciando a distribuição de investimentos.³⁴³

Nesse novo contexto, “quarteirões e bairros diferenciavam-se segundo a predominância das atividades ali estabelecidas; ruas, vilas e cortiços/malocas povoados por migrantes mostravam a latência de um espaço entre a casa e a rua [...]”³⁴⁴. Nesses espaços de migrantes e imigrantes, nos quais se observavam “trocas permanentes, estabelecendo relações dinâmicas, criando laços de solidariedade e estratégias de sobrevivência”³⁴⁵, foram se formando verdadeiros territórios de faces visíveis, não ocultas nem sem identidades, mas com singularidades de cada grupo.

A rua é o meio-termo entre a casa, a sociabilidade, o trabalho, o comércio, a religião e as demais faces da organização socioespacial da vida cotidiana. A rua pode ser o primeiro passo para a compreensão da criação do espaço social, sendo considerada não apenas sob o aspecto do ir e vir, mas levando em conta também a condução de fatores intrínsecos ao seu posicionamento, à sua estrutura e configuração. Revela ainda premissas que levam a interesses de modernização,

³⁴³ RODRIGUES, Angela Rösch. **Cidade e Indústria**: estudo sobre a relação dos processos de urbanização e industrialização na cidade de São Paulo. Anais do II Encontro Nacional sobre Patrimônio Industrial. São Paulo: Belas Artes, 2009. p.6-7.

³⁴⁴ MATOS, Maria Izilda Santos de. A Cidade que mais cresce no mundo: São Paulo Território de Adoniran Barbosa. **São Paulo em Perspectiva**. Vol.15, n.3. São Paulo, jul./set. 2001. p.50. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/spp/v15n3/a08v15n3.pdf>>.

³⁴⁵ Ibidem.

rentabilidade econômica de seus participantes, condução para outras vias, lugar de produção de algo, palco, cenário, entre outras conotações possíveis.

As ruas que identificam os açorianos fazem parte do seu território de tradições³⁴⁶, ou seja, são as ruas em que trafegam as procissões, que levam à Casa dos Açores e que cortam a Conselheiro Carrão, uma das avenidas mais conhecidas do bairro. A Dentista Barreto, além de ser a rua da Casa dos Açores, é a rua pela qual transitam alguns elementos culturais dos açorianos, conhecida por rua das festas, das procissões e das quermesses.

A rua era o centro de tudo. As pessoas promoviam festas, passeavam durante as noites de verão ou colocavam cadeiras na calçada para prolongadas conversas. O comércio também percorria os calçamentos de pedra. Vendedores iam de porta em porta anunciando as mercadorias: pizza em quantidade dentro dos latões, frango, verduras e doces.³⁴⁷

Essa menção à rua como espaço de múltiplas faces revela-a enquanto passível de olhares distintos. “A questão fundamental é entender o significado dos processos de territorialização na história e sua relação com o processo global de transformações que ocorrem na vida social, econômica e política dos grupos de forma geral.”³⁴⁸ Destarte, o lugar traz em seu bojo inúmeras conotações, capazes de favorecer lembranças de crianças, jovens, adultos e velhos; nele a vida acontece e dele todos fazem parte enquanto sujeitos e atores sociais.

A respeito da construção das vilas que entremeiam a Zona Leste, pode-se dizer que dos Sítios Tucuri, Bom Retiro e Chácara Carrão se elevaram os bairros da Vila Carrão, Vila Nova Manchester, Vila Santa Isabel e Jardim Têxtil. Tais bairros foram configurados a partir da criação das vilas operárias organizadas junto às fábricas e indústrias então posicionadas nesse espaço, com as peculiaridades de

³⁴⁶ O conceito de tradição usado aqui se refere ao que Hobsbawm chama de “tradição inventada”, ou seja, “um conjunto de práticas de natureza ritual ou simbólica que visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente uma continuidade em relação ao passado”. HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p.09.

³⁴⁷ SÃO PAULO 450 ANOS. **A história dos marcos da cidade**. Bairros Operários. Disponível em: <http://www.aprenda450anos.com.br/450anos/vila_metropole/2-3_bairros_operarios.asp>. Acesso em: 01/06/2010.

³⁴⁸ ROLNIK, Raquel. História Urbana: História da Cidade? In: FERNANDES, Ana; GOMES, Marco Aurélio (Orgs.). **Cidade & História** - modernização das cidades brasileiras nos séculos XIX e XX. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1992. p.29.

cada grupo imigrantista que ocupava as ruas e favorecia o aparecimento de traços de cada cultura dinamizada temporal e espacialmente.

Então o crescimento que eu percebi aqui é monstruoso, foi monstruoso o crescimento horizontal hoje, o próprio Tatuapé, ali Anália Franco tudo aquilo ali era só chácaras, era só mato... De uma hora pra outra está se fazendo uma malha vertical. É um absurdo o pessoal que mora. Hoje o luxo que nós temos no Tatuapé. Isso tende a crescer... Ali nós tínhamos campo de futebol, tínhamos um mundo de coisa ali dentro, tirávamos leite de vaca, vivendo na rua, isso tudo ali no Tatuapé. E hoje, hoje é uma barbaridade o progresso que essa região da Zona Leste, principalmente as outras regiões eu tive muito pouco acesso porque fiquei desse lado e depois acabei montando a empresa aqui desse lado mesmo e por aqui a gente não anda muito por São Paulo...³⁴⁹

No depoimento supracitado, o Senhor Manuel de Medeiros comenta como era o bairro Carrão e como foi sendo configurado o crescimento da cidade. Quando fala das chácaras e dos problemas de deslocamento ocorridos nas décadas de 1950 e 1960, evidencia a ausência de vias de transição nos bairros adjacentes e a forma estrutural daquele espaço no momento de sua chegada à cidade.

Horizontalização e verticalização foram processos simultâneos na grande metrópole nos anos de 1950. Se a concentração das atividades constituiu-se em condição favorável ao desenvolvimento econômico, foi ao mesmo tempo matriz geradora de incontáveis problemas de sobrevivência urbana. Sem planejamento, ou com planejamento tardio e parcial, o vocabulário nada plástico das dificuldades logo se ampliou: inadequação do sistema de esgotos, que polui os rios; carência de água potável trazida de longas distâncias; adensamento do tráfego urbano pela precariedade do transporte coletivo; vias insuficientes para o excesso de veículos. Em suma, problemas que denunciam a metrópole moderna, ainda que sob o jugo de condições periféricas.³⁵⁰

Esse processo de horizontalização mencionado seguia uma nova regulamentação que, impulsionada pela necessidade de reorganizar as vias de

³⁴⁹ Manuel de Medeiros nasceu em 12 de novembro de 1941, em São Miguel, Açores, Portugal. Emigrou para o Brasil em 13 de junho de 1956, com 15 anos de idade. Veio para São Paulo com carta de chamada dos parentes para todos os membros da família que ainda estavam nos Açores. Entrevista concedida em 06 de março de 2008, na sua Indústria de Peças em São Paulo, na Zona Leste da cidade, onde mora e trabalha.

³⁵⁰ LOVE, Joseph. **A locomotiva**: São Paulo na Federação Brasileira - 1889-1937. São Paulo: Paz e Terra, 1982. p.120.

acesso e criar novos bairros fabris, alterava as disposições anteriores, que eram pautadas pelos modelos europeus de alinhamento das ruas e vilas.

Antonio Prado, impulsionado pela necessidade do nosso principiante industrialismo, promoveu esta obra que viabilizou a expansão definitiva dos bairros fabris. Esta operação [...] garantia a instalação conjugada da fábrica e da habitação operária, configurando um setor urbano onde a cultura e o espaço foram desde o início marcados pela manifestação de um modo de vida urbano vinculado à cultura operária imigrante.³⁵¹

As perimetrais construídas pelo “Plano Avenidas” eram consideradas propostas que mudariam o sistema viário da cidade.

As grandes avenidas perimetrais associadas às vias radiais, que partiam rumo aos bairros, são o modelo amplamente adotado pelos urbanistas europeus a partir da segunda metade do século XIX.

[...]

As grandes avenidas radiais, de fundo de vale ou não, continuaram a levar a urbanização para áreas distantes. Os loteamentos populares, apartados da cidade e com baixa probabilidade de chegar a receber infra-estrutura e serviços, tornaram-se setores em que a ausência dos atributos urbanos mais elementares gerava um novo espaço: a periferia. O ritmo de instalação desses loteamentos, já presentes nas décadas de 20 e 30, também mudou de escala de crescimento demográfico dos anos 50, associado à industrialização. Com eles nasceram as ruas anônimas, as ruas precárias.³⁵²

A Radial Leste, que marcou o início de uma nova organização rodoviária expressa, foi nomeadamente pensada em período anterior, pela recomendação de Robert Moses³⁵³, que estudou a questão das melhorias na cidade de São Paulo, ampliando o conceito de metrópole. “O exemplo mais completo é sem dúvida a

³⁵¹ MEYER, Regina Maria Prosperi. O Papel da Rua na Urbanização Paulistana. **Cadernos de História de São Paulo**. n.2. São Paulo: Museu Paulista da Universidade de São Paulo, jan.-dez. 1993. p.20.

³⁵² Ibidem. p.22-3. A construção das radiais se estabelece a partir do momento em que se torna necessária a expansão de vias industriais, formadas a partir dos conceitos de alongamento da cidade e não mais de ajardinamentos ou cópias de cidades europeias e modelos já estabelecidos.

³⁵³ Robert Moses foi o engenheiro norte-americano que apresentou, entre outros, o projeto de ampliação das avenidas da cidade e também um dos projetos de criação do metrô de São Paulo, na conjuntura política de Prestes Maia.

ligação leste-oeste da cidade, procurada por Prestes Maia desde os anos 30 e que em 1961 vem com características parciais de via expressa: é a Radial Leste.³⁵⁴

A “invenção” da paulistaneidade forjou-se na perspectiva do progresso, do trabalho, nos signos da metrópole industrial e das chaminés, pressupondo certas construções do passado: a fundação da vila pelo jesuíta José de Anchieta, o palco da independência, elegem-se como mito os bandeirantes, identificando-os como “heróicos paulistas que desbravaram os sertões e construíram a grandiosidade do território nacional”. O ritmo da modernidade contaminava São Paulo, transformando-a em um novo território repleto de automóveis, ônibus, caminhões, buzinas, sons e odores, o ritmo acelerado dos transeuntes, o café no balcão, a pressa, a falta de tempo, os novos magazines, os modernos edifícios do centro novos cada vez mais altos. São Paulo assumia o emblema da modernidade, os arranha-céus e as chaminés, “a cidade que não podia parar”, mas mantinha a sua goa como símbolo.³⁵⁵

O Plano Avenidas articulava o novo conceito de cidade, advindo de novas necessidades da estrutura viária, já que o número de veículos ampliava-se com a modernização dos equipamentos. O sistema viário na cidade a partir das décadas de 50 e 60 ampliava as características das cidades cosmopolitas, cujas necessidades de velocidade e fluxo se tornavam cada vez mais expressivas.

Nessa cidade cosmopolita, com edifícios ecléticos atingindo novas alturas, as avenidas ainda eram bulevares nos quais os elegantes pedestres circulavam (mesmo através de túneis e viadutos) em harmonia com os automóveis particulares. O Plano de Avenidas expressa uma concepção urbana adequada a cidades em rápida expansão horizontal, que necessitam estabelecer a movimentação fácil e ágil entre o centro comercial/administrativo e as áreas residenciais e industriais distribuídas periféricamente. Entre a concepção em 1930 e a efetivação a partir de 1938, o Plano de Avenidas sofre transformações relevantes.³⁵⁶

³⁵⁴ MEYER, Regina Maria Prosperi. O Papel da Rua na Urbanização Paulistana. **Cadernos de História de São Paulo**. n.2. São Paulo: Museu Paulista da Universidade de São Paulo, jan.-dez. 1993. p.24.

³⁵⁵ MATOS, Maria Izilda Santos de. A Cidade que mais cresce no mundo: São Paulo Território de Adoniran Barbosa. **São Paulo em Perspectiva**. Vol.15, n.3. São Paulo, jul./set. 2001. p.50. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/spp/v15n3/a08v15n3.pdf>>.

³⁵⁶ ANELLI, Renato Luiz Sobral. Redes de Mobilidade e Urbanismo em São Paulo: das radiais/perimetrais do Plano de Avenidas à malha direcional PUB. **Arquitextos**. Ano 7, mar. 2007. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/07.082/259>>. Acesso em: 22/10/2010.

A cidade atravessava novas fases e seus habitantes aguardavam a ampliação do fluxo viário que ocorreria nas próximas décadas. Nos relatórios de gestão da Prefeitura se observava o ritmo acelerado das obras voltadas para o sistema viário.

Da antiga cidade industrial formada a partir dos anos 1950, São Paulo conserva uma base industrial ampla e diversificada, tradicional e moderna, em que sistemas quase completos de insumo/produto concentram-se espacialmente. É uma indústria em mutação, baseada em estruturas mais extensas de subcontratação, que opera em espaços menores e é usuária de serviços sofisticados e dependente de relações mais complexas com seus clientes e fornecedores. A comparação entre a territorialização da produção industrial em 1968, realizada pelo Plano Urbanístico Básico, e a territorialização no começo da década de 1990 utilizando o cadastro do SENAI mostra a presença de várias pequenas indústrias junto às áreas onde predominavam os grandes e médios estabelecimentos, notadamente ao longo da antiga ferrovia Santos-Jundiaí.³⁵⁷

Os novos bairros que se formavam ao longo das perimetrais e das radiais se inscreviam numa lógica que determinaria posteriormente suas características. Os indivíduos, atores sociais dessa nova cidade, dessas ruas e bairros, foram se construindo e reconstruindo com o passar dos anos. Suas singularidades ora se perdem, ora se expressam nas representações culturais. “O homem perdido no anonimato da multidão se dilui nessa massa informe dos habitantes das grandes cidades, se assemelha a todos, quando o que mais deseja é expressar sua diferença.”³⁵⁸

A questão da construção territorial dos açorianos no bairro se evindencia na sua representação cultural e, em termos temporais, na articulação das chegadas na década de 1950, também pelo trabalho no Cotonifício Guilherme Giorgi, tornando-o um dos mais relevantes espaços de interação dos habitantes do bairro antes mesmo de seu posicionamento na cidade. As ruas e os delineamentos urbanos se fizeram com características definidas pelos padrões dos grupos estabelecidos em cada localidade, além das formulações advindas das políticas públicas daquele momento.

³⁵⁷ ROLNIK, Raquel; FRÚGOLI JR., Heitor. Reestruturação urbana da metrópole paulistana: a Zona Leste como território de rupturas e permanências. **Cadernos Metrópole**. n.6, 2º sem. Observatório das Metrópoles, 2001. p.48.

³⁵⁸ BRESCIANI, Maria Stella Martins. Nas Ruas, os Caminhos da Cidade. **Cadernos de História de São Paulo**. n.2. São Paulo: Museu Paulista da Universidade de São Paulo, jan.-dez. 1993. p.27.

Porque a própria empresa “Guilherme Giorgi” ela tinha essa parte que hoje a gente chama de Jardim Têxtil, eram casinhas da Guilherme Giorgi. Então, o pessoal já vinha normalmente com a casinha alugada. Então, era que nem uma Cooperativa mesmo. Toda essa parte que hoje é o Jardim Têxtil, era da Guilherme Giorgi, eram todas casinhas... Os funcionários vieram prá cá, não tinham onde morar, então, eles se preocuparam com isso. Aí, foi onde teve essa maior concentração aqui no Carrão, em decorrência da fábrica.³⁵⁹

Na fala de Dona Leonilda se percebe uma visão de como foram sendo constituídas as habitações para os trabalhadores imigrantes que chegavam na cidade nesse período. As visões individuais acerca da construção dos bairros periféricos se estabelecem em conjunto com as imagens criadas pelos artistas, pintores e demais pensadores que, de certa forma, também contaram ou retrataram a formação dos subúrbios da cidade.

Ao longo dos anos, fica nítido que a construção e o desenvolvimento dos bairros paulistanos estiveram condicionados às políticas públicas voltadas para as funções econômicas das regiões, zonas e ruas da cidade. A Zona Leste se desenvolveu a partir de uma concepção industrial, seguindo modelos de enquadramento dos loteamentos massificados da população. Ao longo das décadas de 50, 60, 70 e até a atualidade, se percebe uma relação tênue de modificações, ressaltando por vezes os traços do passado econômico e social da população que habita a localidade.

O modelo centro-periferia, que durante décadas deu conta das principais dinâmicas urbanas em curso em São Paulo e em outras grandes cidades, continua marcando, de certa forma, as principais tendências de organização territorial metropolitana, ainda que diversos fenômenos possam estar gradativamente a relativizá-lo, como a diminuição perversa da segregação social, a auto-segregação de grupos sociais com maior poder aquisitivo (muitas vezes em áreas mais periféricas), a melhoria urbanística de bairros populares periféricos (acompanhada de expulsão de parte da população após as melhorias), a possibilidade da ampliação de espaços metropolitanos “fractais” (simultaneamente mais homogêneos no macro e mais heterogêneos no micro), o processo de desdobramento da centralidade do setor terciário moderno, entre outros.³⁶⁰

³⁵⁹ Depoimento da Senhora Leonilda dos Reis Jacob, em entrevista concedida em 27 de junho de 2009, na Casa dos Açores de São Paulo.

³⁶⁰ ROLNIK, Raquel; FRÚGOLI JR., Heitor. Reestruturação urbana da metrópole paulistana: a Zona Leste como território de rupturas e permanências. **Cadernos Metrópole**. n.6, 2º sem. Observatório das Metrópoles, 2001. p.56.

Mesmo com as muitas inclusões realizadas para a melhoria dos bairros da Zona Leste da cidade, verifica-se que distintos modelos de arquitetura, urbanismo e criação de serviços são observados nos mais variados bairros de toda a São Paulo cosmopolita.

Quanto à dinâmica da reestruturação urbana em curso em São Paulo, há necessidade de se diferenciar os fenômenos que se observam no quadrante sudoeste, marcados de certa forma pela hegemonia do setor terciário moderno, e os que observam na Zona Leste, cujas características já assinaladas – desconcentração e reconversão industrial, a inscrição territorial do comércio varejista moderno, verticalização de áreas periféricas – podem apontar, a depender de novos aprofundamentos, para novas formas de espacialização da desigualdade na metrópole.³⁶¹

Essas desigualdades já foram definidas no momento de construção da periferia leste, efetivamente quando os bairros surgiram, em conjunturas políticas que, beneficiando a ampliação das vias radiais, previam em orçamento público a criação de bairros com a conotação moradia-trabalho-casa, os quais se inscrevem em loteamentos mais baratos e eficientes na construção das vilas industriais.

Repensar os problemas oriundos dessa construção perpassa também pelo entendimento das identidades imigrantistas que formaram os bairros nas décadas de 1910 a 1990 na região Leste de São Paulo. Embora esse não seja o enfoque deste trabalho, faz-se oportuno registrar a relevância da conotação do território para a criação e posterior desenvolvimento das zonas, vilas, bairros e grupos na cidade.

Assim, constitui-se a identidade dominante da região, a reboque da industrialização e da habitação operária, consolidada em um conceito que chamamos de Posição Leste. A Posição Leste traduz o ponto - ou os pontos - de onde parte a Zona Leste para colocar-se em relação ao resto da cidade, do Brasil. É a posição das várzeas industriais ferroviárias e proletárias, dos conjuntos habitacionais, das baixadas e sua relação com as áreas de consumo e moradia de alta qualidade, do outro lado da cidade. É a posição do mundo desglamourizado do trabalho e da ausência das elites. É a posição dos investimentos públicos apenas funcionais - e não urbanísticos - chegando apenas muito após os lugares terem

³⁶¹ Essa menção ao olhar sobre a zona leste da cidade pode ser visto sob a perspectiva da arquitetura e urbanismo. Ver: ROLNIK, Raquel; FRÚGOLI JR., Heitor. Reestruturação urbana da metrópole paulistana: a Zona Leste como território de rupturas e permanências. **Cadernos Metr pole**. n.6, 2  sem. Observatório das Metr poles, 2001. p.56-7

sido povoados. Da luta contínua por espaços de vida e cidadania, por parte daqueles que fazem da região sua casa.³⁶²

Quando abordada a questão da identificação³⁶³ da região Leste da cidade, fica em princípio a conotação de unanimidade, que, de certa forma, se entremeia entre as peculiaridades e singularidades dos contextos traduzidos nos mais variados contatos migratórios. Os imigrantes de São Paulo são também inscritos nesse bojo de identificação pela questão da configuração da cidade, que ora é única, ora é multifacetada, permitindo inúmeras interpretações das mais variadas formas de identidades.

A Posição Leste, entretanto, muda à medida que a cidade também se transforma. Dela faz parte, atualmente, a presença nostálgica do imigrante e seus territórios - que se foram - dando lugar aos migrantes, que em muitos aspectos não se diferenciam dos primeiros. É de onde se sente com mais contundência a transformação industrial, pelo desaparecimento do emprego, da identidade operária e pela desintegração do próprio espaço urbano anteriormente estruturado pela indústria. É de onde se assiste o surgimento – quase inautorizado – de focos de dinamismo econômico e poder de consumo, de onde quem enriquece não quer mais sair.³⁶⁴

Sobre a questão da identificação, pode-se dizer que a diferença faz parte do mesmo processo de constituição e expressão de cada indivíduo. Tanto uma como outra são produtos dos processos sociais e da relação entre o subjetivo e o seu respectivo contexto. O processo de socialização produz tanto a diferenciação como a identificação permanente dos sujeitos.

Há, de certo modo, um direcionamento que favorece o deslocamento dos sujeitos sociais para a inserção de seus territórios, e a delimitação se faz pela identificação local, construída pelo trabalho, pelas relações individuais e coletivas e pela legitimação de pertença desde a chegada no bairro.

Questionada sobre a vida na Vila Carrão, Dona Leonilda fala que não pretende sair do bairro. Além do trabalho durante as festas, já que está entre as

³⁶² INSTITUTO PÓLIS 20 ANOS. **Reestruturação Urbana da Metrópole Paulistana:** Análise de Territórios em Situação de Transição. Projeto de Políticas Públicas FAPESP - Parceria entre Pontifícia Universidade Católica - Campinas e Instituto Pólis. Disponível em: <http://www.polis.org.br/tematicas10.asp?cd_camada1=13&cd_camada3=24&cd_camada2=105>. Acesso em: 22/10/2010.

³⁶³ Para Stuart Hall não há mais identidade, mas identificações. Cf.: HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

³⁶⁴ INSTITUTO PÓLIS 20 ANOS, op. cit.

líderes da formulação das festividades da Casa dos Açores, também se justifica citando o amor que tem pelo bairro e a formação familiar dentro desse espaço, construído social e culturalmente.

A Vila Carrão, ela cresceu demais. Assim, a gente em termos... Brincava em terrenos baldios, que você tinha um monte de terrenos baldios... A gente tinha uma liberdade imensa de brincar na rua, de jogar bola, hoje em dia, aqui, nossa região mal você consegue andar, sair de carro... Super movimentada, porque surgiu o Jardim Têxtil, que é um bairro totalmente novo. Da Casa dos Açores prá lá, você quase não tinha nada, eram só terrenos, eram chácaras, aqui. Eram açorianos, a maioria deles, eles tinham chácaras, criavam porcos... Tudo aqui... Aqui do lado, era uma chácara de caqui, ainda tem vários pés de caqui... Aqui, na Vila Carrão, a transformação foi enorme... A gente não tinha prédio, a gente... Meu prédio, onde eu moro, há dezenove anos, pra você ter uma ideia, dezenove anos, é o primeiro prédio da região. Agora se você olhar, de cinco anos pra cá, você vê nessa Rua Evangelina, só prédio subindo... Então, a gente evoluiu demais, Graças a Deus, isso não afetou pra gente a parte da Festa, que a gente tem essa preocupação, né, porque o bairro foi crescendo, crescendo, crescendo... Seus vizinhos que estavam acostumados com você, com a tua Festa, soltando fogos, durante a Festa do Divino, começou a mudar... Então, são outros vizinhos que você tem. Então, assim, pra nós, assim, o que eu percebo é que a Vila Carrão, ela cresceu demais. Ela cresceu e a gente perdeu a liberdade que a gente tinha. E eu, quando era criança, eu vivia mais na rua do que dentro de casa. A minha filha foi criada dentro de casa. Você não tinha a mesma coisa... A minha mãe ia trabalhar não se preocupava que a gente ficava na rua porque o vizinho estava olhando... Onde você tá? Ah, tô ali na rua... Hoje em dia você sai de casa, deixa seu filho em casa, você fica preocupada da mesma maneira. Então, assim, não que aqui tenha violência, porque aqui nós temos um bairro super sossegado, um bairro onde dificilmente você escuta falar de um assalto de alguma coisa aqui no bairro, mas ele cresceu demais. Surgiram os bairros: Jardim Têxtil e Jardim Anália Franco. Então, a gente começou a ter esse movimento de carro que você tem aqui hoje. E isso não é coisa de muito tempo atrás... Foi uma coisa de dez anos pra cá, e foi um “boom” muito grande nessa região. Então, mudou muita gente pra lá. Melhorou também, porque você tem um forte comércio, eu falo pro pessoal do meu serviço, o pessoal mora na Zona Sul, eu falo, pra vocês irem a qualquer lugar, vocês tem que tirar carro, né... É porque eu trabalho no Alto de Pinheiros e moro aqui... O pessoal fala: você sempre trabalhou do lado de cá, porque você não vem pra cá? Não venho, porque não troco o meu bairro por lugar nenhum. Da minha casa eu vou a pé pra qualquer açougue, pra qualquer mercado, pra qualquer quitanda, feira, eu escolho se eu quero ir de quinta, se eu quero ir de terça, se eu quero ir de sábado, se eu quero ir de

quarta... Então, eu faço tudo... Então, a gente tem essa facilidade que o carro... Você tem um forte comércio, na Vila Carrão mesmo, que é a Conselheiro Carrão, tem forte comércio na Vila Formosa que é tudo muito próximo, então, isso, a parte comercial aqui também é muito boa Pra você ter ideia, meu pai tá na casa onde eu nasci... os meus pais estão aonde eu nasci, e eu não troco mesmo isso daqui, eu falo pro pessoal, por nada. Atravesso a cidade todo dia, entro às nove, mas eu saio às seis e meia da manhã, pra não pegar trânsito, mas nada paga o que eu tenho de benefício perto da minha casa. Eu não troco.³⁶⁵

O encontro de ideias sobre a construção da família, do bairro e da sociabilidade é visto na fala de Dona Leonilda. A questão da identificação com um espaço, identificação essa que surge da relação pessoal com o lugar, de maneira que este adquire, de certa forma, uma ideia de construção individual e coletiva, transforma o olhar que se tem de periferia e de construção social e cultural.

Morar no bairro onde se formaram elos que transpõem a questão econômica é, para algumas famílias, como a de Dona Leonilda, uma forma de garantir a identificação com o espaço e a construção social dos indivíduos. Quando fala sobre a sua inserção no bairro, a depoente menciona que “nada paga o que tem de benefício ali”. Tal asserção revela seu enraizamento e pertencimento com relação a esse local construído social e culturalmente. Afinal, a família toda mora no bairro. Ela nasceu ali, e os filhos, os pais, os amigos, parentes, enfim, toda uma rede de relacionamentos e trocas se inscreve nesse território açoriano.

Tendo participado do processo de formação do bairro e da história da Vila, Dona Leonilda tem um olhar acerca do bairro distinto daquele verificado nas abordagens sobre o fenômeno das migrações dentro da cidade e a constituição de novos valores econômicos nos territórios, em consequência das mudanças oriundas da ascensão econômica de famílias da cidade. Nesse caso, sua construção individual transpõe os conceitos da coletividade, nos quais se observa um panorama distinto da relação com o lugar. “Cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com o meio [...]”.³⁶⁶

³⁶⁵ Depoimento da Senhora Leonilda dos Reis Jacob, em entrevista concedida em 27 de junho de 2009, na Casa dos Açores de São Paulo.

³⁶⁶ HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1990. p.51.

Destarte, a memória entendida como coletiva envolve as memórias individuais, mas não interfere ou se confunde com ela, na medida em que “ela evolui segundo suas leis, e se algumas lembranças individuais penetram algumas vezes nela, mudam de figura, assim que sejam recolocadas num conjunto que não é mais uma consciência pessoal”.³⁶⁷

[...] mesmo quando se trata de lembranças de nossa infância, vale mais não distinguir uma memória pessoal, que reproduziria tal como nossas impressões de outrora, que não nos faria sair do círculo estrito de nossa família, da escola e de nossos amigos; e uma outra memória que chamaríamos histórica, onde não estariam compreendidos senão os acontecimentos nacionais que não pudemos conhecer então [...]. Não é na história aprendida, é na história vivida que se apóia a memória.³⁶⁸

A ideia de rememorar a construção do bairro no qual se é, ao mesmo tempo, autor de fatos e relator, pois dele também faz parte sua história pessoal, permite notar que a história vivida se apoia na memória criada a partir de seu espaço e de seus relacionamentos interpessoais. Nesse caso, se percebe uma afeição pelo espaço, ligada ao fato de trazer-lhe lembranças de outrora, à própria constituição dos elementos trazidos com os açorianos e ainda ao fato de ser copartícipe das memórias do bairro e dos açorianos.

No caso de Dona Leonilda, sua participação na construção do bairro se reflete na própria configuração hierárquica da Casa dos Açores, na qual ela também atua como protagonista das ações, deliberando acerca dos processos de interculturalidade com os Açores. Uma vez que faz parte da Casa dos Açores e atua como protagonista das ações políticas e administrativas desse território cultural, observa-se que estabeleceu um elo com o lugar que torna inviável a fixação em outros lugares da cidade. Para ela, o lugar é a criação familiar, coletiva e individual de atos e fatos que se perpetuam nas memórias dos açorianos.

³⁶⁷ HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1990. p.53.

³⁶⁸ Ibidem. p.60.

A história não é todo o passado, mas também não é tudo aquilo que resta do passado. Ou, se o quisermos, ao lado de uma história escrita, há uma história viva que se perpetua ou se renova através do tempo e onde é possível encontrar um grande número dessas correntes antigas que haviam desaparecido somente na aparência. [...] na sociedade de hoje, o passado deixou muitos traços visíveis algumas vezes e que se percebe também na expressão dos rostos, no aspecto dos lugares e mesmo nos modos de pensar e de sentir, inconscientemente conservados e reproduzidos por tais pessoas e dentro de tais ambientes, nem nos apercebemos disto, geralmente. Mas, basta que a atenção se volte para esse lado que nos apercebamos que os costumes modernos repousam sobre antigas camadas que afloram em mais de um lugar.³⁶⁹

Os costumes advindos dos lugares de memória são elementos perceptíveis na Vila. No depoimento de Dona Leonilda, percebe-se que “a memória deve ser uma conquista, comporta contradições e rupturas, está em constante gestação e se reestrutura a cada nova experiência vivida”³⁷⁰. Assim, suas memórias e suas colocações sobre seu papel no bairro se reinventam à medida que suas experiências vão atuando na própria reinvenção dos costumes do povo açoriano, agora num novo papel, o de protagonista dessa fase.

Em sua fala, menciona que sua história também representa a Casa, ao elaborar e reelaborar o sentido da criação do grupo no bairro e na cidade, pois tanto a memória individual como a coletiva são conquistas de poder. “As sociedades nas quais a memória social é principalmente oral, ou as que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita, permitem melhor compreender esta luta pelo domínio da recordação e da tradição, esta manipulação da memória.”³⁷¹

³⁶⁹ HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1990. p.67-8.

³⁷⁰ MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. A História cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**. n.34. São Paulo, 1992. p.304.

³⁷¹ LE GOFF, Jaques. **História e memória**. Vol.II - Memória. Lisboa: Edições 70, 2000. p.57.

Assim, Dona Leonilda parece reconhecer que a diferença cultural entre os açorianos e os demais imigrantes estabelecidos no bairro e suas adjacências permite uma criação e uma recriação de suas identidades³⁷² e formas de manter seus sistemas simbólicos, ou transformá-los frente às adversidades e à própria dinâmica cultural.

A diferença cultural não representa simplesmente a controvérsia entre conteúdos oposicionais ou tradições antagônicas de valor cultural. A diferença cultural introduz no processo de julgamento e interpretação cultural aquele choque repentino do tempo sucessivo, não-sincrônico, da significação, ou a interrupção da questão suplementar que elaborei acima. A própria possibilidade de contestação cultural, a habilidade de mudar a base de conhecimentos, ou de engajar-se na “guerra de posição”, demarca o estabelecimento de novas formas de sentido e estratégias de identificação. As designações da diferença cultural interpelam formas de identidade que, devido à sua implicação contínua em outros sistemas simbólicos, são sempre “incompletas” ou abertas à tradução cultural...³⁷³

Essa questão da identificação se verifica no comportamento da comunidade, que, aliada à questão do tempo na história da cidade, também direciona a formação de uma cultura que transpõe a questão temporal. Os atores sociais dessa história participam ativamente da remodelação e dos cuidados de renovar os traços do povo açoriano, mesmo que transformado em circunstâncias globais.

Os espaços criados pelos açorianos são, ao mesmo tempo, formas de manter a cultura de seus antepassados e formas de legitimar suas identificações. Alguns são protagonistas da história da imigração, pois ingressaram na cidade lá pelos idos de 1950; outros, como Dona Leonilda, são a geração que mantém o elo com o passado nas ilhas sem mesmo conhecê-las, apenas pelo fato que quererem transferir aos seus sucessores a identidade advinda dos Açores.

³⁷² Identidades aqui podem ser discutidas a partir da questão de reinvenção, considerando as fronteiras entre grupos culturais. “A cultura pós-colonial introduz de modo explícito a política da identidade e da construção histórica: ela está consciente da impossibilidade de se traçar de modo claro e distinto as fronteiras entre grupos culturais – e aposta na reinvenção das culturas, para além da homogeneização da globalização e da hipostasiação do fundamentalismo. Ela nega a tutela do princípio de mimesis – entendido como a imitação servil da cultura da metrópole – como mecanismo central na ‘formação’ da cultura e desenvolve um pensamento profundamente antimimético e, portanto, anti-representacionista baseado na recriação constante dos discursos identitários.” SELIGMANN-SILVA, Márcio. **O Local da Diferença: Ensaio sobre memória, arte, literatura e tradução**. São Paulo: Editora 34, 2005. p.206.

³⁷³ BHABHA, Homik. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998. p.228.

Como territórios culturais³⁷⁴, os espaços vão se caracterizando mediante elos com os espaços anteriormente cristalizados, com outra roupagem, mas com traços de uma cultura que, de certa forma, mantém tradições arraigadas em seus comportamentos, hábitos e costumes cotidianos.

No próximo item serão abordadas algumas experiências sobre o bairro, o trabalho, a vinda para o Brasil e as relações estabelecidas nesse contexto de estabelecimento.

3.2 TERRITÓRIOS: EXPERIÊNCIAS IMIGRANTES

Entre os açorianos que vinham para São Paulo com trabalho arranjado na Zona Leste da cidade, o Cotonifício Guilherme Giorgi era o principal local de destino, pois lhes possibilitava vislumbrar como se reorganizariam na vida cotidiana e como recomeçariam suas vidas no Brasil.

O que fez com que eles viessem pra Vila Carrão? Era o Cotonifício Guilherme Giorgi. Então, eles todos vieram normalmente com Carta de Chamada. Se você pegar a Carteira Profissional, 90% deles vão ter o Carimbo do Cotonifício Guilherme Giorgi. Então, eles vieram já com Carta de Chamada, com trabalho já arrumado aqui. Normalmente, assim, uns vinham e começavam a se dar melhor... Porque alguns, não foi o caso nem da família da minha mãe nem da família do meu pai, mas algumas famílias vieram fugindo da Guerra. Para os filhos não irem pra Guerra. Já no caso da

³⁷⁴ “A concepção do espaço apresenta-se umbilicalmente ligada à concepção de tempo. A transformação de um implica imediato ajuste do outro. Compreender o espaço passa, sem a menor sombra de dúvida por compreender o tempo, sendo que o âmbito desta afirmação não se alinha simplesmente com as preocupações dos físicos a respeito da natureza destas importantes grandezas físicas. Tratamos o espaço como uma forma de manifestação da cultura. Sendo assim, transformações nas estruturas culturais provocadas pela evolução do conhecimento ou, melhor dizendo, da cultura (como no caso do tempo), implicam transformações no modo de ocupação do espaço. Dessa forma, espaço e tempo apresentam-se como fundamentais indissociáveis textos culturais.” SILVA, Maurício Ribeiro da. **Espaço e Cultura**: uma leitura semiótica da cidade. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica), PUC-SP, São Paulo, 2000. p.47-8.

minha mãe e do meu pai, não, já vieram, realmente, por dificuldades mesmo. Eram muitas dificuldades que eles tinham lá e então vieram para o Brasil. Então, aqueles que vieram primeiro... Tinham que juntar o dinheiro, porque não dava pra todos virem ao mesmo tempo. Então, vinham, trabalhavam um ano ou dois anos, tinham dinheiro, aí normalmente já conseguiam também com o Guilherme Giorgi a Carta de Chamada, eles já vinham já com o emprego praticamente arrumado.³⁷⁵

Muitos daqueles que optavam pela Vila Carrão já sabiam como se dava o trabalho nas fábricas, a nova vida que teriam e como era o bairro. Os parentes e amigos já instalados na localidade escreviam aos Açores descrevendo a vida na nova cidade e todas as suas dificuldades. Uma vez que estivessem estabelecidos de forma satisfatória, traziam seus compatriotas para trabalhar na região.

A formação dessa rede de intercâmbio era consequência da construção familiar e da união entre os que já moravam no bairro, contando muitas vezes com o apoio “de parentes já radicados, o que em alguns casos se transformava em exploração do trabalho dos contrerrâneos mais jovens ou pobres e desprotegidos em ambiente desconhecido”³⁷⁶.

Os dados históricos, às vezes, se contradizem; as datas nem sempre são precisas e os nomes, muitas vezes confundidos, mas uma coisa é certa, foram as indústrias do Grupo Guilherme Giorgi que impulsionaram a ascensão do bairro de classe média e de operários. Em 1906 passou a funcionar a primeira delas, a S/A Lanifícios Minerva, que empregou grande parte dos moradores. Foi em meados da década de 30, que o Comendador Guilherme Giorgi adquiriu uma área de 570 mil metros quadrados onde foi construído um complexo industrial, o Cotonifício Guilherme Giorgi, de grande importância para o crescimento e desenvolvimento do bairro e adjacências, já que do vasto Sítio Tucuri, Bom Retiro ou Chácara Carrão surgiram os bairros: Vila Carrão, Vila Nova Manchester, Vila Santa Isabel e Jardim Têxtil.³⁷⁷

³⁷⁵ Depoimento da Senhora Leonilda dos Reis Jacob, em entrevista concedida em 27 de junho de 2009, na Casa dos Açores de São Paulo.

³⁷⁶ MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e Cultura: História, Cidade e Trabalho**. Bauru, SP: EDUSC, 2002. p.123.

³⁷⁷ REVISTA IN. **Era uma vez um bairro com muitas chácaras...** 27 de agosto de 2004. Disponível em: <http://www.revistainonline.com.br/exibe_historia_bairro.asp?texto=36&bairro=8>. Acesso em: 22/01/2010.

Vila Guilherme Giorgi



Com os empréstimos obtidos na fábrica vão sendo reformadas as casas pelos inquilinos (fotos Antonio Carlos D'Ávila).

Imagem 46 - Casas da Vila Guilherme Giorgi.³⁷⁸

A Vila Carrão, ou Jardim Têxtil, como o bairro era conhecido na década de 1940, tinha no Cotonifício Guilherme Giorgi a expressão do trabalho. Guilherme Giorgi, seu fundador, viera da Itália em 1879 com seu irmão. Construíram em 1907 uma pequena tecelagem com teares manuais e autônomos. A indústria cresceu, se mudou para a Vila Têxtil e incorporou outras indústrias, como a Minerva. Com o falecimento de Guilherme Giorgi, em 1936, a família continuou o trabalho nas indústrias e a sua incorporação a outras.³⁷⁹

O grupo possui atualmente, além do cotonifício e do lanifício, a Companhia Brasileira de Fiação, a Refinaria Nacional de Sal S.A., a Metalúrgica Giorgi S.A., a Usina Açucareira Paredão S.A., a união Industrial e Mercantil Brasileira S.A., Materiais para Construção Porto Ribeiro S.A., Embalagens Americanas S.A., Companhia Labor de Serviços Gerais S.A., Agropecuária Santa Maria de Guatuporanga S.A., Texita - Companhia Têxtil Tangará.³⁸⁰

³⁷⁸ BLAY, Eva Alterman. **Eu não tenho onde morar:** Vilas operárias na cidade de São Paulo. São Paulo: Nobel, 1985. p.305.

³⁷⁹ Ibidem. p.297-8.

³⁸⁰ Ibidem. p.298.

Paralelamente à formação do território açoriano em São Paulo, a cidade passava pelo processo de urbanização, no qual residem alguns dos motivos dessa etnicidade³⁸¹ como uma necessidade de construção, desconstrução e reconstrução de identidades e memórias, a fim de garantir as origens no espaço e no tempo. Diante dessa observação, percebe-se que:

O processo de construção de laços se fez através da tecedura de uma trama em que estiveram presentes as relações de gênero-etnia-classe, constituindo-se um processo dinâmico em que os perfis de comportamento se fazem, desfazem e refazem por diferenciação e também por integração...³⁸²

A integração dos imigrantes açorianos pontuava o início da busca pelos laços socioculturais, evidenciando também as questões de gênero e classe, enquanto formas de manter memórias do passado e da terra de onde vieram³⁸³, por meio de solidariedade e cumplicidade num território desconhecido e no qual se buscava uma forma de construção de um espaço que os identificasse. Essa identificação faz parte de algo maior, de um pluralismo cultural,³⁸⁴ que passa a abordar os interesses dos mais variados grupos étnicos e, ao mesmo tempo, distanciá-los.

Com a delimitação desse espaço (Vila Carrão) enquanto território também açoriano, as famílias se instalaram em busca de trabalho, tendo maior visibilidade a inserção de sua mão de obra nas fábricas e indústrias que se estabeleciam na região. Essa questão do trabalho se inclui nas representações a eles associadas a

³⁸¹ Apesar da dificuldade de desvendar o conceito de etnicidade, vamos trazer um ponto de vista sobre o assunto: "A etnicidade é um processo ancorado em condições históricas concretas. Os grupos sociais imersos em um mesmo ambiente de competição nem sempre são 'simbióticos' ou 'complementares', e entre eles há desigualdades de poder impossíveis de serem ignoradas, caso se pretenda revelar como se fixam suas respectivas identidades." VILLAR, Diego. Uma abordagem crítica do conceito de "eticidade" na obra de Fredrik Barth. **Mana**. Vol.10, n.1. Rio de Janeiro, abr. 2004.

³⁸² MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e Cultura**. São Paulo: EDUSC, 2002. p.50.

³⁸³ A terra natal deve ser entendida enquanto pátria, e esta, por sinal é, "sentimento de pertença; ser imigrante é perder esse sentimento e ter nostalgia diante dessa perda". SELIGMANN-SILVA, Márcio. **O Local da Diferença: Ensaio sobre memória, arte, literatura e tradução**. São Paulo: Editora 34, 2005. p.156.

³⁸⁴ "A adoção da perspectiva do pluralismo cultural não importa em negar o fato óbvio de que, nas condições de São Paulo, se deu um profundo inter-relacionamento entre a sociedade nacional e as várias etnias e destas entre si. A tal ponto, que é possível pensar em uma 'nova sociedade paulista', constituída por nacionais, imigrantes e seus descendentes, com traços próprios e diferenciados relativamente a outras regiões do país. É possível ainda pensar em uma 'ideologia paulista' do trabalho, constituída a partir do esforço dos imigrantes e das representações mentais a eles associadas." FAUSTO, Boris. **Historiografia da Imigração para São Paulo**. São Paulo: Editora Sumaré/ FAPESP, 1991. p.38.

partir de seus esforços no trabalho. As dificuldades oriundas da falta de infraestrutura no bairro que se formava são visualizadas na dimensão do que significava o ir e vir até o trabalho no cotidiano dos operários.

Para chegar à fábrica, os trabalhadores deviam tomar um ônibus no Largo São José do Belém onde a Companhia Cometa fazia ponto final das linhas que serviam à região: Vila Diva, Vila Formosa, Vila Santa Isabel e “Guilherme Giorgi”. Além disso, logo no início da instalação da fábrica, como o ônibus seguia pela Avenida Carrão, os trabalhadores deviam percorrer a pé, “pelo mato” mais de 1 km entre esta Avenida e a atual Av. Guilherme Giorgi, onde está a fábrica.³⁸⁵

Os imigrantes formam grande parte da mão de obra trabalhadora em São Paulo, tanto por se ajustarem às exigências desse tipo de trabalho operacional como pelo fato de muitos deles já terem sido operários. Outra razão é a de não terem preconceitos contra o trabalho manual, facilitando assim a inserção nas fábricas.³⁸⁶

Os imigrantes transplantaram novas atitudes, técnicas e atividades; têm maior ambição; seu consumo incluía artigos industriais em maior quantidade e qualidade; era outra sua atitude diante do trabalho; eram, em conjunto, melhor qualificados profissionalmente; sua mentalidade de poupança era mais desenvolvida; características essas mais condizentes com o crescimento econômico capitalista.³⁸⁷

Além do trabalho nas fábricas e indústrias, os açorianos dedicavam-se às ocupações em setores técnicos especializados, padarias, supermercados, floriculturas, açougues e feiras livres. As relações de trabalho perpassam a esfera da construção da cidade; delas homens e mulheres açorianos participavam de forma ativa, garantindo a visibilidade atualmente percebida na comunidade que habita a Vila Carrão. As marcas na cidade definem os territórios acerca das experiências concretizadas, seja em função de seu patrimônio construído, seja pela herança imaterial aglutinada nas festas e demais manifestações culturais que buscam a memória de seus antepassados.

³⁸⁵ BLAY, Eva Alterman. **Eu não tenho onde morar: Vilas Operárias na Cidade de São Paulo**. São Paulo: Nobel, 1985. p.298.

³⁸⁶ CARONE, Edgar. **A Evolução Industrial de São Paulo (1889-1930)**. São Paulo: Editora SENAC, 2001. p.105.

³⁸⁷ Ibidem. p.105.

Percebe-se, em relação ao trabalho e, especialmente, à mão de obra, uma mudança direcional nas atividades, cujas características se evidenciam em períodos³⁸⁸ distintos da imigração. A construção do trabalho, da casa e do bairro possui uma ligação direta com o Cotonifício, favorecendo uma identificação não apenas econômica, mas social e cultural com o espaço, transformando a vida cotidiana, a vinda dos Açores e a inserção no bairro em consequências do trabalho na fábrica.

A vinda dos Açores para o Brasil tinha na busca por melhores condições de vida o objetivo do trabalho, já organizado por meio das cartas de chamada. As ilhas já não ofereciam condições de moradia nem de trabalho, tornando inevitável a busca por outras possibilidades de inserção social, e o Brasil foi para os açorianos instalados em São Paulo a única saída para resolver seus problemas imediatos.

Conforme já abordado, a carta de chamada³⁸⁹ era necessária para que os açorianos pudessem entrar no país, e dela advinha certo comprometimento daquele que intencionava ajudar amigos e parentes que habitavam as ilhas.³⁹⁰

³⁸⁸ Outro período de imigração portuguesa para o Brasil de expressividade foi o ano de 1974, época da queda do Regime Salazarista (Revolução dos Cravos). “A imigração portuguesa desse período, constituiu-se de famílias cujo chefe ou o casal tinha entre 30 e 50 anos e geralmente possuíam boa qualificação profissional e cultural. Eram empresários, executivos, advogados, economistas, comerciantes e industriais. Vieram também imigrantes de Angola e Moçambique, os “retornados da África”, pequenos proprietários de terras e comerciantes que perderam tudo com os novos regimes políticos instaurados naquelas antigas colônias portuguesas.” SÃO PAULO (ESTADO). Secretaria de Estado da Cultura. Departamento de Museus e Arquivos. Memorial do Imigrante/Museu do Imigrante. **Imigração Portuguesa no Brasil**. 4ªed. Série Resumos, n.5. São Paulo, 2006. p.18.

³⁸⁹ Nas cartas de chamada, um imigrante já instalado assumia as despesas e responsabilidades pela vinda de conhecidos e parentes. “Para dar início às diligências para emigrar era necessário ter, em primeiro lugar, um parente no Brasil. Aí é que entravam em cena os emigrantes que tinha vindo para o Brasil entre 1910 e 1930, pois era rara, já naquela época, uma família em Portugal que não tivesse um membro no Brasil.” ALBINO, Adriano. **Emigração (100 anos) Século XX: A Diáspora dos Portugueses**. São Paulo: CJE/ECA/USP, 1994. p.71.

³⁹⁰ “Os Habitantes das Ilhas de São Miguel e Terceira foram os que mais emigraram para o Brasil, segundo estatísticas. Os afiliados da Casa dos Açores – entidade sem fins lucrativos que tem como objetivos reunir os açorianos, seus descendentes e simpatizantes, bem como manter e propagar a cultura, o folclore e os costumes açorianos – são, quase em sua totalidade açorianos vindos da Ilha de São Miguel.” ANGELO, Elis Regina Barbosa. Memórias e identidades dos açorianos: a festa do Divino Espírito Santo na Vila Carrão em São Paulo. **Oralidade**. Revista de História Oral. Ano 3. n.5. São Paulo: NEHO - Núcleo de Estudos em História Oral do Departamento de História da FFLCH-USP, jan./jun. 2009. p.47.

Entre os fatores que motivaram a vinda dos açorianos para o Brasil, especialmente para a cidade de São Paulo, destacam-se o crescimento da cidade de São Paulo e a ampliação da mão de obra fabril. O Cotonifício de Guilherme Giorgi,³⁹¹ por exemplo, tinha em sua folha de pagamento diversos imigrantes portugueses, que traziam cada vez mais seus parentes e amigos para o bairro – Vila Carrão – e suas adjacências, no intuito de melhorar suas condições de vida e lhes arranjar trabalho.

Os operários das fábricas Giorgi, que incluíam a Minerva, como atividades de sociabilidade e diversão, eram agraciados com espaços criados pela fábrica em seu próprio terreno, “um parque infantil e uma sede social onde são promovidos bailes, abertos ao público mediante pagamento de ingresso. Tiveram um time de futebol atualmente extinto”³⁹². Muitos dos que moravam nas casas do grupo Giorgi tinham algumas condições a cumprir, como forma de pagamento pelo apoio a eles concedido.

A vila do cotonifício e do lanifício é aberta, voltada para a rua. Seus muros, inexistentes de forma concreta, são, porém sentidos pelos inquilinos. Pelo fato de lá morarem, são chamados, a qualquer hora que seja necessário, a resolver problemas da indústria e só esporadicamente se negam, quando as chamadas são muito freqüentes. De modo geral, este fato é aceito como uma regra do jogo, uma espécie de retribuição pelo fato de morarem na casa, mais perto do trabalho. A situação se torna muito mais crítica nos casos de despejo, principalmente dos aposentados que depois de 35 anos de trabalho não têm para onde ir.³⁹³

³⁹¹ A Vila Carrão foi formada no entorno das indústrias da Zona Leste e a história do bairro não pode se desvincular da história da indústria, em especial a Guilherme Giorgi. Assim: “Foram as indústrias do Grupo Guilherme Giorgi que impulsionaram a ascensão do bairro de classe média e de operários. Em 1906 passou a funcionar a primeira delas, a S/A Lanifícios Minerva, que empregou grande parte dos moradores. Foi em meados da década de 30 que o Comendador Guilherme Giorgi adquiriu uma área de 570 mil metros quadrados onde foi construído um complexo industrial, o Cotonifício Guilherme Giorgi, de grande importância para o crescimento e desenvolvimento do bairro e adjacências, já que do vasto Sítio Tucuri, Bom Retiro ou Chácara Carrão surgiram os bairros: Vila Carrão, Vila Nova Manchester, Vila Santa Isabel e Jardim Têxtil.” REVISTA IN. **Era uma vez um bairro com muitas chácaras...** 27 de agosto de 2004. Disponível em: <http://www.revistainonline.com.br/exibe_historia_bairro.asp?texto=36&bairro=8>. Acesso em: 22/01/2010.

³⁹² BLAY, Eva Alterman. **Eu não tenho onde morar:** Vilas Operárias na Cidade de São Paulo. São Paulo: Nobel, 1985. p.299-300.

³⁹³ Ibidem. p.300.

Indústrias Guilherme Giorgi
— O Jardim Têxtil —



A fábrica (foto Antonio Carlos D'Ávila).

Imagem 47 - Fábricas Giorgi no Jardim Têxtil, na Vila Carrão.³⁹⁴

Não obstante essa polêmica questão das vilas operárias, as casas populares da vila Guilherme Giorgi davam nova característica arquitetônica ao bairro. A construção do atual espaço ocupado pelo Jardim Têxtil possui certo distanciamento das características de criação. “Mas, do ponto de vista sociológico, face à interferência que a casa provoca nas relações de produção, ela se assemelha às antigas vilas operárias. Seus muros são reais, embora não sejam de concreto.”³⁹⁵

Além do trabalho fabril, nesse momento, entre as décadas de 1940 a 1950, a cidade de São Paulo era uma oportunidade de saída da crise econômica em que esses sujeitos viviam nos Açores, pois abarcava muitas oportunidades de trabalho e também de negócios aos que queriam investir. Algumas profissões ficaram muito conhecidas por conta das habilidades dos portugueses, que se tornaram famosos como açougueiros, padeiros, quitandeiros e comerciantes em geral.

Ao narrar sua vinda ao Brasil no ano de 1956, o Senhor Manuel de Medeiros, fundador da Casa dos Açores de São Paulo, rememora as dificuldades da viagem, os problemas enfrentados pela família nos Açores e as motivações que os trouxeram ao país.

³⁹⁴ BLAY, Eva Alterman. **Eu não tenho onde morar:** Vilas Operárias na Cidade de São Paulo. São Paulo: Nobel, 1985. p.304.

³⁹⁵ Ibidem. p.303.

Eu vim de lá em 1956, foi quando começou as guerrilhas lá na África, nas Colônias africanas e a gente já tinha um pessoal do lado da minha mãe que já estava quase todo no Brasil. Aí nós viemos nos juntar a eles aqui antes que viesse juntar esse negócio... [se refere à criação de sua indústria no bairro]. Aí foi um dos grandes motivos que nos fizeram vir pra cá também foi por questão disto e melhorar um pouco a vida porque nós não tínhamos absolutamente nada... Só não passávamos fome. Pedimos todo dinheiro quando chegamos ao Brasil ficamos devendo todas as passagens pra chegar aqui nessa terra... E graças a Deus tudo foi pago. E foi aqui que eu progredi com lutas, trabalho, um monte de coisas... Então essa foi mais ou menos a minha história até eu chegar aqui...³⁹⁶

O Senhor Manuel de Medeiros fala das questões de trabalho, que foram as maiores motivações para a vinda de sua família ao Brasil. Apesar das dificuldades oriundas da viagem, foi alcançando êxito em seus projetos de melhoria da qualidade de vida ao longo do tempo.

O trabalho nas indústrias Giorgi, o mais promissor para os açorianos que aqui desembarcavam, não era tido como difícil, mas sim como organizado e padronizado, sem que, no entanto, tivessem “facilidades” durante os horários fixos da jornada diária. Quando menciona as atividades desenvolvidas no Cotonifício em que trabalhava, o Sr. José de Arruda Soares rememora como era o seu comportamento frente às normas da empresa. O fato de não poder desviar a atenção do trabalho era uma formatação do trabalhador que se queria para o trabalho fabril.

Você tinha que ter o horário certo, picar o cartão, eu trabalhava de contrato, era por minha conta, se trabalhar ganhava se não trabalhasse não ganhava que era por metro né? Mas a gente mesmo trabalhando de contrato a gente falava, a gente não podia conversar. O que eles falavam “eu comprei esse tear alemão pra dar produção, eu quero produção pra poder ganhar dinheiro, pra poder pagar”, então eles não tinham esse tipo de coisa, não podia fumar, não podia conversar, não podia olhar, não podia fazer nada.³⁹⁷

³⁹⁶ Depoimento do Sr. Manoel de Medeiros, fundador da Casa dos Açores de São Paulo, em entrevista concedida em 6 de março de 2008, na Vila Carrão, São Paulo.

³⁹⁷ Depoimento do Sr. José de Arruda Soares, em entrevista concedida em 07 de julho de 2008, na Casa dos Açores.

Essa menção à forma de trabalhar se refere ao tipo de trabalhador almejado no tempo de progresso. A era taylorista e fordista³⁹⁸, à qual os modelos industriais ainda eram submetidos, tinha em seus critérios o enfoque nas tarefas, objetivando o aumento da eficiência ao nível operacional.

A questão do trabalho observada, rígido e direcionado à produção, era um dos critérios da forma de se trabalhar na fábrica têxtil. A base desse tipo de sistema, conhecido como manchesteriano³⁹⁹, é uma forma de trabalho assalariado, cujo objetivo é o ofício, ou seja, o trabalhador qualificado e pago por peça construída.⁴⁰⁰

Esse tipo de trabalho manifesta a ininterrupção de que o trabalhador precisa para garantir o tempo e o lucro obtido pela quantidade de produção. Quando o depoente fala que não podia sair para fazer nada, significa que se saísse não garantia o seu lucro e o da empresa. E, ao final do turno, as interrupções influenciariam negativamente no custo e na produtividade do sistema, prejuízo que era cobrado pelos fiscais, que diziam ter comprado máquinas alemãs caras para garantir a produtividade.

O trabalho⁴⁰¹ era, nesse momento, tido como crucial para o desenvolvimento da cidade, pois os paulistas vangloriavam sua condição e o ritmo de crescimento da

³⁹⁸ Os modelos de Taylor e Henry Ford eram em poucas palavras talhados na construção em massa de objetos e equipamentos de forma rápida e precisa, sob a égide de padronização das atividades do trabalho diário. Ver: PERCÍLIA, Eliene. **Taylorismo e Fordismo**. Disponível em: <<http://www.brasilestola.com/geografia/taylorismo-fordismo.htm>>. Acesso em: 01/12/2010.

³⁹⁹ “O sistema de técnica e de trabalho desse período é o paradigma manchesteriano, nome dado por referência a Manchester, o centro têxtil por excelência representativo do período e que iria manter-se como pólo industrial de importância mesmo quando, ao entrar no período da Segunda Revolução industrial, o sistema industrial inglês se diversifica e muda de centro de gravidade. A tecnologia característica é a máquina de fiar, o tear mecânico, o descaroçador de algodão, máquinas movidas a vapor originadas da combustão do carvão, a forma de energia por excelência do período técnico. O sistema de transporte característico é a ferrovia, além da navegação marítima, também movida a energia do vapor do carvão. A primeira Revolução industrial tem grande impacto sobre a sociedade. Grande, mas não tão gigantesco. A nova técnica e forma de trabalho produzem um agito social que abala toda a velha estrutura social. Fora das cidades industriais, entretanto, ainda por muito tempo predominaria na Inglaterra, no continente europeu e nos Estados Unidos a paisagem típica da sociedade rural. Situação que só mudaria a olhos vistos no contexto do período técnico e de trabalho da Segunda Revolução Industrial.” MOREIRA, R. *Inovações Tecnológicas e Novas Formas de Gestão do Trabalho*. **Programa Integrar** - Trabalho e Tecnologia. São Paulo: UNITRABALHO, 1998. p.116 -30.

⁴⁰⁰ Ibidem. p.116 -30.

⁴⁰¹ “É um trabalho pesado, estafante e extremamente insalubre, por realizar-se em prédios em geral sem luminosidade e ventilação mínimas, numa jornada que se alonga às vezes por mais de 12 horas. Os espaços entre as máquinas são exigidos e seu movimento ininterrupto freqüentemente produz acidentes corporais fatais a uma massa trabalhadora predominantemente de mulheres e crianças, tomada como culturalmente mais dócil que os homens adultos e desassistida de qualquer meio de proteção e indenização por mutilações do trabalho.” MOREIRA, R. *Inovações Tecnológicas e Novas Formas de Gestão do Trabalho*. **Programa Integrar** - Trabalho e Tecnologia. São Paulo: UNITRABALHO, 1998. p.116 -30.

cidade, e reconheciam que o desenvolvimento se encontrava a todo vapor, a tal ponto que nem era possível mensurar o crescimento acelerado. “[...] à média de uma casa por hora. Tratava-se então de palacetes. A cidade desenvolve-se com tal rapidez que é impossível encontrar-lhe um mapa: cada semana exigiria uma nova edição”.⁴⁰² Ao passo que a cidade crescia, as motivações dos grupos imigrantistas se renovavam e, assim, se formava uma São Paulo multicultural.

Segundo apontamentos de outras pesquisas, das motivações⁴⁰³ para a vinda dos açorianos para o Brasil emerge um panorama da região dos Açores que indica a ausência de emprego e de condições de subsistência, solo infértil, falta de apoio do governo, busca por melhores condições financeiras e ascensão econômica, fatores que iam ao encontro das ideias de Brasil e São Paulo em ascensão econômica.

Quando eu saí do Guilherme Giorgi comprei um açougue, aí casei e aí minha vida, minha mãe segurava as filhas e minha mulher trabalhava no Guilherme Giorgi ainda, trabalhava isso aí, aí comprei açougue e era só trabalhar, só guardar dinheiro, compramos uma casinha, guardamos um dinheirinho, aplicando em câmbio naquela época e já pensando em amanhã porque a minha criação sempre fui ensinado assim desde cedo a pensar muito o dia de amanhã.⁴⁰⁴

Uma das profissões mais comuns entre os açorianos é a de açougueiro, pois nas ilhas havia a prática de matar animais no cotidiano para a própria subsistência. Assim, sem necessariamente aprender técnicas em escolas, a profissão já sobressaía entre os experientes açorianos, também em razão dos próprios compatriotas que montavam açougues, além de padarias, mercados e outros comércios na cidade e no bairro.

⁴⁰² SÃO PAULO 450 ANOS. **A história dos marcos da cidade**. Cidade Moderna (1930-1960). Disponível em: <http://www.aprenda450anos.com.br/450anos/vila_metropole/2-4_cidade_moderna.asp>. Acesso em: 12/08/2010.

⁴⁰³ Segundo apontamentos acerca do processo de imigração portuguesa, a caracterização teve motivações distintas nos períodos que abarcam as décadas posteriores a 1950. “[...] os imigrantes portugueses vindos nas décadas de 1950 e 1960 têm características distintas daqueles que vieram na época da grande imigração. Camponeses, pessoas com alguma qualificação profissional que, às vezes, chegavam com algum capital e abriam seus próprios negócios, ou jovens que não queriam servir o exército nas colônias portuguesas da África, nas guerras de independência. Um expediente muito utilizado pelos imigrantes para conseguir o visto de entrada no Brasil foram as ‘cartas de chamada’, isto é, um contrato de trabalho, ou então vinham como turistas e aqui se instalavam.” FREITAS, Sônia Maria de. **Presença Portuguesa em São Paulo**. São Paulo: Imprensa Oficial, Memorial do Imigrante, 2006. p.76.

⁴⁰⁴ Depoimento do Sr. José de Arruda Soares, em entrevista concedida em 07 de julho de 2008, na Casa dos Açores de São Paulo.

Eu já fiz de tudo e, por ser doente, eu vendia sapatos, eu saía com duas sacolas... assim, nas costas e eu vendia sandálias, chinelos, e eles, por serem portugueses conhecidos, eles com pena compravam de mim. Compravam e no dia 12 me pagavam, e aí fui sobrevivendo. Até que tinha uma namorada e resolvi casar. Aí mudou a minha vida... Aí, pois é... Eu fui comerciante muitos anos. Primeiro comércio que tive foi empório, tive açougue, tive padaria, eu tive lanchonete, eu já fiz de tudo, eu já fiz muita coisa eu fiz sem poder, como é que eu ia por que eu precisava. O problema na coluna... ela está calcificada desde em baixo até em cima. Na fábrica eu queria ser forte e peguei uma caixa e um cara estava lá começando e não conseguia levantar, ela pra pôr em cima do carrinho, falei: “deixa eu experimentar”. Quando eu passei a mão na caixa com vontade e arranquei-a como se fosse uma máquina. Por que queria ser mais que o outro. Quando levantei a caixa meu corpo caiu. Mas a culpa foi minha que é mania. Tinha aqui todas essas senhoras de idade e todas gostavam de mim que eu era como um filho, não podiam me desamparar, não tinha aqui nem pai nem mãe aqui, por isso todas elas gostavam de mim. Aconselhavam-me, porque naquela época ninguém operava de espinha. Eu tive na Vila Formosa e tive em Sapopemba, e tive na Água Rasa. E tive no Belém, na Rua do Visconde de Parnaíba esquina com da Siqueira Bueno e tive na... em frente à estação Eng. Goulart, aqui também, passando a Penha, tudo comércio com que a gente passava, dava lucro a gente passava e ia trabalhando.⁴⁰⁵

Quando o Sr. Dimas fala sobre sua vida cotidiana, no que se refere ao trabalho e às dificuldades de saúde pelas quais passou, menciona o apoio que obteve não apenas das pessoas que já conhecia, mas também de companheiros de emigração, que sabiam das dificuldades de ser um emigrado em busca de trabalho. As redes estabelecidas no bairro eram, de certa forma, a única saída para algumas adversidades que ocorriam, como é o caso do depoente.

Pensar a cidade no momento de construção e delineamento dos espaços, criando novos territórios, significa descortinar experiências dentro do grupo étnico que as tangenciou, formando símbolos por meio das construções materiais e imateriais desmembradas atualmente nos bairros que definem em seu conjunto a cidade de São Paulo.

As distinções entre o trabalho masculino e o feminino não eram as mesmas quando chegavam ao país. Às mulheres cabia também o trabalho na indústria, além

⁴⁰⁵ Depoimento do Sr. Dimas Pavão de Farias, em entrevista concedida à Profa. Dra. Maria Aparecida Pascal em 19 de Julho de 2006, na Casa dos Açores de São Paulo.

das tarefas do cotidiano familiar. Essa nova realidade foi incorporando modificações na vida das famílias, mas guardou também permanências oriundas de Portugal.

Assim, ao se tentar entender os modos, hábitos e costumes da mulher açoriana na cidade de São Paulo, representada por uma "imagem" criada de batalhadora, trabalhadeira, econômica e versátil, além de mãe e cuidadora, algumas interpretações podem ser sugeridas a partir da conjuntura político-ideológica de um tempo no qual as repressões se posicionavam de maneira aberta, mas tentando nas entrelinhas formatar uma forma de garantir reais distinções entre o sexo masculino e o feminino em Portugal. Essa imagem de uma mulher casta, doméstica, obediente e submissa era o modelo de feminilidade "aceitável" e "recomendável" durante o Estado Novo, momento em que parte da comunidade chegou à cidade, mas esse era também um dos moldes da imagem das portuguesas já evidenciado na cidade em outros tempos da imigração.⁴⁰⁶

As questões da feminilidade e da reprodução faziam parte das ideias do Estado Novo como ponto de partida para a continuidade da existência. A realização pessoal e familiar estava concentrada na maternidade, como ponto alto da feminilidade. Essa visão de mãe foi propaganda de como eram as mulheres portuguesas, cheias de vida e de filhos.

O lema salazarista "Deus, Pátria, Família" não conseguia "regular", apenas por meio da autoridade patriarcal, a malha social no que se refere à simbologia da maternidade. Assim, criou-se a OMEN, a Obra das Mães para a Educação Nacional, a fim de garantir e legitimar suas ideias de "família perfeita".

Apesar dessa "imagem" feminina pensada no salazarismo, as mulheres do meio rural, de onde vinham praticamente todas as açorianas, tinham em sua construção social algo voltado para a educação familiar, já que no meio em que viviam elas trabalhavam em casa, cuidavam dos filhos e ainda trabalhavam no campo para garantir, junto com seus maridos, o sustento das famílias. Homens, mulheres e crianças trabalhavam juntos e de forma organizada, tendo como base a construção do lar e o reforço geracional que já vinha com a criação desse modo de vida.

⁴⁰⁶ "Destacavam-se donas de casa trabalhadeiras e econômicas, esposas ativas que participavam das decisões familiares e mantenedoras das tradições. Sua relação com os homens era de companheirismo e solidariedade na luta cotidiana." MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e Cultura**. São Paulo: EDUSC, 2002. p.85.

Sendo a família considerada célula vital da sociedade portuguesa, a representação da mulher como batalhadora, incansável, casta e forte já antecedia a vinda ao Brasil, pois ela mostrava tais características no cotidiano, especialmente no meio rural e nas pequenas cidades, com atenção às ilhas açorianas, onde existiam menos contradições ideológicas de mulheres na política. Com a chegada na cidade, as mulheres mudaram um pouco seus comportamentos no que se refere às práticas de trabalho, vindo a trabalhar em fábricas, indústrias e outras atividades externas, o que diferenciava muito a vida que tinham nos Açores.

Conforme o posicionamento verificado durante o Regime de Salazar, às mulheres cabia o trabalho doméstico e a criação dos filhos, e ao homem, o trabalho externo, além do cuidado com a terra, impedindo atividades sociais que viessem a contribuir para eventuais práticas políticas entre grupos que enfraquecessem os ideais políticos naquele momento histórico, pois, dessa forma, não teriam tempo para tais práticas ativistas.

Embora as ilhas açorianas tivessem um cotidiano diferente do observado nas cidades, merece um olhar distinto daquele colocado durante o regime no país. A educação formal em casa, dada pelos pais, e especialmente na Igreja tinha uma intrínseca formatação dos indivíduos, apregoando um ser reto, com princípios fortes de educação e religião, buscando sempre não desvirtuar a família em qualquer que fosse sua natureza.

Numa publicação do Secretariado Nacional de Propaganda, Economia Doméstica, de 1945, estabelecia-se um paralelo entre a arte de gerir a casa e a de gerir o Estado. Argumento que ilustra o caráter tênue das fronteiras entre o privado e o público. De facto, as mulheres poderiam penetrar no público argumentando que se ocupavam de um modo notável das suas famílias e que estavam devido a essa experiência, à altura de exercer funções públicas, partindo do princípio que o Estado não é mais que um conglomerado de famílias. [...] Mas o Estado Novo preferiu ater-se à ideologia fundada sobre a “diferença natural dos sexos” que fez, implicitamente, o elogio da diferença, da complementaridade dos papéis próprios à mulher e ao homem [...].⁴⁰⁷

⁴⁰⁷ COVA, Anne; PINTO, António Costa. O Salazarismo e as Mulheres: Uma Abordagem Comparativa. **Revista Penélope**. n.17 - Gênero, Discurso e Guerra. 1997. p.72-3.

Na imagem buscada especialmente do sexo feminino, havia um lema que reitera essa observação, conforme se pode interpretar nas linhas do que intencionava Salazar: colocar o homem e a mulher em lugares definidos pela diferença natural dos sexos. Às mulheres cabia o trabalho em casa, os cuidados com a família e zelar pela harmonia do cotidiano.



Imagem 48 - Informação sobre as mulheres de Portugal no Regime Salazarista.⁴⁰⁸

As mulheres açorianas, durante o Regime de Salazar, em boa parte aderiram aos princípios e estratégias familiares no país. A busca por possibilidades de trabalho externo ao ambiente familiar era uma utopia durante esse momento político. O trabalho para o gênero masculino já não era algo fácil de conseguir, mas para as mulheres era ainda mais difícil e pouco cogitado.

Em contrapartida, seus trabalhos de bordar, tecer e fazer rendas ficaram conhecidos na história do artesanato. Esse tipo de trabalho era considerado um trabalho domiciliar com possibilidade de ganhos para as famílias, motivo pelo qual muitas mulheres mantiveram o “saber-fazer” por diversas gerações.

⁴⁰⁸ PIMENTEL, Irene. **A situação das mulheres no século XX em Portugal**. 07 de junho de 2008. Disponível em: <<http://caminhosdamemoria.wordpress.com/2008/07/07/a-situacao-das-mulheres-no-seculo-xx-em-portugal-1>>. Acesso em: 20 de janeiro de 2010.

Com as crescentes crises de emprego e renda nas ilhas e com a possibilidade de que os filhos e maridos fossem para as colônias africanas em tempos de repressão portuguesa, a emigração para o Brasil e outros países, como Canadá e Estados Unidos, foi a saída para muitos açorianos. As mães, esposas, filhas e netas que buscaram no Brasil um refúgio aos problemas enfrentados e às dificuldades econômicas e sociais no país de origem eram facilmente verificadas durante a chegada nas vilas industriais, como é o caso da Vila Carrão, na Zona Leste de São Paulo, criando redes de cooperação.

Algumas mulheres passaram a se dedicar ao trabalho nas fábricas. Muitas vezes famílias inteiras trabalhavam cerca de doze horas diárias no mesmo lugar. As mulheres ganhavam menos e as crianças também; no entanto, todos participavam do trabalho externo. O objetivo era, na maioria das vezes, pagar as contas da viagem ao Brasil, sendo que muitos tinham dívidas com parentes e amigos nos Açores.

Ao passo que vinham para a cidade de São Paulo, criavam redes de relacionamentos com seus compatriotas que já estavam alojados na cidade. A vida cotidiana girava em torno do trabalho e da religião. As festividades e os momentos de tempo livre e lazer eram, ordinariamente, centralizados nos encontros religiosos – nas festas, na Igreja ou mesmo na casa e seu entorno.

[...] Eu lembro muito da minha mãe, da gente participar de procissões sempre vestidos de anjinho... Então, a gente sempre teve essa parte religiosa, muito forte do católico mesmo. Então, isso ela sempre teve com a gente. Mas, também, a nossa infância, foi uma infância que a gente viveu muito nós, entre os irmãos. Por que minha mãe trabalhava e meu pai trabalhava. A vida deles, também, no começo, foi difícil, porque eles vieram de lá, praticamente sem nada, e vieram reconstruir uma vida aqui; aí também começaram também do nada. A minha mãe entrava das 06h às 02h e meu pai da 01h às 10h, então, a gente nunca tinha o pai e a mãe juntos. Só depois de muito tempo é que a gente passou a ter isso em casa. Meu irmão, que foi o terceiro, ele teve problema no coração, então minha mãe teve que deixar o trabalho para poder cuidar dele e tudo o mais, foi quando a gente acabou tendo ela em casa. Mas a gente nunca foi assim de você falar e fazer brincadeiras dos Açores, coisas que eles faziam, não. A gente tinha a parte religiosa e a culinária, que foi sempre muito forte dentro de casa.⁴⁰⁹

⁴⁰⁹ Depoimento da Senhora Leonilda dos Reis Jacob, em entrevista concedida no dia 27 de junho de 2009, na Casa dos Açores de São Paulo.

Quando rememora a vida cotidiana, a Sra. Leonilda menciona como eram os dias de festas e santos, em que ela era vestida de anjo e acompanhava a procissão. Esse elemento traz consigo a conotação de religiosidade que tinham e mantiveram de algum modo com seus filhos.

Os problemas de saúde de seu irmão fizeram com que sua mãe deixasse o trabalho na fábrica, passando a ficar mais tempo cuidando dos filhos e da casa. Os hábitos mantidos, como costumes de culinária e a religiosidade católica, com o acompanhamento dos rituais da Igreja, estão revigorados em suas lembranças de infância.

Nos Açores, a vida cotidiana se dava em torno da casa e da Igreja, até pela construção espacial das ilhas, que, de certo modo, não permitia grandes deslocamentos, e menos ainda a interação com elementos culturais distintos. A informação chegava de forma mais morosa, e as mulheres tinham um comportamento centralizado na vida simples e correta do dia a dia. Em contrapartida, quando saíram das ilhas e chegaram ao Brasil, suas redes de relações se ampliaram, e elas passaram a ter uma vida diferente da que conheciam. No entanto, os laços familiares e as redes de relações com os compatriotas eram os mais comuns no seu cotidiano.

Cuidar dos filhos em casa não era mais uma tarefa unicamente da mãe; às filhas mais velhas cabia cuidar dos irmãos, enquanto a mãe tinha sua dupla jornada de trabalho – uma na casa e outra nas fábricas. Essa dupla função acabou fazendo com que a própria mãe tivesse novos olhares acerca da educação de seus filhos, que saía um pouco dos costumes anteriormente definidos em Portugal.

Ao mesmo tempo que essas mulheres vinham com uma educação rígida e ancorada na trilogia salazarista, buscavam deixar de lado as proibições de todos os aspectos e inserir novos elementos advindos da multiplicidade de contatos feitos em seu trabalho nas fábricas. Mas, ainda assim, buscavam virtudes já cristalizadas em suas memórias e comportamentos e que antecederiam a educação dos tempos do regime.

Observa-se que, com a vinda das açorianas para a cidade de São Paulo, poucas foram as alterações no seio familiar, no qual “a educação dos filhos era marcada pela presença das mães, que acentuavam as virtudes domésticas e a

tradição”.⁴¹⁰ Em uma das falas da Sra. Maria Joana, açoriana que vive na Vila Carrão, pode-se observar a questão do orgulho e da felicidade em relação à família: “Então, para mim a família é tudo. E quando eu leio meus versinhos, eu me sinto menina, eu me sinto com quatorze, quinze anos... Ah! Eu me sinto feliz!”⁴¹¹

Questionado sobre as diferenças entre os homens e as mulheres nos Açores, o Senhor José de Arruda Soares coloca:

Olha, não havia muita diferença não, a mulher açoriana era pau pra qualquer obra... Tanto na... não na hora de preparar a terra, mas depois disso, na colheita ela estava sempre presente, né? Minha mãe, no início da vida, ela que ia cuidar das vaquinhas, também meu pai trabalhava na cidade, então as mulheres ajudavam sempre, né... sempre ajudaram os homens, né, quer dizer, as mulheres praticamente também... era o esforço de trabalho dela, não há muita diferença do trabalho do homem, não. Então se era função de tecelã, ela fazia a função de tecelã... Às vezes até melhor do que do próprio homem, né, eu não vejo, não vi, pelo menos na minha opinião, não vejo diferença nenhuma, né. Claro trabalho pesado, carregar pedra, né, porque... Como você viu nos Açores, então tinham que tirar todas aquelas pedras da agricultura e fazer aquelas reparações, aqueles muros, serviço mais pesado realmente era pros homens, né? Mas ela tava sempre presente até na dedicação de preparar refeição pros homens da terra, levar... Muitas vezes minha mãe preparava, meus irmãos estavam na lavoura, o pessoal estava nos pastos e ela ia levar comida pra eles... no campo, né?⁴¹²

As diferenças entre homens e mulheres citadas quase sempre se referem ao trabalho. Quanto às questões de hierarquia e formalidades, essas diferenças não são definidas nem abordadas nos depoimentos. Quando fala da jornada diária da mãe, o supracitado depoente comenta que ela cozinhava, levava comida na roça, além do trabalho exercido dentro de casa.

Alguns traços, como ensinar pratos, sabores, gostos e mesmo tradições religiosas, são visivelmente representados nas ações das açorianas que vivem para os filhos, genros, noras e netos, procurando transmitir suas tradições, gestos, costumes e hábitos cotidianos.

⁴¹⁰ PASCAL, Maria Aparecida Macedo. **Portugueses em São Paulo: A Face Feminina da Imigração**. São Paulo: Expressão & Arte, 2005. p.145.

⁴¹¹ Depoimento da Senhora Maria Joana Rezende Rodrigues, em entrevista concedida à Profa. Dra. Maria Aparecida Pascal em 02 de outubro de 2006, na Casa dos Açores de São Paulo, e cedida para esta pesquisa.

⁴¹² Depoimento do Senhor Henrique de Arruda Soares, em entrevista concedida em 07 de julho de 2008, na Casa dos Açores de São Paulo.

Durante as festividades que ocorrem na Casa dos Açores de São Paulo, são as mulheres que fazem a maior parte do trabalho, especialmente por serem as responsáveis pela confecção da comensalidade, tradição que se mantém desde as mães açorianas, responsáveis pela alimentação e pela organização e preparação dos quitutes das festas em geral.

Os diversos momentos da festa, momentos principais e momentos secundários, parecem todos demarcados por formas específicas de preparação, apresentação, distribuição e consumo de alimentos. A fartura no que se refere a comidas e bebidas assinala simbolicamente esse tempo renovado, esse tempo de generosidade em que o cosmos e a natureza oferecem seus frutos. Em outras palavras, nessa mediação entre um tempo de escassez e um novo tempo de fartura, o “sistema culinário” parece desempenhar papel simbolicamente decisivo.⁴¹³

Às mulheres compete a preparação da maior parte dos festejos, seja no preparo dos pratos, seja na organização da festa como um todo. Mas as intenções das festividades sempre partem da simbologia que o Espírito Santo lhes confere: a de compartilhar alimentos e práticas de cunho social.

Os pratos típicos passam dias sendo preparados. Todos os produtos comercializados, doados ou compartilhados durante a festa são feitos na própria Casa dos Açores, e as mulheres ficam intensivamente organizando todos os tempos da festa. Quando aborda essa questão, Dona Leonilda, filha de imigrante açoriana, comenta de forma minusciosa como as mulheres se dedicam à construção das festividades, enquanto uma das muitas açorianas que fizeram desse espaço uma extensão de suas casas e de seu país de origem.

[...] a gente faz assim, o nosso trabalho começa realmente por volta de Janeiro. O trabalho forte que eu falo, o trabalho que é: em Janeiro, eu sento com elas e a gente ali determina o cronograma das atividades, o que nós temos pra fazer até a Festa. Então, ali a gente marca o dia que nós vamos fazer a alheira, o dia que nós vamos fazer a linguça, o dia que nós vamos fazer a morcela, que são produtos que tem que estar muito antes prontos pra quermesse, tá? Então, a gente acaba se juntando: o dia que nós vamos desfiar o bacalhau, o dia que nós vamos ver a carne que vai nos lanches lá pra quermesse. Então, nós temos um cronograma, depois, se você quiser, eu

⁴¹³ CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro; GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **As Festas e os Dias: Ritos de Sociabilidades Festivas**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009. p.26.

te passo até o modelinho. O dia que a gente vai lavar as tripas, o dia que a gente vai amarrar as tripas... Então, isso, em Janeiro a gente senta... a partir dali, praticamente, a gente não tem final de semana livre. A gente trabalha quase todos os finais de semana. Então, hoje nós fazemos nos finais de semana; até anos atrás, há uns cinco anos atrás, elas faziam durante a semana. Mas as senhoras foram ficando velhinhas, outras foram morrendo e começou a ficar meia dúzia, e elas não davam conta. Então, pra que a gente possa ajudar, como todos nós... nossa geração trabalha fora, minha geração trabalha fora, então a gente fica livre de sábado e domingo, então no sábado e domingo a gente vem, e é onde a gente faz o nosso trabalho.⁴¹⁴

A Casa possui uma conotação emocionalmente construída, como se fosse um pedaço dos Açores; aliás, como se fosse um pedaço reconstruído dos Açores, onde recriaram uma identidade ou múltiplas identidades a partir de costumes comuns aos seus conterrâneos. Os espaços de onde vieram e que lhes trazem lembranças de fatos e atos tanto do cotidiano como dos dias de festa, quando viam suas mães e avós partilhando das mesmas ações, hoje elaboradas por elas com muito orgulho de suas raízes, são representados nas atitudes individuais e coletivas.

Essa sociabilidade traz à tona lembranças das formas de viver o cotidiano e também o que ele representava e ainda representa individual e coletivamente.

A gente tem dia... que a gente faz alheira, são quarenta pessoas que tão ajudando a gente. Começa, a gente tá aqui 06h da manhã, vamos até 05h da tarde sem parar. É trabalho o tempo todo. Então, você tem várias atividades... Ah! Pra fazer a alheira, você tem que ter o dia de cortar o pão duro, sabe, então, são todos os preparativos que você tem que pensar pra fazer aquele produto. Não é você chegar aqui e tá tudo... Não, tem que encomendar a cabeça, tem que limpar a cabeça do porco... Então, tudo isso a gente tem: o dia de limpar a cabeça do porco, o dia de cortar o pão, então, tenho isso muito bem detalhado, pra gente definir a data. Claro, que sempre tem um ajuste: você esquece um feriado, pintou um casamento... Então, vamos pegar e vamos mudar... Aí, este ano, por exemplo, a gente tinha o dia 18 de Abril, que era o dia do casamento da Gláucia, que é filha de uma... que é nossa ensaiadora do Folclore. Então, naquele dia, não podemos usar este final de semana, porque todo mundo vai pro casamento, ninguém vai cansado pro casamento... Então, você tem que estar pensando em tudo isso. Em paralelo com tudo isso, várias coisas estão acontecendo: você tem a parte dos Terços, que começa no Domingo de Páscoa. A nossa primeira Semana

⁴¹⁴ Depoimento da Senhora Leonilda dos Reis Jacob, em entrevista concedida em 27 de junho de 2009, na Casa dos Açores de São Paulo.

de Terço começa no domingo de Páscoa. Pra você fazer os Terços, não tem problema nenhum, você faz, mas pra você fazer a mudança de uma casa pra outra você tem que ter a autorização do CET, então, você tem que entrar com documentação dentro do CET. Em paralelo, eu tenho uma equipe, que no caso é o Sr. Agostinho, que cuida pra mim da parte comercial, que a gente fala... O que é que é? É ir à Prefeitura; a gente tem que fazer os Ofícios, vai pra Prefeitura, pra Prefeitura conseguir palco, a parte do som, a parte da iluminação pra gente, eu vou atrás da parte da Coca-Cola, de barracas, de cadeiras. Então, várias coisas estão acontecendo ao mesmo tempo. Eu tenho uma equipe que está cuidando das “Sortes”, que é aquele pessoal que vem e paga pra participar do Terço no próximo ano, que é feito no domingo da Festa...⁴¹⁵



Imagem 49 - Mulheres preparando as Alheiras.⁴¹⁶

Os tempos da festa são divididos entre as mulheres que preparam cada tipo de alimento. A Casa foi aos poucos se tornando uma referência do trabalho de construção de festas, seguindo um calendário anual, que inclui não apenas o Divino Espírito Santo, mas também dias festivos como Natal, Ano Novo, dia das mães, dia da pizza, dia de bingos, transformando o bairro num espaço de sociabilidade, especialmente para unir os açorianos e seus descendentes.

⁴¹⁵ Depoimento da Senhora Leonilda dos Reis Jacob, em entrevista concedida em 27 de junho de 2009, na Casa dos Açores de São Paulo.

⁴¹⁶ Fonte: CASA DOS AÇORES DE SÃO PAULO. Disponível em: <<http://www.casadosacores.com/fotos.html>>. Acesso em: 10/01/2007.

Apesar de ser aberta ao público, que pode participar das festividades, a Casa dos Açores aglomera especialmente os açorianos, principalmente por conta de suas identidades ou das identificações entre as famílias. As mulheres já tinham uma construção social voltada para a família. A vinda para o Brasil ocasionou muitas mudanças na vida cotidiana – o trabalho externo, o convívio com outros grupos étnicos e de imigrantes e múltiplas transformações da vida individual e coletiva. No entanto, as mães e avós mantiveram em muitos aspectos os modos de vida dos Açores, cujos habitantes tinham no seio da família a construção social e cultural de vida.

O comprometimento com a religião, a educação dos filhos e a participação social nos encontros com as mulheres de seus grupos foi se fortalecendo e atualmente é percebido nas reuniões da Casa dos Açores, cujo objetivo é exatamente aglomerar seus “iguais” e conservar laços afetivos com o país de origem, mantendo também comportamentos que trouxeram das ilhas.

O perfil da mulher trabalhadora inscreve-se ao longo dos anos em um quadro de inúmeras transformações. Porém, estas parecem simultaneamente ligadas à questão temporal, espacial e estrutural de cada localidade, pois cada sociedade apresenta suas diversidades culturais e seus valores religiosos, que ultrapassam muitas vezes a questão de gênero. Mas, ao mesmo tempo, mantém algumas caracterizações marcadas pelos processos culturais e sociais num âmbito complexo e diversificado.

A respeito desse quadro, fazem-se necessárias amplas e direcionadas investigações, a fim de se rever toda a trajetória do cotidiano feminino, ligado ao trabalho sob diversas formas e em diversas localidades, para se ter um panorama da inserção da mulher no mercado de trabalho. Mas sabe-se que a ideia de trabalho feminino esteve durante séculos ligada à casa e seu entorno, âmbito no qual a mulher estava confinada e deveria desempenhar suas atividades durante toda a sua história. Atualmente, no entanto, ela se insere em outras formas de trabalho e ainda mantém as anteriormente instituídas como femininas.

Ainda no que concerne a esse cenário de mudanças e incorporações, percebe-se que a saída da mulher do âmbito doméstico é que trouxe conflitos. Nesse sentido, cumpre destacar a seguinte afirmação: “As mulheres sempre

trabalharam, mas o que colocou o problema para elas foi o exercício de trabalhos assalariados, ofícios e profissões praticados fora de casa”.⁴¹⁷

Na tentativa de se entender essa ideia, percebe-se que as alterações trouxeram o aumento de funções e atribuições. A mulher não deixou de exercer as tarefas anteriormente tidas como femininas; o que ocorreu foi que tais tarefas permaneceram e outras foram agregadas. Nesse contexto, pode-se inferir que mudou o lugar da mulher, mantiveram-se as atividades anteriores e outras emergiram, formando assim um círculo de mudanças, permanências e agregações de funções.

As mulheres passaram por reais dificuldades para obterem o direito ao salário, tanto por essas razões práticas de economia familiar quanto por questões de princípio: podia-se, sem correr riscos, reconhecer para as mulheres, membros de uma família a que estavam incorporadas, esse estatuto de indivíduo que o regime assalariado estabelecia?⁴¹⁸

Sem dúvida, foram necessárias leis que garantissem os direitos das mulheres; contudo, mesmo com as novas diretrizes e legislações, muito tempo levou para alguns direitos serem garantidos à categoria. O interior dos lares também passou por mudanças e transformações, mas o que se visualiza parece ser um gradativo acúmulo de funções.

A Vila Carrão, na década de 1950, enquanto uma área periférica, consistia num espaço construído pelo trabalho, inserido na cidade que ora crescia vertiginosamente. O trabalho feminino se fazia presente dentro e fora do âmbito familiar. Às mulheres cabia, em seu cotidiano, trabalhar nas fábricas e em casa, além de executar algum trabalho domiciliar, como bordar, fazer pratos e vender alimentos.

O encontro com uma nova forma de trabalho apenas diferenciava o que era feito por elas nos Açores. Nas ilhas as mulheres trabalhavam em casa e no campo, e agora o trabalho na fábrica era uma extensão do que se pode chamar de trabalho externo. Mudara o foco, mas não as atribuições, a que já estavam acostumadas antes da vinda ao país.

⁴¹⁷ PERROT, Michelle. **Mulheres Públicas**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998. p.97-8.

⁴¹⁸ Ibidem. p.99.

O trabalho do tempo de festas na Casa dos Açores é um trabalho coletivo, advindo da fé e da sociabilidade entre os pares que se encontraram com um interesse em comum: montar as festas religiosas. Esse, por sinal, é um tempo de fé, alegria e agradecimento à fartura. Desse modelo vem a legitimação da cultura formada pela Casa dos Açores, conforme se verificará no próximo item.

3.3 PRÁTICA ASSOCIATIVA: CASA DOS AÇORES DE SÃO PAULO

Em Novembro de 1981, compra-se uma velha casa à rua Dentista Barreto nº 1282, para onde se transfere a sede, precisava-se construir mas não havia dinheiro, havia sim, muito boa vontade e principalmente muita fé no Divino Espírito Santo, que como milagre o dinheiro vai aparecendo, muitos açorianos estão contribuindo monetariamente, outros com o seu trabalho, como é maravilhoso, gente rica, gente pobre de mãos calejadas todos irmanados carregando pedras, cimento, cal, areia, ferro, fazendo massa, etc. O milagre está acontecendo, a velha casa está dando lugar a um belo edifício, assim em 21 de abril de 1982 inaugura-se a primeira parte de nossa sede, mas não se pára aí, ainda há muito a fazer e não se desanima, 1986 a casa está acabada, com os dois salões de festas, cozinha, forno elétrico, adega, bar, sala de reuniões, secretaria, biblioteca e a tão sonhada Capela para o hóspede de honra “Divino Espírito Santo”.⁴¹⁹

Em 21 de abril de 1982 inaugurava-se a Casa dos Açores de São Paulo. As intenções para a sua idealização – a cooperação da comunidade e os anseios de compartilhar o sonho e agrupar os açorianos que vieram para o Brasil em busca de novas oportunidades – acabaram se concretizando, em meio a dificuldades, falta de apoio institucional, de espaço e aplicação financeira.

A Casa dos Açores⁴²⁰ de São Paulo tinha, em primeiro plano, o intuito de trazer as tradições açorianas para a Vila Carrão, além de propiciar aos imigrantes uma forma de reencontrar amigos e parentes e, de certa forma, manter um elo com

⁴¹⁹ CASA DOS AÇORES DE SÃO PAULO. Fundação da Casa dos Açores de São Paulo, em Vila Carrão. **Açor** - Órgão Informativo da Casa dos Açores. Ano I, n.1. São Paulo, jun./jul. de 1987. p.1.

⁴²⁰ “A Casa dos Açores de São Paulo foi fundada em 22 de junho de 1980, em uma pequena garagem na casa de um dos imigrantes açorianos em São Paulo. Apenas em abril de 1982, é que foi inaugurada a sua sede própria, comprada e construída sem a ajuda de nenhuma espécie do governo dos Açores, apenas contando com a ajuda espontânea de um grupo de imigrantes que decidiram divulgar os costumes e tradições de sua terra natal em terras brasileiras.” CASA DOS AÇORES DE SÃO PAULO. Disponível em: <<http://www.casadosacores.com>>. Acesso em: 25/06/2009.

o passado, seja por meio das festas religiosas, seja por meio da sociabilidade e demais atividades criadas no seu calendário anual de eventos.

Sobre a criação da Casa e a formação da primeira diretoria, cabe observar:

A Casa dos Açores de São Paulo foi criada em 22 de junho de 1980 por um grupo de açorianos residentes na Vila Carrão e funcionava inicialmente numa garagem à Rua Zodíaco, cedida pelo açoriano José Vitorino de Arruda. Neste dia formou-se a primeira diretoria, tendo como presidente o engenheiro Manuel de Medeiros. Em novembro de 1981, a sede foi transferida para uma antiga casa adquirida na Rua Dentista Barreto, 1.282. O projeto de construir a nova sede mobilizou as mais de 50 famílias que participaram da organização da Casa com doações em dinheiro e com trabalho.⁴²¹

Segundo o Sr. Manuel de Medeiros⁴²², em 24 de julho de 1979 os açorianos da Vila Carrão já se reuniam para debater a possibilidade de fundar uma associação açoriana. Num bate-papo descontraído, os membros do grupo se encontravam para contar histórias e rememorar sua terra natal. Acreditavam que seria necessário ter um lugar para montar uma capela para glorificar o Espírito Santo, já que celebravam a missa em louvor ao Divino desde 1975, quando o pároco permitiu a primeira coroação. Na garagem do Sr. José Vitorino de Arruda, na Rua Zodíaco, começaram a celebrar a festa e formaram a primeira diretoria, tendo como Presidente o Sr. Manuel de Medeiros.

Como as festas já estavam sendo realizadas no bairro, havia a necessidade de se ter um lugar de onde os partícipes pudessem sair e também para se fazer o trabalho de cunho social e cultural, pois a garagem não era mais suficiente.

Ao ser questionado sobre as ideias que levaram à abertura da Casa, o Senhor Manoel de Medeiros conta:

Eu tinha um amigo, inclusive continental, e ele sempre me incentivava sobre abrir a Casa dos Açores, dizia que já existia uma infinidade de Casas, é Casa Beira Alta, Casa da Madeira, da Ilha da Madeira, Casa do Porto, Casa... Então existiam infinitas casas e ele participava e me levava em alguns desses inventos das casas e a toda hora... sabia que eu era açoriano, toda hora ele falava assim: monta a Casa dos Açores, monta a Casa dos Açores, entendeu? E depois isso foi mexendo

⁴²¹ FREITAS, Sônia Maria de. **Presença Portuguesa em São Paulo**. São Paulo: Imprensa Oficial, Memorial do Imigrante, 2006. p.166.

⁴²² Depoimento do Senhor Manuel de Medeiros, em entrevista concedida em 03/06/2008.

comigo, principalmente porque tinha ido e tinha voltado em 71 a Portugal e eu depois desses anos todos eu fui justamente aos Açores. E eu tive um sentimento muito grande daquilo lá... Senti uma saudade tremenda porque já fui adulto. Saí de lá criança e voltei adulto e aí eu revi tudo aquilo que eu brincava, que eu... Nos Açores quando era bem, bem um regime forte, então tinha bastante tradição lá. E com esse incentivo do rapaz me falar a toda hora, toda hora aquilo ali, acabei fundando a Casa dos Açores. Quando viajamos para Portugal nós já tínhamos inclusive fundado a Irmandade do Espírito Santo porque nós trouxemos... eu viajei com um amigo meu e nós trouxemos de lá uma coroa, uma bandeira e esse rapaz, esse senhor que já faleceu, ele falou: Olha, eu vou começar a fazer a Coroação e tal... tudo bem e aí nós juntamos e eu dei uma mão a ele, mas ele foi realmente uma pessoa que teve a iniciativa do Espírito Santo.. E ela foi crescendo de tal forma que a gente não... Isso foi no ano de 75 que nós fomos lá, que eu fui com ele lá. Aí nós todo ano fazíamos a festa do Espírito Santo na casa na frente da casa de quem tinha a última dominga, entendeu? Você não vai saber ou entender o que é uma última dominga, mas todo açoriano sabe que existe após a quaresma. A quaresma é após o domingo de Páscoa e vai sendo mudado de residência para residência uma vez por semana a Coroa, a Bandeira e é rezado o terço diariamente e tal, e isso é uma tradição de lá. E nós fazemos essa tradição aqui a mesma coisa, e nós ajudamos eles realmente a efetivar o negócio e fomos embora. Aí, quando chegou em 1980 e nós além do mesmo tá toda hora falando pra eu montar a Casa dos Açores e nós não tínhamos mais espaço em ruas porque começou a crescer a festa e nós não tínhamos mais como fazer essa festa nós víamos que isso ia acabar... Então foi quando dei... eu falei o seguinte: vamos montar a festa. Vamos montar, fiz uma reunião na minha casa devia haver aproximadamente não me recordo agora que nós fundamos a Casa dos Açores em 22 de junho de 1980. Isso foi fundada como fator principal de se manter as festas religiosas do Divino Espírito Santo.⁴²³

Mediante as colocações do Sr. Manuel, percebe-se que a Casa se originou a partir da necessidade dos açorianos e suas famílias de alocar as festividades e seus símbolos, especialmente do Divino Espírito Santo e do Senhor Santo Cristo dos Milagres. Nesse sentido, pode-se dizer que os movimentos de associativismo tinham um papel relevante na função social dos compatriotas, sendo também uma construção advinda da necessidade de legitimar uma cultura e de criar um espaço para se fazer a festa religiosa.

⁴²³ Manoel de Medeiros nasceu em 12/11/1941 em Ponta Delgada, São Miguel, Açores, Portugal. Chegou ao Brasil em 13 de junho de 1956, Presidente e Fundador da Casa dos Açores de São Paulo. Entrevista concedida em 03/06/2008.

Essa menção diz respeito ao próprio conceito de associativismo, que, ao buscar a formação de um espaço entre iguais, recria, de certa forma, outras necessidades, como fortalecer os traços culturais dentro de grandes centros de diversidade cultural e econômica, como é o caso de São Paulo.

A origem do associativismo pode ser mesmo relacionada ao núcleo familiar: essa prática é atribuída ao “espírito de economia e previdência da família”. Os imigrantes teriam herdado essa tradição e se precavam criando muitas vezes um lar comum para os que não formavam família aqui ou não a traziam aos poucos. Independentemente da existência de associações beneficentes, as famílias de imigrantes costumavam acolher os patrícios “órfãos”; todos os depoentes fizeram referência às pessoas agregadas em suas casas por longos períodos (geralmente “até casar”) ou os que apareciam em datas especiais (festas de fim de ano, dias santos)...⁴²⁴

Enquanto a recriação da festa – em momento posterior à chegada dos açorianos em São Paulo, os quais desde a década de 1950 já se estabeleciam no bairro – se organizava nas ruas da Vila Carrão, surgia outra necessidade, a criação de um espaço aglutinador para o grupo, que, de certa forma, os mantinha em alguns momentos unidos pela fé e pela solidariedade. Portanto, se fazia necessário um espaço voltado para a integração, sociabilização e solidariedade presentes nas ações e na mentalidade do povo açoriano.

A maior parte da fundação das casas regionais de origem portuguesa se deu a partir da década de 50 do século XX. No entanto, o fluxo de imigrantes que foi forte até a própria década de 50 com quantitativo aproximado de um milhão e quinhentos mil portugueses caiu muito durante o período posterior no próprio século XX. Muitos portugueses que vieram para o Brasil com o desejo de retorno para país natal acabaram não realizando o intuito do retorno. Acabaram fincando laços, estabelecendo família, amizades e negócios no novo país. A criação das casas regionais, juntamente com outras associações de origem portuguesa preenche lacuna quanto a lugares de suporte e matriz cultural que sirva como instrumento de afirmação de identidade assim como locais de encontro de conterrâneos com interesses afins.⁴²⁵

⁴²⁴ NOGUEIRA, Ana Maria de Mora. **Como Nossos Pais** - uma História da Memória da Imigração Portuguesa em Niterói, 1900/1950. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal Fluminense, 1998. p.44.

⁴²⁵ SOUSA, Roberto Ribeiro de. **Representações geográficas de identidades: o caso das casas regionais de origem portuguesa no Rio de Janeiro** - RJ. Anais do Simpósio Nacional sobre Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2005. p.02.



Imagem 50 - Sr. Manuel Medeiros.⁴²⁶

Alguns açorianos já se organizavam antes da abertura da Casa para contar suas histórias, falar sobre a vida, o trabalho e também sobre o Espírito Santo. A primeira festa foi feita na rua, em frente à atual Casa dos Açores. Nesse ínterim, segundo o Sr. Manuel:

Já estávamos construindo a Casa dos Açores. Então foi a 1ª festa que foi feita em frente à Casa dos Açores, foi a minha. Foi legal, geralmente tudo que se faz lá eu sou geralmente o pioneiro, tudo leva meu apreço, tudo que eu puxo o negócio pra ver se aquele está mais sério que o anterior. Porque a gente estava na frente das casas dos mordomos, estava muito ruim, não dava pra fechar a rua, então não se tinha mais controle. Então eu passei em 82, eu passei justamente pra Casa dos Açores onde se faz os festejos e dali pra frente foi sempre na Casa dos Açores.⁴²⁷

⁴²⁶ Jornal Correio dos Açores, s/d.

⁴²⁷ Depoimento do Senhor Manuel de Medeiros, em entrevista concedida em 03/06/2008.



Imagem 51 - Inauguração da Casa dos Açores de São Paulo.⁴²⁸



Imagem 52 - Os Açorianos em festa – Inauguração.⁴²⁹

⁴²⁸ Fonte: CASA DOS AÇORES DE SÃO PAULO. Disponível em: <<http://www.casadosacores.com/inicio.html>>. Acesso em: 10/02/2010.

⁴²⁹ Fonte: Ibidem.

O intuito de conceber essa Casa veio de diálogos entre amigos que também queriam trazer à cidade um espaço voltado para as tradições açorianas. Sabendo da existência de outros espaços articulados com essa premissa, alguns membros da comunidade que já estavam estabelecidos no bairro, juntamente com os contatos que tinham nos Açores, especialmente na Ilha de São Miguel, trouxeram para a cidade alguns símbolos que, considerados ícones da tradição religiosa, acabaram por começar ou recomeçar a trajetória deixada para trás quando da saída das ilhas.

O primeiro a dirigir a Casa foi o empresário Manuel de Medeiros, que ocupou a presidência durante cinco gestões, de 22/06/1980 a 11/07/1987. O segundo, Manuel Henrique Farias Ramos ficou no cargo de 11/07/87 a 9/07/1989, e o terceiro, Manuel Pereira Arruda, de 9/07/1989 a 6/7/1991. O quarto presidente, Antonio Mendes Cardoso Sequeira, ficou na presidência duas gestões, de 28/8/1992 a 24/06/1995. O sexto presidente foi Elisiário dos Santos Filho, que ocupou o cargo durante duas gestões, de 22/06/1996 a 29/06/2000.⁴³⁰

Essa organização diretiva da Casa dos Açores mantém um elo com o Governo Regional das Comunidades nos Açores.⁴³¹ A cada ano seus representantes participam dos eventos nos Açores que denominam as funções e utilidades das Casas espalhadas pelo mundo, cujo intuito é manter laços e reavivar na memória de seu povo as identidades advindas de sua história.

A finalidade estabelecida no estatuto da Casa dos Açores é a de promover, entre outros eventos, a Festa do Divino Espírito Santo, reconhecida entre seus pares como o maior elo com o passado. Antes da sua criação, como os açorianos viviam, em maior parte, na Zona Leste, alguns membros da comunidade tentavam constituir uma organização que os evidenciasse enquanto grupo, especialmente por meio de festas religiosas e dias santos.⁴³²

⁴³⁰ FREITAS, Sônia Maria de. **Presença Portuguesa em São Paulo**. São Paulo: Imprensa Oficial, Memorial do Imigrante, 2006. p.167.

⁴³¹ O Conselho Mundial das Casas dos Açores foi formado pelos membros constituintes das Casas dos Açores no mundo. Na Declaração de Horta, reunidos seus representantes, formou no período de 12 a 15 de novembro de 1997, sob o patrocínio do Governo Regional dos Açores, por meio do Gabinete de Emigração e Apoio às Comunidades, esse elo com as direções efetivas das instituições, entre elas Elisiário dos Santos Filho, representante da Casa do Açores de São Paulo.

⁴³² FREITAS, op. cit., p.76.

Há de se notar que essas “associações mutuais são vistas como estratégias de sobrevivência implementadas por vários setores da sociedade num contexto de ausência de políticas sociais e mecanismos de previdência públicos”⁴³³.

Possuíam arranjos administrativos formados por assembléias onde se elegiam presidentes, secretários, tesoureiros; nomeavam-se sócios fundadores, beneméritos e remidos, além dos sócios comuns. Ofereciam entre outros serviços, auxílio funeral, pensões para a família do sócio enfermo, indenizações, custeio de remédios, atendimento hospitalar e prestação de demais ajudas humanitárias. Funcionavam, ainda, como espaços de lazer na promoção de festas, muitas vezes em comemoração à data de fundação da sociedade ou para prestar homenagem ao santo protetor do ofício, além de, dessa maneira, estabelecer relação com o poder público e a sociedade em geral.⁴³⁴

Com a proposta de organizar o grupo e manter os laços de amizade, união e identificação enraizados nas tradições, os açorianos construíram um território capaz de trazer à tona lembranças do tempo dos Açores e manter “viva” a religiosidade, o companheirismo e a construção familiar que seus antepassados tinham enquanto concepções de vida.

As mutuais foram sendo criadas à medida que a própria estrutura do capitalismo se formulava, impulsionando os trabalhadores a se organizarem em torno de associações. Essas eram tidas como maneiras de minimizar a falta de políticas sociais, configurando espaços que permitiam a proteção contra doenças, bem como o amparo em caso de velhice, desemprego e morte, uma vez que o Estado ainda não oferecia nenhum auxílio nesse sentido.⁴³⁵

Com essa ausência de proteção e apoio, surgiam os pequenos auxílios prestados pelas sociedades de socorros mútuos, que garantiam formas de amparo

⁴³³ LACERDA, David P. **Experiência associativa no Império: sociedades mutuais de trabalhadores livres na cidade do Rio de Janeiro (segunda metade do século XIX)**. Anais do XIII Encontro de História - ANPUH Rio. Rio de Janeiro, 2007. p.06. Disponível em: <http://www.encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1213754555_ARQUIVO_Textocompleto.pdf>. Acesso em: 22/10/2010.

⁴³⁴ Ibidem. p.06.

⁴³⁵ FORTES, Alexandre. Da Solidariedade à Assistência: estratégias organizativas e mutualidade no movimento operário de Porto Alegre na primeira metade do século XX. **Cadernos AEL - Sociedades Operárias e Mutualismo**. Edição 10/11, Vol.6. Campinas: UNICAMP/ IFHC, 1999. p.174.

aos trabalhadores assalariados, o que marcaria a proliferação de tais associações no final do século XIX e na primeira metade do século XX.⁴³⁶

As casas regionais apresentam-se como locais de representações e manifestações culturais de identidade local, regional e nacional relacionadas aos distritos, províncias e regiões além é claro do próprio espaço nacional português. Tais representações estão apoiadas em referências geográficas a partir das festas, símbolos, imagens, saudosismo da terra natal em que as casas regionais se constituem como lugares para o estabelecimento e encontro de manifestações que revelam lado do processo de construção de identidade associado ao espaço geográfico.⁴³⁷

As casas regionais⁴³⁸, associações e demais entidades de cunho étnico surgiram no momento em que os imigrantes necessitavam de auxílio, seja para procurar trabalho, para manter os padrões culturais ou para apropriar-se do urbano, quando a cidade, em pleno crescimento, passava a ser uma nova realidade para esses imigrantes⁴³⁹, acostumados com o meio rural nas ilhas.

Essa forma de construção mútua deve ser entendida como uma troca, sendo esta uma manifestação cultural. O mutualismo também se inscreve como manifestação da cultura dos trabalhadores, sendo ela uma arena de conflitos permanentes, de trocas materiais, de relações de dominação, de tradições herdadas e compartilhadas.⁴⁴⁰

Aparentemente buscavam nas associações a mesma força, o aconchego da família e a reprodução da vida comunitária que tinham nas aldeias rurais. O cooperativismo pode ser entendido como herdeiro também de uma tradição camponesa,

⁴³⁶ LUCA, Tânia Regina de. As Sociedades de Socorros Mútuos Italianas em São Paulo. In: BONI, Luis A. de (Org.). **A Presença Italiana no Brasil**. Vol.II. Porto Alegre: Fondazione Giovanni Agnelli, 1990. p.384.

⁴³⁷ SOUSA, Roberto Ribeiro de. **Representações geográficas de identidades: o caso das casas regionais de origem portuguesa no Rio de Janeiro - RJ**. Anais do Simpósio Nacional sobre Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2005. p.02.

⁴³⁸ Sobre a criação e objetivos das Casas Regionais: "[...] apesar de seu caráter recreativo, um dos objetivos mais respeitados pelas associações portuguesas – inclusive pelas Casas Regionais – é a orientação e introdução dos novos imigrantes no mercado de trabalho e na vida urbana (a maioria dos portugueses vem de áreas rurais). Por outro lado, elas pretendem reproduzir no Brasil símbolos e padrões culturais característicos de Portugal ou das regiões portuguesas que representam [...]" SEYFERTH, Giralda. **Imigração e Cultura no Brasil**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1990. p.67.

⁴³⁹ SILVA, Pedro Ferreira da. **Assistência Social dos Portugueses no Brasil**. São Paulo: Arquimedes, 1969. p.200.

⁴⁴⁰ THOMPSON, E. P. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p.18-9.

lembrando como já foi dito o costume do lavrador de oferecer um dia de trabalho para o aldeão mais necessitado ou do vizinho mais abastado oferecer terras comunais de propriedade do município ou da paróquia, florestas ou pastos para uso coletivo.⁴⁴¹

Destarte, a cooperação já era algo vivido nas ilhas. A ajuda mútua entre os vizinhos, parentes e amigos era algo formalizado nas atitudes de cada família. Aliás, a própria Festa do Divino trata-se de uma forma de auxílio aos pobres, com a distribuição do bodo, que ficou sendo uma das expressões dessa festa no mundo todo.

Para a organização de uma sociedade mutualista era preciso juntar um grupo pequeno de pessoas com tal intenção, realizar reuniões de planejamento, divulgar entre os potenciais associáveis a reunião (em alguns casos, reuniões), realizar pelo menos mais uma outra reunião para discussão e aprovação, em assembléia, dos estatutos (princípios, objetivos, deveres, atribuições e competências dos sócios etc.), tudo devidamente registrado em Ata. A sociedade, então, estava instalada.⁴⁴²

Aqueles que presenciaram a construção da Casa e estiveram juntos no fenômeno imigratório atualmente contam suas histórias de vida organizando-as de forma emotiva e retratando-as como repletas de bons momentos, geralmente de tempos em que os pais eram vivos e tinham em conjunto outras histórias a contar. Mas a criação da Casa dos Açores foi exatamente uma maneira de formalizar no espaço a construção das festas e ter ali um ícone da organização do grupo na cidade.

As memórias da construção partem, na maioria das vezes, dos mais velhos, que acabam sendo os nostálgicos, relatando suas lembranças com intensa emotividade.

⁴⁴¹ NOGUEIRA, Ana Maria de Mora. **Como Nossos Pais** - uma História da Memória da Imigração Portuguesa em Niterói, 1900/1950. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal Fluminense, 1998. p.44-5.

⁴⁴² MACIEL, Osvaldo Batista Acioly. Estatutos de Sociedades Mutualistas e a História Social do Trabalho: Conjecturas em torno da Sociedade Beneficente Proteção e Auxílio da Cia. União Mercantil (Fernão Velho, 1876/1879). **Revista Crítica Histórica**. Ano I, n.1. Universidade de Alagoas, jun. 2010. p.231.

A conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda: repassada de nostalgia, revolta, resignação pelo desfiguramento das paisagens caras, pela desapareção de entes amados, é semelhante a uma obra de arte. Para quem sabe ouvi-la, é desalienadora, pois contrasta a riqueza e a potencialidade do homem criador de cultura com mísera figura do consumidor atual. O velho é alguém que se retrai de seu lugar social e esse encolhimento é uma perda e um empobrecimento para todos. Então a velhice desgostada, ao retrain suas mãos cheias de dons, torna-se uma ferida no grupo.⁴⁴³

Quando falam de suas histórias, narram com o coração. Apesar de recriá-las sob suas respectivas perspectivas, tratam das memórias como algo fundamentado num passado que, apesar de distante, engloba grande parte, ou melhor, boas partes de suas vidas.

Eu fiz uns versinhos aqui para a Casa dos Açores. Então, tem até uma parte da minha vida... Meu namoro, como é que eu cheguei a morar aqui para falar a verdade não ficou com ninguém. Porque aquilo é uma coisa minha, eu fazia e me sentia emocionada, eu li, até hoje não consigo ler para os outros, eu só leio pra mim, então, aquilo era uma coisa que vinha de dentro, que me recordava... O que eu escrevo, parece que eu estou começando a viver de novo, entendeu? Então, aquilo pra mim é muito estimado.⁴⁴⁴

As lembranças são um forte elo com um saudoso passado, com as melhores memórias de tempos distintos. As relações com as memórias se encontram formatadas em bons e maus momentos. Embora façam parte de uma história total, as pessoas acabam definindo aspectos de que gostam de lembrar.

Antes da fundação da Casa dos Açores de São Paulo, neste mesmo local, havia um clube, e se me lembro, chamava-se “Lusitano”, onde as festas juninas eram organizadas. Faziam os arraiais enfeitados com “bambu” e bandeirolas de papel colorido. O evento atraía muitos casais de namorados e jovens para as brincadeiras. Depois é que veio a Casa dos Açores de São Paulo, que, de certa forma, formalizou todo o ritual e toda a cerimônia com relação às atividades do Divino Espírito Santo. A casa foi fundada na década de 80 do século passado. A

⁴⁴³ BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade** - Lembranças de Velhos. São Paulo: Cia das Letras, 1994. p.83.

⁴⁴⁴ Depoimento da Sra. Maria Joana Rezende Rodrigues, em entrevista concedida à Profa. Dra. Maria Aparecida Pascal em 02 de outubro de 2006, na Casa dos Açores de São Paulo, e cedida para esta pesquisa.

partir de então, o culto ao Divino Espírito Santo, no dia de Pentecostes, tomou vulto e alcança o sucesso que é hoje.⁴⁴⁵

Quando relata as lembranças de sua infância⁴⁴⁶, o Senhor Henrique enfatiza as festas juninas, que, segundo ele, eram feitas no mesmo local onde foi construída a Casa dos Açores da cidade. A Festa do Divino está sempre presente quando se fala da construção e manutenção dos apoiadores e frequentadores do local.

Nas suas lembranças, as festas, os lugares e os tempos representam uma forma de ligar-se ao passado. Os lugares de memória compreendem a função que se faz presente nos tempos de infância, em especial nos momentos mais relevantes, como as festas juninas, as brincadeiras e os momentos e fases que se sobressaem nas suas recordações.

É com estima que são realizadas as celebrações e festas aqui no Brasil. Tanto dedicadas ao Senhor Santo Cristo dos Milagres, a Nossa Senhora de Fátima onde estão presentes nas nossas cerimônias religiosas. Por não haver espaço suficiente na sede da Casa dos Açores, obtemos autorização e apoio da nossa Prefeitura Regional para ocupação da via pública. No dia 13 de maio, dedicado a Nossa Senhora de Fátima é rezada a missa. É em um único dia de dedicações então são lembrados e se fazem presentes na procissão do Divino Espírito Santo. As imagens do Senhor de Santo Cristo e a de Nossa Senhora de Fátima, e do Espírito Santo, representado pelas sete coroas e Bandeira do Divino estão sempre presentes nas cerimônias religiosas e festas. Faço questão de ser um membro para carregar o andor do Senhor Santo Cristo e de Nossa Senhora de Fátima. Este ano de 2008 não carreguei, por me encontrar lá nos Açores.⁴⁴⁷

Além das festas e comemorações religiosas, que denotam um apego às celebrações dos Açores, das atividades atualmente promovidas pela Casa com intuito filantrópico destacam-se o apoio ao bairro Carrão e o auxílio a algumas entidades a fim de:

⁴⁴⁵ Depoimento do Senhor Henrique de Arruda Soares, em entrevista concedida em 07 de julho de 2008, na Casa dos Açores de São Paulo.

⁴⁴⁶ “Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, ‘desloca’ estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória parece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora.” BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade** - Lembranças de Velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p.47.

⁴⁴⁷ Ibidem.

Promover, anualmente a Festa do Divino Espírito Santo, divulgar a cultura, as tradições e os costumes açorianos. Realizar eventos culturais e manter através de seu Departamento Assistencial o caráter filantrópico de auxiliar, regular e comprovadamente, entidades e/ou pessoas carentes: Fornecimento de medicamentos e de cestas básicas; Durante a Festa do Divino Espírito Santo, fornecimento de mantimentos em grande quantidade (incluindo carne e o famoso bolo de massa sovada); Manutenção de cadeiras de rodas para empréstimo regular; Promoção do Almoço da Terceira Idade, tradicionalmente, todos os anos no mês de setembro, para o qual são convidados centenas de idosos de várias entidades; Distribuição de centenas de brinquedos, durante o período do Natal; Manter a sede sempre à disposição de outras entidades para a realização de eventos de caráter público tais como: Campanhas de saúde pública, palestras de interesse comunitário, campanha do agasalho entre outras.⁴⁴⁸

A Casa dos Açores está aberta a todos os visitantes; possui um acervo sobre os Açores, sobre a sua própria criação e publicações acerca de suas semanas culturais. Está em constante desenvolvimento no que se refere à criação de laços com seus compatriotas e também com a comunidade luso-brasileira, e promove eventos diversos a fim de angariar fundos e também de fomentar a sociabilidade entre seus pares e entre o público em geral.

Algumas manifestações religiosas são organizadas nos espaços da Casa, como as missas em louvor a dias santos, entre outros eventos. Assim, a entidade passou a ter um valor relacionado à fé, aos costumes e às tradições açorianas, sendo um palco para a efetivação das manifestações religiosas e sociais da comunidade.

A grande maioria dos associados da Casa dos Açores veio das Ilhas de São Miguel e Terceira. Esses sujeitos, em grande parte, ao ingressarem na cidade, já tinham, de certa forma, um elo com parentes e amigos, que os auxiliavam a conseguir trabalho na mesma fábrica em que se empregavam e a viver no entorno dela.⁴⁴⁹

Quando questionada sobre o papel da Casa dos Açores em sua vida, Dona Ilda comenta:

⁴⁴⁸ Segundo o site oficial da Casa dos Açores de São Paulo, sua missão é filantrópica, além da organização do grupo de açorianos e da reorganização das festas religiosas. Cf.: CASA DOS AÇORES DE SÃO PAULO. Disponível em: <<http://www.casadosacores.com/departamento.html>>. Acesso em: 12/10/2010.

⁴⁴⁹ Ver planilha de associados da Casa dos Açores em Anexo. Nela constam dados que podem ser analisados estatisticamente, favorecendo novas pesquisas sobre o assunto.

É muito importante. Ajudo no que eu posso. Não sei se eu ajudo muito como elas porque eu vim com 13 anos, aí entrei na fábrica, então, chegava em casa e minha mãe já tinha tudo pronto. Então, não fazia muita coisa. Aí agora nós vamos fazendo; alguma coisa a gente pega, mas outras... Que nem a malassada... Não é fácil. O ponto de ela no amassar é difícil. O difícil não é o amassar, é o ponto dela que é difícil de pegar. Eu gostaria que mais açorianos frequentassem. Não é só açoriano quanto brasileiro. A casa tá aberta pra todos. Mas nós temos açorianos ainda muito retraídos, com receio de vir, sabe? Eu acho que isso não podia acontecer no nosso meio. Eu gostaria que viesse mais. Principalmente os filhos dessas... [refere-se aos filhos das mulheres que frequentam a casa e que fazem parte do grupo folclórico]. Mas aí acho que é uma coisa que vem de casa, porque se você incentiva seus filhos desde pequeno, e... A minha filha mais velha, ela não sabia o hino brasileiro, mas o português ela sabia quando ela entrou na escola, acho que isso não é certo, mas eu a ensinei pelo o que eu sabia. Ela sabia cantar o hino nacional português, o brasileiro eu não sabia, então eu não ensinava.⁴⁵⁰

Sobre a sua função na Casa dos Açores, ela afirma ajudar na confecção das *malassadas*, prático típico açoriano. Também fala a respeito da educação dos filhos e da importância de estimulá-los a manter os costumes. Ensinar à filha o Hino Nacional Português foi um ato nacionalista, pois era o que sabia, em razão de sua formação enquanto cidadã portuguesa. Quanto à associação e sua frequência, ela faz um apelo para que outros sujeitos se interessem pelas histórias ali inscritas de alguma maneira.

Formar elos com os açorianos de outras ilhas é um dos exemplos do que pretendem esses atores que são ativos na Casa. Buscam conhecer outras pessoas que também vieram das ilhas e ainda brasileiros que de alguma forma possam contribuir para que essa ideia de manter as identidades não se perca com o tempo.

Para o funcionamento da Casa dos Açores, aos seus membros cabe também divulgá-la, para que tanto o espaço como a sua construção social não acabem entre as novas gerações, que muitas vezes não se interessam pela história de seus antepassados.

A afeição pela pátria parece ser um fenômeno mundial não estando limitada a nenhuma cultura em especial. A cidade ou terra é vista como mãe. O lugar é um “arquivo de lembranças afetivas e realizações” que acabam por inspirar o presente e

⁴⁵⁰ Depoimento de Dona Ilda Maria Salvador dos Reis, concedida à Profa. Dra. Maria Aparecida Pascal em 02 de outubro de 2006, na Casa dos Açores de São Paulo.

oferece estabilidade; o lugar é caracterizado como sendo “permanente e por isso tranquiliza o homem, que ver a fraqueza em si mesmo e chance e movimento em toda a parte”.⁴⁵¹

Um dos elos com as histórias de vários atores se encontra na relação com o lugar. Pois nessa relação o lugar passou a ter outra visibilidade no momento em que a cultura ali inscrita teve sua manifestação concretizada nos atos cotidianos e festivos. O espaço entre a casa, a rua e seu exterior foi dimensionado de forma material e imaterial, condensando os interesses, auxiliando na manutenção das identidades e dando visibilidade ao grupo imigrantista, que também foi protagonista da história da cidade.

Uma casa regional de origem portuguesa é um lugar privilegiado em que se pode participar de festas e desfrutar as suas músicas, danças e comidas típicas. As celebrações artísticas nas quais são apresentados grupos musicais de origem portuguesa, as apresentações e encenações dos ranchos folclóricos, os relatos de tradições de exclusividade e superioridade étnica, trajetórias expostas de vitórias pessoais para auto-afirmação do “valor do português”, ora se exprimem na assimilação, incorporação e produção de símbolos que manifestam traços de cultura particular.⁴⁵²

Quando recriam as festas em louvor aos santos e especialmente em louvor ao Divino Espírito Santo, fomentam, além de suas próprias histórias, a memória de seus antepassados, como forma de garantir que ela viva, mesmo que com todas as incorporações estabelecidas no novo país que os acolheu.

Outra forma de manter viva a memória dos Açores é a atuação do grupo folclórico criado em 1981, que tem o intuito de demonstrar a manifestação folclórica dos açorianos por meio das músicas e canções populares, da dança e da harmonia do grupo, composto por cerca de cinquenta membros.

Os Açores são nove ilhas habitadas por uma população que fala a mesma língua e tem costumes afins, mas quando se expande em seus folguedos cada ilha pratica e interpreta a seu modo. A canção popular nasceu do amor e do trabalho. A mãe acalentando o filho criou uma canção e no arranjo da casa

⁴⁵¹ TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar**. São Paulo: Difel, 1983. p.171.

⁴⁵² SOUSA, Roberto Ribeiro de. **Representações geográficas de identidades: o caso das casas regionais de origem portuguesa no Rio de Janeiro - RJ**. Anais do Simpósio Nacional sobre Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2005. p.07.

criou outra. O homem, cavando a terra harmoniou outra canção mais bela. Os balhos açorianos possuem uma coreografia caracterizada por movimentos lentos e marcações de extrema simplicidade, mas rico em sua tradição. O povo balhava a sua vontade... O instrumento típico dos nossos balhos é a viola da terra. A viola era um instrumento de estimação, seus pontos ferviam na alma dos tocadores e na de quem os ouviam; apaixonavam os namorados e a saudade dela se vivia, por isso a viola da terra era a companhia indispensável do nosso emigrante. Os nossos trajes são de meados do séc. XIX e início do séc. XX. O povo nos dias festivos apresenta-se geralmente com asseio e capricho, pela semana vestem-se de lã e linha que cultivavam. Os homens usavam jaqueta, colete e carapuça de lã, o que vai de acordo com cada ilha. As mulheres com saias de lã de cores escuras, lenços e chapéus. Dança-se para mostrar quem é, e quem foi o povo açoriano. Por isso, há que ter consciência que dançando não somos um EU, mas a expressão de um povo. E em termos de folclore, não há melhor nem pior, há apenas o que é autêntico. Defender o patrimônio é um gesto natural de quem defende a própria existência. O folclore açoriano é acima de tudo a demonstração do sentimentalismo de um povo sofrido e trabalhador, porém esperançoso e patriota que se orgulha de ser açoriano.⁴⁵³

A saudade da terra natal é uma experiência situada entre as memórias do passado e os anseios futuros, na qual as memórias estão intrinsecamente associadas ao tempo e ao espaço construídos. Parece haver uma reinvenção dessas memórias como reforço das identidades regionais, que eventualmente se contrapõem até mesmo à identidade nacional.⁴⁵⁴ Nesse caso, a questão de pertencimento que os identifica é mediada pelo sentido de lugar estabelecido para a casa regional de origem portuguesa, que acaba por participar intensamente da vida dos indivíduos e dos grupos de portugueses que a frequentam.⁴⁵⁵

O lugar constrói e influencia, tanto subjetivamente como objetivamente, ligações culturais e sociais, como forma de garantir o elo identitário, o vínculo com o passado, as formas de viver o cotidiano em outras esferas temporais e espaciais. A Casa foi criada com esse intuito e também como forma de legitimação da nacionalidade, pois, além desse olhar, há a necessidade de vincular-se aos Açores, como forma política de manter a instituição.

⁴⁵³ CASA DOS AÇORES DE SÃO PAULO. Disponível em: <<http://www.casadosacores.com/grupo.html>>. Acesso em: 12/12/2010.

⁴⁵⁴ FELDMAN-BIANCO, Bela. Saudade, Imigração e Construção de uma Nação Desterritorializada. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**. Vol.9, n.1, artigo 35. Campinas, 1992. p.35.

⁴⁵⁵ Ibidem.

Além da Casa dos Açores de São Paulo, outros grupos de imigrantes criaram suas Casas, como a Casa dos Açores do Rio de Janeiro, a de Santa Catarina, a do Rio Grande do Sul, entre outras, inclusive fora do país. Com a intenção de organizar e fazer valer os objetivos das Casas dos Açores espalhadas pelo mundo, foi criado na Ilha do Faial, na cidade de Horta, o CMCA - Conselho Mundial das Casas dos Açores, que regulamenta as ações dessas entidades.⁴⁵⁶ Também tem a função de criar o estatuto a ser seguido, como órgão regulamentador e regulador, além de seu papel político e legislativo no que se refere à criação e execução dos mais variados espaços, servindo como intermediador da constante interculturalidade do povo açoriano migrante, imigrante e retornado.

Algumas ponderações podem ser feitas acerca de seu regulamento, cabendo observar que se dá prioridade às entidades mais antigas quando o assunto é estabelecer diretrizes para os associados.

1 - São membros fundadores do Conselho Mundial das Casas dos Açores (CMCA) os subscritores da Carta da Horta, assinada em 13 de Novembro de 1997. 2 - O CMCA terá um Secretariado rotativo, a ser assumido anualmente por cada Casa dos Açores, por ordem de antiguidade. 3 - É responsável pelo Secretariado o Presidente da Direcção da Casa que assumiu, pelo período de um ano, essa função. 4 - O Presidente da Direcção de cada uma das Casas ao assumir as funções de Secretariado, pelo espaço de um ano, assumirá por inerência a Presidência do Conselho. 5 - O Conselho terá emblema, a ser aprovado pela Assembleia Geral. 6 - A sua duração é por tempo indeterminado, podendo ser dissolvido por dois terços dos seus membros. 7 - Cada membro deverá participar nas despesas do Conselho em montante a acordar em Assembleia.⁴⁵⁷

⁴⁵⁶ O CMCA, além de organizar diretrizes para a composição das casas regionais, tem o intuito político de manter as características de originalidade de suas tradições, fomentar a sua manutenção temporalmente e assegurar aos açorianos uma memória ativa de seus antepassados: “a) articular a acção das Casas dos Açores entre si e entre estas e a Região; b) reforçar o papel das Casas dos Açores naquilo que são os seus objectivos comuns, designadamente no que representam de serviço as comunidades, na dignificação do seu nome e da Região, como agentes divulgadores e defensores dos valores e interesses dos Açores; c) promover e intensificar a ligação com instituições e entidades oficiais e privadas portuguesas e particularmente açorianas e dos países e regiões de acolhimento; d) emitir parecer, sem carácter vinculativo, quando solicitadas pelos órgãos de Governo próprio da Região, sobre assuntos de interesse específico dentro do seu âmbito de acção. Compete igualmente ao CMCA analisar e aprovar eventuais candidaturas de outras Casas dos Açores.” CASA DOS AÇORES DE SÃO PAULO. Disponível em: <http://www.casadosacores.com/cmca_horta.html>. Acesso em: 12/10/2010.

⁴⁵⁷ CASA DOS AÇORES DE SÃO PAULO. Disponível em: <<http://www.casadosacores.com/cmca.html>>. Acesso em: 05/08/2010.

Embora sua criação seja posterior à fundação dos espaços pelos grupos espalhados pelo mundo, a necessidade de regulamentar as mais variadas propostas de organização desses territórios de memórias se revela como uma forma de ampliar os conceitos de tradições. Fica a critério do Conselho aceitar ou rejeitar as propostas de criação de novos espaços, conforme estipulado em seu regulamento.

O Conselho delibera sobre as novas propostas e efetiva reuniões para aceitar os novos projetos advindos das Casas, não apenas para a criação, mas para toda e qualquer necessidade que demande um pleito, como fixar novas parcerias. A organização também estabelece o que se pode chamar de padrão de comportamento das Casas, considerando que essas possuem o intuito de garantir a manutenção das tradições. Mesmo que as inúmeras inserções de traços de outras culturas possam intervir na dinâmica cultural, trabalha-se no sentido de manter de algum modo a essência do que é ser açoriano, independentemente do país escolhido para morar.

Em suma, sua função está em “reforçar o papel destas Instituições nos seus objectivos comuns: servir as comunidades em que se inserem, cooperar com as diversas entidades açorianas, promover os valores e a cultura da Região Autónoma dos Açores”⁴⁵⁸.

O Conselho é formado pelas Casas dos Açores do mundo, incluindo:

A Casa dos Açores em Lisboa, a Casa dos Açores do Rio de Janeiro, a Casa dos Açores Inc., na Califórnia, a Casa dos Açores do Quebeque, a Casa dos Açores do Norte, a Casa dos Açores de São Paulo, a Casa dos Açores de Toronto Inc., a Casa dos Açores da Nova Inglaterra Inc., a Casa dos Açores no Algarve, e a Associação Casa dos Açores de Coimbra.⁴⁵⁹

Qualquer proposta de organização de novas ideias ou deliberação mais relevante se faz a partir da reunião do Conselho, e não mais das diretorias de cada Casa, muito embora estas tenham suas especificidades e suas diretrizes internas. O Conselho se une quando algo precisa ser discutido num âmbito maior, ou seja, quando a decisão tem relevância para as Casas espalhadas pelo mundo.

⁴⁵⁸ CASA DOS AÇORES DE SÃO PAULO. Disponível em: <<http://www.casadosacores.com/cmca.html>>. Acesso em: 15/08/2010.

⁴⁵⁹ Ibidem.

Cada Casa fundada tem como premissa a articulação dos açorianos e a manutenção dos laços com a terra de partida, além de sociabilidade, ajuda mútua, organização das festividades religiosas e, de certa forma, a manutenção das identidades. As histórias de criação são bastante parecidas no que se refere às dificuldades financeiras e à maneira de aglomerar o maior número de sujeitos vindos dos Açores.

Em outras palavras, a proposta de cada entidade é manter os laços entre os Açores e a localidade. Cada qual tem um emblema que faz referência ao seu local de estabelecimento e à terra de origem, também como forma de saudar a nova pátria.

A partir da criação das Casas tem-se um panorama da identificação dos grupos criados com objetivos comuns e aliados por meio do Conselho Mundial das Casas dos Açores, que permite pensar o aprimoramento e manutenção das tradições açorianas. No entanto, a ação que fomentou a criação do Conselho Mundial perpassa a ideia de açorianidade, que significa, ao longo do século XX, um esforço sistemático e permanente de se fixar, num primeiro momento, no espaço nacional português e, contemporaneamente, nas comunidades transnacionais de imigrantes e descendentes. Essa articulação política se fez num momento em que os conflitos de interesses políticos sobre o futuro dos Açores começava a despontar.

[...] um espaço da diferença constitutivo da identidade cultural regional das populações do Arquipélago. Este esforço teve origem em fins do século XIX no bojo das tensões políticas e movimentos autonomistas da região em relação ao poder central em Lisboa.⁴⁶⁰

Isso quer dizer que o Conselho possui em seus objetivos uma forma de manter sob sua supervisão os açorianos espalhados pelo mundo. Assim:

Após 1976, com a implantação da autonomia administrativa, o discurso da açorianidade fornecerá as bases de referência para a construção da identidade açoriana enquanto característica fundamental de uma região politicamente autônoma. Com uma

⁴⁶⁰ LACERDA, David P. **Experiência associativa no Império**: sociedades mutuais de trabalhadores livres na cidade do Rio de Janeiro (segunda metade do século XIX). Anais do XIII Encontro de História - ANPUH Rio. Rio de Janeiro, 2007. p.06. Disponível em: <http://www.encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1213754555_ARQUIVO_Textocompleto.pdf>. Acesso em: 22/10/2010. p.56.

história rica em reivindicações autonomistas e até pela independência.⁴⁶¹

A Direcção Regional das Comunidades, a fim de garantir um elo governamental com as Casas dos Açores, estabeleceu diversos protocolos de cooperação. Estes, por sinal, objetivam o fortalecimento de laços entre os emigrantes e a sua terra natal, a preservação e divulgação dos valores culturais da região e de solidariedade social nas comunidades, além da legitimação da ideia de ser açoriano.⁴⁶²

O Governo dos Açores promove diversas ações que objetivam o aperfeiçoamento dos estudos culturais voltados aos açorianos que emigraram e também como proposta de interculturalidade dos pesquisadores dos Açores de forma geral. Sendo a autoridade máxima no âmbito das ilhas, tem em sua hierarquia também a Direcção Regional das Comunidades, que lhe responde diretamente.⁴⁶³

A Direcção Regional das Comunidades faz intercâmbios de estudantes vinculados ou não à Universidade dos Açores, o que permite aos pesquisadores ampliarem suas pesquisas em documentos nas mais diversas esferas das entidades existentes nas ilhas. A proposta de crescimento do turismo também reforça essa intercambialidade, fomentada pela divulgação e ampliação da demanda turística, sendo esse um dos enfoques de crescimento das ilhas.

A legitimidade das Casas dos Açores está ligada à sua concepção e formas de articulação com o grupo associado. Entre os dados recolhidos pelas Casas estão as listagens que informam quando os sujeitos chegaram, de quais ilhas vieram, idade, sexo e atividades profissionais desempenhadas. Esses dados, além de revelarem a origem dos associados, dimensionam momentos distintos de chegada, indicando ainda, por exemplo, os navios nos quais vieram, o grau de instrução dos indivíduos, entre outros fatores que, de certa forma, possibilitam a constituição de um acervo para pesquisa.

⁴⁶¹ LACERDA, David P. **Experiência associativa no Império**: sociedades mutuais de trabalhadores livres na cidade do Rio de Janeiro (segunda metade do século XIX). Anais do XIII Encontro de História - ANPUH Rio. Rio de Janeiro, 2007. p.06. Disponível em: <http://www.encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1213754555_ARQUIVO_Textocompleto.pdf>. Acesso em: 22/10/2010. p.57.

⁴⁶² AÇORES. Direcção Regional das Comunidades. Disponível em: <<http://www.azores.gov.pt/Portal/pt/entidades/srp-drcomunidades/?cName=pgra-drcomunidades>>. Acesso em: 08/08/2010.

⁴⁶³ Ver Organograma em Anexos. AÇORES. Presidência do Governo Regional. Disponível em: <http://www.azores.gov.pt/PortalAzoresGov/external/portal/organigramas/organigrama_2008_pt.pdf#page=2>. Acesso em: 08/08/2010.

A criação das associações parte da questão da identificação dos açorianos, pois revela uma construção ou (re) construção da cultura, uma vez que trazem traços de algum lugar, têm histórias, mas também sofrem transformações constantes. Longe de estarem eternamente fixadas num passado essencializado, estão sujeitas ao contínuo “jogo” da história, da cultura e do poder.⁴⁶⁴

Apesar de os discursos sobre a construção das Casas partirem, na sua maioria, de uma forma de interação e identificação individual e coletiva, algumas questões podem ser levantadas para se repensar essa premissa, como as possíveis causas que transformam a vida cotidiana e tomam certas dificuldades enquanto elos. “[...] o indivíduo forma a sua identidade não a partir da reprodução da socialização familiar, do grupo de amigos, etc., mas sim a partir do ruído social, dos conflitos entre os diferentes agentes e lugares de socialização.”⁴⁶⁵

Pensando na legitimação das identidades e na criação de espaços para diminuir possíveis conflitos, a Casa dos Açores de São Paulo, um ícone territorial dos açorianos, é/foi uma forma de sociabilidade que coopera/cooperou para a multiplicidade, de forma a integrar e diferenciar seu grupo dos demais.

A ideia de ser açoriano e “irmão” se realiza em vários planos. Na verdade, cada um desses códigos tem um papel hierarquicamente distinto da composição da pessoa açoriana. Ora esta aparece definida a partir de suas relações com o Espírito Santo e de suas relações de parentesco e vizinhança; ora ela aparece enquanto parte de uma “comunidade étnica” coletivamente individualizada ao lado de outras comunidades étnicas no contexto nacional brasileiro. Em seu cotidiano, os açorianos transitam entre esses dois códigos, embora não o façam de modo inteiramente livre, acionando um ou outro de acordo com seus interesses e objetivos.⁴⁶⁶

A maioria dos depoimentos se refere à Casa dos Açores de São Paulo enquanto mantenedora das festas do Divino, contrapondo-se em parte à noção de que as associações mutuais constituem um tipo particular de associações regidas

⁴⁶⁴ HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

⁴⁶⁵ MENDES, José Manuel de Oliveira. As Identidades Sociais como Políticas e como Estratégias: O Caso dos Açores. **Revista Crítica de Ciências Sociais**. n.40. Universidade de Coimbra, out. 1994. p.155. O autor usa os Açores como palco para suas discussões partindo dos efeitos sociais da constituição institucional e oficial do conceito de “açorianidade” e também das estratégias e processos de identificação dos agricultores, em especial contrapondo às consequências da integração europeia.

⁴⁶⁶ GONÇALVES, José Reginaldo; CONTINS, Marcia. Entre o divino e os homens: a arte nas festas do divino Espírito Santo. **Horizontes Antropológicos**. Ano 14, n.29. Porto Alegre, jan./jun. 2008. p.67-94.

pelo Código da Mutualidade, tendo como objetivo a prevenção de riscos sociais, desenvolvimento cultural, moral e intelectual dos seus membros, além da melhoria das condições de vida.

A proposta de legitimação de forças do grupo também desempenha relevante papel nas ações políticas com o país de origem, seja por meio de apoios financeiros, visitas ao país, cursos efetivados nas ilhas como processos de interculturalidade, entre muitos outros que garantem, de certo modo, um elo institucionalizado. A propósito, o discurso da açorianidade passou por diversas fases, desde a retórica de confronto com o espaço nacional português até a fase global, na qual se inserem todos os grupos que saíram das ilhas em movimentos migratórios distintos.⁴⁶⁷

A açorianidade passa, portanto, a ser um discurso englobante da identidade açoriana, e é nesse período que se pode visar o crescimento das políticas e programas dos governos regionais voltados para o apoio mais direto às comunidades de imigrantes e descendentes.⁴⁶⁸

De toda a construção da cultura açoriana⁴⁶⁹ e a legitimação das identificações, a festa sem dúvida é um dos mais expressivos traços que ligam esses grupos pelo mundo. O trabalho do tempo de festas na Casa dos Açores é um trabalho coletivo, advindo da fé e sociabilidade criadas pelos pares que se encontraram com um interesse em comum: montar as festas religiosas. Esse, por sinal, é um tempo de fé, alegria e agradecimento à fartura. Desse modelo vem a legitimação identitária formada pela Casa dos Açores, conforme se discutirá no próximo capítulo.

⁴⁶⁷ LACERDA, Eugênio Pascele. **O Atlântico Açoriano: uma antropologia dos contextos globais e locais da açorianidade**. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Centro de Filosofia e Ciências Humanas - Departamento de Antropologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003. p.57-8.

⁴⁶⁸ Ibidem. p.57-8.

⁴⁶⁹ A cultura para os imigrantes é uma forma de se garantir no mundo. Assim, Rocha-Trindade refere-se ao processo de interação como análogo à assimilação, considerando que, nas sociedades modernas, a aventura da emigração é o único caminho para garantir a sobrevivência. O sujeito que entra na nova sociedade toma o processo de assimilação como uma necessidade crucial. ROCHA-TRINDADE, M^a Beatriz; CAEIRO, Domingos. **Sociologia das Migrações**. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.

**CAPÍTULO 4 - AÇORIANOS EM SÃO PAULO:
DISPERSÃO, REENCONTRO E RECONSTRUÇÃO**



Imagem 53 - Coroação na Igreja Santa Marina.⁴⁷⁰

⁴⁷⁰ Acervo pessoal de Elis Regina Barbosa Angelo (2007).

Neste capítulo serão tratadas as questões referentes à construção social e cultural das festas a partir do percurso de formação da Casa dos Açores de São Paulo enquanto forma de manutenção das tradições⁴⁷¹ e de legitimação cultural dos açorianos na cidade.

Considerando a chegada dos açorianos nas décadas de 1950 a 1960 e sua dispersão tanto na própria cidade de São Paulo como no estado e no país como um todo, será possível perceber que onde há festejos do Divino, há traços da cultura e religiosidade açoriana, mesmo que existindo sincretismo religioso e modificações locais e regionais de cada comunidade formada em todo o Brasil.

No estado de São Paulo, a presença açoriana se encontra dispersa em algumas cidades, como Araraquara, Santa Rita do Passa Quatro, Casa Branca, Pirassununga, Rio Claro, Piracicaba, Campinas, Bragança, Indaiatuba, Atibaia, Porto Feliz, Itu, Nazaré, Sorocaba, São Roque, Itapetininga, Cotia, Santos, São Paulo, Mogi das Cruzes, Jacareí, Caçapava, Taubaté, Pindamonhangaba, Guaratinguetá e Bananal.⁴⁷² Entretanto, o foco desta investigação é a cidade de São Paulo, especialmente o grupo que vive na Vila Carrão e suas adjacências e que acompanha as comemorações de cunho sociorreligioso promovidas pela Igreja Santa Marina e pela Casa dos Açores.

A Festa do Divino veio a se tornar a principal forma de ligação entre os açorianos que vieram para a cidade de São Paulo. Os imigrantes açorianos trouxeram em sua bagagem a memória das Ilhas, as formas de viver o cotidiano e seus traços culturais para um universo díspar, a cidade que se construía como “a que mais cresce no mundo”, nas décadas posteriores a 1950.

Ao se estabelecerem nesse novo espaço, recriaram as formas de viver o cotidiano, dentro e fora do espaço doméstico, remodelando suas formas de sociabilidade, suas tradições e sua religiosidade, que ora se fundamentaram nos princípios trazidos de suas terras, ora se reformularam em novas integrações com o meio social e cultural no qual demarcaram o começo de suas novas histórias.

⁴⁷¹ Para Hobsbawn, as tradições inventadas possuem uma categorização definida como: 1. As tradições que estabelecem ou simbolizam a coesão social ou as condições de admissão de um grupo ou de comunidades reais ou artificiais; 2. As que estabelecem ou legitimam instituições, status, ou relação de autoridade; e 3. As que têm como propósito a socialização, a inculcação de ideias, sistemas de valores e padrões de comportamento. HOBBSBWM, Eric. Introdução. In: HOBBSBWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p. 9-23.

⁴⁷² Levantamento do mapa descrito pelo pesquisador. ALVES, Luiz Antônio. Presença Açoriana nos Estados de São Paulo e Paraná. In: BARROSO, Vera Lúcia Maciel (Org.). **Açorianos no Brasil**. Porto Alegre: EST Edições, 2002. p.124.

Com o desconhecido em trânsito, ou seja, a adaptação na nova cidade, tinham, de certa forma, de amoldar suas formas de viver, nessa experiência de transição entre dois países que, embora falassem a mesma língua, tinham outras diferenças a serem ajustadas ou pelo menos intermediadas por meio de trocas culturais.

Ao se depararem com a cidade, o trabalho, a diversidade cultural encontrada nas raças e grupos, foram desvendando novos rumos para suas vidas, mas mantiveram dentro do espaço familiar hábitos e costumes geracionais, buscando também um coeficiente comum entre os imigrantes açorianos, com os quais formaram redes sociais, movidos por razões individuais e fatos coletivos, iniciando assim novas histórias.

As observações têm como ponto de partida a recriação da Festa do Divino, moldada com uma nova roupagem, reelaborada a partir dessa inserção espacial, social e cultural, tomando forma diversa daquela que se apresenta nos Açores. Ainda assim, essa celebração religiosa passa a ser uma das marcas mais expressivas da cultura açoriana na cidade, se constituindo num meio de o grupo reforçar suas tradições e suas relações sociais.

4.1 FESTAS DO DIVINO: SÃO PAULO

Em todos os tempos e em todas as sociedades, quis o homem honrar os seus deuses com festas; estabeleceu assim, dias durante os quais apenas o sentimento religioso reinará em sua alma, sem distraí-la com pensamentos ou ocupações terrenas [...] tudo enquanto era sagrado dava lugar a uma festa⁴⁷³.

As festas e comemorações religiosas fazem parte do legado cultural dos grupos de imigrantes, e não é diferente com os açorianos, que têm a Festa do Divino como principal celebração da religiosidade. Uma das tradições mais relevantes para os açorianos, a Festa do Divino foi reconstruída na década de 1970 na Vila Carrão pelo grupo ali estabelecido, a fim de possibilitar formas de confraternizar e unir a comunidade imigrante assentada no local e dispersa em outras localidades.

⁴⁷³ COULANGES, F. **A Cidade Antiga**. São Paulo: Hemus, 1976. p.127.

As festividades relacionadas ao Divino, que ocorrem no mês de maio, faziam parte das tradições luso-brasileiras em São Paulo desde a inserção de grupos de imigrantes na cidade, que, com a realização dos festejos, visavam a arrecadar donativos, além de propiciar atividades de cunho recreativo à população. Atualmente essas festas reduziram-se a algumas comunidades de açorianos, como é o caso daquela instalada na Zona Leste de São Paulo, além de outras cidades do interior do Estado, que conseguiram manter um elo entre o passado e o presente por meio dessa manifestação sociorreligiosa.⁴⁷⁴

Para se entender a configuração da festa na atualidade, algumas questões históricas, geográficas e temporais devem ser esclarecidas, pois, além do contexto de transformações pelas quais passava a cidade de São Paulo no momento de suas vindas, há circunstâncias que interferem na sua reelaboração, como a mudança das áreas rurais, de onde vieram, para a cidade, que crescia num ritmo acelerado. Dessa forma, a mudança do ambiente rural para o urbano, além da mudança de país, costumes, hábitos e valores, trazia como consequência a necessidade de adaptação nas mais variadas esferas do cotidiano.

Especificamente pensando nos açorianos que viviam em áreas rurais nos Açores e vieram para São Paulo, como é o caso dos que habitavam Freguesias das Ilhas Terceira e São Miguel, numericamente expressivos na formação dessa comunidade, observa-se que, ao se depararem com um contexto distinto de seu habitual, procuravam nas semelhanças com seus compatriotas um elo com seus costumes e valores geracionais. Os laços de identificação foram fortalecidos posteriormente pela reconstrução das festas, que, à medida que se adaptavam às novas regras do espaço, acabavam reinventando suas manifestações culturais nos moldes do local.

Nessa conjuntura de mudanças, transformações e incorporações, o legado histórico de proibições de cunho profano nas festas do Divino, apesar de fomentar sua reorganização, também deixou rastros que foram sendo incorporados pelos católicos brasileiros nos anos que se seguiram, desde a inserção das primeiras manifestações religiosas no Brasil. A justificativa para as proibições pelas quais passaram as festas do Divino desde as primeiras manifestações na cidade se

⁴⁷⁴ As cidades que possuem as festas do Divino no Estado de São Paulo de forma mais contundente são: Anhembi, Caconde, Cananéia, Cunha, Iguape, Itanhaém, Itu, Itapeva, Lagoinha, Laranjal Paulista, Mogi das Cruzes, Natividade da Serra, Paraibuna, Piracicaba, Redenção da Serra, Salesópolis, São Luís do Paraitinga, São José dos Campos, Tietê, Ubatuba.

apoiava na profanação de objetos sagrados, como é o caso das folias, que traziam em seu formato a dança e a música com as imagens de santos e padroeiros. Assim, toma-se o exemplo do século XVII, que, apesar de temporalmente distante, acabou, de certa forma, estabelecendo regras e tendências nas festividades da cidade.

Sobre essa problemática, pode-se dizer que os impedimentos⁴⁷⁵ eram ditados pelo Governo da Província, norteados pela Igreja Católica, que exercia influência na definição de regras e proibições nas manifestações populares. Um exemplo disso se verifica no alvará de 25 de dezembro de 1608, o qual estabelecia que “não podem esmolar sem licença, e nunca com imagens nas mãos pelo pouco respeito com que as tratam [...]”.⁴⁷⁶

Quando solicitada licença para efetivar essas festividades, os portugueses deveriam verificar as circunstâncias e as respectivas restrições para obterem a permissão, pois “A carta régia de 14 de junho de 1728 fez privativa dos capitães-generais a concessão de licença para o peditório em folia”.⁴⁷⁷ Nos séculos seguintes, ou seja, XIX e XX, as interferências da Igreja primavam pela mudança do catolicismo popular, diminuindo as manifestações profanas e inserindo apenas o sagrado nas ações e nas próprias festas.

O processo de romanização no Brasil, que começou no século XIX e se afirmou no XX, tinha como principal meta substituir o catolicismo popular. De herança portuguesa, com forte devoção aos santos, crença em milagres, romarias, festas com manifestações que se aproximavam das pagãs, com exageros de bebidas e comidas, procissões, cantorias, enfeites e bailes. E fazer com que as crenças e as práticas religiosas se moldassem à fé católica apostólica e romana.⁴⁷⁸

Diante das restrições, as festas foram paulatinamente modificando seus princípios, alterando algumas peculiaridades e singularidades, como uma forma de manter os costumes e hábitos que ora desagradavam a Igreja e o Estado.

⁴⁷⁵ GAETA, M. A. Junqueira. **Os percurso do ultramontanismo em São Paulo no bispado de D. Lino Deodato R. de Carvalho**. Tese (Doutorado em História), FFLCH-USP, São Paulo, 1991. p.200.

⁴⁷⁶ FREITAS, Afonso Antonio de. **Tradições e Reminiscências Paulistanas** (1868-1930). Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1985. p.177.

⁴⁷⁷ Ibidem.

⁴⁷⁸ OLIVEIRA, Pedro Ribeiro de. Catolicismo Popular e Romanização do Catolicismo Brasileiro. **Revista Eclesiástica Brasileira**. Vol.36, fasc. 141. Petrópolis: Vozes, março de 1976. p.131.

A formatação das festas profano-religiosas foi, à medida que sofria impedimentos, sendo recriada e reinventada por meio de ações da coletividade participante dos atos. Os grupos de imigrantes que trouxeram essas festas recriaram-nas com outra roupagem, até a chegada de outras diretrizes da Igreja e mesmo a formação de territórios distintos.

As cidades e as vilas, em seu conjunto, se tornavam um palco de sociabilidades numa época em que grandes distâncias separavam a população e os transportes eram pouco abundantes. Somado a isto, face aos poucos recursos de uma parcela considerável da população, as festas eram, possivelmente, as únicas oportunidades de descanso, prazeres e alegria, confraternização e divertimento, além de fornecerem importantes elementos acerca do fenômeno de circularidade cultural.⁴⁷⁹

Apesar de todas as dificuldades de inserção na cidade, das distâncias percorridas e dos direcionamentos que as festas teciam, a manifestação conseguiu ter continuidade em alguns pontos do país, onde se percebe maior ou menor evidenciação.

Contextualizando sua constituição, considerada profana pela Igreja em outra temporalidade, cumpre notar:

A festa profana constava comumente dos clássicos leilões de prendas, levantamento do indefectível “pau de sebo” e do “mastro”, do Divino com as tradicionais salvas de “roqueira”, queima de rojões e “fogueiras” que a sinonímia indígena converteu em “caiera” finalizando com o insubstituível “cateretê” entre a caipirada, e baile à européia para os convidados mais grados do festeio, terminando tudo em, opípara ceia para todos, na “casa do império”, e fasto distribuição de gêneros alimentícios aos pobres.⁴⁸⁰

Apesar da extinção de alguns elementos que constituíam a Festa do Divino, especialmente até os anos de 1930, já na segunda metade do século XX, os açorianos que vieram para a Zona Leste, se fixando na Vila Carrão e suas adjacências, conseguiram, por meio dessa festividade religiosa, recriada na década

⁴⁷⁹ JURKEVICS, Vera Irene. Festas Religiosas: A Materialidade da Fé. **História: Questões & Debates**. n.43. Curitiba: Editora UFPR, 2005. p.75.

⁴⁸⁰ FREITAS, Afonso Antonio de. **Tradições e Reminiscências Paulistanas** (1868-1930). Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1985. p.169-70.

de 1970, traçar um elo com seus compatriotas e fortalecer a imagem reinterpretada da religiosidade nos Açores.

Entre as alterações e mudanças ocorridas, percebe-se que, ao longo do tempo, além das proibições da Igreja, a cultura enquanto dinâmica acabou por manifestar a propensão de incorporar elementos e trazer novas visibilidades dentro da cultura, seja material ou imaterial, como é o caso das festas e de tudo o que nela se insere, como a culinária, os alimentos, as orações, as mobilidades sociais, entre outros aspectos.

Mas as festas do Espírito Santo em nossa terra perderam toda originalidade da primitiva comemoração profana, com o desaparecimento do peditório em folia, desassimilado pela enorme massa de imigração bruscamente fixada em São Paulo expoente incomparável de vitalidade e de progresso, mas também elemento poderosamente modificador de usos e de costumes; daí talvez, ter-se originado, moderadamente, a série de proibições conjuntas do poder eclesiástico com o secular que, a partir do bispo D. Antonio de Mello, vem apressando o desaparecimento da tradicional prática.⁴⁸¹

Apesar dessa questão de originalidade, discutível sob o ponto de vista da dinâmica cultural, pode-se dizer que os açorianos estabelecidos na Vila Carrão acabaram recriando a festa do Divino, numa forma de celebrar o Pentecostes, buscando manter a tradição, mas imbuídos de novos valores e novas interferências, não necessariamente mantendo a originalidade, mas reescrevendo e reinterpretando-a num novo contexto. Nesse novo contexto⁴⁸², o ritual da festa foi tomando rumos distintos, que ora se mantiveram ora se modificaram, incluindo os objetivos da essência da festa, que são a devoção e agradecimento ao Espírito Santo e também a ajuda aos necessitados.

Para refletir sobre a reconstrução da festa pela comunidade desse espaço, os atos efetivados no ritual e as respectivas modificações, permanências e adaptações ocorridas desde as primeiras celebrações são de fundamental relevância para a compreensão da reformulação no local. Esse elo com o passado

⁴⁸¹ FREITAS, Afonso Antonio de. **Tradições e Reminiscências Paulistanas** (1868-1930). Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1985. p.177.

⁴⁸² Essa questão pode ser percebida enquanto uma forma de apropriação, na qual a análise do discurso é apreendida pelos sujeitos e repensada a partir da compreensão que cada qual tem da festa e de si próprio. Para essa análise ver: CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. p.180-7.

faz com que a festa seja analisada enquanto uma representação do grupo, que se constitui na vida política, social e cultural dessa comunidade. “Essa reinvenção da festa caracteriza um importante elemento da pós-modernidade, porque incorpora um aspecto essencial da experiência religiosa – o retorno ao sagrado.”⁴⁸³

As alterações observadas em decorrência dos processos da imigração luso-açoriana e dos entrelaçamentos inseridos por outros imigrantes⁴⁸⁴ demonstram a redefinição das representações culturais ao longo das gerações.

Se um sentido de identidade se perdeu, precisamos de outro. Isso faz com que tornemos-nos cientes de que identidades não são nunca completas, finalizadas. Ao contrário, estão em permanente processo de constituição. São narrativas, discursos contados a partir do ponto de vista do outro.⁴⁸⁵

Diante desse ponto de vista, os hábitos, costumes e tradições construídas e reconstruídas também mantêm um elo com o passado das representações culturais e religiosas por meio da festa, pois permaneceram em especial por conta das experiências dos sujeitos nas suas práticas.

Nessas representações culturais, nas quais se faz relevante a perspectiva do território demarcado pela comunidade lusa, estão englobados também os açorianos e seus descendentes que vivem nos bairros XV de Novembro e Vila Progresso (extremo Leste) da cidade de São Paulo, que participam ativamente da promoção da festa enquanto associados e também dos eventos patrocinados com a finalidade de arrecadar de fundos, promovidos ao longo do ano. Nesse espaço são oferecidos alguns eventos gastronômicos e religiosos, como a Bacalhoadade, Massa Sovada, Terços do Divino Espírito Santo, Festa do Divino, Quermesse da festa, Cordeiro Assado, Coquetel dos colaboradores, Aniversário dos Açores, Cozido Açoriano, Revelando São Paulo, Semana Cultural Açoriana, apresentação dos grupos folclóricos, Massa Sovada de Natal, entre outros.

Pensar nesse território como espaço de sociabilidade em que ocorrem as manifestações da cultura por meio da festa religiosa é também fazer referência às

⁴⁸³ HARVEY, D. **A condição pós-moderna**. 6ªed. São Paulo: Loyola, 1996. p.263.

⁴⁸⁴ DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. Migrações e relatos orais: as potencialidades das entrevistas com gerações sucessivas. In: ROCHA-TRINDADE, B.; CAMPOS, M. C. S. (Orgs.). **Olhares lusos e brasileiros**. São Paulo: Usina do Livro, 2003. p.157-78.

⁴⁸⁵ ESCOSTEGUY, Ana Carolina Damboriarena. **Cartografias dos Estudos Culturais**: Stuart Hall, Jesús Martín-Barbero e Nestór García Canclini. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação), USP-SP, São Paulo, 1999. p.196.

festas coloniais, que ocorriam em espaços considerados locais de trocas positivas e também de luta pela continuidade da memória dos Açores. Assim, a festa e seu território podem ser visualizados como:

[...] expressão teatral de uma organização social, procurando focalizar a participação dos diferentes atores, segmentos de elite, índios, populares, negros e escravos, o que tornou o seu significado bastante multifacetado e dinâmico, podendo ser um espaço de solidariedade, alegria, prazer, inversão, criatividade, troca cultural, e, ao mesmo tempo, um local de luta, violência, educação, controle e manutenção dos privilégios e hierarquias.⁴⁸⁶

A partir dessa construção de experiências sociais e culturais, entende-se que o espaço no qual se inscrevem as trocas sociais para a construção de territórios está intimamente ligado ao tempo e à história de contextos específicos. No que se refere ao espaço, o que se percebe é que suas formas e dimensões seguem uma estruturação associada ao que os homens construíram e como se deu esse processo temporalmente. Todavia, o tempo parece ser algo complexo, de difícil apreensão e compreensão.

A ideia de tempo representada permeia o passado, o presente e o futuro e, de certa forma, não se relaciona com o ser humano de maneira simplista, de maneira que o passado “é tão instável que nunca fica no mesmo lugar; e tudo aquilo que é por ele atravessado é retirado do futuro para ser lhe entregue”⁴⁸⁷. Quando se pensa no passado para rememorar fatos do presente, se abre um recorte no tempo e inicia-se um lembrar que a cada instante já não é mais presente, é futuro. O tempo passa a ser relevante quando se apropria do espaço e do território enquanto formações temporais de memórias e histórias.

O tempo ou os tempos devem ser apreendidos enquanto criações. Para melhor explicitar essa ideia, parte-se da questão da construção dos territórios por meio das temporalidades, em que:

Cada lugar, embora ligado a uma totalidade que se auto constrói ao longo da história, tem sua especificidade relacionada ao entrecruzamento dos tempos diferenciados. Nosso ponto de partida é o tempo presente, impresso na forma da metrópole como morfologia que revela o entrecruzamento

⁴⁸⁶ PRIORE, Mary Del. **Festas e Utopias no Brasil Colonial**. São Paulo: Brasiliense, 1994. p.70.

⁴⁸⁷ ELIAS, Norbert. **Sobre o Tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998 .p.64.

de tempos impressos nas formas, presentes nos hábitos, portanto um tempo que se refere a um espaço e, com isso, diz respeito a uma história humana urbana como realização da vida no espaço e através dele.⁴⁸⁸

O espaço e o tempo são construções que, ligadas às memórias, se desenham enquanto se realiza a vida e se inscrevem nos hábitos, formas, cores e estilos, uma formatação de especificidades, capaz de produzir em específicas temporalidades características distintas.

Pensar como foram construídos os espaços e sendo desenhados os hábitos, as formas e estilos observados nessa comunidade requer olhar para os aspectos físicos, temporais, culturais e econômicos dos diversos sujeitos que os formaram, dando a eles suas especificidades. Tentar verificar como esses espaços foram sendo diferenciados ao longo do tempo significa entender as identidades ali inscritas. Dessa maneira:

[...] as representações e identidades sociais influenciam a elaboração das imagens espaciais dos indivíduos. Se considerarmos a sócio-espacialidades das representações veremos que os lugares mudam de atrativo em função daqueles que os ocupam, ou seja, a orientação afetiva dos habitantes de uma cidade ou bairro aparece nas práticas urbanas e está em correspondência com os lugares escolhidos para se estar.⁴⁸⁹

O pertencimento ao espaço se refere aos traços nele desenhados, de forma a estabelecer uma ligação simbólica e emocional num contexto social. Ainda sobre o pertencer ao local, pode-se dizer que: “A identificação da pessoa com tais aspectos de seu mundo físico começa a aparecer a partir da totalidade de experiências do meio ambiente físico que ela teve durante os seus primeiros anos de formação [...]”.⁴⁹⁰

As lembranças do lugar caracterizam uma identificação pessoal e física e partem de experiências sociais que demarcam uma localidade e em que se inscrevem as suas memórias. Além do posicionamento sobre a identificação do espaço enquanto uma formação cultural construída, há os elementos material e

⁴⁸⁸ CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço-Tempo na Metrópole: A Fragmentação da vida cotidiana.** São Paulo: Contexto, 2001. p.46.

⁴⁸⁹ KUHNE, Ariane. **Lagoa da Conceição: Meio ambiente e modos de vida em transformação.** Florianópolis: Cidade Futura, 2002. p.63.

⁴⁹⁰ Ibidem.

imaterial, que constituem um legado capaz de manter viva a construção social e cultural de uma comunidade por longos períodos de tempo.

Pode-se afirmar que ocorreram mudanças, permanências, incorporações, adaptações e transformações que, de alguma forma, preservaram alguns dos seus traços mais resistentes ao tempo e ao espaço e também às transformações advindas de cada época. Esses traços, tanto nos objetos materiais como no imaginário e nos elementos imateriais, foram, de algum modo, preservados com algumas mudanças, e estas, dentro da própria perspectiva de permanência, podem ser entendidas como qualquer alteração na cultura, sejam traços, complexos, padrões ou toda uma cultura, o que é mais raro. Pode ocorrer com maior ou menor facilidade, dependendo da resistência ou aceitação.⁴⁹¹

No que diz respeito às transformações ocasionadas na festa, percebe-se que alguns elementos foram recriados dentro do espaço sagrado: a Igreja, no momento do ritual de coroação e na missa em louvor ao Divino propriamente dita. Nessas incorporações, foram sendo trazidos elementos como o fogo, a água, o ar e o alimento, fazendo menção, de certa forma, ao louvor à fartura, remetendo aos objetivos dos tempos da criação das festas na Europa.

O que parece ter se mantido é o sentido que a festa traz aos seus adeptos, significando e resignificando em distintos momentos da vida, de forma circular, a essência da fé e da união do grupo. Assim, o sentido da festa não deve ser pensado enquanto uma quebra ou saída do cotidiano, mas uma forma de agrupá-los e também fomentar dons e dádivas.

[...] a festa sintetiza a totalidade da vida de cada comunidade, a sua organização econômica e suas estruturas culturais, as suas relações políticas e as propostas de mudanças. Num sentido fenomênico é verdade que a festa apresenta certa descontinuidade e excepcionalidade [...]. Mas não pensamos que a soma destes fatos seja determinante para situarmos a festa num tempo e lugar opostos ao cotidiano.⁴⁹²

Na reflexão sobre o sentido e os significados da festa, verifica-se que, em sua essência, há elementos populares, desempenhando uma função social a partir

⁴⁹¹ MARCONI, Marina de Andrade; PRESOTTO, Zélia Maria Neves. **Antropologia: uma Introdução**. 5ªed. São Paulo: Atlas, 2001. p.61.

⁴⁹² CANCLINI, Nestor Garcia. **As culturas populares no capitalismo**. Tradução de Cláudio Novaes Pinto Coelho. São Paulo: Brasiliense, 1983. p.54.

do momento em que se apresenta também como um elo entre o passado e o presente, ao transmitir valores e códigos sociais.⁴⁹³ Nesse caráter popular há explicitamente o elo com o passado, composto por símbolos e representações, mitos e ritos, que formam o ritual como um todo. Além deste, incluem-se outras formas de relações, tidas como pontos fortes para as inserções e transformações.

Essa relação com outros povos, os fluxos populacionais, as migrações, os contatos interétnicos, inovações tecnológicas, catástrofes, depressões econômicas e mudanças governamentais, entre outros fenômenos de intenso significado que possam exercer influências sociais, podem levar a alterações significativas na cultura de uma sociedade, incluindo a própria formação, ou recriação, da festa.⁴⁹⁴

Não se habita impunemente em outro país, não se vive no seio de uma outra sociedade, de uma outra economia, em um outro mundo, em suma, sem que algo permaneça desta presença, sem que se sofra mais ou menos intensa e profundamente, conforme as modalidades individuais, por vezes, mesmo não se dando conta delas e, outras vezes, estando plenamente consciente dos efeitos.⁴⁹⁵

Os relatos das pessoas envolvidas nessa recriação do grupo e da festa na cidade traçam, além dos contextos de partida, os de adoção, fundamentais para a compreensão das experiências por eles vividas.

As culturas material e imaterial se adaptam às configurações temporais e espaciais, não sendo, assim, algo estático, mas algo em constante adaptação e remodelação que, pensando sob a perspectiva das diferenças, ora exclui, ora incorpora elementos em seu bojo, recriando sempre possibilidades de repensar os sentidos e significados aos grupos.

A comunidade descendente de açorianos passou a reconhecer seus traços como diferenciais e necessários para a sobrevivência de suas tradições. Assim, esses sujeitos se diferenciaram pelos seus atos, traços, hábitos e costumes, que fizeram com que os grupos étnicos fossem aos poucos percebendo suas diferenças, passando a valorizá-las a partir do momento em que os outros ressaltaram seus respectivos diferenciais.

⁴⁹³ FERNANDES, Florestan. **O folclore de uma cidade em mudança**. In: OLIVEIRA, Paulo de Salles (Org.). **Metodologia das Ciências Humanas**. São Paulo: Hucitec/UNESP, 1998. p.53-80.

⁴⁹⁴ Ibidem.

⁴⁹⁵ SAYAD, Abdelmalek. O retorno. **Revista Travessia**. Edição especial. São Paulo: Centro de Estudos Migratórios, jan. 2000. p.14.

A festa, o espaço, os atores sociais envolvidos e a representação cultural pertencente a esse grupo fizeram com que os traços da cultura açoriana, modificados e transformados, mantivessem reminiscências que culminaram com a criação da Casa dos Açores, fundada com o objetivo de reunir o grupo luso-açoriano e luso-descendentes.

Pensar na cultura como uma arena de aspectos conflitivos é tentar imergir nos significados do cotidiano desse grupo social, verificando a experiência vivida por cada sujeito, ou pelo menos tentando compreendê-la, sem esquecer a expressão vinculada às suas memórias, na linguagem, nas festas, na religiosidade e na maneira de viver dessa comunidade.

Apreender cultura em movimento é uma tarefa complexa e subjetiva, pois tentar visualizá-la e recuperá-la de alguma forma perpassa por questões de invisibilidade, que tangenciam questionamentos que buscam recuperar algo que não é estático, que não tem contornos definidos e que não tem um fim ou acabamento. “A cultura sem a sua essência apriorística é um processo dinâmico, incessante de construção e reconstrução de invenção e reinvenção.”⁴⁹⁶ Nessa abordagem, a própria continuidade dos processos tradicionais pode ter passado por diversas reconstruções, imersas em um movimento dinâmico, repleto de invenção e reinvenção, para chegar ao que se apresenta na atualidade.

Especialmente a geração dos descendentes de açorianos, que nasceram na década de 1980, parece estar inserida em uma nova estrutura familiar, que não possui os mesmos padrões de educação familiar, religiosa e escolar observados antes entre os imigrantes. Existe, nesse sentido, a preocupação de apreender no tempo e no espaço os significados que as tradições modelaram e que, de certa forma, condensam o indivíduo, o meio e o tempo, que “não flui uniformemente, o homem tornou o tempo humano em cada sociedade. Cada classe o vive diferentemente, assim como cada pessoa”⁴⁹⁷.

Nesses padrões e temporalidades, a vida social era entremeada de festas de cunho religioso, nas quais foram se estabelecendo ordens e parâmetros de convivência, que, apesar de transformados, recriam de forma circular fenômenos anteriormente definidos. Assim:

⁴⁹⁶ FLORES, Maria Bernadete. **Povoadores da Fronteira**: os casais açorianos rumo ao Sul do Brasil. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2000. p.13.

⁴⁹⁷ BOSI, Ecléa. **O Tempo Vivo da Memória**: Ensaios de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. p.53.

A religião era o núcleo firme da convivência, foi ela que impregnou todas as manifestações da vida social. As festas e manifestações religiosas constituíam uma forma de reunião social, sobretudo nas regiões rurais, dos engenhos e fazendas isoladas. O sagrado e profano andavam unidos e juntos. As procissões e as festas religiosas quebravam a monotonia e a rotina diária, sendo, na maior parte das vezes, uma das poucas oportunidades para o povo se distrair e se divertir.⁴⁹⁸

Observando-se as tradições dentro desse contexto, é possível perceber que há um movimento intergeracional que revela um conflito entre a manutenção e o abandono das tradições. Nesse conflito, busca-se interpretar “[...] a transformação, a mudança, o movimento, o interesse em saber como e por que as coisas acontecem, principalmente para descobrir o significado e a direção da mudança”⁴⁹⁹. Assim, percebe-se que “[...] no campo religioso, a festa, tanto no sagrado quanto no profano é um momento no qual todas as coisas se reconciliam”⁵⁰⁰.

Esse movimento da festa e seus direcionamentos podem ser apreendidos enquanto celebração da vida, rompimento do ritmo comum do cotidiano, em que o homem experimenta o tempo mítico da eternidade e da manifestação divina, permitindo-lhe a reconciliação de tudo e com todos.

Nesse sentido, as festas revelam a essência que fundamenta a fé e a fraternidade comunal, que alimentam as manifestações religiosas e perpetuam as tradições.⁵⁰¹ Dessa forma, verifica-se que as tradições são plásticas e aceitam inovações trazidas pela modernidade.⁵⁰²

Abordando esse processo inovador, renovador ou recriador, o próximo item trará algumas lembranças da construção da festa na Vila Carrão por membros da Casa dos Açores.

⁴⁹⁸ WERNET, A. **A Igreja paulista no século XIX: a reforma de D. Antonio Joaquim de Melo (1851-1861)**. São Paulo: Ática, 1987. p. 24-5.

⁴⁹⁹ FENELON, Déa Ribeiro. O Historiador e a Cultura Popular: História de Classe ou História do Povo? **História & Perspectivas**. n.40. Uberlândia, jan./jun.1992. p.10.

⁵⁰⁰ BERGER, P. **O rumor dos anjos: sociedade moderna e a descoberta do sobrenatural**. Petrópolis: Vozes, 1973.

⁵⁰¹ Ibidem.

⁵⁰² BOSI, Alfredo. A cultura como tradição. In: BORNHEIM, G. (et. al.). **Cultura brasileira: tradição/contradição**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987. p.112-37.

4.2 MEMÓRIAS DO DIVINO: CONTOS DA VILA CARRÃO

As tradições geracionais⁵⁰³ podem ser pensadas como formas de voltar no tempo e no espaço, constituindo-se em maneiras de agregar valores temporais e simbólicos. Ao mesmo tempo, podem ser recriadas a partir de outros valores e sentidos, a fim de dar-lhes continuidade, dinamicizadas pela cooperação de novas etnias, raças e grupos de imigrantes da cidade.

Para pensar nessas novas criações tradicionais, podem-se tomar como exemplo as crianças que vieram para o Brasil na década de 1950, que não tinham necessariamente um olhar sobre o que eram as festividades nas Ilhas de onde vieram. Algumas acabaram por encontrar aqui o sentido que seus pais e demais familiares lhe passaram, embora os festejos sejam distintos daqueles elaborados pelos seus antepassados nos Açores.

A gente foi aprender mais sobre as tradições açorianas quando éramos adolescentes, que a gente começou a participar da Casa dos Açores, que a gente veio aprender um pouco mais da Festa do Divino... São momentos de aprendizado nestes longos anos de convívio na Casa dos Açores... Veja minha filha, meus sobrinhos, hoje eles estão num momento da Festa, do lado gostoso de tá junto, de tá vivendo em comunidade sem muita responsabilidade. Eu hoje estou num momento, que é um momento de entender melhor, prá se aprofundar melhor na Fé do Divino Espírito Santo. O porquê, né, as pessoas se movem... A gente faz a Festa aqui, são duzentas pessoas que estão envolvidas na festa e as pessoas se doam de uma maneira e a gente sempre pergunta, da onde vem essa doação, em uma coisa que você não vê, mas que você sente. Então, eu acho que são momentos diferentes: então eu passei pelo momento da paquera, da gente que vinha e se reunia aqui, eu sou casada também com filho de açoriano, minha irmã também. Então, assim, a gente tem nosso momento, foi um momento gostoso daquela época da paquera, ia pro Terço, tal, mas nunca num aprofundamento mais da cultura da Festa. Então, tem assim, acho que as diferentes fases do entendimento da nossa fé no Espírito Santo.⁵⁰⁴

⁵⁰³ Tradição é uma forma de manter práticas e rituais, ou seja: “Um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas. Tais práticas de natureza ritual ou simbólica visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado, aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer uma continuidade com um passado histórico apropriado.” HOBBSAWM, E.; RANGER, T. **A Invenção das tradições**. 2ªed. São Paulo: Paz e Terra, 1997. p.09.

⁵⁰⁴ Depoimento de Leonilda dos Reis Jacob, em entrevista concedida em 27 de junho de 2009, na Casa dos Açores de São Paulo.

Quando fala dos momentos de aproximação na Casa dos Açores e dos dias de festas e comemorações em geral, Dona Leonilda refere-se à sua construção pessoal, que contém os tempos de viver distintas formas de ver e experienciar os momentos. Ela era criança quando começou a participar das festividades, nasceu no Brasil e não tem memória da festa comemorada na ilha onde seus pais nasceram. Ela traz apenas o olhar da construção da festa aqui, a única memória que tem em relação às festas “originais” advém dos ensinamentos e lembranças de seus pais. Sua relação com o lugar é diferente da relação de seus antepassados que viveram a festa lá e aqui.

Já o Senhor Henrique possui um olhar um pouco distinto daquele de Dona Leonilda a respeito das festas. Como nasceu nos Açores e, quando criança, participou das comemorações religiosas na Ilha de São Miguel, mostra outra percepção acerca das festividades. No entanto, também traz no discurso a questão do tempo da fé, que, para eles, é o momento em que cada um recebe a dádiva de acolher em seu coração o Espírito.

Bem, na verdade, sobre as festas, lógico que acompanhava, sabia, participava lá nas missas, sempre nas cerimônias, mas nas festas do Divino Espírito Santo da Casa dos Açores, tenho participado de quatro anos pra cá. Fui chamado, por algum motivo, primeiro pelo meu primo José Luis, quando trabalhava na Prefeitura de Mogi das Cruzes, na ocasião da festa “Entrada dos Palmitos” e posteriormente pelo meu primo Antonio Tavares Arruda. Via meus irmãos mais velhos e minha mãe sempre em plena dedicação, desde preparativos para a festa até a celebração da missa. Eu, sempre me dedicando à atividade profissional, em viagens, participação em palestras e trabalhos em projetos de pesquisa, tomavam quase todo o meu tempo. Pouco me via envolvido nas questões da festa em si. De dois a três anos para cá, é que tenho uma maior participação junto a Casa dos Açores de São Paulo, por estar mais tranquilo em termos de trabalho. Devo o meu maior envolvimento nas atividades da Casa dos Açores ao meu primo Antonio. A partir de então é que me interei e adquiri uma consciência e visão mais ampla da devoção ao Divino Espírito Santo e das festas.⁵⁰⁵

Apesar de ter vivido em Mogi das Cruzes, onde a Festa do Divino tem um relevante número de adeptos, até por conta do sentido sociocultural que o evento adquiriu, transformando-se em um atrativo turístico no tempo de Pentecostes, o

⁵⁰⁵ Depoimento de Henrique de Arruda Soares, em entrevista concedida em 07 de julho de 2008, na Casa dos Açores de São Paulo.

Senhor Henrique traz elementos relevantes em seu depoimento, demonstrando o elo com os parentes, que acabam por interferir na construção da fé e, mesmo, na participação social junto às comemorações do bairro.

Embora sua família participasse das festas desde os tempos de sua infância, ele tinha certo distanciamento, segundo conta, em razão da sua profissão e da falta de tempo. Desse relato emerge a questão dos “tempos” de cada um para redefinir suas crenças e experimentar determinadas formas de ver o sagrado em si.

Quando questionado sobre a festa, o Senhor Manuel de Medeiros comenta que é elaborada praticamente pelas mulheres, que definem a organização e as questões logísticas que abarcam a procissão, a quermesse e também a missa de coroação, assim como as roupas e ornamentos a serem utilizados.

A festa eu posso dizer da parte masculina porque essa parte religiosa e tudo é a mulherada que toma conta, entendeu? Então elas fazem reunião, já tem quem vai levar a bandeira, quem vai não sei que... Quem vai de um lado, quem vai de outro. Elas sabem falar sobre isso. Eu realmente não sei. Eu sei que eles vão agora à minha fazenda, vão matar os bois, pra doar carne, os porcos... E a gente acompanha o Sr. Agostinho [que está atuando como coordenador da Casa], vamos à polícia pra requerer a polícia, eu vou falar com o Prefeito aqui da região, quer dizer, a festa em si mesmo não tem muitos detalhes. A mulherada realmente tem muito mais detalhes em questão da festa. Olha tenho certeza que ela vai ser fabulosa...⁵⁰⁶

A festa como um todo começa a ser elaborada, segundo depoimento de Dona Leonilda, com um ano de antecedência. No entanto, quando a data se aproxima, a festa vai revelando uma aparência, denotando como será apresentada naquele ano. Todos os anos criam-se alguns diferenciais na ornamentação, na formatação e até mesmo nos elementos que serão trazidos para a Igreja no momento da missa.

O pároco, Padre José Elias, comentou a respeito das atividades da Casa dos Açores realizadas em parceria com a Igreja, numa relação de trocas, de entendimento da cultura trazida dos Açores, que acaba tornando as comemorações diferentes das festas especificamente religiosas ou pelo menos elaboradas pela Igreja.

⁵⁰⁶ Depoimento do Senhor Manuel de Medeiros, em entrevista concedida em 03/06/2008.

E eu digo pela Paróquia Santa Marina que por sinal eu vim conhecer a festa do Divino exatamente quando eu cheguei aqui em São Paulo, não quando eu cheguei aqui na Paróquia. Eu sou paulista há 14 anos, mas somente há 1 ano e meio nessa paróquia e a Casa do Açores escolheu exatamente essa paróquia para fazer a sua celebração religiosa, eles têm o local deles onde eles fazem a festa popular. A festa própria dos portugueses, mas esta igreja foi escolhida por eles de fato para fazer a festa anual que corresponde exatamente com a nossa celebração de Pentecoste, então a festa do Divino, como eles a chamam. É preparada pela festa do Santo Cristo e depois então objetivamente ela tá voltada para a festa do Divino que corresponde exatamente com a festa de Pentecoste nossa mesmo. Eu digo assim pela Paróquia Santa Marina nós vemos com muito bons olhos esta manifestação da Fé Portuguesa Açoriana.⁵⁰⁷

Quando comenta sobre a festa religiosa, o Padre se refere exatamente à missa em louvor ao Divino e à coroação na Igreja, pois as demais manifestações populares são feitas nas ruas adjacentes e na própria sede da Casa dos Açores. Em seu depoimento, demonstra acreditar que a festa e a Casa são um elo com os conterrâneos e também uma forma de identificação entre eles. Acabam tendo uma característica peculiar, com propósitos similares e, de qualquer forma, também participam das atividades religiosas oferecidas pela Igreja em momentos distintos do ano.

Eu digo que eu to de fato bem contente por ter uma comunidade açoriana tão integrada na paróquia, porque eu acredito que, quando tem um grupo bem identificado, aquele grupo não se divide, ele traz uma riqueza para dentro e eu to vendo isso. Coloco isso como uma reflexão mais ampla né? E o ecumenismo só existe e só vai adiante se cada Igreja tiver uma identidade bem própria mesmo, porque, tendo uma identidade própria e respeito, faz com que as pessoas aprendam aquilo que é comum. Lidar bem com os outros né? Uma vez uma pessoa disse “religião pra mim é tratar bem o outro”, tá ótimo, é isso mesmo. Jesus morreu na cruz por causa disso. Pronto né? Tá perfeito, perfeito mesmo, eles têm uma realidade muito própria. Isso são eles... não são, assim, orgulhosos no sentido de que eu sou mais do que os outros, mas o orgulho deles de serem açorianos.⁵⁰⁸

⁵⁰⁷ Depoimento do Padre José Elias, em entrevista concedida em 12 de agosto de 2009, na Paróquia Santa Marina.

⁵⁰⁸ Depoimento do Padre José Elias, em entrevista concedida em 12 de agosto de 2009, na Paróquia Santa Marina.

Os açorianos católicos praticantes acabam se organizando tanto para suas festividades tradicionais como para as ações da Igreja, o que, de alguma forma, traz fiéis efetivos aos cultos durante todo o ano e mantém acesa a chama da fé, questão importante para a Igreja, auxiliando-a a manter seus adeptos frente a tantas outras religiosidades que a cada momento surgem na cidade. Ademais, o Padre revela: “[...] nos últimos anos houve uma interação muito interessante da juventude com a Casa dos Açores e essa foi uma interação muito boa e estabeleceu para eles uma perspectiva de trazer pessoas jovens [...]”.⁵⁰⁹

Algumas percepções distintas também são observadas nos depoimentos, mostrando que os imigrantes trazem uma visão de comunhão com a terra natal, mas não necessariamente são devotos, pessoas de fé ou seguidores do catolicismo. Nesse sentido, há no depoimento do Senhor Manuel de Farias um curioso relato:

Eu adoro o Espírito Santo, está na alma açoriana. Agora se você perguntar a rigor, eu diria que sou agnóstico, não é? Mas essa tradição, este jeito, faz parte da alma das ilhas, da nossa construção, é tudo estrutura mental, não tem nem consciência, de algum jeito está lá alojado. Então, eu tenho um respeito muito grande por tudo isso, fui seminarista e tive que mudar um pouco. Mas é interessante, eu sou agnóstico e faço um esforço danado para acreditar, ele vive a busca da verdade. Agora esta questão da alimentação e tudo isto daí, o folclore... me toca, me toca, sempre que toca a música folclórica, me toca, é minha alma; quer e sente, dá um recado, não importa, são coisas diferentes. Uma música clássica, uma coisa mais sofisticada, dá um recado sentimental, a música folclórica tem outra mensagem, tem uma mensagem bonita, que dá conta de uma parte da vida histórica, que está ali registrada, tem uma mensagem muito importante.⁵¹⁰

Nesse caso, percebe-se certa discrepância entre o que é ter fé e o que seria rememorar os tempos vividos na Ilha de São Miguel. Mesmo vivenciando a festa em louvor ao Divino e tendo sido um dos fundadores da Casa dos Açores, se autodenomina agnóstico. Acredita que suas raízes e as formas de rememorar o passado é que o gratificam, e não as questões de fé em si.

⁵⁰⁹ Depoimento do Padre José Elias, em entrevista concedida em 12 de agosto de 2009, na Paróquia Santa Marina.

⁵¹⁰ Depoimento do Senhor Manoel Henrique Farias Ramos, em entrevista concedida à Profa. Dra. Maria Aparecida Pascal, no dia 23 de outubro de 2006, e cedida para esta pesquisa.

Quando se lembra dos tempos, das músicas, dos poemas, da culinária, dos pratos de sua infância, acaba por trazer das memórias algo que sentimentalmente o afeta, pois, independentemente das questões de fé, traz o recado de pertencimento ao lugar. Pertencimento que, para além do lugar, também traz sua essência, seus significados mais íntimos e que cada um redefine em sua vida conforme atitudes, crenças, hábitos e costumes.

Chegado ao Brasil, a primeira década foi de árduo trabalho, mas uma vez por outra, a exemplo de outros açorianos, sentia vontade de voltar à Ilha, fazer uma função, quase sempre resultado de uma promessa ao Espírito Santo. Não fiz a promessa, pois aquilo que se promete ao Divino não se ousa descumprir. Ele impõe temor aos faltosos. No início da segunda década de Brasil, o desafio era o resgate do estudo interrompido pela ditadura do Estado Novo. Entreguei-me de corpo e alma ao propósito de desvendar a natureza da sociedade. Éramos os personagens do Maio de 1968, em que era “proibido proibir”. Os ritos religiosos, então, eram vistos como o “ópio do povo” e não pareciam compatíveis com o desejo de transformar a sociedade. Porém, quando, já no início dos anos 80, assumi a presidência da Casa dos Açores em São Paulo, surpreendi-me apoiando a Festa do Espírito Santo. Inconscientemente, reabilitei a Folia e desde essa época, por ímpeto desconhecido, nunca mais deixei de contribuir com o evento da Terceira Pessoa da Trindade. Algo subjacente acompanha-me e, a final, me trouxe até aqui, depois de 50 anos.⁵¹¹

Quando retrata um tempo de proibições políticas, ainda assim, faz uma analogia ao temor ao Divino, quando menciona: “O que se promete ao Divino, deve ser cumprido”. Ele, na verdade, diz não conhecer ainda a causa de sua aproximação com a Casa dos Açores, emesmo com a devoção; mas, de algum modo, volta sempre para vivenciar os sentidos do passado. Ao voltar à Ilha Terceira, 50 anos depois de sua saída, diz nunca ter deixado de manter os laços com o espaço criado pelos açorianos nem de pensar em retornar à terra em que nasceu.

Esse ímpeto retratado, desconhecido por ele, acaba criando um sentimento ainda por desvendar, mas que, de alguma maneira, leva-o a fazer parte do grupo que, além dos princípios de fé, busca uma forma de aproximação com os tempos passados por meio das iniciativas de reconstrução das tradições.

⁵¹¹ RAMOS, Manuel Henrique Farias. Espírito Santo: crenças e símbolos. In: **Anais do III Congresso Internacional sobre as Festas do Divino Espírito Santo**. Angra do Heroísmo, 15-18 de maio de 2008.

Quando fala das atividades da Casa, o Senhor Antônio Mendes enfatiza o seu amor pelo lugar. Comenta que quer sempre estar ali, mas possui um impedimento: a discordância de sua mulher, que já não compactua com a frequência constante.

Quando eu fui passear em Portugal, na Ilha Terceira, eu já fazia parte daqui, meus filhos foram fazer curso de cultura lá na Ilha Terceira porque é a única ilha dos Açores que oferece isso. Eu participo das coisas daqui, mas ultimamente eu tenho ficado um pouco afastado, porque minha esposa não gosta muito, eu gosto, adoro aqui, por mim eu vivia aqui sempre porque eu gosto muito. As festas do Espírito Santo eu adoro. Só que cada ilha tem uma tradição... Então, a culinária lá, a alcatra, para mim é uma das melhores comidas que tem no mundo. Aqui, o que se faz é o cozido açoriano. Cada um tem a sua comida.⁵¹²

Quando fala de sua viagem aos Açores, em especial à Ilha Terceira, comenta que seus filhos puderam então participar do curso oferecido na ilha que trata dos costumes, hábitos e tradições açorianas, indicando assim que teve interesse em mostrar a seus sucessores como era sua vida na ilha antes da vinda ao Brasil. Conhecer um pouco da cultura significa também manter o elo com suas raízes, o que se efetivou quando os filhos passaram a entender um pouco de seu passado.

Eu comecei a participar das Festas foi em 81, foi quando os meus pais foram “Mordomos”. Foi quando eu comecei a participar assim da parte de organizar mesmo. Porque participar, a gente participava que nem eu tava te falando: tinha Terço, nós íamos pros Terços, a gente ia... ia pra rezar o Terço, ia pra paquerar, porque todo mundo ia... Eles eram muito unidos. Era uma Comunidade onde ainda o pessoal era bem unido, então, os filhos acabavam acompanhando. Eu comecei a participar em 81, quando os meus pais foram nomeados os “Mordomos”, e a partir do ano da minha mãe, eu passei a coordenar a Festa. Então, estou há vinte e um anos coordenando a Festa do Divino, desde aquela época, como Coordenadora mesmo. Participando mais profundamente da Festa.⁵¹³

⁵¹² Depoimento do Senhor Antônio Mendes Cardoso Sequeira, em entrevista concedida à Profa. Dra. Maria Aparecida Pascal, na Casa dos Açores de São Paulo, e cedida para esta pesquisa. Nasceu em 8 de abril de 1941 na Ilha Terceira, emigrou para o Brasil em 1961.

⁵¹³ Depoimento de Leonilda dos Reis Jacob, em entrevista concedida em 27 de junho de 2009, na Casa dos Açores de São Paulo.

Ao comentar sua inserção nas festas do Divino, Dona Leonilda fala sobre quando e como começou a coordenar as comemorações. Em 1981 passou a acompanhar as atividades da Casa; foi então que se iniciou sua trajetória na tentativa de organizar os açorianos da Vila e fomentar a participação da cidade na cultura açoriana, além de proporcionar eventos que representem as tradições advindas dos Açores em conjunto com o grupo que faz parte da Casa. Essa forma de ressignificação simbólica⁵¹⁴ traz aos indivíduos uma maneira de representar as relações com suas raízes, com o espaço e o tempo, de forma a ligar pessoas, objetos e símbolos, propiciando uma aproximação com as raízes.⁵¹⁵

Embora os sentidos sejam praticamente outros, a memória da festa constitui uma forma de memória coletiva, que se desenvolve por meio de laços de convivência. Essa memória “acrescenta, unifica, diferencia, corrige e passa a limpo. Vivendo no interior de um grupo, sofre as vicissitudes da evolução de seus membros e depende de sua interação”⁵¹⁶.

As lembranças grupais se apóiam umas nas outras formando um sistema que subsiste enquanto puder sobreviver a memória grupal. Se por acaso esquecemos, não basta que os outros testemunhem o que vivemos. É preciso mais: é preciso estar sempre confrontando, comunicando e recebendo impressões para que nossas lembranças ganhem consistência.⁵¹⁷

Quando resolveram recriar a festa, esses sujeitos tinham o intuito de apoiarem-se uns nos outros, a fim de fortalecerem suas memórias, histórias e a própria memória do lugar onde nasceram, além de manter a fé no Espírito Santo, que, para eles, é um dos mais fortes elos com a divindade e a própria religiosidade.

No caso da Vila Carrão, onde a pesquisa se desenvolveu, as prestações alimentares se mantêm, do mesmo modo que os ritos e celebrações. Num momento acredita-se estar mesmo no cenário dos Açores, seguindo a procissão das Coroas do

⁵¹⁴ HENYEI NETO, Gyorgy. **Identidade e ressignificação simbólica do açoriano dentro do movimento migratório para o Brasil: o caso da Vila Carrão.** p.07. Disponível em: <http://ufscar.academia.edu/GyorgyHenyaiNeto/Papers/304809/Identidade_e_resignificacao_simbolica_do_acoriano_dentro_do_movimento_migratorio_para_o_Brasil_o_caso_da_Vila_Carrao>.

⁵¹⁵ Para Henyei, a ressignificação simbólica dos açorianos na Vila Carrão traz ao lugar uma identidade nativa, ligando parentes, sensações, experiências e atitudes, como forma de desenvolver um sistema de retorno que ele chama de metonímico-metaléptico. Ibidem.

⁵¹⁶ BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos.** São Paulo: Companhia da Letras, 1994. p.408.

⁵¹⁷ Ibidem. p.414.

Espírito Santo do Império, o local onde se encontra a casa açoriana, sendo conduzida pela banda marcial, até a igreja próxima, pronta para receber a festa e rezar a missa em louvor a Pentecostes.⁵¹⁸

Apesar de essa colocação ser, de certa forma, pertinente, tendo em vista as semelhanças verificadas entre o território da Casa dos Açores e suas relações socioculturais e o cenário dos Açores, faz-se oportuno notar que as similaridades se remodelaram e o conceito de açorianidade construído por diversos grupos de imigrantes no Brasil, especialmente na região Sul, não possui a mesma lógica na cidade de São Paulo.

A intenção de manter semelhanças dá ensejo a uma rede de sociabilidade, religiosidade e também de cooperação entre os membros da Casa. A organização das festas e de todo o ritual nelas disposto só ocorre com a solidariedade de muitos sócios, pois a culinária, os pratos elaborados, a logística dos atos das celebrações, tanto as sagradas como as populares, são efetivados com o trabalho e dedicação dos açorianos mais ligados à Casa.

A partir da construção dessas representações, partir-se-á, no próximo item, para a construção e efetivação dos atos rituais da festa na Casa e na Vila.

4.3 RITUAL DA FESTA: ORGANIZAÇÃO

Quando se direciona o estudo para a cultura revelada na festa, faz-se pertinente analisar não apenas o conjunto de elementos e rituais, mas também as memórias de fatos histórico-culturais, que, reunidos, podem, de certa forma, reapresentar o pensamento da comunidade. A festa contém informações que são lembradas, relembradas e transformadas ao longo dos anos.⁵¹⁹

⁵¹⁸ HENYEI NETO, Gyorgy. **Identidade e ressignificação simbólica do açoriano dentro do movimento migratório para o Brasil: o caso da Vila Carrão.** p.07. Disponível em: <http://ufscar.academia.edu/GyorgyHenyaiNeto/Papers/304809/Identidade_e_resignificacao_simbolica_do_acoriano_dentro_do_movimento_migratorio_para_o_Brasil_o_caso_da_Vila_Carrao>.

⁵¹⁹ ARAÚJO, Ana Maria R. Camara. **Festa do Divino e suas transformações na comunicação e na cultura.** São Paulo: Andross, 2005. p.15.

Ao recriar a festa, o espaço, os elementos materiais e imateriais da cultura acabam se inserindo numa forma de territorialização. Um território definido pelas relações sociais, políticas e demais subjetividades adquire uma “cara”, uma forma específica que o distingue dos demais espaços vividos. Nesse território, os traços culturais, as tradições familiares e os costumes passam a ser os mais relevantes laços com os membros do grupo, ou com os membros de outros grupos que tenham esse elo comum.

Apesar das diferenças encontradas nas mais variadas formas de apresentação das festas do Divino no país, e mesmo nos Açores, São Paulo recriou a festa com características adotadas pela relação com o lugar.

Os ritos adotados na realização da nossa festa são de origem micaelense, mais especificamente da região da Bretanha, em consonância com a origem da maior parte das famílias açorianas que emigraram para a cidade de São Paulo, em especial, na primeira metade do século XX. As sortes; Os terços cantados; a folia com sua indumentária e cantoria típicas; a procissão; a missa da coroação; os “gueixos”; as linguiças e morcelas; as malassadas; a massa sovada, etc., faz parte da festa, num grande processo de catalisação, que inclui também o culto ao Senhor Santo Cristo dos Milagres e à Virgem de Fátima, cujas imagens acompanham, ano a ano, a procissão do Divino, num grande festival de fé e religiosidade, tipicamente açoriano. Encerrando o ciclo destes festejos é realizada uma grande festa de rua à qual acorrem algumas dezenas de milhares de pessoas. A par de agregar toda a comunidade açoriana do bairro de Vila Carrão, as festividades agregam também açorianos dispersos pela cidade de São Paulo e Municípios vizinhos, constituindo-se, assim, no grande encontro anual da comunidade açoriana na cidade de São Paulo.⁵²⁰

Ao recriar a festa, nos primeiros anos da década de 1970, os açorianos foram aglutinando novos elementos e adaptando outros, tanto como forma de reorganizar o grupo disperso pela cidade, como pela necessidade de manter a fé e os rituais do Divino. Assim, reformularam-na tendo em vista a possibilidade de terem um espaço para condensar as comemorações dos ilhéus.

Conforme mencionado anteriormente, a Casa foi criada com o intuito de organizar as festas do Divino; no entanto, estas, nas Ilhas Açorianas, tinham características muito díspares do que se vê no bairro. O contexto era outro, os

⁵²⁰ SOARES, Henrique de Arruda. Festa do Espírito Santo. In: **Anais do III Congresso Internacional sobre as Festas do Divino Espírito Santo**. Angra do Heroísmo, 15-18 de maio de 2008.

problemas oriundos do meio rural eram outros. Ademais, a dinâmica do espaço criava ambientes propícios para a manutenção das festas, que, apesar de serem elaboradas atualmente, tiveram seu formato remodelado, recriando uma ambientação que ainda tem sentido para as localidades.

Quando a festa foi recriada em São Paulo, num contexto histórico e espacial distinto dos Açores, o elo com o passado era a identificação do grupo e a manutenção da fé no Espírito Santo. Conforme a configuração espacial e a estrutura há uma adaptação econômica, social e cultural que trata a festa em uma nova reelaboração.

A fartura dos comes e bebes existente nas festas de antigamente, não acontece com a mesma intensidade, nos dias atuais. As causas são várias, entre elas, o aumento da população, a diminuição das doações. A maior delas, entretanto, seriam os gastos ocasionados pela riqueza do Império, da procissão, o gasto com o transporte, dos animais da zona rural, auxílio aos grupos de danças e outros. O próprio sentido da festa que é a fartura está presente apenas no inconsciente coletivo. A cidade desenvolvendo-se foi perdendo suas características rurais e, com isso, a festa, que estava relacionada ao ciclo agrícola e à fartura da colheita, adaptou-se às condições urbanas e às suas necessidades na comunidade atual.⁵²¹

A própria configuração urbana, na arquitetura das casas e na arquitetura da Casa dos Açores, considerando o próprio delineamento da organização da festa, foi sendo reformulada a partir do que havia no entorno.⁵²²

As festas do Divino no bairro foram sendo definidas a partir da ajuda de alguns membros do grupo, em especial daqueles que, com melhores condições econômicas, podiam doar bois, porcos, vacas, alimentos e certos objetos para a reconstrução desse ritual.⁵²³

⁵²¹ ARAÚJO, Ana Maria R. Camara. **Festa do Divino e suas transformações na Comunicação e na Cultura**. São Paulo: Andross, 2005. p.100.

⁵²² No bairro as formações arquitetônicas existentes nas Ilhas dos Açores, os Impérios do Divino, as touradas a corda, as sopas do Divino, a *função*, os bodos, as procissões ao Senhor Santo Cristo com tapetes de flores nas ruas, as mesas organizadas em ruas inteiras, e mesmo as filarmônicas e leilões no final do dia de Pentecostes não são representados da mesma forma.

⁵²³ "Os rituais constituem, em larga escala, as principais redes semânticas, contextos culturais e domínios ideativos, através dos quais são feitas tentativas de regulação da vida social [...]." MCLAREN, Peter. **Rituais na escola**: em direção a uma economia política de símbolos e gestos na educação. Petrópolis: Vozes, 1992. p.75.

A Festa do Divino, a gente sempre divide assim, né, pelo menos aqui na minha cabeça, eu a divido na parte que a gente chama: religiosa, aí eu chamo uma parte que ela é folclórica, e tem aquela outra parte que a gente a chama de comercial. Daí o comercial, o que pra nós é o comercial? – É a nossa Quermesse. Daí, pra nossa Quermesse a gente tem um tratamento. A parte religiosa, a gente coloca na religiosa. A religiosa é o dia da Festa, a Procissão, a Missa em si, e os Terços. E a nossa parte, que a gente chama Folclórica, é a Folia do Divino, são as Entregas, são os Bodos, né, a entrega que a gente faz. Doações que a gente faz. Então, essa parte que a gente chama ela mais de Folclórica.⁵²⁴

A divisão da festa em partes permite que se tenha uma ideia de sua reconstrução ao longo dos anos em que os açorianos a comemoram na Vila. Ao se considerar a prática da construção festiva anual, seus momentos de celebração religiosa e profana adquirem formatações distintas, nas quais se pode observar a delimitação temporal e espacial das ações.

O ritual está envolto de práticas que vão desde as rezas de terços⁵²⁵ durante as semanas que antecedem o dia do Divino até a procissão, a quermesse, o almoço, a culinária e demais atos que o formatam e o remodelam ano após ano, desde seu início.

A festa se realiza a partir do dia de Pentecostes, momento de definição de cada sorteado, ou seja, cada um dos membros da Casa que farão o trabalho durante todo o ano até a próxima celebração, responsáveis por cada ação de todos os momentos da festa, incluindo os terços, as casas, as famílias, os que coroarão e serão coroados, os mordomos, as barracas da quermesse, a culinária, incluindo os pratos a serem vendidos durante a festa, as doações a serem feitas, as funções de cada um durante a missa e durante a procissão.

O mordomo da festa é o principal responsável pela organização anual – no entanto, Dona Leonilda acaba por ficar nos “bastidores”, acertando todos os detalhes. A cada ano um casal fica responsável pela mordomia, assumindo a formatação da festa e de alguns eventos.

⁵²⁴ Depoimento de Leonilda dos Reis Jacob, em entrevista concedida em 27 de junho de 2009, na Casa dos Açores de São Paulo.

⁵²⁵ “O Terço cantado é nosso, à moda dos Arrives, de uma região lá dos Açores. Porque em cada Ilha que você for... em cada Ilha... você vai numa Ilha, em cada freguesia, tem o seu jeito de cantar e de rezar o Terço. Nós cantamos o Terço inteirinho e isso a gente segue exatamente a tradição de lá.” Depoimento de Leonilda dos Reis Jacob, em entrevista concedida em 27 de junho de 2009, na Casa dos Açores de São Paulo.

A preparação e organização da festa cabem àqueles que, sorteados na noite do domingo de Pentecostes, ficarão responsáveis por cada uma das sete semanas de festa. Cada um desses irmãos terá consigo a coroa do divino durante essa semana. Sua casa, especialmente preparada para isso, com um altar na sala de visita abrigando a coroa em posição de destaque, receberá os irmãos que desejem fazer alguma prece ao divino.⁵²⁶

Além disso, há a reza do terço, que, apesar de cantada, segue uma ordem de alternância entre homens e mulheres e momentos de união de vozes.

Os mordomos, no início das comemorações, eram sorteados, junto com os responsáveis pelas domingas; no entanto, atualmente são indicados pelos mordomos da última festa.

Escolha do “Mordomo”, é assim, a gente até muitos anos atrás, a gente tinha até muitas vezes o sorteio. Como tinham vários casais que queriam participar, que sabiam que tinham vontade de participar, vinham e colocavam o nome e era sorteado aqui dentro, antes de ser anunciado lá. Hoje, o “Mordomo” atual, com uma equipe, convida o próximo “Mordomo”. Como que é esse convite? Normalmente, a gente procura que seja uma pessoa que participa da Comunidade, que esteja presente aqui, que conheçam as nossas tradições... Não precisa ser açoriano, porque nós temos muitos açorianos... Nós temos muitos colaboradores aqui nossos que não são açorianos, que são brasileiros, mas que adoram...⁵²⁷

“Participar da comunidade” significa estar presente durante o ano nas festividades promovidas pela Casa dos Açores, além de ajudar em outras questões que possam vir a surgir. O que se percebe é que todos os elementos já constitutivos da festa são, em termos de recursos humanos, coordenados por uma pessoa que já trabalha nos festejos em louvor ao Divino há mais de 20 anos: Dona Leonilda.

Para a compreensão dos atos da festa, estes serão subdivididos em ritual dos terços, procissão, missa e coroação e quermesse na abordagem apresentada a seguir.

⁵²⁶ GONÇALVES, José Reginaldo Santos; COTINS, Márcia. Entre o Divino e os Homens: A arte nas festas do Divino Espírito Santo. **Horizontes Antropológicos**. Vol.14, n.29. Porto Alegre, jan./jun. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832008000100004>.

⁵²⁷ Depoimento de Leonilda dos Reis Jacob, em entrevista concedida em 27 de junho de 2009, na Casa dos Açores de São Paulo.

4.3.1 O Ritual dos Terços

Na Festa do Divino se desenham algumas atividades, entre elas a reza dos terços⁵²⁸, que ocorre durante as sete semanas que antecedem o dia de Pentecostes, alternando as casas escolhidas na festa anterior por sorteio, que então define os responsáveis pelas domingas.⁵²⁹ Sua forma de cantar o terço é uma das peculiaridades dos açorianos: a recitação é feita revezando os atos de homens e mulheres, dividindo-se as partes do terço (ver Anexo II).

Nem todas as ilhas dos Açores têm essa tradição de cantar o terço. Isso ocorre em algumas freguesias, e os que vieram para São Paulo mantiveram-na também como forma de sociabilidade.

A reza para o divino espírito santo se faz através do terço rezado ou do terço cantado. São 50 ave-marias e 5 pai-nossos ao todo. Depois de terminada esta parte do terço, homens e mulheres cantam juntos uma frase: “gloria ao pai ao filho e ao espírito santo” e rezam o pai nosso. Logo depois salve rainha [...].⁵³⁰

O terço vai sendo rezado durante as semanas em casas diferentes, podendo ser escolhido um local distinto, como a própria Casa dos Açores ou a Igreja Santa Marina, para um evento especial, mas são “as sortes” das domingas que definem em quais casas será levada a coroa do Espírito Santo.

Você tem a parte dos Terços, que começa no Domingo de Páscoa. A nossa primeira Semana de Terço começa no domingo de Páscoa. Pra você fazer os Terços, não tem problema nenhum, mas pra você fazer a mudança de uma casa pra outra tem que ter a autorização do CET, então, você tem que entrar com documentação dentro do CET. Eu tenho uma equipe que está cuidando das “Sortes”, que é aquele

⁵²⁸ O terço cantado foi uma adaptação do que eles faziam nos Açores. Algumas freguesias ainda cantam os terços. Em São Paulo os açorianos optaram pelo terço cantado para a aproximação com as tradições da terra natal.

⁵²⁹ Domingas é o termo usado para definir as casas onde são rezados e cantados os terços, bem como as famílias responsáveis pelas crianças coroadas no dia de Pentecostes durante o ato sagrado na Igreja.

⁵³⁰ COTINS, Márcia. **Catolicismo Popular, Pentecostalismo e Técnicas Corporais**: uma visão comparativa dos usos da prece em dois contextos religiosos. VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Coimbra: Centro de Estudos Sociais, Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, 2004. Disponível em: <<http://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/MarciaContins.pdf>>.

peessoal que vem e paga pra participar do Terço no próximo ano, que é feito no domingo da Festa...⁵³¹

Os organizadores da festa precisam solicitar o fechamento de ruas junto à CET- Companhia de Engenharia e Tráfego, que se responsabiliza pela organização do trânsito nas vias pelas quais passarão os objetos e símbolos da festa, vias essas que são mudadas semanalmente durante o período que vai da Páscoa até o Pentecostes.

As “sortes” são as formas de sorteio; são elas que definem quem serão os responsáveis pela reza e pela ornamentação das casas durante cada semana que antecede o dia do Divino, e também escolhem as crianças a serem coroadas na missa. Esse ritual simboliza a possibilidade de ter a imagem do Divino dentro de casa, sendo que quem consegue é considerado um “escolhido” e “sortudo” naquele ano.

As “Sortes”, é assim: você quer participar das “Sortes”, pra ter o Terço na sua casa, você paga R\$ 3,00, que é referente ao ano anterior, que você não foi sorteado; se você foi sorteado, você não paga nada este ano... Aí, o quê que vai? Se eu tenho quatrocentos nomes que vai participar, então, eu tenho quatrocentos nomes num saco, no outro eu tenho que ter 394, porque seis Domingas vão estar dentro daqueles papeizinhos em branco junto, tá? Então, tudo, inclusive, as seis Domingas, é colocada com testemunhas... A gente pega várias pessoas nas ruas, as pessoas vêm aqui, vê a gente colocar dentro do saco... A pessoa vê, o saco é lacrado e levado lá fora, pra que o pessoal não pense que é, sabe... Ah, tem “fajutagem”, ah, tem isso... Então, tudo é feito, controladinho! Aí vai lá fora... Aí, é assim: tira um papel... São dois processos, né, o saco com os nomes e o outro saco com os papeizinhos brancos e com as seis Domingas lá dentro... Aí tira o nome: Maria Helena dos Reis Jacob, aí pega o papelzinho... R\$ 3,00! Quando não sai a Domingas, R\$ 3,00, aí é quando ele brinca.... Ih! US\$ 3.000, não sei o quê... Então, o pessoal acaba brincando, né, com a família... Então, vai indo até sair as seis Domingas, enquanto não sai... Quem tirar as domingas, é que escolhe quem vai ser coroados.⁵³²

⁵³¹ Depoimento de Leonilda dos Reis Jacob, em entrevista concedida em 27 de junho de 2009, na Casa dos Açores de São Paulo.

⁵³² Depoimento de Leonilda dos Reis Jacob, em entrevista concedida em 27 de junho de 2009, na Casa dos Açores de São Paulo.

O sorteio das domingas define quase todos os participantes diretos da festa. Além de rezar os terços, ornamentar as casas, receber a coroa e eleger o coroadado, os escolhidos são também responsáveis pela formatação da procissão.

Nas “Domingas” é que são escolhidas as pessoas, ou seja, quem vai tá levando a sua Coroa, a sua Bandeira e quem vai fazer parte do núcleo dela. O que a gente chama de núcleo? No núcleo de uma “Domingas” a gente tem uma pessoa que leva a Bíblia, que tem o “Donzinho” daquela “Dominga”, a gente tem um guiãozinho que tem o Fruto do Espírito Santo daquela “Dominga”, específico daquele Dom; tem quem leva a Coroa, quem vai ser coroadado e quem leva a Bandeira. Aí, também já na do “Mordomo”, também é o “Mordomo” que escolhe tá; a parte da Nossa Senhora, também é ele que escolhe a criança que vai ser coroadada... Agora, levar os Andores, a gente tem assim, mais ou menos as pessoas que coordenam. Que nem: a Ilda coordena do Seu Santo Cristo, ela chama os senhores, o pessoal que quer levar o Seu Santo Cristo, mas qualquer um que tiver falando: “Olha, eu quero levar o Seu Santo Cristo... Ilda, quinze dias antes...” “Ah, você quer levar?... Tá, tudo bem, você vai tá levando...” A gente tem uma listinha...⁵³³

Os responsáveis pelas domingas vão estabelecendo certa ordem na procissão, obedecendo a critérios formulados pela Casa dos Açores. Dona Leonilda acaba por fazer a organização de todo o evento. No entanto, há divisões que ela estabelece em reuniões com os participantes diretos da festa, escolhendo as imagens, objetos e demais ornamentos para a entrada na Igreja no dia da coroação.

Das divisões apontadas por Dona Leonilda, a procissão, a missa e a coroação fazem parte do momento de religiosidade, de fé e de devoção da comunidade, praticadas dentro do espaço religioso, a Igreja de Santa Marina.

4.3.2 A Procissão do Divino Espírito Santo

A procissão é o primeiro ato religioso do dia da coroação. Geralmente às 8h da manhã inicia-se a aglomeração de todos os participantes da festa na Rua Dentista Barreto, em frente à Casa dos Açores. Então é feita a organização dos

⁵³³ Depoimento de Leonilda dos Reis Jacob, em entrevista concedida em 27 de junho de 2009, na Casa dos Açores de São Paulo.

componentes da procissão, sendo que primeiramente vêm os membros que levarão a imagem do Divino; na sequência se posicionam os homens que levarão as varas, depois a bandeira do divino, as coroas, a bandeira do Senhor Santo Cristo dos Milagres, a imagem de Nossa Senhora de Fátima e a imagem do Senhor Santo Cristo dos Milagres.



Imagem 54 - Procissão de Pentecostes - Nossa Senhora de Fátima.⁵³⁴

Eu tenho um papel que eu tenho a montagem da procissão. Então, eu tenho o nome de todo mundo... Se tiver a “Domingas”, ah, você vai ter que me passar os nomes, porque no dia, lá em cima eu começo a chamar pelos nomes pra ir montando a procissão. Então, aí a mesma coisa os Andores, também a gente tem o nome de todo mundo que vai tá carregando os Andores. Da Nossa Senhora, é o João também que coordena as da Nossa Senhora.⁵³⁵

Conforme mencionado, na procissão alguns membros das “domingas” é que são os responsáveis pela ordem e sequência dos atos. Por sua vez, os mordomos da festa, juntamente com os responsáveis pelas domingas, é que escolhem as crianças a serem coroadas.

⁵³⁴ Acervo pessoal de Elis Regina Barbosa Angelo (2007).

⁵³⁵ Depoimento de Leonilda dos Reis Jacob, em entrevista concedida em 27 de junho de 2009, na Casa dos Açores de São Paulo.0

Cada membro da comunidade, tendo em vista sua história e suas memórias, se identifica com atos distintos da festa. O Senhor José de Arruda Soares se emociona ao comentar sobre o Senhor Santo Cristo dos Milagres e a participação da família na festa.

Eu lá em Portugal era coroinha, levantava cedo ia tocar os sinos lá em cima e vim aqui pro Brasil e continuei católico e adorando o Senhor Santo Cristo e o Espírito Santo e Nossa Senhora de Fátima. Dessas imagens nossas há muitas brigas, costumam falar que essa festa deveria ser não só de ano a ano, mas mais vezes pra gente se juntar... pra gente conversar, pra gente discutir, brigar, chorar, é... Mas tem, tem discussão, tem briga, não é briga de bordoadas, mas todo ano eu choro... Mas chegou esse domingo da procissão, isso é uma loucura, uma loucura, pra carregar o Santo Cristo, você não chegou a ver, ele enfeitado... Tá em torno de R\$ 400,00 pra enfeitar, e eu carrego ele, eu já tenho 68 anos, pesado, quando não pega os quatro iguais, faz um buraco no asfalto de tanto peso... É uma loucura, você chora, parece que ele tá ali encarnado no meio da gente, eu, por exemplo, no caso, não tem dinheiro que pague esse Santo Cristo, esse espírito santo porque com Espírito Santo a gente não brinca, não brinca, não tem dinheiro que pague o que ele tem me ajudado, eu tenho uma fé, minha mulher ela é padeira aqui, eu fui pra lá e ela ficou trabalhando aqui de noite na festa, quer dizer que a gente segura os netos e ela vem amassar a massa aqui das 6h da manhã às 6h da noite...⁵³⁶

Quando menciona a sua fé religiosa, se lembra de quando era menino nos Açores e de suas atribuições na Igreja. Discorre sobre a emoção de carregar a imagem do Santo e o trabalho que sua esposa efetua na Casa durante o preparo da massa sovada. Faz menção ainda às discussões entre os membros da comunidade quanto à festa, pois cada um tem sua opinião sobre de que forma deveria ser elaborada. Também se refere à sua fé e ao recebimento de graças, sendo ele um exemplo de gratidão ao Espírito Santo pelos pedidos alcançados.

⁵³⁶ Depoimento do Sr. José de Arruda Soares, em entrevista concedida em 07 de julho de 2008, na Casa dos Açores de São Paulo.

A comunidade se encontra em diversos momentos unida para a organização de todos os eventos da Casa. Não apenas durante as festas do Divino, mas seguindo o calendário anual festivo. Participam dos bingos, das feijoadas, das bacalhoadas e até das pizzas oferecidas nesse espaço por eles criado.

Deixando entrever os esforços de cada membro da comunidade no decorrer do ano, especialmente nas vésperas da procissão e da missa, Dona Leonilda faz um esboço de como funciona a logística da festa, contando com pessoas que trabalham direta e indiretamente nos atos do ritual.

A gente tem assim: eu tenho, por exemplo, na rua... Na procissão lá em cima, eu chamo a procissão lá em cima, começo a montar... Eu fico lá em cima... Mas, eu tenho uma pessoa que cuida de cada “Dominga”. Primeira “Dominga”: Fátima, você que vai cuidar... Que nem, esse ano, a Fátima tirou a 1ª “Dominga”, então, ela é responsável pela “Dominga” dela. Fátima! A 1ª “Dominga”... Enquanto eu monto aqui, ela que já desce com ela na rua e vai montando na rua. Então, eu tenho várias pessoas, tem lá umas seis pessoas que cuidam disso. Da parte da Igreja, por exemplo... Tá na hora de tocar o Hino... Quem cuida da banda? Quem cuida da banda é o Marcos, que fica esperando o meu sinal. Quem cuida dos fogos? É o Carlinhos, que fica esperando o meu sinal, que a gente fala tudo por rádio. Então, tudo isso eu tenho, exatamente... Na Igreja? Quem vai abrir a porta? Quem vai pegar a pessoa da Primeira Leitura e levar lá... Tudo isso, a gente define, mas, não que eu tenha definido agora, exatamente tudo... Eu tenho os coordenadores, os cabeças, que são sempre os mesmos, as mesmas pessoas. Mas, durante a Festa, pode-se mudar... Às vezes aparece alguém que começa a se aproximar e a gente vê que quer participar, a gente puxa... Fala “olha, você quer ajudar a gente esse ano? Tô precisando de alguém prá me fazer isso...” A pessoa vem e faz... Os adolescentes que já não querem... “Ah! Eu não quero mais ir vestido de branco na procissão!” “Ah! Você não quer, então, este ano você vai me ajudar a fazer tal coisa...” Os meninos, por exemplo, agora já levam o Andor de Nossa Senhora de Fátima. Então, isso pode mudar um pouquinho, das pessoas que vão fazer item a item, e isso é mais no finalzinho que eu fecho tudo.⁵³⁷

⁵³⁷ Depoimento de Leonilda dos Reis Jacob, em entrevista concedida em 27 de junho de 2009, na Casa dos Açores de São Paulo.

Durante todo o ritual, as coordenadas vão sendo dadas e todas as ações guiadas, conforme descrito. Dona Leonilda se preocupa com praticamente todos os detalhes da festa com um ano de antecedência, considerando os elementos já definidos no sorteio da festa anterior, que ocorre no domingo à tarde, praticamente num ato de finalização da festa.

Aos mordomos cabem ações diversas, como arrecadar donativos, prendas e qualquer outra coisa que seja necessária para a organização e funcionamento da festa. No entanto, em São Paulo, tornou-se uma função mais ilustrativa do que operacional, sendo a Casa dos Açores e seus membros os maiores responsáveis pela logística e funcionamento de todas as etapas da celebração tanto na Igreja como na rua, incluindo a entrega de donativos, além da entrega da carne, pão e vinho aos doadores.

As contribuições se dividem em “esmolas” e “doadores”, nas quais se pagam quantias entre R\$ 80,00 e R\$ 140,00. As esmolas não dão direito a receber alimentos e folias em casa. Já os doadores, que dão uma quantia maior, recebem, além das folias, quatro quilos de carne, três litros de vinho e dois bolos de massa.

Nas folias são levadas até a casa dos doadores as bandeiras. Nesse ínterim, os foliões fazem as cantigas de agradecimento e louvor ao Divino e à família e também passam em todos os cômodos da casa agradecendo pela contribuição, como se benzessem os espaços, ato que, apesar de ser profano, é muito bem-vindo entre os açorianos como uma tradição.

Os peditórios não acontecem no bairro; o que a Casa faz é um pedido de doações por telefone aos contribuintes e demais membros que possam participar. As doações de bois, porcos e outros alimentos ficam a cargo de alguns sócios da Casa que já criam os animais, como é o caso do Senhor Manuel de Medeiros.

Nesse ritual, alguns elementos vão sendo adaptados à medida que as necessidades da Casa, dos membros e da própria cidade vão se relacionando. Os problemas referentes ao trânsito, à segurança e demais questões oriundas da cidade vão sendo sanados com o apoio da subprefeitura e de acordos firmados entre os participantes diretos e indiretos da festa.

4.3.3 A Missa de Coroação

Na continuação do ritual, após a saída da procissão, cujo percurso é realizado em cerca de trinta minutos, perfazendo aproximadamente quatro quadras, os partícipes começam a entrar na Igreja Santa Marina, e nela vão alocando todos os símbolos que serão usados durante a missa. À direita do altar fica a imagem do Senhor Santo Cristo, à esquerda, a imagem de Nossa Senhora e no altar vão sendo colocadas as coroas e os sete dons do Espírito Santo descritos em símbolos escritos.

No altar ficam dispostas as crianças que serão coroadas, sentadas atrás do pároco que vai celebrar a missa. Os símbolos bíblicos do Espírito Santo vão sendo trazidos ao altar durante o início da celebração, que são a água, o fogo, o vento, o óleo e a pomba.



Imagem 55 - Os símbolos do Espírito Santo, na missa de Pentecostes.⁵³⁸

Também são levados ao altar elementos para serem bentos durante a celebração, como alimentos, que tradicionalmente demonstram o culto à natureza.

⁵³⁸ Acervo pessoal de Elis Regina Barbosa Angelo (maio 2007).

Então, você sabe que se você for a Festas, hoje, na Santa Marina, em datas mais específicas, eles acabaram aderindo ao nosso Ofertório. Eles começaram a colocar o Pão, começaram a colocar a Uva... Sabe? Porque todos nós, a gente faz as nossas cestas até de alimentos, que são alimentos de lá né... Que diz o trabalho da terra, do homem... E, hoje, de tanto que eles gostaram, de ver o modo diferente do que a gente ofertava, hoje nas Festas deles, eles acabam fazendo o Ofertório bem do nosso estilo, que a gente faz na Festa do Divino.⁵³⁹

Essa inserção de alimentos e cestas na missa em louvor ao Divino acabou sendo uma forma de celebrar as festas em agradecimento ao alimento, tradição que, apesar de não ser algo da igreja católica, faz parte da celebração que ocorre na Igreja Santa Marina, uma maneira de identificar os rituais advindos dos Açores.

No excerto supracitado, Dona Leonilda diz que os alimentos acabaram sendo incorporados pela Igreja da Vila e agora fazem parte das missas celebradas para a comunidade açoriana. Ao receber os elementos dos açorianos, a paróquia acaba sendo um elo com os sentimentos dos imigrantes, uma forma de manter sua fé e devoção ao Divino e também de ressignificar suas representações culturais no novo contexto da cidade e do bairro onde vivem.

A missa segue normalmente, com seu ritual católico, mas com a introdução de algumas ações de cunho cultural para os açorianos, como a entrada de elementos da natureza para serem sacralizados. Para sua finalização, sete crianças são coroadas, simbolizando os sete dons do Espírito Santo e também a memória da coroação nos Açores. Diferentemente de lá, as mães ou pessoas escolhidas são que fazem o ato de coroar, e não o padre, como acontece nas Ilhas.

Na Igreja Santa Marina, cada criança a ser coroada ritualiza atos, como beijar o ceptro antes de sua coroação.

⁵³⁹ Depoimento de Leonilda dos Reis Jacob, em entrevista concedida em 27 de junho de 2009, na Casa dos Açores de São Paulo.



Imagem 56 - Coroação das sete crianças.⁵⁴⁰

No final da celebração, outra pessoa, não necessariamente uma criança, coroa a imagem de Nossa Senhora de Fátima, ritual também recriado na Vila Carrão que difere daquele observado nas ilhas dos Açores. Nesse ato há uma comoção dos participantes e devotos, que, além de agradecerem pelas bênçãos conquistadas no ano, fazem seus pedidos para o ano seguinte, que se inicia nesse ato.



Imagem 57 - Coroação de Nossa Senhora de Fátima.⁵⁴¹

Com a finalização da missa e as bênçãos do padre, a comunidade começa a festa, que ocorre fora do espaço religioso, especificamente o almoço do Divino, e depois a quermesse, que já teve início no sábado que antecede o domingo de Pentecostes.

⁵⁴⁰ Imagem cedida pela Casa dos Açores de São Paulo (2008).

⁵⁴¹ Acervo pessoal de Elis Regina Barbosa Angelo (2007).

4.3.4 A Quermesse da Rua Dentista Barreto

A quermesse, a exemplo das práticas representativas, adquire elementos simbólicos e ações específicas que, de certa forma, garantem a continuidade das raízes, nesse caso por meio da culinária açoriana vendida durante os dias em que o evento ocorre.

Diferentemente dos Açores, na Vila Carrão as festas do Divino possuem esse caráter comercial, por conta de algumas questões, especialmente para manter a Casa dos Açores e também para possibilitar a participação de visitantes de outros bairros e cidades vizinhas. Nas Ilhas existem os bodos, em que há doação de comida em dias de festa; no bairro paulistano, a doação é feita sob outra perspectiva, e a comida fica por conta da venda de pratos durante a quermesse.

A gente começou a dar o nome sem usar “Bodo”, a gente nem usa o nome de “Bodo” aqui, então a gente tem as Entregas... A gente tem que ir lá e entregar a carne e o vinho, na casa da pessoa... A gente tem a nossa parte da Folia, que tem já a parte dos Doadores, são as Doações, que a gente vai na casa de viúvas, que são as açorianas que não têm condições de tá pagando... Porque a Pensão, ela é paga, e a Doação também é paga, né... Se você quer ser um Doador, você paga R\$ 160,00, você quer pagar a Pensão, você paga R\$ 80,00, aí vai a massa, o pão, o vinho e a Bandeira do Espírito Santo. O que tem a mais no Doador, o que vem a mais no Doador é a Folia. A Folia, o Doador que quer, recebe a Folia do Divino na sua casa. E eles vão lá, todos trajados, seguindo todo o ritual nosso, que a gente tem lá dos Açores, que são os cantos improvisados na hora, que eles fazem e eles cantam em agradecimento à Doação. Então, tem, mas não são todos os Doadores que, Graças a Deus, não são, porque a gente não daria conta, a gente teria que começar dois meses antes.⁵⁴²

Na Vila, a comida passou a ser vendida com o intuito de chamar a atenção da população de forma geral, de difundir um pouco a culinária açoriana, vendida a preços acessíveis, e como forma de sociabilidade no bairro e suas adjacências.

Quando fala da mudança da formatação da festa, Dona Leonilda, que sempre se encontra à frente da organização anual, comenta:

⁵⁴² Entrevista de Dona Leonilda dos Reis Jacob, em entrevista concedida em 27 de junho de 2009, na Casa dos Açores de São Paulo.

Lá não se tinha a Quermesse, lá tinha um Arraial normal, que era só musiquinha, tal... Nós, não, aqui nós temos uma Quermesse pra cuidar, então, a gente chega da Missa, faz tudo, se troca, tal... Já tá trabalhando... Então, não tem tempo hábil pra tá fazendo. Então, o que o pessoal fazia: no sábado da frente, fazia assim, um jantar dos doadores. Depois nós mudamos pra Coquetel. Por quê? Porque assim... com muita discussão com a comunidade, nós mudamos o pensamento: doador não é só aquele que doa os seus R\$ 160,00, eu tenho pessoas que pra eles doarem R\$ 160,00 é muito difícil, mas que tá aqui fazendo linguiça, tá aqui fazendo a alheira, tá aqui trabalhando o dia inteiro, então, também são doadores. São doadores do trabalho. Aí, esse número de duzentos passou pra trezentos. Então, a gente faz o Coquetel, que é uma maneira de a gente tá com todo mundo, não são só os doadores que tão com a gente, são os colaboradores. Então, a gente não faz essa parte da Sopa aqui. Tá? O que a gente faz de Culinária, assim, na Festa, por exemplo: o dia que a gente faz a Morcela, no dia que a minha mãe faz a Morcela, que a gente se reúne pra fazer a Morcela aqui, aí elas fazem o Pão de Milho, elas fazem o debulho, fazem... Deixa eu ver mais o quê... Fazem o Arroz-Doce... Então, nesses outros trabalhos, elas acabam colocando assim pra nós, em termos de comunidade. Durante o ano na Casa, o que a gente faz? A gente faz é muito Feijão Assado, que é à moda de lá, faz o Cabrito Guisado... Hoje em dia, a gente faz poucos eventos dentro da Casa. Por que faz poucos eventos dentro da Casa? Em decorrência realmente do quê? Era muito trabalho que a gente tem, e as pessoas começaram a ter dificuldades financeiras. Todas as outras Casas Portuguesas a mesma coisa, o pessoal já não enche mais as Casas nos Eventos... Então, a gente tava gastando toda uma energia pra tá fazendo um almoço e você não tinha um lucro. O que você tinha não conseguia manter a Casa.⁵⁴³

Conforme seu depoimento, as entidades que reúnem imigrantes não fazem tantas festas por conta da questão financeira da população que as frequenta. Os eventos, ao longo dos anos, vão se modificando para serem viáveis economicamente, sendo adaptados às necessidades tanto dos associados como dos seus visitantes.

A quermesse da festa do Divino é ponto de encontro do açorianos em São Paulo. O lucro obtido com a venda do artesanato das ilhas, da linguiça obtida da matança dos porcos, tradição chegada com os imigrantes, do pão de massa sovada, das malassadas, dos doces típicos e do vinho ilhéu, destina-se

⁵⁴³ Depoimento de Leonilda dos Reis Jacob, em entrevista concedida em 27 de junho de 2009, na Casa dos Açores de São Paulo.

a um fundo que a Casa dos Açores tem para a construção da ermida do Divino Espírito Santo.⁵⁴⁴

Esse novo elemento festivo, a quermesse, faz parte da reconfiguração da festa na cidade, pois sua organização, necessidades e o próprio número de participantes extrapolam a possibilidade de uma configuração parecida com as festas organizadas nos Açores. Cabe notar que, em cada ano, participam do evento cerca de 15.000 pessoas. Nesse sentido, seriam necessárias muitas doações de pão, bois, porcos e demais alimentos para se realizar a festa com a mesma configuração vista nas ilhas.

Além disso, nos Açores a construção da festa e a organização dos bodos são feitas a partir de uma quantidade específica de participantes. Ou seja, a *função* não é aberta ao público, apenas os bodos, como forma de manter o elo entre as gerações de participantes, e não contando necessariamente com os pobres em geral.

O bodo é uma forma simbólica de doação de alimento em tempo de festas, mas não é uma forma de alimentar os mais necessitados. Essa mesma construção também é um dos pontos da festa na Vila Carrão, apesar do redirecionamento dos elementos doados. O que a Casa doa aos mais necessitados são objetos hospitalares, cestas básicas e outros itens que, frente às necessidades, as entidades participantes da filantropia vão solicitando anualmente.

A quermesse surgiu também como um novo elemento da vida urbana, conforme já mencionado, partindo da ideia de construção da própria igreja católica, que, como forma de angariar fundos, fazia as quermesses nas praças, no entorno das paróquias. O próprio termo "quermesse" advém das festas a padroeiros efetivadas pelos padres em dias de santos.

Quando fala do início da reorganização da festa, inserindo a quermesse entre os dias mais importantes do calendário de Pentecostes, Dona Leonilda afirma:

A quermesse teve início por volta de 1979, mas uma coisa bem simples, um palco com som para apresentação de grupos folclóricos, havia venda de poucos produtos como a Massa Sovada e a Malassada. Atualmente a nossa quermesse envolve mais de 150 pessoas trabalhando nas barracas, fora toda a preparação que tem dos produtos como a alheira e a

⁵⁴⁴ BOMFIM, Paulo. Açorianos em São Paulo: Séculos XVI, XVII, XVIII e XIX. In: BARROSO, Vera Lúcia Maciel (Org.). **Açorianos no Brasil**. Porto Alegre: EST Edições, 2002. p.167.

linguiça que fazemos entre fevereiro e março. A nossa festa faz parte do calendário oficial da Prefeitura de São Paulo e tem todo o suporte da mesma. Temos a barraca da malassada, bolinho de bacalhau, churrasco, hot-dog, batata frita, peixinho (pescaria com brindes), fogazza, minipizza, vinho quente, quentão, linguiça, alheira e das bebidas. Visitam nossa quermesse cerca de 15.000 pessoas. Temos toda uma estrutura para a realização da quermesse. Há apoio da Polícia Militar da Guarda Metropolitana, do CET no fechamento da rua.⁵⁴⁵

A manutenção da Casa e seu funcionamento durante o ano são resultado também do trabalho realizado nas festas, pois, para garantir que sejam efetivadas, faz-se necessária a criação de um fundo, a fim de angariar valores que serão gastos com as próximas ações do ano.

A cada ano mais pessoas passam a conhecer a Vila e a participar das quermesses e das atividades propostas em calendário. Segundo levantamento da Casa, visitam a quermesse, que ocorre apenas durante dois dias no ano, no sábado e no domingo de Pentecostes, cerca de 15.000 pessoas, conforme já mencionado. Para os organizadores, tal frequência é uma forma de garantir o andamento da festividade e manter o interesse da comunidade açoriana.



Imagem 58 - Barracas da Festa do Divino.⁵⁴⁶

⁵⁴⁵ Depoimento de Leonilda dos Reis Jacob, em entrevista concedida em 27 de junho de 2009, na Casa dos Açores de São Paulo.

⁵⁴⁶ Imagem cedida pela Casa dos Açores de São Paulo (2008).

Nos Açores a festa é dimensionada de outra maneira, mantendo os elementos de sua construção, apesar de novas incorporações advindas da própria dinâmica cultural. Na Vila Carrão, a reelaboração da festa parte de alguns elementos trazidos dos Açores, mas a organização é totalmente distinta da que se vê ainda nas ilhas. Mesmo que as festas nas ilhas tenham incorporado, transformado e adaptado alguns elementos, sua configuração essencialmente permanece a mesma de antigamente.

Nas ilhas não existe a quermesse durante as festas do Divino, mesmo porque as celebrações, tanto as religiosas como as profanas, possuem uma configuração que vai sendo elaborada por cada uma das freguesias, cabendo notar que só na Ilha Terceira há 69 Impérios, os quais promovem suas festas de formas distintas. Cada um tem uma forma de organização, de condução das doações e também das ações dos fiéis e devotos.

No Brasil, nas mais variadas localidades, a essência da comemoração perdeu o sentido primário, que era dividir o bodo com os pobres. A Casa dos Açores tem como princípio a filantropia, ajudando entidades e pessoas com alimentos, objetos e materiais, mas a finalidade dos festejos já não se coaduna com aquela verificada nas ilhas de onde vieram os açorianos que efetivaram a reconstrução no bairro.

Todavia, as abordagens acerca da manutenção da festa na atualidade revelam também perspectivas distintas, como é o caso de uma análise antropológica da ressignificação simbólica das celebrações que acredita na continuidade dos elementos da festa peculiar aos Açores:

No caso da Vila Carrão, onde a pesquisa se desenvolveu, as prestações alimentares se mantêm, do mesmo modo que os ritos e celebrações. Num momento acredita-se estar mesmo no cenário dos Açores, seguindo a procissão das Coroas do Espírito Santo do Império, o local onde se encontra a casa açoriana, sendo conduzida pela banda marcial, até a Igreja próxima, pronta para receber a festa e rezar a missa em louvor a Pentecostes.⁵⁴⁷

⁵⁴⁷ HENYEI NETO, Gyorgy. **Identidade e ressignificação simbólica do açoriano dentro do movimento migratório para o Brasil: o caso da Vila Carrão.** p.07. Disponível em: <http://ufscar.academia.edu/GyorgyHenyeiNeto/Papers/304809/Identidade_e_resignificacao_simbolica_do_acoriano_dentro_do_movimento_migratorio_para_o_Brasil_o_caso_da_Vila_Carrao>. p.10.

A festa ora recriada e ressignificada no bairro trouxe alguns elementos das festas açorianas, mas, com a vinda para o meio urbano e, por conseguinte, a inserção dinâmica de outros elementos cotidianos, ela se refez a partir de práticas necessárias para a adaptação a esse novo lugar. A cidade possui outra dimensão, seja espacial, seja social, e, contextualizando os novos membros e as novas gerações, não se pode confirmar a crença de que há uma imersão imaginária de recriação do cenário dos Açores.

Os próprios descendentes de açorianos têm em sua memória o que foi contado pelos seus pais e avós, e participam da festa com uma imagem distanciada das terras açorianas. A própria construção da quermesse, que vende a culinária típica e outros elementos recreativos como a pescaria, além da incorporação da banda imitando a filarmônica, entre outros elementos de cunho lúdico, não possui o sentido de outrora.

No bairro o que se vê não se trata de incorporação de novos elementos, mas de uma ressignificação totalmente distinta das festividades dos Açores. Conforme apontado sobre a diferença do meio rural e do urbano, a cidade trouxe outras possibilidades, alterando o sentido individual e coletivo. O imaginário coletivo e o individual apenas tratam de armazenar a essência e a simbologia da festa, numa forma de retorno ao passado e de garantir a identificação de seus pares.

A comunidade açoriana que vive na Vila Carrão produz o que pode ser chamado de “grupo de semelhança”, “baseado, principalmente, num processo cognitivo de encontro, reencontro e assimilação das relações provenientes desses encontros”⁵⁴⁸.

As classes que podemos recortar no espaço social não existem como grupos reais embora expliquem a probabilidade de se constituírem em grupos práticos, famílias, clubes, associações e mesmo movimentos sindicais ou políticos. O que existe, é um espaço de relações o qual é tão real como um espaço geográfico, no qual as mudanças de lugar se pagam em trabalho, em esforços e, sobretudo em tempo [...].⁵⁴⁹

⁵⁴⁸ HENYEI NETO, Gyorgy. **Identidade e ressignificação simbólica do açoriano dentro do movimento migratório para o Brasil**: o caso da Vila Carrão. Disponível em: <http://ufscar.academia.edu/GyorgyHenyeiNeto/Papers/304809/Identidade_e_resignificacao_simbolica_do_acoriano_dentro_do_movimento_migratorio_para_o_Brasil_o_caso_da_Vila_Carrao>. p.08.

⁵⁴⁹ BOURDIEN, Pierre. **O poder simbólico**: memória e sociedade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. p.136.

Seguindo essa ideia, o que eles buscaram desde o início foi o “encontro”, e não a diferença entre os membros do grupo. “[...] esse grupo poderia ser classificado como uma utopia, já que é quase impossível supor uma universalidade e homogeneidade dentro de um grupo, o menor e mais centralizado que seja.”⁵⁵⁰

Para se pensar nessa nova construção do espaço, por meio das relações sociais ali estabelecidas, pode-se partir da premissa de que “a sociedade contemporânea corresponde a uma nova configuração: formação social que certamente possui suas raízes históricas, mas que hoje se consolida como um outro patamar”⁵⁵¹.

Esse espaço se constrói também a partir da ideia de que “local” é “um espaço restrito, bem delimitado, no interior do qual se desenrola a vida de um grupo ou de um conjunto de pessoas. Ele possui um contorno preciso, a ponto de se tornar baliza territorial para os hábitos cotidianos”⁵⁵².

4.4 (RE)CONSTRUÇÃO E RESSIGNIFICAÇÕES

Ao elaborarem os significados do grupo dentro da cidade, os imigrantes tiveram, de certa forma, a intenção de organizar as “igualdades”, ou seja, o sentido das representações culturais, que, pensado como “semelhança do grupo”, traz à tona uma discussão que perpassa pela reconstrução do que se pode chamar de nacionalismo. “A condição de emigrante dura o breve tempo da partida; à chegada, logo se passa à condição de imigrado, participação que bem indica uma participação numa nova condição, noutro país.”⁵⁵³

Ao se diferenciar dos demais, os açorianos refletem seus mecanismos de significados acerca do que é ser um grupo. Esses sujeitos históricos, por sinal, se inserem numa dinâmica que:

⁵⁵⁰ HENYEI NETO, Gyorgy. **Identidade e resignificação simbólica do açoriano dentro do movimento migratório para o Brasil**: o caso da Vila Carrão. Disponível em: <http://ufscar.academia.edu/GyorgyHenyeiNeto/Papers/304809/Identidade_e_resignificacao_simbolica_do_acoriano_dentro_do_movimento_migratorio_para_o_Brasil_o_caso_da_Vila_Carrao>. p.8-9.

⁵⁵¹ ORTIZ, Renato. **Um outro território**: ensaios sobre a mundialização. São Paulo: Olho d'Água, 1996. p.17.

⁵⁵² Ibidem. p.58.

⁵⁵³ MONTEIRO, P. F. **Emigração, o eterno mito do retorno**. Oeiras: Celta Editora, 1994.

[...] mantém certa hierarquia significativa, exigindo uma estrutura especial, onde se produz uma identidade de grupo. O grupo, assim, seria uma analogia às regras de fonologia e fonética, ao estabelecer um padrão possível dentro do qual se expressa o “significado” interno da razão de ser do grupo. Cada indivíduo seria, portanto, um dos diversos mecanismos pelos quais, os sons, seguindo as regras do grupo, se agrupam formando palavras, se revelando uma intrincada rede de relações cognitivas, que estabelecem, entre cada um de seus mecanismos, e dentro do “grupo-regra”, a semelhança.⁵⁵⁴

Em alguns outros lugares em que os açorianos se inseriram enquanto grupos de semelhança, buscando a proximidade de seus pares no que se refere às questões políticas, sociais e religiosas, a assimilação do novo território também fomenta a busca do que os diferencia dos demais. Tal busca fortalece os laços com a construção de suas representações sociais e culturais, nas quais se estabelecem francos elos com a religiosidade.

Essa premissa da religiosidade traduzida na reconstrução das festas do Divino parece ser o enfoque das redes sociais construídas pelos açorianos espalhados pelo mundo, nas quais se vê uma marca identitária.⁵⁵⁵

O ser Português é um processo de construção, desempenhando os demais alvos de comparação um papel determinante na construção da identidade nacional, “25 é “um misto de sonhador e de homem de acção, ou melhor, é um sonhador activo, a que não falta certo fundo prático e realista. A actividade portuguesa não tem raízes na vontade fria, mas alimenta-se da imaginação, do sonho, porque o Português é mais idealista, emotivo e imaginativo do que o homem de reflexão [...]. O Português é, sobretudo, profundamente humano, sensível, amoroso e bondoso, sem ser fraco. Não gosta de fazer sofrer e evita conflitos, mas ferido no seu orgulho, pode ser violento e cruel [...] há no Português uma enorme capacidade de adaptação a todas as coisas, idéias e seres, sem que isso implique perda de carácter. Foi esta faceta que lhe permitiu manter sempre a atitude de tolerância e que

⁵⁵⁴ “A semelhança nada mais é do que o processo cognitivo que delimita um limite, dentro do qual se pode estabelecer o mínimo de diferença que ainda possa se criar relações internas que se diferenciam mais das externas do que de outras dentro do grupo.” HENYEI NETO, Gyorgy. **Identidade e ressignificação simbólica do açoriano dentro do movimento migratório para o Brasil: o caso da Vila Carrão**. Disponível em: <http://ufscar.academia.edu/GyorgyHenyaiNeto/Papers/304809/Identidade_e_resignificacao_simbolica_do_acoriano_dentro_do_movimento_migratorio_para_o_Brasil_o_caso_da_Vila_Carrao>. p.09.

⁵⁵⁵ “Através das expressões das práticas e ritos religiosos, mais especificamente as festas do Divino Espírito Santo, são marcas identitárias e fazem parte do cotidiano açoriano.” Ibidem. p.10.

imprimiu à colonização portuguesa um carácter inconfundível: assimilação por adaptação.⁵⁵⁶

Esse processo de construção, assimilação e adaptação se constrói e se reconstrói à medida que os indivíduos do grupo buscam, por algum motivo, semelhanças com o país de origem, pois o sentimento de pertença a outro lugar, ainda latente em seu imaginário, é algo que tangencia a vida cotidiana, até que, pela inserção de novos elementos, como a rotina do trabalho, os amigos, lugares de visitação, relações sociais e demais formas de relacionamento, vão redirecionando suas vidas para a nova construção social, espacial e cultural.

Alguns elementos são responsáveis pela inserção de novos valores à vida cotidiana, mas, “uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida”⁵⁵⁷. Isso depende, de certa maneira, das relações estabelecidas nos lugares.

Cada espaço, criado ou recriado de acordo com os indivíduos que ali se instalam, se modela pelas experiências e pela realidade vivida, gerando um território, que ganha força conforme adeptos e semelhantes ali se instalam e condicionam o ritmo da vida, inserindo seus hábitos, costumes, linguagem, tradições e demais traços da cultura.

A cultura, sendo “um sistema de idéias, sabedoria, atitudes, técnicas, equipamento material, padrões de comportamento, literatura oral, danças, música, crenças mágicas e religiosas que caracterizam qualquer sociedade e constituem o seu patrimônio social”⁵⁵⁸, revela em alguns momentos e em lugares distintos a construção do território.

Outra discussão pertinente a essa construção se refere ao termo “açoriano”, que pode ser usado como indicação de sua origem geográfica, e não como designação do grupo como um todo. Não apenas pela questão de suas nove ilhas, mas pela própria relevância de se formar um conceito de identidade, muitas vezes a

⁵⁵⁶ DIAS, J. O essencial sobre os elementos fundamentais da cultura portuguesa. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1986. Apud: MOURA, Fernando Carlos. **A construção da identidade de uma comunidade imigrante portuguesa na Argentina (Escobar) e a Comunicação Social**. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem e Comunicação), Universidade Nova Lisboa, Lisboa, 2010. p.33.

⁵⁵⁷ HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p.21.

⁵⁵⁸ DIAS, A. Jorge. Cultura (conceito etnológico). In: SERRÃO, Joel (dir.). **Dicionário de História de Portugal**. Vol.I. Iniciativas Editoriais, 1963. p.767.

autodenominação e a designação efetivada por outros são de fundamental importância para forjar e manter a identidade de um grupo quando em contato com outros grupos.⁵⁵⁹

Essa percepção representa a ideia de se manter similaridades, considerando que são múltiplas, dinâmicas e reelaboradas temporal e espacialmente.

Ao longo do século XIX – e em certo sentido ainda nos dias atuais –, o nacionalismo constituiu um elemento essencial para o fortalecimento dos Estados, fornecendo o alicerce ideológico de que estas entidades políticas necessitavam para adquirirem legitimidade. As raízes dos diversos nacionalismos eram encontradas – ou inventadas – nas tradições populares, então “formalizadas e ritualizadas” como elementos originais, intrínsecos “desde sempre” a um determinado povo. Foi precisamente a partir das experiências híbridas e fronteiriças das vivências em condição neocolonial que se tornou possível visualizar a artificialidade de tais construções, uma vez que a unidade e a coerência exigidas da nação como narrativa não encontravam território propício no sincretismo das mediações culturais em espaço cultural híbrido.⁵⁶⁰

Para se compreender melhor a questão da construção das similaridades de um indivíduo ou grupo, é preciso entender que é um processo, ou seja, “é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento”⁵⁶¹. Portanto, é um processo pessoal e coletivo, a partir do qual cada indivíduo se define em relação ao grupo, que, por sua vez, se diferencia dos outros.

[...] a comunidade açoriana delimita um grupo de semelhança, estabelecendo relações de conflito e contraste com o meio externo. Desse modo, a produção dessa identidade de grupo segue parâmetros estabelecidos para se observar o nacionalismo, como expressão da nação, e a própria nação, como meio onde se produz o nacionalismo e a identidade. A comunidade açoriana em São Paulo, além de se produzir como distinto do meio brasileiro, do movimento português, também se cria como uma instituição que promove a expressão de um “quase-nacionalismo” próprio.⁵⁶²

⁵⁵⁹ BARTH, Fredrik. Os grupos étnicos e suas fronteiras. In: BARTH, Fredrik. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000. p.25-67.

⁵⁶⁰ TEIXEIRA, Felipe Charbel. Narrativa e Fronteira Cultural. **Fênix** - Revista de História e Estudos Culturais. Ano II, Vol.2, n.2. Núcleo de Estudos em História Social da Arte e da Cultura, abril/maio/junho de 2005. p.3-4.

⁵⁶¹ HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p.38.

⁵⁶² HENYEI NETO, Gyorgy. **Identidade e ressignificação simbólica do açoriano dentro do movimento migratório para o Brasil: o caso da Vila Carrão**. p.09. Disponível em: <<http://ufscar>.

Essa discussão sobre a criação de um novo ser, o açoriano, e o próprio conceito criado para uma “açorianidade” vem do querer ser diferente dos demais, de buscar um elo com os semelhantes e compartilhar com os demais as suas raízes, formando um elo com a nação de onde vieram. Isso revela a luta pelo espaço.

Ao forjarem a sua identidade, os grupos culturais não se imaginam apenas, como sugere Benedict Anderson no seu *Imagined Communities*. Eles não imaginam a sua comunidade do mesmo modo que imagina a China quem nunca lá foi. É por isso que seria mais exacto chamar-lhes “comunidades mentais”, para acentuar que elas existem na mente das pessoas como realidades autênticas e não fantasiadas. Todavia, pelo facto de serem mentalmente concebidas, essas conexões colectivas não são imaginadas apenas. Essa proposta não resolve também o problema, pois não precisa a natureza dessas realidades mentais. Parece-me assim igualmente insuficiente a hoje muito divulgada expressão “lugar de memória”, com que Pierre Nora procurou captar a ideia de nação. Como tentei demonstrar noutro lugar, a memória é apenas um dos elementos integrantes do processo de identidade.⁵⁶³

Existem, ao mesmo tempo, afirmações sobre o conceito de “açorianidade” propostas e legitimadas ou defendidas que, logicamente, não podem deixar de ser percebidas enquanto discursos políticos.

Na construção da Casa dos Açores de São Paulo, verifica-se um apanhado de considerações sobre como foi recriada a Festa do Divino e por que ela foi uma forma de condensar os açorianos da Vila. Na sua reformulação, um grupo de açorianos almejou reinventar a forma religiosa da festa, como um meio de agrupar os conterrâneos, mas também como forma de garantir um elo com os Açores e se estabelecerem no espaço por eles definido. Essa invenção do espaço, da festa e das manifestações foi uma forma de forjar o espaço, sob a perspectiva de ser “açoriano” e de manter vínculos com as ilhas.

Açorianidade é aquilo que são e querem ser os açorianos. E esse conceito alargar-se-á sempre que o mundo de qualquer açoriano se alargar mais. É a açorianidade que se alarga também. Mesmo quando de lá se sai. As características

academia.edu/GyorgyHenyeiNeto/Papers/304809/Identidade_e_reassignificacao_simbolica_do_acoria_no_dentro_do_movimento_migratorio_para_o_Brasil_o_caso_da_Vila_Carrao>.

⁵⁶³ ALMEIDA, Onésimo Teotônio. Identidade nacional - algumas achegas ao debate português. **Revista Semear**. n.5. **Rio de Janeiro**: Cátedra Padre António Vieira de Estudos Portugueses, 2000. Disponível em: <http://www.letras.puc-rio.br/catedra/revista/5Sem_13.html>.

comportamentais poderão ser um modo de ser especial que viaja com cada açoriano, por força de mecanismos materiais. Dentro ou fora das ilhas. A açorianidade deve ser acima de tudo e apenas, um assumir-se o passado tal como foi, um interessar-se pelo presente e preocupar-se com o futuro.⁵⁶⁴

A criação de um espaço açoriano traz à tona a discussão da legitimação das origens e, de certa forma, impõe continuidades culturais. Há de se perceber os desvios, alterações, transformações, incorporações, retornos, continuidades e também descontinuidades, pois os indivíduos se constroem e reconstroem no acontecer cultural do dia a dia, reelaborando e ressignificando sua forma de viver na cidade.

O discurso da açorianidade atravessou o século XX, vindo a constituir-se hoje, como mote unificador da crescente aproximação, intercâmbio e valorização mútua entre os Açores e as comunidades de emigrantes e descendentes espalhadas pelos Estados Unidos, Canadá, Brasil, Havaí, Venezuela e Bermudas.⁵⁶⁵

Ao pensar sobre formas de legitimar o espaço, vislumbrando-o enquanto um território açoriano, muitas localidades onde a emigração floresceu, percebe-se esse conceito criado nos anos de 1980, como uma forma de legitimar a cultura.

Quando questionado sobre o retorno aos Açores ou a continuidade em São Paulo, o Senhor Manuel de Medeiros faz uma colocação relevante para essa discussão:

Não sei se eu voltaria, eu acho uma vida meio esquisita, até se me ocupar, tiver uma ocupação... eu acho a gente quando vai passear é uma coisa, pra morar é outra coisa. Até se eu me ocupasse em alguma coisa. Se eu fosse fazer um trabalho, se eu tivesse trabalhando e tal eu acho é claro poxa, acha que eu não vou me acostumar na minha Terra, como é que vai

⁵⁶⁴ NUNES, Lélia Pereira S. **Açorianidade** - algumas (re)considerações - Onésimo Teotónio Almeida. Excerto da comunicação apresentada no colóquio "Mundividades da Açorianidade", realizado na Universidade dos Açores. 18 de dezembro de 2009. Disponível em: <<http://tv1.rtp.pt/icmblogs/rtp/comunidades/?k=Acorianidade-%96-algumas-reconsideracoesOnesimo-Teotonio-Almeida.rtp&post=18596>>.

⁵⁶⁵ LACERDA, Eugênio Pascele. **O Atlântico Açoriano**: uma antropologia dos contextos globais e locais da açorianidade. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Centro de Filosofia e Ciências Humanas - Departamento de Antropologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003. p.11.

fazer?... Mas de todos esses países que eu vivi eu não me acostumaria fora de São Paulo não!⁵⁶⁶

Essa colocação interfere nessa questão da tentativa de se formar um “quase-nacionalismo”, pois as forças que interagem na construção do espaço também são feitas por meio de lutas. E as semelhanças buscadas por meio da Casa dos Açores e de ações individuais, ou mesmo do grupo, também se inscrevem na forma de almejar o nacionalismo e, em contrapartida, garantir suas ações na cidade.

O homem e a mulher açorianos são, basicamente, o homem e a mulher da mundividência de princípios do século XV, isto é [...] o Açoriano do limiar do século XXI não escapa à evolução rápida das sociedades, nomeadamente as rurais. Felizmente nestas aumenta uma consciência de preservação das tradições e do folclore, mantendo-se grupos folclóricos, grupos de teatro, festividades que persistem e são hoje conserváveis pelas facilidades da tecnologia.⁵⁶⁷

Essa ideia de construção de um açoriano que se iguala no tempo e no espaço é problemática, pois cada indivíduo se constrói indiferentemente do grupo. O que os difere dos demais de outras ilhas, de outras localidades no Brasil seria a própria construção dele enquanto ser, independentemente das ações do grupo para manter ou não elos com as características individuais e coletivas formadas nas ilhas antes de sua vinda.

[...] na prática, o discurso da açorianidade traduz uma forma de legitimação de um certo repertório de tradições populares, tanto das ilhas quanto das comunidades de emigrados e descendentes. Tornando-as objeto de demonstração e objetificação das raízes açorianas, seja na região do Arquipélago, seja fora dele, a açorianidade, emblematizando a hipótese de uma identidade cultural translocalizada, vai justificar a existência, anunciação ou reconhecimento, aqui e acolá, de inúmeras manifestações culturais tradicionais dos Açores como por exemplo, as Festas do Espírito Santo, touradas, “ranchos folclóricos”, danças típicas, modas literárias, além da literatura oral, romanceiros, cancioneros, irmandades religiosas, poesia popular, a cultura da saudade, a arte sacra dos padroeiros, artesanatos, tecnologias de trabalho, usos e costumes, etc.⁵⁶⁸

⁵⁶⁶ Depoimento do Senhor Manuel de Medeiros, em entrevista concedida em 03/06/2008.

⁵⁶⁷ PIRES, Antonio Machado. **O Homem Açoriano e a Açorianidade**. s/d. Disponível em: <<http://www.ceha-madeira.net/canarias/hia33.html>>. Acesso em: 20/10/2010.

⁵⁶⁸ LACERDA, Eugênio Pascele. **O Atlântico Açoriano: uma antropologia dos contextos globais e locais da açorianidade**. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Centro de Filosofia e Ciências

O elo com o lugar partiu em São Paulo da própria relação com o território da festa, construído com o intuito de trazer para as proximidades o maior número de açorianos e não açorianos possível, para participarem das festividades religiosas de Pentecostes, mas também legitimar suas ações no lugar. A participação das pessoas na festa também advém da construção do espaço e do território, pois ali se condensam atitudes, formas de viver o cotidiano, expressões, costumes e hábitos, formando um mosaico cultural.

Sobre a mesma festa no Rio de Janeiro, algumas peculiaridades são visualizadas na construção social do lugar, de forma semelhante ao processo que ocorre em São Paulo:

É possível afirmar que indivíduos participam da festa à medida que estejam inseridos de algum modo numa rede de parentesco e de relações pessoais. As unidades sociais de participação são “famílias”: famílias nucleares e famílias extensas, mais compadres, vizinhos, amigos. Cada membro da irmandade participa da festa enquanto pai, avô, filho, irmão, tio, cunhado, genro, etc. É na condição de chefe de uma família, ocupando o centro de uma rede de relações de parentesco, que ele pode assumir a direção da festa.⁵⁶⁹

Na Vila Carrão, a busca de novos adeptos da festa também parte do elo com parentes, familiares e vizinhos, numa forma de condensar no espaço um cenário de identificação do grupo na cidade. Essa luta pela busca de similaridades é o princípio da legitimação do grupo no território que também foi construído por eles.

As lutas a respeito da identidade étnica ou regional, quer dizer a respeito de propriedades (estigmas ou emblemas) ligadas à origem através do lugar de origem e dos sinais duradouros que lhes são correlativos, como o sotaque, são um caso particular das lutas das classificações e lutas pelo monopólio (caso) de fazer ver e fazer crer, de dar a conhecer e de fazer reconhecer, de impor a definição legítima das divisões do mundo social e, por este meio, de fazer e de desfazer os grupos.⁵⁷⁰

Humanas - Departamento de Antropologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003. p.11.

⁵⁶⁹ GONÇALVES, José Reginaldo Santos; COTINS, Márcia. Entre o Divino e os Homens: A Arte nas festas do Divino Espírito Santo. **Horizontes Antropológicos**. Vol.14, n.29. Porto Alegre, jan./jun. 2008. p.76. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832008000100004>.

⁵⁷⁰ BOURDIEN, Pierre. **O poder simbólico**: memória e sociedade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. p.113.

Sobre as tradições e demais traços da cultura açoriana, os membros da Casa dos Açores, enquanto grupo, rezam o terço⁵⁷¹ cantado, considerando o ato como um ritual das ilhas. Segundo a Dona Leonilda, na própria festa do Divino incluem-se as tradições açorianas:

A Festa do Divino ela acaba englobando alguns itens como a folia, os terços, a matança do boi, do porco. Temos o Grupo Folclórico que representa o folclore açoriano com trajes típicos e sua música que representamos todas as ilhas do arquipélago. Temos anualmente a Semana Cultural que a cada ano é escolhido um tema, ela ocorre sempre no mês de outubro. Temos os Romeiros que se apresentam na Semana Cultural. Temos a culinária açoriana com a Massa Sovada, o Alcatra à moda da Terceira, Bolos, Pão de trigo, o Feijão Branco e a Morcela.⁵⁷²

Seguindo essa denominação de tradição, eles trazem nos mistérios alguns elementos que remetem à própria criação do evangelho católico. Assim, dividem os terços em mistérios gozosos, que ocorrem nas segundas e sábados, mistérios dolorosos, que ocorrem nas terças e sextas-feiras, mistérios gloriosos, que ocorrem nas quartas e domingos, e mistérios luminosos, que ocorrem nas quintas-feiras.

A nossa Festa do Divino constitui um grande evento na nossa região. Sua programação inclui todos os aspectos tradicionais que lhe são peculiares. Referimo-nos aos terços que são rezados diariamente e cantados à moda da Bretanha, São Miguel, até a coroação das crianças na missa do Pentecostes.⁵⁷³

⁵⁷¹ “O rosário, o saltério da Santíssima Virgem, é uma oração piedosa e simples a Deus, ao alcance de todos. Consiste em louvar a Maria repetindo a saudação do anjo 150 vezes, como os salmos do rei Davi, intercalando entre cada dezena o pai-nosso e uma breve meditação ilustrativa da vida de nosso Senhor Jesus Cristo. Como ponto de partida deste artigo, escolhemos a definição de rosário dada pelo Papa Pio V. Achamos que ela contém de modo admirável e sintético a essência e a configuração do rosário. A bula Consueverunt é um ponto-chave na complexa história desta devoção, e determina, nela, uma etapa fundamental. A história do rosário não nasce com ela, mas é graças a ela que acontece uma espécie de consagração oficial e são fixadas as suas formas, substancialmente as mesmas de hoje. Os momentos históricos determinantes do desenvolvimento do rosário estão entre os séculos XII e XVI. É no início do século XII que começa a se difundir a oração da Ave-Maria.” STAIDA, Pe. Ennio Domenico. **História do terço: Tradição e redescoberta da "doce coroa que nos une a Deus"**. Disponível em: <<http://es.catholic.net/sacerdotes/558/1655/articulo.php?id=14558>>. Acesso em: 12/09/2010

⁵⁷² Depoimento de Leonilda dos Reis Jacob, em entrevista concedida em 27 de junho de 2009, na Casa dos Açores de São Paulo.

⁵⁷³ QUENTAL, Afonso. *Tertúlia Açoriana* - Marcelo Guerra e António Arruda, Casa dos Açores de São Paulo. **Correio dos Açores**. Ano 91, n.26548. Ponta Delgada, Ilha de S. Miguel - Açores: Gráfica Açoreana, 12 de agosto de 2010. p.18.

Nos Açores, em especial na Ilha Terceira⁵⁷⁴, o terço é rezado seguindo a própria relação de sua concepção para o catolicismo. Assim, foi concebido como forma de contemplar uma etapa da vida de Jesus e o mistério da salvação; rezá-lo é mais que fazer uma oração centrada em Cristo, contemplando também Nossa Senhora nos mistérios da salvação.

Há uma distinção entre o “terço rezado” e o “terço cantado”. O último é uma elaboração propriamente açoriana do terço e classificado pelos padres como uma “tradição”. Essa distinção é especialmente importante do ponto de vista da Igreja Católica, já que esta tolera, mas não reconhece oficialmente aquela modalidade de prece.⁵⁷⁵

Na Ilha de São Miguel, os terços são rezados e cantados. Isso faz parte de uma história que traz as romarias e a própria criação dos espetáculos festivos de folias como centro de sua inserção, que parte nas diferentes ilhas de construções distintas. Essa questão pode ser pensada a partir da seguinte colocação:

Da prática religiosa fazem também parte os cantos das romarias quaresmais, singulares da ilha de S. Miguel. É uma manifestação de intenção penitencial que, segundo fontes antigas, remontam ao século XVI na sequência de abalos sísmicos e erupções vulcânicas que aterrorizavam a população micalense. Nelas a música desempenha um papel de relevo. O principal cântico entoado pelos romeiros é o da *Ave Maria*, seguindo-se a recitação dos terços com as orações ao *Pai Nosso*, *Salve Rainha* e *Credo*, entre outras preces inerentes a este cerimonial. As melodias apresentam características modais e são executadas de forma monódica.⁵⁷⁶

⁵⁷⁴ Segundo consta, o início dos terços cantados se deu em momentos de naufrágios nas Ilhas. “O Padre António Vieira permaneceu na Terceira durante mais algum tempo, iniciando também aqui a devoção do terço, que pela primeira vez foi cantado na igreja da Boa Nova. Da Terceira passou a São Miguel e daqui embarcou a bordo de um navio inglês para Lisboa, a 24 de Outubro de 1654.” Cf.: PORTUGAL WEB. **O naufrágio do Padre António Vieira (1654), Ilha do Corvo**. Disponível em: <<http://www.portugalweb.net/arqueologia/sub/naufragios.asp>>. Acesso em: 12/08/2010.

⁵⁷⁵ GONÇALVES, José Reginaldo Santos; COTINS, Márcia. Entre o Divino e os Homens: A Arte nas festas do Divino Espírito Santo. **Horizontes Antropológicos**. Vol.14, n.29. Porto Alegre, jan./jun. 2008. p.81. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832008000100004>.

⁵⁷⁶ CENTRO DE CONHECIMENTO DOS AÇORES. **Música Religiosa**. Disponível em: <<http://pg.azores.gov.pt/drac/cca/enciclopedia/ver.aspx?id=8902>>. Acesso em: 22/10/2010.

Outras tradições abordadas por Dona Leonilda incluem o grupo folclórico, que traz em seus trajes típicos a memória do grupo nas Ilhas, e as cantigas de memória, tais como:

Açores e suas ilhas (Casa dos Açores - SP), Aos Açores (todas as Ilhas), Sapateia (Ilha de São Miguel), Bela Aurora (Ilha Terceira), Carinhosas (Ilha Terceira), Ladrão (Ilha de São Jorge), Mateus, Mateus (Ilha do Pico), Pezinho da Vila (Ilha de São Miguel), Pezinho do Pico (Ilha do Pico), Olhos Pretos (todas as Ilhas), Balho da Povoação (Ilha de São Miguel), Balho das Fitas (todas as Ilhas), Balho Furado (todas as Ilhas), Eu cá sei (Ilha do Faial), Chamateia (Ilha Terceira), Boi de Mar (Ilha do Pico), Merciana (Ilha de São Miguel), Chamarrita (Ilha Terceira), Viradinha (Ilha Terceira), Amor do Estudante (Ilha Terceira), Mané Chiné (Ilha do Pico), Os Bravos (Ilha Terceira), Lira (todas as Ilhas), Rema (Ilha das Flores), O Pai do Ladrão (Ilha Terceira), Pêssegos (Ilha de São Jorge), Vacas Lavradas (Ilha do Corvo), Palmas (Ilha do Pico), O Ladrão da Noite (Ilha Terceira), Erró (Ilha de São Miguel), Sapateia da Salga (Ilha de São Miguel), Balancé (Ilha Terceira) e Manjerição da Serra (Ilha de São Miguel).⁵⁷⁷



Imagem 59 - 27º Aniversário do Grupo Folclórico da Casa dos Açores de SP.⁵⁷⁸

Além das cantigas, danças e apresentações que o grupo realiza na Casa, seus membros são convidados a participar de diversos eventos na cidade, como forma de divulgar tanto a Casa dos Açores como o próprio grupo. Entre as

⁵⁷⁷ CASA DOS AÇORES DE SÃO PAULO. **Grupo Folclórico:** Músicas. Disponível em: <http://www.casadosacores.com/grupo_musicas.html>. Acesso em: 22/11/2010.

⁵⁷⁸ Fonte: Ibidem.

atividades mais comuns de que participam estão semanas culturais, festas juninas, festas portuguesas, entre outros festejos de cunho sociocultural.

O evento tradicionalmente concebido como “Revelando São Paulo” tem o intuito de divulgar a cultura rural e urbana paulista, trazendo romeiros das mais variadas cidades do interior do Estado, bem como promover um encontro entre os grupos e demonstrar as especificidades desses sujeitos para os milhares de visitantes.

Através do programa Revelando São Paulo a Abaçai Cultura e Arte, em parceria com a Secretaria de Estado da Cultura, vem reunindo há mais de uma década, uma amostragem significativa da cultura tradicional em São Paulo, dando a conhecer aos paulistas e ao Brasil, aspectos desconhecidos ou pouco divulgados da vida em São Paulo, refletindo o mais possível, nossa diversidade cultural, promovendo o encontro do rural com o urbano, do tradicional com a mídia. Nesse encontro, os “artistas”, os “sujeitos das ações”, são nossos congadeiros, moçambiqueiros, foliões do Divino e de Santos Reis, são gonçaleiros e catireiros, violeiros, romeiros, cavalarianos e artesãos de várias procedências de nosso Estado. É sobre eles que se ajustam os focos. E a parceria que se estabelece com as prefeituras para sua realização tem feito estreitar os vínculos das administrações locais com as expressões culturais mais espontâneas de suas regiões, fazendo o intercâmbio e a interação entre os grupos nas festas, fato tímido até então. Além do Festival da Cultura Paulista Tradicional realizado na cidade de São Paulo, este programa desenvolve outros dois festivais regionais, que dão conta das peculiaridades da cultura tradicional nas regiões do Vale do Paraíba e do Vale do Ribeira, Região Alta Mogiana, Região Bragantina e Bauru.⁵⁷⁹

Nesse evento aglomeram-se multidões para conhecer as mais diversas práticas culturais étnicas e imigrantistas do Estado. Muitas atividades ocorrem durante o evento, que se tornou itinerante. Os açorianos já participam há alguns anos e levam, como todos os outros grupos, a mensagem de sua culinária, sua festa e seus costumes, de forma a identificá-los enquanto grupo que vive na Zona Leste da cidade e que tem na Casa dos Açores a manutenção de suas tradições.

⁵⁷⁹ Cf.: SÃO PAULO (ESTADO). Secretaria de Estado da Cultura. Abaçai Cultura e Arte. **Revelando São Paulo** - o que é. Disponível em: <<http://www.abacai.org.br/revelando.php>>. Acesso em: 08/07/2010.



Imagem 60 - Evento “Revelando São Paulo” (2009).⁵⁸⁰

No evento se fazem presentes a culinária, um espaço para os símbolos do Divino, a procissão dos membros da Casa e a venda de bolinhos de bacalhau, doces portugueses, pão sovado, caldo verde, linguiças, alheiras, entre outros.

No que diz respeito à culinária açoriana que a Casa oferece nos eventos realizados durante o ano, as receitas mais comuns são a massa sovada, o alcatra à moda da Terceira, bolos, pão de trigo, o feijão branco, a morcela e as alheiras. O cozido açoriano é o prato mais conhecido dos membros da Casa, além da alcatra, muito apreciada nos Açores. As linguiças, morcelas e alheiras são elaboradas em dias de festa de rua, como as quermesses, e na maioria dos eventos da Casa. O calendário ainda oferece a bacalhoadada, os bolinhos de bacalhau, a massa sovada, os pães, bolos e demais pratos típicos das ilhas de onde vieram.

Nessa perspectiva, pode-se dizer que a comida é um “sistema culinário”, pois “faz parte de um conjunto social e cultural, enfatizando as relações sociais e simbólicas em que ela está inserida e nas quais age”⁵⁸¹. O que foi reconstruído na Casa foram alguns pratos que contêm os sabores da memória, geralmente os que eram elaborados por seus antepassados nas ilhas e feitos em dias de Festa do Divino.

⁵⁸⁰ Fonte: CASA DOS AÇORES DE SÃO PAULO. Grupo Folclórico: Músicas. Disponível em: <http://www.casadosacores.com/grupo_fotos.html>. Acesso em: 22/11/2010.

⁵⁸¹ BITAR, Nina Pinheiro. Orixás, santos e baianas: relações entre comida e dádiva no contexto das religiões afro-brasileiras. Disponível em: <<http://www.ram2009.unsam.edu.ar/GT/GT%2065%20-%20Experi%C3%A7%C3%A3oReligiosas%20na%20Contemporaneidade%20identidades,%20fronteiras%20e%20movimentos%20%C3%A9tnico-reli/GT65-Ponencia%20%5BBitar%5D.pdf>>. Acesso em: 12/01/2011.

[...] Há um processo que eu chamo de tradição seletiva: aquela que, nos termos de uma cultura efetiva dominante, é passada adiante de maneira dissimulada como “a tradição”, o “passado significativo”. Porém, o ponto principal é sempre a seletividade, a maneira pela qual, de toda uma possível área de passado e presente, certos sentidos e práticas são escolhidos para ênfase, enquanto outros sentidos e práticas são negligenciados e excluídos. De maneira ainda mais crucial, algum desses sentidos e práticas são reinterpretados, diluídos ou colocados sob formas que apóiam, ou pelo menos não contradizem, outros elementos da cultura efetiva dominante.⁵⁸²



Imagem 61 - Cozido Açoriano.⁵⁸³

O cozido açoriano é o prato mais popular das festas nos Açores, porém, em São Paulo, por conta da dinâmica da festa, não está entre os alimentos vendidos. A escolha do alimento e das representações materiais da cultura é seletiva, a partir do sentido que o grupo decidiu recriar ou manter de algum modo, considerando que parte da memória que é:

[...] vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações.⁵⁸⁴

⁵⁸² WILLIAMS, Raymond. Base and Superstructure in Marxist cultural theory. **New Left Review**. n.82. London, 1973. p.9.

⁵⁸³ Fonte: CASA DOS AÇORES DE SÃO PAULO. Grupo Folclórico: Músicas. Disponível em: <http://www.casadosacores.com/grupo_fotos.html>. Acesso em: 22/11/2010.

⁵⁸⁴ NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História**. n.10. São Paulo: PUC, dez. 1993. p.09.

A memória traz os vestígios do que se quer manter, alterar ou recriar, considerando as manipulações conscientes e inconscientes que acarretam a transformação das tradições.

Uma das formas de lembrar-se dos tempos nos Açores são os costumes, hábitos e tradições e também as formas de viver o cotidiano. Quando se lembram de algumas tradições que vivenciaram, percebem que o sentido foi alterado, a sociabilidade e a união eram formas de viver o tempo da festa, a sua construção, e a direção que tomou não expressa mais essas características na atualidade.

Da matança do boi e do porco alguns homens participavam. Às mulheres cabia a preparação dos pratos. Apesar de ser tradicional, muito pouco se menciona sobre essa prática. Quando fala sobre isso, o Senhor Henrique lembra que a matança do porco era muito importante na comunidade lá nos Açores. “A cerimônia era ‘sagrada’. Participavam os parentes, amigos e vizinhos para a prática desse costume. Era o dia inteiro, até a preparação do chouriço, da morcela, do torresmo, da banha.”⁵⁸⁵

Na Casa atualmente há a matança sem o ritual organizado pelos homens como era nos Açores. Eles recebem as doações de bois e os açougueiros vão até o local para fazer o corte da carne, que é doada posteriormente para as comunidades carentes.

Quando comenta sobre a morte dos animais, o Senhor José de Arruda Soares não menciona a “matança”, e sim a simples morte do animal, sem o ritual anteriormente ligado à festa. Faz-se necessário o apoio dos açougueiros, como é o caso dele, mas não para ritualizar, e sim para desossar e fazer os cortes corretos da carne.

As festas que fui ensinado por exemplo, essa festa do Espírito Santo na Casa dos Açores que participo desde o começo e adoro essa festa, eu costumo falar quando a gente se junta... Eu trabalho aqui como açougueiro porque era açougueiro, Manuel Medeiros que é o fundador da Casa ele dá dois bois os irmãos também dão e eu vou lá matar os bois, matar os bois não, quem mata são os peões eu vou lá pra descarnar e aqui a gente desossa essas carnes que é tudo pra doar... Só que eu fui naquela semana que é o forte daqui. Aí tem as cozinheiras,

⁵⁸⁵ Depoimento de Henrique de Arruda Soares, em entrevista concedida em 07 de julho de 2008.

tem os açougueiros, tem tudo, tem as folias, tem tudo isso daí... Então essa tradição vem de Portugal.⁵⁸⁶

O que se percebe na Vila é que a configuração da festa se transformou quase totalmente, adaptando-se à cidade, aos valores e às condições econômicas e sociais da temporalidade. Tendo em vista a própria ideia de dinâmica cultural, a inserção de outras necessidades temporais e a organização da cidade geográfica e estrutural, não há como trazer elementos que no passado eram comuns ou que nos Açores ainda se constroem.

As características da cidade transformaram o cotidiano e o tempo das festas, reduzindo as atividades, pois às mulheres cabia a elaboração dos pratos, enquanto no atual contexto social e cotidiano outras tarefas fazem parte do seu dia a dia. A construção da festa se tornou algo secundário, depois das atividades necessárias, como o trabalho externo, a vida familiar e os demais desdobramentos da vida urbana.

Apesar de toda transformação nas ilhas, o meio ainda traz elementos rurais, os bois ainda são criados pelas famílias, ainda se fazem os pães gigantes, os bodos, as romarias, as procissões e as festas mais variadas dentro do calendário anual de cada freguesia. A relação com o lugar é outra. A cidade de São Paulo, além de ser uma das maiores cidades do mundo, ainda revela um cotidiano muito diverso do que se nota nos Açores.

Manter as semelhanças ou legitimar a política da açorianidade é, apesar de todos os elementos resguardados e recriados, uma forma de ressignificar o nacionalismo, a festa, os hábitos e costumes na contemporaneidade.

As relações sociais entre a comunidade açoriana e a Igreja continuam sendo construídas a partir do fundamento religioso, aliado ao discurso sobre a manutenção da comunidade pertencente à fé e ao espaço sagrado que se recria na mesma medida.

De todas as tradições açorianas, o que se manteve no grupo foi a reelaboração da Festa do Divino, enquanto elo de fé e de semelhança entre os indivíduos que vieram para São Paulo.

⁵⁸⁶ Depoimento do Sr. José de Arruda Soares – sobre a matança do boi –, em entrevista concedida em 07 de julho de 2008.

Toda festa, mesmo quando puramente laica em suas origens, tem certas características de cerimônias religiosas, pois, em todos os casos ela tem por efeito aproximar os indivíduos, colocar em movimento as massas e suscitar assim um estado de efervescência, às vezes mesmo de delírio, que não é desprovido de parentesco com o estado religioso.⁵⁸⁷

Fator que motivou a fundação da Casa dos Açores de São Paulo, conforme já mencionado anteriormente, a recriação das festas do Divino Espírito Santo enquanto meio de agrupar os açorianos foi uma forma de (re)construção social dos indivíduos que vieram dos Açores nas décadas de 1950 a 1960, mas, ao mesmo tempo, foi também uma apologia do conceito de tradição.

É com estima que são realizadas as celebrações e festas aqui no Brasil. Tanto dedicadas ao Senhor Santo Cristo dos Milagres, a Nossa Senhora de Fátima onde estão presentes nas nossas cerimônias religiosas. Por não haver espaço suficiente na sede da Casa dos Açores, obtemos autorização e apoio da nossa Prefeitura Regional para ocupação da via pública. No dia 13 de maio, dedicado a Nossa Senhora de Fátima é rezada a missa. É em um único dia de dedicações então são lembrados e se fazem presentes na procissão do Divino Espírito Santo. As imagens do Senhor de Santo Cristo e a de Nossa Senhora de Fátima, e do Espírito Santo, representado pelas sete coroas e Bandeira do Divino estão sempre presentes nas cerimônias religiosas e festas. Faço questão de ser um membro para carregar o andor do Senhor Santo Cristo e de Nossa Senhora de Fátima. Este ano de 2008 não carreguei, por me encontrar lá nos Açores.⁵⁸⁸

Quando falam de sua religiosidade e mesmo de suas tradições, quase sempre se referem às festas religiosas e à organização social a partir dos preceitos de religiosidade, condicionando os atos cotidianos ao calendário cristão.

A fim de repensar a questão da religiosidade enquanto fundamento social motivador da recriação das festas, partindo-se do princípio de que é um conjunto de rituais do catolicismo popular, com proporções de elementos religiosos e outros populares, que ganhou força em todos os lugares onde os açorianos foram protagonistas da imigração, tem-se uma noção de que:

⁵⁸⁷ DURKHEIN, E. **Formas Elementares da Vida Religiosa**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1996. p.417.

⁵⁸⁸ Depoimento de Henrique de Arruda Soares, em entrevista concedida em 07 de julho de 2008.

É, essencialmente, uma festa de pagamento de promessas, uma festa de doação, não só dos alimentos distribuídos, mas do tempo utilizado na preparação da festa, na decoração das casas e ruas, na confecção desses alimentos, oferendas tradicionais.⁵⁸⁹

Essa conotação foi também reelaborada juntamente com a inserção na cidade. O fundo religioso encontra-se presente nas esferas do cotidiano dos açorianos desde a vinda das ilhas. Seus sucessores, tendo em vista os ensinamentos, são levados a participar das atividades da Casa, mas acabam se desvinculando em certos momentos da vida. Num processo circular, alguns acabam retornando e reelaborando seus conceitos ao participarem das festas e da devoção ao Divino.

Na contemporaneidade, seguindo esse referencial, novas festas são inventadas ou re(inventadas) com elementos novos, os quais são incorporados a esse “ato religioso antigo” e expressos na sociedade atual. Essa reinvenção da festa caracteriza um importante elemento da pós-modernidade, porque incorpora um aspecto essencial da experiência religiosa – o retorno ao sagrado.⁵⁹⁰

Desse modo, o retorno ao sagrado ou mesmo a circularidade cultural⁵⁹¹ possui uma conotação incutida pelos condicionamentos sociais. A religião e as festas passam a fazer parte do universo de alguns membros da comunidade que não tinham em suas memórias o contato com o passado.

Os filhos dos açorianos, na sua maioria, acabam por modificar seus hábitos frente à vida na cidade, e não parecem compactuar a todo o tempo com a fé de seus antecessores.

⁵⁸⁹ ROCHA, Maria de Fátima Sopas. **O Divino Espírito Santo D'aquém e D'além Mar**: estudo terminológico. p.144. Disponível em: <<http://www.simelp2009.uevora.pt/pdf/slq44/08.pdf>>. Acesso em: 08/12/2010.

⁵⁹⁰ D'ABADIA, Maria Idelma; ALMEIDA, M. G. Festas Religiosas e Pós Modernidade. **GEONORDESTE**. Ano XX, n. 2. Revista de Pós-Graduação em Geografia. São Cristóvão - CE, ago. 2010. p.66.

⁵⁹¹ “A cultura popular, segundo Ginzburg se define antes de tudo pela sua oposição à cultura letrada ou oficial das classes dominantes, o que confirma a preocupação do autor em recuperar o conflito de classes em uma dimensão sociocultural. Mas a cultura popular se define também, de outro lado, pelas relações que mantém com a cultura dominante, filtrada pelas classes subalternas segundo seus próprios valores e condições de vida. É a propósito dessa dinâmica entre os níveis culturais popular e erudito, pois também a cultura letrada filtra à sua moda os elementos da cultura popular que Carlo Ginzburg propõe o conceito de circularidade cultural.” VAINFAS, Ronaldo. **Os protagonistas anônimos da história**: micro-história. Rio de Janeiro: Campus, 2002. p.61.

Tenho dois filhos, um filho e uma filha. Tenho três netos e eles casaram, estão casados. O meu filho já tem 42 anos e a minha filha tem 40/41 anos; tem a diferença de 1 ano um do outro. E os dois são casados, os dois têm filhos, mas eles não são tão ligados não. Não participam ativamente. Até participam, eles não são seguidores, vai, entendeu? Se eu falecer eles... se eu depender deles, por exemplo, já não... Acabaria ali... Eles me ajudam quando a gente precisa. Que nem agora eu sou mordomo das festas este ano e a minha filha está me dando uma mão muito forte, a minha nora, entendeu? Então eles ajudam sim... Mas não é... Não são fanáticos, por eles sozinhos eles não vão lá. Tem que insistir aí eles vão. Caso contrário não. Mas são gente fabulosa...⁵⁹²

Nesse caso, o que se pode observar é que, mesmo sendo ele o fundador da Casa, a participação de seus filhos ocorre apenas eventualmente. O compromisso com o lugar não tem a mesma conotação nem a mesma relevância que para os açorianos que nasceram nas Ilhas, pois não são seus lugares de memória.⁵⁹³

Essa busca pela semelhança adquire um fundamento nas questões de pertencimento ao espaço. A construção deste se deu, em grande medida, para organizar o grupo e suas festividades religiosas, questões pouco vistas na contemporaneidade pelos não adeptos à fé ou aos valores anteriormente embutidos na vida cotidiana. No entanto, “se a experiência religiosa é a experiência de um êxodo, trata-se provavelmente da partida para uma viagem de retorno”⁵⁹⁴.

Quando fala sobre a festa e a união de forças jovens, o Padre José Elias Fadul comenta:

A Festa do Divino é uma festa que atrai pessoas para a comunidade embora as pessoas vendo tudo àquilo que acontece elas vão ser tocadas por Deus certamente isso deve ter acontecido, e em termos de agregar valor o que existe é que, por exemplo, nos últimos anos houve uma interação muito interessante da juventude com a Casa de Açores e essa interação foi uma interação muito boa muito boa mesmo e

⁵⁹² Depoimento do Senhor Manuel de Medeiros – sobre a participação dos filhos na Casa dos Açores e seus eventos –, em entrevista concedida em 03/06/2008.

⁵⁹³ “Pierre Nora (1993) fala de lugares onde a memória se cristaliza e se refugia. Sendo a memória um elo do passado vivido no presente, enraíza-se no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. Assim é a casa para os imigrantes, que a torna um lugar de memória, lugar onde o passado é preservado através de objetos evocadores de recordações, da própria forma de organização do espaço, da preservação de costumes.” LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. Portugueses em São Paulo: memória e identidade. In: ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz Campos; CAMPOS, Maria Christina Siqueira de Souza (Orgs.). **Olhares Lusos e Brasileiros**. São Paulo: Usina do Livro, 2003. p.117.

⁵⁹⁴ VATTIMO, Gianni. O vestígio do vestígio. In: VATTIMO, Gianni; DERRIDA, Jacques (Orgs.). **A religião**. São Paulo: Estação Liberdade, 2000. p.91.

estabeleceu para a Casa de Açores uma perspectiva também nesse caso e de pessoas jovens que estão se preocupando exatamente com essa questão.⁵⁹⁵

Essa mesma questão vem ao encontro do conceito de circularidade cultural, um movimento que vai e volta, passando por temporalidades e retomando alguns conceitos e formas de viver, pois “Deus é uma questão perene, ou seja, uma questão que se apresenta para a humanidade, desde os tempos mais remotos, e que nunca deixou de ser colocada, portanto ela faz parte de sua orientação cósmica”⁵⁹⁶.

Como parte desse fundamento, uma colocação parece evidenciar o próprio conceito de tempo que cada um possui para determinadas questões do encontro com a fé:

Julgo que estava latente e no momento em que é chamado, você tem que participar. Faz isso: pesquisa, auxilia aqui, ajuda acolá. Acaba se motivando a ter um carinho especial nas tradições da comunidade açoriana. A força do Divino Espírito Santo é que nos mantém unidos como numa forte corrente. É a força que nos mantém unidos. Lamentavelmente só vim a perceber agora. Podia ser um elo dessa corrente mais cedo, mas a consciência só veio agora.

Essa menção ao momento de consciência para a fé retoma a questão do tempo sagrado, no qual os símbolos, objetos e atos se manifestam, e se estabelece e mantém a religiosidade.

Assim, “os fiéis, de um modo geral, acreditam na função simbólica ou expressiva dos objetos sacros ou dos símbolos religiosos, abrindo, com isso, um canal para a ação do poder sagrado em suas vidas”⁵⁹⁷. Algumas colocações são pertinentes a essa ponderação, considerando a cristalização de semelhanças pelos grupos, nas quais:

O cerimonial comemorativo apenas aparece no momento em que as civilizações ou as sociedades se encontram suficientemente bem constituídas para saberem o que

⁵⁹⁵ Depoimento do Padre José Elias Fadul, em entrevista concedida em agosto de 2009, na Paróquia Santa Marina.

⁵⁹⁶ BAUMER, Franklin. **O pensamento europeu moderno**. Vol. 2. Lisboa: Ed. 70, 1990.

⁵⁹⁷ PEREIRA, José Carlos. Religião e Poder: Os símbolos do poder sagrado. **CSOnline** - Revista Eletrônica de Ciências Sociais. Ano 2, Vol.3. Juiz de Fora: Editora da UFJF, maio de 2008. p.92. Disponível em: <<http://www.editoraufjf.com.br/revista/index.php/csonline/article/view/366>>.

adquiriram e, por conseqüência, para se definirem em função de um passado.⁵⁹⁸

Essa construção do passado por meio das celebrações faz sentido à medida que estas se reinventam e possuem uma conscientização do grupo em relação aos objetivos definidos pela associação. Na Casa dos Açores os adeptos compactuam com o funcionamento e as diretrizes estabelecidas, pois buscaram juntos a construção de um espaço de elo com o passado.

A noção da construção política de legitimação da identidade se funde com a manutenção da tradição, pois os adeptos da Casa não necessariamente se encontram alicerçados na ideia de forjar uma visão politizada de espaço e relações sociais, econômicas e culturais com os Açores, mas acabam por formar um grupo que reproduz significados referentes ao passado. Na construção da tradição, vão reinventando formas de manter alguns aspectos da formatação, como é o caso dos sorteios realizados na Festa do Divino, chamados de “sortes” nos Açores.

Quando uma festa acaba, já ocorrem os sorteios para o funcionamento da próxima; assim, reelabora-se a partir daí uma nova festa. Com outras pessoas e formas, propicia-se a inclusão de todos os membros da Casa nas ações diretas ou indiretas da festa.

A ligação emocional, festiva e religiosa se efetiva durante a preparação da Festa do Divino, não apenas por ser a maior festa da Casa dos Açores, mas também por mobilizar toda a comunidade durante as semanas que antecedem o dia de Pentecostes em si. Pode-se dizer que, não apenas os mordomos, os que tiraram as “sortes”, ou os que já fazem a festa todos os anos, como colaboradores, interagem de forma direta, mas toda a comunidade, que vai, ao longo do ano, efetivando sua crença, solidariedade e apoio direto ou indireto na construção da festividade e de todos os eventos patrocinados pela Casa.

A inspiração no Divino traz a união dos membros e, de certa forma, mostra às novas gerações a devoção que trouxeram das Ilhas, que não está restrita ao imaginário e às memórias dos Açores, mas também passa às novas gerações sob a forma de ensinamentos e legitimação tanto da fé como das tradições açorianas.

⁵⁹⁸ DUVIGNEAUD, Jean. A Festa. In: SANTOS, Maria Helena Varela; LUCAS, Antônio M. Rolo (Orgs.). **Antropologia: Paisagens, Sábios e Selvagens**. Porto: Editora Porto, 1982. p.443.

Eu digo que eu estou de fato bem contente por ter uma comunidade açoriana tão integrada na paróquia porque eu acredito que quando tem um grupo bem identificado aquele grupo não se divide ele traz uma riqueza pra dentro e eu estou vendo isso nas pessoas daqui.⁵⁹⁹

Essa interação entre os membros da paróquia faz do universo religioso um fundamento social pelo qual perpassa a recriação e organização da festa do Divino como algo que vai se ressignificando a cada momento na comunidade e na cidade de São Paulo, desde as primeiras manifestações culturais, que, ora alteradas, modificadas, ora permanecendo, continuam a existir e a se reinventar histórica e temporalmente.

A dispersão dos açorianos por São Paulo se deu temporal e espacialmente, se considerada a própria relação da religiosidade na formação das igrejas da cidade. Cada grupo que se formava num espaço criava seus laços de sociabilidade, como é o caso da Paróquia do Divino Espírito Santo:

No final do século XIX, os açorianos construíram a Capela do Divino Espírito Santo na Rua Frei Caneca, transformada em igreja e matriz da Paróquia do bairro da Bela Vista. Essa construção foi um fator de congregação do bairro, povoado por trabalhadores que não podiam adquirir terrenos próximos ao Largo da Sé ou centro da cidade. [...] As famílias se esmeravam nos preparativos da festa, costurando os vestidos brancos, assando as roscas e as “massas sovadas”, tradições açorianas que aqui cultivavam.⁶⁰⁰

Essa menção a outro espaço revela uma semelhança ao que foi a construção da Casa dos Açores e também a Festa do Divino na Vila Carrão. Os traços e a história são similares ao estabelecimento das famílias pelo trabalho e a sociabilidade pela fé religiosa por meio do culto ao Divino.

No contexto global, a açorianidade foi identificada como peça eficaz das retóricas políticas oficiais, na base de um discurso de valorização das raízes açorianas e de incorporação do patrimônio da migração, representado pelas comunidades de imigrantes e descendentes. Por sua vez, as narrativas dos emissários organizados destas comunidades reforçaram este discurso em espaços e conteúdos específicos, mas apelando

⁵⁹⁹ Depoimento do Padre José Elias Fadul, em entrevista concedida em agosto de 2009, na Paróquia Santa Marina.

⁶⁰⁰ FREITAS, Sônia Maria de. **Presença Portuguesa em São Paulo**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Memorial do Imigrante, 2006. p.194-5.

para um sentido afetivo de pertencimento a uma comunidade imaginada de diásporas. No contexto local, a açorianidade foi identificada pelo nome da “cultura açoriana”, esta significando um progressivo e bem sucedido processo de afirmação identitária, demarcação simbólica de um território e reelaborações culturais das tradições.⁶⁰¹

Em cada espaço novas histórias são criadas e outras memórias são reveladas, mas os intuitos de cada uma dessas citações reforçam a ideia de busca pelas semelhanças e pelo pertencimento ao lugar. Esse que agora é o novo lar é uma das maiores cidades do mundo, que abraçou raças, etnias e grupos dos mais diversos e heterogêneos, mas que os une em pontos comuns, que são seus lugares de memórias, criados com a finalidade de unir, fortalecer e recriar a harmonia do passado no presente.

[...] partícipes da História lusa há cinco séculos, pertencendo ao universo maior da língua, colaboradores no processo da formação da nacionalidade, fiadores do passado sem recorrer a sebastianismos retóricos, os açorianos instituíram-se em entranhada disciplina moral; ultrapassando as dificuldades da terra, do clima, do isolamento e superando os mal-entendidos, sempre esteve junto a Portugal nas circunstâncias de suas etapas vitais dos últimos tempos.⁶⁰²

Ao se reconhecer nos açorianos as experiências múltiplas que formaram o seu espaço e território, também se privilegiou a voz desses imigrantes que, nessa viagem de contradições e diversificações entre opiniões, atos e circunstâncias, considerando a complexidade de suas realidades, formas de inserção e outros vestígios de viver o cotidiano e as memórias do passado, foram reconstruindo e ressignificando suas tradições, hábitos e costumes.

A par da identidade coletiva, há a identidade pessoal dos imigrantes, em permanente processo de construção/reconstrução. Traços da identidade coletiva e da identidade pessoal não se apagam, mas se reconstróem, misturando-se àqueles adquiridos no novo meio. A identidade

⁶⁰¹ Em sua tese de doutorado, Eugenio Pascele Lacerda estuda o conceito da açorianidade em termos locais, regionais e globais. A conclusão é a análise nesses contextos específicos e de formas distintas dialogicamente. LACERDA, Eugênio Pascele. **O Atlântico Açoriano: uma antropologia dos contextos globais e locais da açorianidade**. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Centro de Filosofia e Ciências Humanas - Departamento de Antropologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003. p.241.

⁶⁰² ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. A Narrativa Açoriana Pós Revolução dos Cravos. **Via Atlântica**. n.3. São Paulo: FFLCH-USP, dez. 1999. p.221-2.

peçoal do imigrante é marcada pela ambigüidade que reveste o sentimento de pertença, observando-se que se trata de imigrantes que chegaram há cerca de 50 anos, tendo vivido no Brasil a maior parte der suas vidas. As situações diversas.⁶⁰³

Nessa questão, o retorno à identificação se faz presente nas vidas e no meio em que vivem. A ressignificação dos traços culturais vai sendo costurada à medida que se reconhecem enquanto emigrantes, ou menos percebida quando se sentem brasileiros. Alguns tentam manter as tradições, outros vão se misturando na cidade, que é múltipla, e se reconstruindo enquanto novos personagens nessa história da e/imigração.

⁶⁰³ LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. Portugueses em São Paulo: memória e identidade. In: ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz Campos; CAMPOS, Maria Christina Siqueira de Souza (Orgs.). **Olhares Lusos e Brasileiros**. São Paulo: Usina do Livro, 2003. p.126.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Imagem 62 - Senhor Santo Cristo dos Milagres.

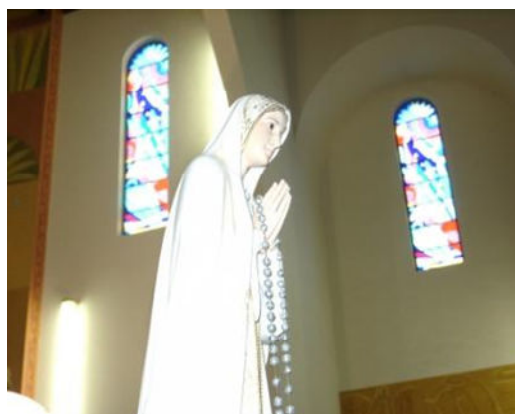


Imagem 63 - Nossa Senhora de Fátima.



Imagem 64 - Igreja Santa Maria.



Imagem 65 - Procissão do Divino.⁶⁰⁴

⁶⁰⁴ Acervo pessoal de Elis Regina Barbosa Angelo – fotos da Festa do Divino de 2007, na Vila Carrão.

O interesse desta pesquisa não partiu apenas da necessidade de fazer questionamentos acerca da e/imigração de grupos específicos, mas de retratar o fenômeno imigratório pensando na composição de todas as raças e etnias que, juntas, formaram os mais variados espaços rurais e urbanos que fizeram do Brasil um lugar de acolhimento de todas as multiplicidades culturais, visualizadas pelos seus quatro cantos.

Embora o foco desta tese sejam as experiências de açorianos que emigraram para São Paulo e tiveram na Vila Carrão a expressão e formação de um grupo, o tema traz em sua fundamentação a ideia de que juntos os grupos, na sua diversidade, formaram o mosaico cultural da metrópole. Tratar experiências e memórias desse processo também é registrar histórias comuns de sujeitos que contribuíram para a formação e crescimento da cidade, focalizando espaços geográfica e territorialmente construídos.

A partir do recorte temporal da emigração açoriana para a cidade de São Paulo entre as décadas de 1950 a 1960, aferiu-se a busca de trabalho e melhores condições socioeconômicas dos que rumaram com o sonho de ter outras possibilidades para suas vidas e para seus sucessores. Esse processo foi escolhido num momento tangenciado pelas forças de repulsão do país de origem, que tinha, além das péssimas condições econômicas e sociais, uma problemática evasiva, as questões referentes ao Regime do Estado Novo. E no seu contraponto estava a cidade de São Paulo, que acolhia a imigração num país que crescia e se desenvolvia, cenário que atraiu os mais variados grupos.

Assim, o estudo abriu portas para relacionar questões acerca dos motivos de saída dos Açores, suas problemáticas que motivaram a mudança de país, na direção de uma nova história, fundamentada no sonho de melhores condições de vida e propiciada pela própria legislação, que permitia o encaminhamento das cartas de chamada dos parentes e amigos que já haviam se instalado no país.

Examinar esse processo de saída e chegada, relevante para a compreensão posterior do estabelecimento dos imigrantes na cidade, foi crucial para tentar apreender nas experiências individuais construções coletivas de memórias, tempos e histórias de semelhanças.

A chegada à cidade em meados dos anos de 1950 foi, sem dúvida, uma forma de criar um novo espaço e um novo território, nos quais as relações sociais suscitarão vínculos patrióticos capazes de formar um grupo que, reinventando as festividades, buscou nas semelhanças um denominador comum: ser açoriano.

O crescimento da cidade de São Paulo foi um dos cenários para a leitura feita desse grupo de açorianos estudado. A criação de políticas de urbanização na década de 1970, prevendo, por exemplo, a ampliação das marginais e a construção de novas vias de acesso como as radiais, possibilitou a melhoria das condições de infraestrutura básica, de iluminação elétrica, saneamento, o desenvolvimento industrial na Zona Leste, delineamentos que constituíram o panorama do processo de assentamento dos açorianos na região.

O território industrial da vila operária, com casas semelhantes, ruas parecidas, trabalhos comuns entre os membros das famílias, tecia um quadro que cristalizou memórias dessa temporalidade. As ruas de terra, as chácaras na Zona Leste, a ausência de estrutura básica foram alguns dos fatores presentes na vida cotidiana desses sujeitos que chegaram para refazer suas vidas, além do trabalho exercido por todos os membros da família.

Num espaço onde tudo era diferente, a busca por semelhanças era algo necessário para a criação de redes sociais e também de solidariedade a amigos e parentes, tanto para aqueles que queriam vir para o Brasil como para os que já viviam no bairro.

A cidade de São Paulo, uma das maiores do mundo, uma urbe que engloba um mosaico de raças, etnias, culturas, formas diversas de viver e vivenciar, trocas de todo tipo, foi o palco para descortinar histórias de um grupo que, apesar de não ser tão expressivo em termos quantitativos, distingue-se dos demais nesse processo de construção cultural. Assim, na narrativa dessas histórias e memórias da e/imigração açoriana, alguns elementos foram sendo destacados pela organização que o grupo promoveu durante a fase de crescimento da cidade.

Para desvendar as relações criadas com o espaço, transformando-o em território de relações sociais, dividiram-se essas experiências em alguns tópicos que, investigados, trouxeram à luz algumas interpretações que, apesar de não serem definitivas, propiciarão novas vertentes a serem interpretadas, relidas ou repensadas de outras formas.

Pensar a cultura como um movimento fluido e incessante, em que os símbolos e o imaginário se condensam, é, de certa forma, um meio de compreender os lugares de memórias, sobretudo de desvendar histórias e experiências que representam a coletividade. Dessa forma, ao revelar a e/imigração dos açorianos, buscou-se nas trajetórias analisar práticas e representações relativas aos modos locais de construção e ritualização da sociabilidade dos que se estabeleceram na cidade de São Paulo, especialmente na Vila Carrão e suas adjacências.

Em suas ações, percebeu-se que encontraram no trabalho fabril um elemento aglutinador e facilitador de suas reconstruções de vida e de espaço, funcionando como um laço de sangue que, posteriormente, se tornaria um lugar de memória.

Quando recebiam as cartas de chamada do Brasil, tinham a esperança de encontrar em terras brasileiras a solução para os problemas que tinham nas Ilhas. Além da falta de emprego e renda, Portugal estava vivenciando a política do Estado Novo⁶⁰⁵, um regime que não trazia nenhum benefício aos habitantes das ilhas.

Nessa conjuntura, o arquipélago tinha uma economia voltada para o autoconsumo e trocas de produtos entre as ilhas. Enfrentava problemas de comunicação e mobilidade dos indivíduos, questões que dificultavam a ascensão econômica e a própria sobrevivência nas ilhas, tendo causado grande parte das saídas no fenômeno emigratório.⁶⁰⁶

Em meio a todos os problemas econômicos, políticos e sociais vividos nos Açores, os indivíduos que optavam pela emigração tinham como referência os motivos de atração que o Brasil oferecia, especialmente a possibilidade de trabalho e ascensão financeira.

Nesse momento histórico que abarca os anos de 1950, momento de vinda dos açorianos estudados, a cidade de São Paulo tinha como propaganda “o maior parque industrial da América Latina, com 21 mil fábricas na capital, bastante

⁶⁰⁵ “Quando chegamos ao século XIX, os Açores eram uma região do ponto de vista geográfico, mas tal situação não tinha correspondência ao nível político-administrativo, económico e muito menos na consciência das suas populações. A curta experiência do governo geral, com sede em Angra, não se tinha enraizado na vida do arquipélago, que continuou a recorrer a Lisboa e ao Rei para arbitrar os conflitos e a viver no fechado microcosmos de cada ilha, com os seus poderes tradicionais, senhores de consideráveis prerrogativas e privilégios.” JOÃO, Maria Isabel. Estado, Nação e Região. **Arquipélago - História**. 2ª série. Universidade dos Açores, 2001. p.697. Disponível em: <http://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/361/1/Maria_Joao_p689-702.pdf>. Acesso em: 20/10/2010.

⁶⁰⁶ JOÃO, Maria Isabel. **Os Açores no Século XIX**: Economia, Sociedade e Movimentos Autonomistas. Lisboa: Cosmos, 1991. p.225.

diversificadas [...]”. Entre as décadas de 1950 e 1960, as indústrias paulistas empregavam 585 mil operários.⁶⁰⁷

Com olhar desbravador e impulsionador, vieram para a cidade com o intuito de formar e transformar suas vidas. Alguns tinham o sonho do retorno, mas a maioria, depois que se estabelecia, acabava por não querer mais voltar.

Na chegada, encontraram na Vila as chácaras, as ruas de terra, a falta de iluminação, a infraestrutura precária e as casas simples, muitas vezes sem banheiro ou qualquer comodidade. “Por esse lado do Brás, Cambuci, Belenzinho, Mooca, Pari, aqui tudo era uma pobreza, ruas sem calçamento, casas antigas, bairros pobres, bem pobres. A iluminação era a lampião de querosene.”⁶⁰⁸

Quase todos os membros da família trabalhavam no Cotonifício Guilherme Giorgi, o principal empregador que os acolheu na cidade, num momento de crescimento industrial e de ampliação da Zona Leste. Trabalhavam crianças, jovens, adultos e famílias inteiras, que chegavam no bairro depois de receber cartas de chamada, auxiliados por familiares e amigos já instalados.

O Cotonifício ficou conhecido entre os açorianos. No bairro, a maioria dos imigrantes e seus descendentes reconhecem-no como o motivo de suas vindas para o Brasil. Foi essa indústria que estimulou o crescimento do espaço onde vivem, considerando as ruas e a vila operária, cabendo notar ainda que a ampliação e horizontalização da cidade também foram motivadas pelo viés industrial e pelas construções dos mais variados grupos de migrantes e imigrantes.

Nesse local já havia se estabelecido uma “rede” de relações, que auxiliava os imigrantes a conseguir indicação de trabalho e possibilitava a chamada de seus pares, familiares, amigos e conhecidos. Tornou-se, portanto, um dos “lugares de memória”⁶⁰⁹ desses sujeitos. A cidade mudou, cresceu, transformou-se e, com isso, mudou também a forma de as pessoas se relacionarem com as suas lembranças, com o seu passado, com os lugares de memórias, como é o caso do Cotonifício.

As memórias da viagem ao Brasil são por vezes vagas. Os entrevistados lembram-se de algumas coisas e falam de lugares distantes, pouco profundos e mencionam coisas que emocionalmente os afetaram. As lembranças dos que vieram

⁶⁰⁷ ENCICLOPÉDIA Nosso Século - 1945/1960. São Paulo: Abril Cultural, 1985. p.37.

⁶⁰⁸ BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979. p.132.

⁶⁰⁹ NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. **Projeto História**. n.10. São Paulo, dez. 1993. p.7-28.

jovens são cristalizadas pela emoção do sofrimento dos pais na partida. Os que vieram crianças lembram vagamente da diversão que tiveram, sem contar detalhes. Os mais velhos contam que, apesar da partida, tinham em mente o retorno, que, no entanto, ficou cada vez mais distante e deslocado no tempo e no espaço.

A chegada, a instalação e o rumo da vida cotidiana não são fundamentados de maneira incipiente, são fracionados em tempos de trabalho, descanso e cuidados com a família e a religião. Das dificuldades que tiveram mencionam quase sempre o trabalho e a mudança de costumes, que, de certa forma, foram sendo transformados pela vida na cidade e também pelo crescimento verificado.

Uma das características da cidade de São Paulo enquanto metrópole é a dificuldade que seu habitante por vezes encontra de sair da sua zona de circulação no dia a dia. Essa questão acaba fazendo parte do cotidiano de muitos que trabalham e vivem em uma localidade específica, onde suas relações são estabelecidas. “E hoje, é uma barbaridade o progresso que essa região da Zona Leste teve. As outras regiões eu tive muito pouco acesso porque fiquei desse lado e por aqui a gente não anda muito por São Paulo...”⁶¹⁰

A menção ao crescimento da cidade e à sua coparticipação nesse processo, incluindo a inserção na Zona Leste, demonstra a fixação no espaço e a criação de um vínculo com ele, que também se forma pelo distanciamento dos espaços na metrópole. “Eu acompanhei, eu cresci conforme São Paulo cresceu. Eu vi São Paulo crescer. Agora tem só milhões de habitantes e tudo concentrado em São Paulo. São Paulo é o coração do Brasil, isso não tenha dúvida...”⁶¹¹

Construir São Paulo exigiu uma união de esforços individuais e coletivos, de grupos, pessoas, bairros, zonas, modelos, sociabilidades e territórios que foram se formatando entre singularidades e globalidades. “A cidade se revela em suas esquinas, ruas, em aglomerados ou vazios urbanos, nas pessoas, nas festas ou manifestações religiosas, nos bairros e comunidades, expondo sutilmente sua história.”⁶¹²

Diante da questão da identificação com o lugar, dá-se a globalização dos espaços, como se verifica na cidade de São Paulo, que transpira sua multiplicidade

⁶¹⁰ Depoimento do Senhor Manuel de Medeiros, em entrevista concedida em 03/06/2008.

⁶¹¹ Depoimento do Senhor Manuel de Medeiros, em entrevista concedida em 03/06/2008.

⁶¹² LÜTK, Gisele Santos. **Descobrir a cidade, cultivar a história, florescer a identidade**: uma proposta em educação patrimonial. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/425-4.pdf?PHPSESSID=2009050416095955>>. Acesso em: 12/12/2010.

e sua inimaginável complexidade de sujeitos sociais que se fundem, mas com a relevância de traçar os diferenciais, que compreendem as mais variadas formas de viver o igual e o diferente ao mesmo tempo.

Assim, pode-se dizer que na cidade é visível o global vivendo em comunhão com os “locais”, sendo ela um emaranhado de conjuntos que formam o todo. “O processo de globalização não aniquilou as manifestações culturais singulares em favor de uma única, tendo na verdade promovido uma revalorização das especificidades e heterogeneidades culturais.”⁶¹³ A partir desse processo, houve uma recriação do “[...] global por meio de especificidades que não são incompatíveis com a globalidade, mas a ela se subsumem”⁶¹⁴.

Examinando-se esse processo, percebeu-se que na cidade global há uma série de locais em que os sistemas simbólicos⁶¹⁵, enquanto instrumentos de conhecimento e comunicação, representam as mais variadas culturas, grupos e etnias, como é o caso das festas do Divino, representação da cultura açoriana.

Na medida em que poucos estudos foram realizados sobre a temática da e/imigração açoriana para São Paulo, havendo um referencial mais abrangente sobre o grupo de maior expressividade numérica nos estados do sul do Brasil, esta tese buscou expressar memórias e atitudes que fizeram dos açorianos na cidade um dos inúmeros grupos que ajudaram a construí-la local e globalmente.

No que diz respeito ao objetivo de observar essas experiências da e/imigração sob o ponto de vista da busca por trabalho e das articulações territoriais na cidade, pôde-se notar que a Zona Leste foi, sem dúvida, o espaço geográfico e socialmente designado, pela própria inserção dos açorianos no Cotonifício Guilherme Giorgi, que, de certa forma, direcionou a moradia e a conquista do espaço. Apesar das dispersões pela própria cidade e pelo país, aqueles que vieram para trabalhar no Cotonifício acabaram aglomerando forças para unir por meio das festas religiosas os açorianos.

As primeiras festas, ressignificadas no novo espaço, começaram timidamente sendo feitas nas ruas em frente às casas dos moradores açorianos, conforme menciona o Senhor José de Arruda Soares: “Mas tô a par de tudo que

⁶¹³ HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guaraeira Lopes Louro. 11ªed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p.72-3.

⁶¹⁴ Ibidem.

⁶¹⁵ BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

aconteceu nesses 34 anos aqui na Casa dos Açores. Que antigamente não tinha a Casa, antigamente a festa, a mordomia, vamos supor que eu fosse o mordomo, era feita na minha casa. Era menos gente.”⁶¹⁶ Dessas festas, partindo de alguns moradores, surgiu a ideia de se criar um espaço voltado para a união do grupo, que ia se expandindo à medida que as festas ocorriam.

Depois de praticamente uma década de instalação no bairro, criaram a Casa dos Açores de São Paulo, com o intuito de fazer a Festa do Divino. Ela surge como fio articulador dos açorianos tanto do bairro como da cidade, pois todos são bem-vindos à Casa para fortalecer as tradições, que, recriadas e ressignificadas nesse novo espaço, trazem traços da cultura açoriana.

Enquanto uma associação, a Casa dos Açores formou um território cultural onde as manifestações acontecem, representando um ícone da cultura açoriana e da reconstrução das festas do Divino. Por conseguinte, a festa tornou-se um elo entre as memórias da terra de origem e a religiosidade, elemento primordial para a reconstrução das tradições e aglutinadora de membros vindos dos Açores.

Protagonistas dessas experiências de e/imigração, alguns moradores da Vila Carrão contaram um pouco de suas trajetórias, revelando suas motivações, fatos marcantes e aspectos da reconstrução de suas tradições na cidade mediante as festas, especialmente a festa do Divino Espírito Santo, por meio de suas memórias. A História Oral Temática foi o instrumento que deu a essas memórias a incumbência de relatar pelo grupo algumas particularidades que, também coletivas, fizeram parte do todo, que é o espaço construído e aglutinador de lembranças, um “lugar de memória”.⁶¹⁷

Os lugares de memória são uma mistura de história e memória, momentos híbridos, considerando que não existe um modo de se ter somente memória, havendo a necessidade de identificar uma origem, um nascimento, algo que leve a memória ao passado, cristalizando-a novamente. Assim sendo, os lugares de memória “nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, organizar celebrações, manter aniversários, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque estas operações não são naturais”⁶¹⁸.

⁶¹⁶ Depoimento do Sr. José de Arruda Soares, em entrevista concedida em 07 de julho de 2008.

⁶¹⁷ NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. n.10. São Paulo: PUC-SP, 1993. p.12.

⁶¹⁸ Ibidem. p.13.

Desses lugares de memória, compactuando com as ideias mencionadas, as lembranças devem ser projetadas por meio de despertar, como é o caso das entrevistas, que buscam nos espaços arquivados as relações entre cada objeto, entre cada pedaço do passado, pois elas só se recriam por meio de operações que não são naturais, mas que, de certa forma, fazem-nas latentes quando, por um estalo, vêm em forma de palavras, atos e sentimentos.

Os eventos, rituais, festas, músicas, comidas, entre outros trazem emoções em relação ao passado. Quando mencionam sobre os pais já falecidos, sobre os santos, as músicas e a saída das Ilhas, os depoentes se emocionam porque o passado é tido como outro lugar, é um mundo do qual se desligaram para sempre. Sendo o passado irreversível, resta a memória, a reelaboração e ressignificação do tempo decorrido, com outra roupagem, mas entremeado de traços que trazem na memória vestígios desse tempo que não volta mais.

O movimento aglutinador que trouxe ao grupo de açorianos o sentimento de pertencer ao lugar foi a criação do espaço da festa. Considerando a questão do pertencer ao lugar, o princípio da identificação e semelhança entre os indivíduos, o engajamento na Vila Carrão só foi possível depois da criação desse espaço comum.

A redefinição de uma memória geral em individual “obriga cada um a se relembra e a reencontrar o pertencimento, princípio e segredo da identidade. Esse pertencimento, em troca, o engaja inteiramente”⁶¹⁹. Ao recriarem a festa, os imigrantes recriaram também uma forma de pertencer, de assemelhar-se com o lugar, de rememorar o passado. A religião enquanto fundamento social fez da festa um instrumento de participação ativa nas esferas da fé, do sagrado e do profano, como intermediações de espaços e tempos do homem.

A circularidade cultural no ritual é mencionada indicando o retorno temporal de cada indivíduo como forma de recriar a sua essência, os sentidos e significados da fé e da religiosidade. Os processos de reinvenção das tradições baseiam-se na essência dos seus sentidos, como no caso da Festa do Divino, recriada a partir dos princípios de confraternizar com o Divino, ajudar aos necessitados e manter a fé religiosa geracionalmente. No entanto, o redimensionamento ocorrido na cidade de São Paulo deixou apenas traços do que era a festividade nos Açores.

⁶¹⁹ NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. n.10. São Paulo: PUC-SP, 1993. p.17-8.

Essa mudança se deu principalmente por conta do espaço, da dimensão e da própria construção de raças, grupos e etnias da metrópole, haja vista que nos Açores era a pequena proporção da festa se comparada à da cidade de São Paulo. Lá cada freguesia tem seu próprio Império, de forma que cada pequeno grupo distribui seus bodos. Não haveria como manter os festejos aqui sem incluir novos elementos e suprimir outros.

Portanto, a festa passou a ter um caráter um pouco distinto, pela própria estrutura física da cidade. As necessidades desse espaço são totalmente diversas das que existiam nas freguesias onde os imigrantes viviam há cerca de 50 anos. Nas próprias Ilhas essa dinâmica cultural também foi redimensionando as festividades. Considerando a cultura enquanto dinâmica, a mudança é algo definido pela própria recriação geracional.

Cumprir notar que quem recriou a Festa do Divino na Vila Carrão foram as crianças que vieram dos Açores com seus pais nos anos de 1950, portanto, já imbuídas de novos sentimentos, atitudes e ações. A própria religiosidade, recriada nesse novo espaço, fez com que a festa fosse suscitando outras possibilidades de leitura. A coroação das crianças, especificamente de sete crianças, simbolizando os dons do Espírito Santo, é uma criação do grupo. Toda festa foi incorporando novos elementos, inserindo novas ideias e buscando novos sentidos.

Essa questão não se deve somente ao fato de a recriação ser feita pela geração mais jovem que veio dos Açores, mas também em decorrência da inserção de valores do novo espaço, das relações sociais e culturais nele estabelecidas dos novos olhares sobre o passado.

As observações acerca da cidade diferem multiplamente da realidade verificada nos Açores, sendo que hoje as necessidades da urbe extrapolam a fome. Em São Paulo as diferenças econômicas são fundamentadas em todas as vertentes de sobrevivência. Sendo a Zona Leste uma das mais afetadas economicamente, os problemas de violência, falta de infraestrutura, saúde, fome e questões das mais diversas passam a ser novas realidades, num contexto repleto de outras necessidades tanto qualitativas como quantitativas.

A criação de associações como a Casa dos Açores foi uma das formas de propiciar apoio aos compatriotas que já tinham no contentamento de indivíduos açorianos instalados em São Paulo apoio para a vinda e para a inserção na cidade.

O associativismo e o cooperativismo são formas de congregar elos entre o humano, social e empresarial, formando redes de relacionamento territorial.

Dessa forma, a criação de espaços favorece e facilita o desenvolvimento das ações tradicionais, como é o caso das festas. Conforme já mencionado, a Festa do Divino foi o elo entre os açorianos que vieram ao Brasil para trabalhar no Cotonifício e em outras fábricas, açougues, quitandas, mercearias, floriculturas e demais redes comerciais na Zona Leste da cidade.

Como resultado dessa investigação, numa espécie de balanço de a toda trajetória descrita nos capítulos, vinculando a saída, a viagem, a chegada, a fixação, a recriação da vida cotidiana e a reinvenção das tradições, pode-se ponderar que as memórias são formas de garantir o engajamento e o pertencimento ao lugar. Quando examinados os espaços que criaram vínculos com as histórias dos países de origem, percebe-se que as pessoas, grupos e famílias compartilham fatos comuns, memórias coletivas que são nada mais que recriações temporais passadas.

O valor dado aos símbolos, objetos, sentimentos e ações consiste numa maneira de garantir as semelhanças às gerações. O novo é algo fluido, flexível, mas o velho é algo em constante mutação, também recriado e remodelado com o tempo. A ideia de recriar vestígios do passado nada mais é do que a junção de sujeitos imersos em processos de sociabilidade em temporalidades históricas, num processo de (re)invenção de raízes para criar ou recriar um passado coletivo.

Para que a memória possa reinventar ações de pertencimento, é necessário que os acontecimentos tenham sido vividos pessoalmente, ou pelo grupo, ou até mesmo pela coletividade à qual a pessoa considera pertencer.⁶²⁰ O grupo de açorianos que trouxe a festa para o bairro tinha em sua memória essa experiência vivida no passado, e seus filhos, quando acompanham ativamente as reinvenções, sentem pertencer ao grupo da mesma forma. Os que não compartilham as tradições, todavia, não possuem esse olhar, não se sentem pertencentes ao grupo vindo dos Açores.

Mesmo assim, essa questão parece ser discutível, sob o ponto de vista da circularidade cultural, haja vista que os sentidos e sentimentos podem ser adquiridos em momentos e tempos distintos. Pois o objetivo desse grupo é representar o passado da festa e mostrar que ela permanece presente nos tempos atuais.

⁶²⁰ POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. Vol.2, n.3. Rio de Janeiro, 1989. p.3-15.

Tudo que ainda tem um vínculo com um rito ou com o sagrado numa sociedade que se dessacraliza, seja objetos, sentimentos ou sentidos, que se procura dotar de certa imortalidade, só sobrevive por conta da mutação contínua de significados que vai adquirindo pela dinâmica cultural.⁶²¹ Dessa forma, a Festa do Divino se reconstrói e se ressignifica para o grupo em que está inserida constantemente. Nessa dinâmica cultural, busca incluir os jovens, para que não fique no passado, para que a reconstruam no futuro, marcando na contemporaneidade um território tradicional que em tempos passados já foi reinterpretado com outros sentidos.

A e/imigração suscitou um vínculo diferente com a terra natal, pois acarretou ao imigrante a sensação de que tem duas pátrias, duas histórias que se fundem e se relacionam, mas geram uma terceira história, dividida entre as memórias do passado e a reinvenção do cotidiano no presente, interpelada por novas gerações que ressignificam os espaços e as trajetórias pelos vestígios desse passado.

Pensando nesse significado, Dona Leonilda, uma das depoentes que nasceu em São Paulo, é a experiência viva da relação com o passado dos pais e avós, pois, ao trabalhar diretamente na elaboração anual dos festejos, reinventa uma tradição que ela não teve enquanto memória dos Açores, mas do Brasil, por estímulo de seus antepassados, como uma forma de mantê-la geracionalmente. “O imaginário coletivo é vivo, potente, sem se tornar obrigatoriamente homogêneo, pois tem modelagem infinita, segundo os grupos sociais, as classes de idades, os sexos, os tempos e os lugares.”⁶²² É o que se pode dizer a respeito do imaginário coletivo dos que nasceram na cidade, considerando sua redefinição temporal e espacialmente, não de forma homogênea, mas de maneira a se modelar a cada tempo, em cada novo indivíduo que reproduz o passado por meio das tradições geracionais.

O relativo isolamento em que viviam as culturas tradicionais era a garantia da unidade e da preservação de um estilo. Nos tempos modernos, verifica-se o contrário: pluralidade, internacionalização de estilos, num processo de renovação constante, sempre surpreendente.⁶²³ De todas as recriações, ressignificações e transformações, o resultado é uma reinvenção constante e plural, na qual vão se

⁶²¹ NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. n.10. São Paulo: PUC-SP, 1993.

⁶²² MUCHEMBLÉ, Robert. **Uma história do diabo**: séculos XII-XX. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2001. p.09.

⁶²³ BORNHEIM, Gerd. O conceito de tradição. In: BORNHEIM, Gerd [et. al.]. **Cultura brasileira**: tradição/contradição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987. p.25.

estabelecendo novos vínculos, numa dialética com velhas histórias, surgindo, assim, outras possibilidades.

Desse modo, esta investigação procurou abordar faces da história dos açorianos na cidade, mas também abriu portas para muitas outras formas de ver e ouvir as múltiplas histórias que fazem dos sujeitos comuns protagonistas de outras perspectivas a serem desvendadas.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

ABREU, Martha. **O Império do Divino: Festas Religiosas e Cultura Popular no Rio de Janeiro, 1830-1900**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: FAPESP, 1999.

AGUIAR, Cristóvão de. **Alguns dados sobre a Emigração Açoriana**. Coimbra: Vértice, 1976.

ALBINO, Adriano. **Emigração (100 anos) Século XX: A Diáspora dos Portugueses**. São Paulo: CJE/ECA/USP, 1994.

ALVES, Luiz Antônio. Presença Açoriana nos Estados de São Paulo e Paraná. In: BARROSO, Vera Lúcia Maciel (Org.). **Açorianos no Brasil**. Porto Alegre: EST Edições, 2002.

ANGELO, Elis Regina Barbosa. Memórias e identidades dos açorianos: a festa do Divino Espírito Santo na Vila Carrão em São Paulo. **Oralidades**. Revista de História Oral. Ano 3. n.5. São Paulo: NEHO - Núcleo de Estudos em História Oral do Departamento de História da FFLCH-USP, jan./jun. 2009.

ANTUNES, Manuel Luís Marinho. Notas sobre a Organização e os meios de intervenção da Igreja Católica em Portugal: 1950-1980. **Análise Social**. Vol.XVIII (72-73-74). Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Lisboa, 1982.

ARANTES, Antonio A. (Org.). **O Espaço da Diferença**. Campinas - SP: Papirus, 2000.

ARAÚJO, Ana Maria R. Camara. **Festas, bailados, mitos e lendas**. Vol.1. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

_____. **Festa do Divino e suas transformações na Comunicação e na Cultura**. São Paulo: Andross, 2005.

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. Empreendedores Culturais Imigrantes em São Paulo de 1950. **Tempo Social**. Revista de Sociologia da USP. Vol.17, n.1. São Paulo, 2005.

ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. A Narrativa Açoriana Pós Revolução dos Cravos. **Via Atlântica**. n.3. São Paulo: FFLCH-USP, dez. 1999.

BARTH, Fredrik. Os grupos étnicos e suas fronteiras. In: BARTH, Fredrik. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.

BATTISTA, Adelaide Monteiro. **João de Melo e a Literatura açoriana**. Lisboa: Dom Quixote, 1993.

BAUMER, Franklin. **O pensamento europeu moderno**. Vol.2. Lisboa: Ed. 70, 1990.

BENNET, Tony (Org.). **Culture, ideology and Social Process** – A Reader. London: The Open University, 1989.

BERGER, Peter. **El Dosei Sagrado**: Elementos para una sociología de la religión. Buenos Aires: Amorrortu, 1971.

_____. **O rumor dos anjos**: sociedade moderna e a descoberta do sobrenatural. Petrópolis: Vozes, 1973.

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória**: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BHABHA, Homik. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BLAY, Eva Alterman. **Eu Não tenho onde morar**: Vilas operárias na cidade de São Paulo. São Paulo: Nobel, 1985.

BOMFIM, Paulo. Açorianos em São Paulo: Séculos XVI, XVII, XVIII e XIX. In: BARROSO, Vera Lúcia Maciel (Org.). **Açorianos no Brasil**. Porto Alegre: EST Edições, 2002.

BOSCHILIA, Roseli. A sociedade portuguesa em Curitiba: Um projeto identitário (1878-1900). In: MATOS, Maria Izilda Santos de; SOUSA, Fernando de; HECKER,

Alexandre (Orgs.). **Deslocamentos & Histórias: Os Portugueses**. Bauru - SP: EDUSC, 2008.

BOSI, Alfredo. A cultura como tradição. In: BORNHEIM, G. (et. al.). **Cultura brasileira: tradição/contradição**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade** – Lembranças de Velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. **O Tempo Vivo da Memória: Ensaio de Psicologia Social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. 7ªed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

_____. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A cultura na rua**. Campinas - SP: Papyrus, 1989.

BRASIL. Casa Civil. Presidência da República. **Decreto-lei n.7967**. Brasília, 18 de setembro de 1945.

BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CAILLÉ, Alain. “Dádiva e associação”. In: MARTINS, Paulo Henrique (Org.). **A dádiva entre os modernos: discussão sobre os fundamentos e as regras do social**. Petrópolis: Vozes, 2002.

CAMPOS, José Narino de. **A Verdade e o Mito do Salazarismo**. São Paulo: Editora Felman, 1962.

CANCLINI, Nestor Garcia. **As culturas populares no capitalismo**. Tradução de Cláudio Novaes Pinto Coelho. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço-Tempo na MetrÓpole: A Fragmentação da vida cotidiana**. São Paulo: Contexto, 2001.

CARLOS, Anna Fani; CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A Cidade**. São Paulo: Contexto, 2003.

CARNEIRO, Henrique S. Comida e sociedade: significados sociais na história da alimentação. **História: Questões & Debates**. n.42. Curitiba: Editora UFPR, 2005.

CARONE, Edgar. **A Evolução Industrial de São Paulo** (1889-1930). São Paulo: Editora SENAC, 2001.

CARVALHO, Carlos Henrique de. *Relação Estado e Igreja Católica, em Portugal e Brasil, no Pós-Segunda Guerra Mundial*. Actas do VII Congresso Lusobrasileiro de História da Educação - Cultura Escolar, Migrações e Cidadania. Porto: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, 20-23 Junho 2008.

CASA DOS AÇORES DE SÃO PAULO. Fundação da Casa dos Açores de São Paulo, em Vila Carrão. **Açor** - Órgão Informativo da Casa dos Açores. Ano I, n.1. São Paulo, jun./jul. de 1987

CASCUDO, L. C. **Dicionário de Folclore**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

CASTRO, Ferreira de. **Emigrantes** – Romance. Lisboa: Portugália Editora, 1966.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro; GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **As Festas e os Dias: Ritos de Sociabilidades Festivas**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009.

CERTEAU, Michel de. L'expérience religieuse, "connaissance vecue" dans l'église. **Recherches de science religieuse**. Tome 76, 2. Paris, 1988.

_____. **A Invenção do Cotidiano**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

CORTESÃO, Jaime. "O sentido da cultura em Portugal no século XV". In: CORTESÃO, Jaime. **Os factores democráticos na formação de Portugal**. Lisboa: Portugália, 1966.

COSTA, Antonieta. As festas Sanjoaninas e suas origens mais remotas. Estudo Comparativo Documental. **Cadernos NEPS**. Série B1. Núcleo de Estudos de População e Sociedade, Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, 2002.

COSTA, Susana Goulart. **Açores: Nove Ilhas, Uma História.** Tradução de Rosa Neves Simas. Berkeley - Califórnia: Institute of Governmental Studies Press, University of California, 2008.

COULANGES, F. **A Cidade Antiga.** São Paulo: Hemus, 1976.

COVA, Anne; PINTO, António Costa. O Salazarismo e as Mulheres: Uma Abordagem Comparativa. **Revista Penélope.** n.17 - Gênero, Discurso e Guerra. 1997.

CRESPI, Franco. **A Experiência Religiosa na Pós-Modernidade.** Bauru - SP: EDUSC, 1999.

CROCI, Federico. O chamado das cartas: migrações, cultura e identidade nas cartas de chamada dos italianos no Brasil. **Locus.** Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora. Vol.14, n.2. Juiz de Fora - MG: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2008.

D'ABADIA, Maria Idelma; ALMEIDA, M. G. Festas Religiosas e Pós Modernidade. **GEONORDESTE.** Ano XX, n. 2. Revista de Pós-Graduação em Geografia. São Cristóvão - CE, ago. 2010.

DEL PRIORE, Mary Lucy. **Festas e Utopias no Brasil Colonial.** São Paulo: Brasiliense, 2000.

DEMARTINI, Zeila Brito Fabri. Imigração, Família e Educação. In: **V Congresso Luso-brasileiro de História da Educação.** Évora, 2003.

_____. Migrações e relatos orais: as potencialidades das entrevistas com gerações sucessivas. In: ROCHA-TRINDADE, B.; CAMPOS, M. C. S. (Orgs.). **Olhares lusos e brasileiros.** São Paulo: Usina do Livro, 2003.

DERRIDA, Jacques (Orgs.). **A religião: o seminário de Capri.** São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

DIAS, A. Jorge. Cultura (conceito etnológico). In: SERRÃO, Joel (dir.). **Dicionário de História de Portugal.** Vol.I. Iniciativas Editoriais, 1963.

DIAS, Fátima Sequeira. **Os Açores na História de Portugal** - Séculos XIX-XX. Lisboa: Livros Horizonte, 2008.

DUARTE, Mário; RAACH, Karl-Heinz. **Os Impérios da Ilha Terceira**. Angra do Heroísmo, Açores, Portugal: Blu Edições, 2002.

DURKHEIN, E. **Formas Elementares da Vida Religiosa**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DUVIGNEAUD, Jean. A Festa. In: SANTOS, Maria Helena Varela; LUCAS, Antônio M. Rolo (Orgs.). **Antropologia: Paisagens, Sábios e Selvagens**. Porto: Editora Porto, 1982.

ELÍADE, Mircea. **Imagens e Símbolos: Ensaio sobre o simbolismo mágico religioso**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. **O mito do eterno retorno**. Rio de Janeiro: Mercuryo, 1992.

_____. **O Sagrado e o Profano**. A Essência das Religiões. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ELIAS, Norbert. **Sobre o Tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina Damboriarena. **Cartografias dos Estudos Culturais: Stuart Hall, Jesús Martín-Barbero e Nestór Garcia Canclini**. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação), USP-SP, São Paulo, 1999.

ETZEL, Eduardo. **O Divino: Simbolismo no Folclore e na Arte Popular**, 1995.

FAUSTO, Boris. **Historiografia da Imigração para São Paulo**. São Paulo: Editora Sumaré/ FAPESP, 1991.

_____. (Org.). **Fazer a América**. São Paulo: EDUSP, 1999.

FELDMAN-BIANCO, Bela. Saudade, Imigração e Construção de uma Nação Desterritorializada. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**. Vol.9, n.1, artigo 35. Campinas, 1992.

FENELON, Déa Ribeiro. O Historiador e a Cultura Popular: História de Classe ou História do Povo? **História & Perspectivas**. n.40. Uberlândia, jan./jun.1992.

FERNANDES, Aurélia Armas; FERNANDES, Manuel. **Espírito Santo em Festa**. Coimbra: G. C. Gráfica Coimbra, 2006.

FERNANDES, Florestan. O folclore de uma cidade em mudança. In: OLIVEIRA, Paulo de Salles (Org.). **Metodologia das Ciências Humanas**. São Paulo: Hucitec/UNESP, 1998.

FLORES, Maria Bernadete Ramos. **Povoadores da fronteira: os casais açorianos rumo ao sul do Brasil**. Florianópolis: UFSC, 2000.

FONSECA, Vitor Manoel Marques da. Imigração: Identidade e Integração, 1903-1916. In: MATOS, Maria Izilda Santos de; SOUSA, Fernando de; HECKER, Alexandre (Orgs.). **Deslocamentos & Histórias: Os Portugueses**. Bauru - SP: EDUSC, 2008.

FORTES, Alexandre. Da Solidariedade à Assistência: estratégias organizativas e mutualidade no movimento operário de Porto Alegre na primeira metade do século XX. **Cadernos AEL - Sociedades Operárias e Mutualismo**. Edição 10/11, Vol.6. Campinas: UNICAMP/ IFHC, 1999.

FREIRE, Cristina. **Além dos Mapas: os monumentos no imaginário urbano contemporâneo**. São Paulo: Sesc/ Annablume, 1997.

FREITAS, Afonso Antonio de. **Tradições e Reminiscências Paulistanas (1868-1930)**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1985.

FREITAS, Sônia Maria de. **Presença Portuguesa em São Paulo**. São Paulo: Imprensa Oficial, Memorial do Imigrante, 2006.

GAETA, M. A. Junqueira. **Os percurso do ultramontanismo em São Paulo no bispado de D. Lino Deodato R. de Carvalho**. Tese (Doutorado em História), FFLCH-USP, São Paulo, 1991.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOMES, Ângela de Castro. A guardiã da memória. **Acervo** - Revista do Arquivo Nacional. Vol.9, n.1/2. Rio de Janeiro, jan./dez. 1996.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos; CONTINS, Marcia. Entre o Divino e os Homens: a Arte nas Festas do Divino Espírito Santo. **Horizontes Antropológicos**. Ano 14, n.29. Porto Alegre, jan./jun. 2008.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1990.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HARVEY, D. **A condição pós-moderna**. 6ªed. São Paulo: Loyola, 1996.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

HILL, Jonathan. **História do Cristianismo**. São Paulo: Edições Rosari, 2008.

HOBSBAWM, Eric J.; RANGER, Terence. **A Invenção das Tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

HORN IOTTI, Luiza (Org.). **Imigração e colonização** - Legislação de 1747 a 1915. Caxias do Sul: Educs, 2001.

JESUS, Ronaldo Pereira de. Mutualismo e desenvolvimento econômico no Brasil do século XIX. **Revista OÍDLES**. Vol.1, n.1. Observatório Iberoamericano del Desarrollo Local y la Economía Social, 2007.

JURKEVICS, Vera Irene. Festas Religiosas: A Materialidade da Fé. **História: Questões & Debates**. n.43. Curitiba: Editora UFPR, 2005.

KUHNEM, Ariane. **Lagoa da Conceição**: Meio ambiente e modos de vida em transformação. Florianópolis: Cidade Futura, 2002.

LACERDA, Eugênio Pascele. **O Atlântico Açoriano**: uma antropologia dos contextos globais e locais da açorianidade. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Centro de Filosofia e Ciências Humanas - Departamento de Antropologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. Portugueses em São Paulo: memória e identidade. In: ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz Campos; CAMPOS, Maria Christina Siqueira de Souza (Orgs.). **Olhares Lusos e Brasileiros**. São Paulo: Usina do Livro, 2003.

LANGER, Johnni. Mitologia e Literatura Medieval: Entrevistas com Hilário Franco Júnior, José Rivair Macedo e João Lupi. **Fênix**. Revista de História e Estudos Culturais. Vol.3, Ano III, n.1. Núcleo de Estudos em História Social da Arte e da Cultura, Janeiro/ Fevereiro/ Março 2006.

LEAL, João. **As festas do Divino Espírito Santo nos Açores**: um estudo de antropologia social. Lisboa: PDQ, 1994.

LE GOFF, Jaques. **História e memória**. Vol.II - Memória. Lisboa: Edições 70, 2000.

_____. **O Deus da Idade Média. Conversas com Jean-Luc Pouthier**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2007.

LENZ, Matias M. **Função Social da Religião em uma Sociedade de Classes**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), PUC-SP, São Paulo, 1984.

LOBO, Eulália Maria Lahmeyer. **Imigração Portuguesa no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 2001.

LOTMAN, Iuri. **A estrutura do texto artístico**. Lisboa: Estampa, 1978.

LOTMAN, Jurij M. **Cercare la strada**. Modelli della cultura. Venezia: Marsilio, 1994.

LOVE, Joseph. **A locomotiva**: São Paulo na Federação Brasileira - 1889-1937. São Paulo: Paz e Terra, 1982.

LUCA, Tânia Regina de. As Sociedades de Socorros Mútuos Italianas em São Paulo. In: BONI, Luis A. de (Org.). **A Presença Italiana no Brasil**. Vol.II. Porto Alegre: Fondazione Giovanni Agnelli, 1990.

_____. **O sonho do futuro assegurado**. O mutualismo em São Paulo. São Paulo: Contexto; Brasília: CNPq, 1990.

MACIEL, Osvaldo Batista Acioly. Estatutos de Sociedades Mutualistas e a História Social do Trabalho: Conjecturas em torno da Sociedade Beneficente Proteção e Auxílio da Cia. União Mercantil (Fernão Velho, 1876/1879). **Revista Crítica Histórica**. Ano I, n.1. Universidade de Alagoas, jun. 2010.

MAGALHÃES-GODINHO, Vitorino. L'Emigration Portugaise du XVe siècle à nos Jours: Histoire d'une Constante Structurale. In: BRAUDEL, Fernand (ed.). **Conjoncture Économique, Structures Sociales**. C.E. Labrousse: Mélanges en Honneur, 1974.

MAGINA MEDINA, João Manuel. **O Ciclo do Espírito Santo**. Angra do Heroísmo, Terceira, Açores, Portugal: Nova gráfica, 2007.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Magia, Ciência e Religião**. Lisboa: Edições 70, 1984.

MARCONI, Marina de Andrade; PRESOTTO, Zélia Maria Neves. **Antropologia: uma Introdução**. 5ªed. São Paulo: Atlas, 2001.

MARTINS, Francisco Ernesto de Oliveira. **A Festa nos Açores**. Açores, Portugal: Serafim Silva - Artes Gráficas/ Maia, 1992.

MARTINS, Manuel Gonçalves. **O Estado Novo e a Igreja Católica em Portugal (1933-1974)**. Actas do IV Congresso Português de Sociologia. APS - Associação Portuguesa de Sociologia, Universidade de Coimbra, 17-19 abril 2000.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e Cultura: História, Cidade e Trabalho**. Bauru - SP: EDUSC, 2002.

MATOSO, José. **História de Portugal**. 7º Vol. - O Estado Novo (1926-1974). Lisboa: Estampa, 1998.

MCLAREN, Peter. **Rituais na escola: em direção a uma economia política de símbolos e gestos na educação**. Petrópolis: Vozes, 1992.

MEDEIROS, Octávio H. R. de; MADEIRA, Arthur B. **Emigração e Regresso no Concelho de Nordeste**. Ponta Delgada: Centro de Estudos Sociais - Universidade dos Açores, 2004.

MEDINA, João. A Ditadura Portuguesa do “Estado Novo” (1926 a 1974): Síntese da ideologia e Mentalidade do Regime Salazarista-Marcelista. In: TENGARRINHA, José (Coord.). **A Historiografia Portuguesa Hoje**. São Paulo: HUCITEC, 1999.

MEGALE, Nilza B. **Folclore Brasileiro**. 3ªed. Petrópolis: Vozes, 1999.

MELLO, José de Almeida. **Grandes Festas do Espírito Santo de Ponta Delgada**. Ponta Delgada: Publiçor, 2009.

MENDES, José Manuel de Oliveira. As Identidades Sociais como Políticas e como Estratégias: O Caso dos Açores. **Revista Crítica de Ciências Sociais**. n.40. Universidade de Coimbra, out. 1994.

MENÉNDEZ, Millán Arroyo. Religiosidade e Valores em Portugal: Comparação com a Europa e a Espanha Católica. **Análise Social**. Vol.XLII (184). Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Lisboa, 2007.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. A História cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**. n.34. São Paulo, 1992.

MENEZES, Lená Medeiros de. Jovens Portugueses: Histórias de Trabalho, Histórias de Sucessos, Histórias de Fracassos. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). **Histórias de Imigrantes e de Imigração no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000.

MEYER, Regina Maria Prosperi. O Papel da Rua na Urbanização Paulistana. **Cadernos de História de São Paulo**. n.2. São Paulo: Museu Paulista da Universidade de São Paulo, jan.-dez. 1993.

MODESTO, Maria de Lourdes; PRAÇA, Afonso; CALVET, Nuno. **Festas e Comeres do Povo Português**. Vol.II. Lisboa: Editorial Verbo, 1999.

MONTEIRO, P. F. **Emigração, o Eterno mito do retorno**. Oeiras: Celta Editora, 1994.

MOREIRA, R. Inovações Tecnológicas e Novas Formas de Gestão do Trabalho. **Programa Integrar - Trabalho e Tecnologia**. São Paulo: UNITRABALHO, 1998.

MOURA, Fernando Carlos. **A construção da identidade de uma comunidade imigrante portuguesa na Argentina (Escobar) e a Comunicação Social**. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem e Comunicação), Universidade Nova Lisboa, Lisboa, 2010.

NOGUEIRA, Ana Maria de Mora. **Como Nossos Pais** - uma História da Memória da Imigração Portuguesa em Niterói, 1900/1950. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal Fluminense, 1998.

OLIVEIRA, Pedro Ribeiro de. Catolicismo Popular e Romanização do Catolicismo Brasileiro. **Revista Eclesiástica Brasileira**. Vol.36, fasc. 141. Petrópolis: Vozes, março de 1976.

_____. O Roubo das Almas: Salazar, a Igreja e os Totalitarismos (1930-1939). **Análise Social**. Vol.XLII (185). Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Lisboa, 2007.

ORTIZ, Renato. **Um outro território**: ensaios sobre a mundialização. São Paulo: Olho d'Água, 1996.

PADEN, William E. **Interpretando o Sagrado**: Modos de Conceber a Religião. São Paulo: Paulinas, 2001.

PASCAL, Maria Aparecida Macedo. **Portugueses em São Paulo**: A Face Feminina da Imigração. São Paulo: Expressão & Arte, 2005.

PEREIRA, Miriam Halpern. A Política de Emigração Portuguesa (1850-1930). In: TENGARRINHA, José (Coord.). **A Historiografia Portuguesa Hoje**. São Paulo: Hucitec, 1999.

PERROT, Michelle. **Mulheres Públicas**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

PIAZZA, Walter F. **Aspectos Folclóricos Catarinenses**. Florianópolis, SC: Comissão Catarinense de Folclore, 1953.

PIEKHANOV, Guiorgui Valutnovitch. **O Papel do Indivíduo na História**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

QUENTAL, Afonso. Tertúlia Açoriana - Marcelo Guerra e António Arruda, Casa dos Açores de São Paulo. **Correio dos Açores**. Ano 91, n.26548. Ponta Delgada, Ilha de S. Miguel - Açores: Gráfica Açoreana, 12 de agosto de 2010.

REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES. Assembleia Geral. **Decreto Regional n. 13/80/A, de 21 de Agosto**. Angra do Heroísmo, 26 de julho de 1980.

ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz; CAEIRO, Domingos. **Sociologia das Migrações**. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.

_____; CAMPOS, Maria Christina Siqueira de Souza. **Olhares Lusos e Brasileiros**. São Paulo: Usina do Livro, 2003.

RODRIGUES, Angela Rösch. **Cidade e Indústria**: estudo sobre a relação dos processos de urbanização e industrialização na cidade de São Paulo. Anais do II Encontro Nacional sobre Patrimônio Industrial. São Paulo: Belas Artes, 2009.

ROLNIK, Raquel. História Urbana: História da Cidade? In: FERNANDES, Ana; GOMES, Marco Aurélio (Orgs.). **Cidade & História** - modernização das cidades brasileiras nos séculos XIX e XX. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1992.

_____; FRÚGOLI JR., Heitor. Reestruturação urbana da metrópole paulistana: a Zona Leste como território de rupturas e permanências. **Cadernos Metrópole**. n.6, 2º sem. Observatório das Metrópoles, 2001.

ROSA, Merval. **Psicologia da Religião**. 2ªed. Rio de Janeiro: JUERP, 1979.

SÁ, Daniel de. **Peregrinos do Senhor Santo Cristo dos Milagres**. Lisboa: Editora Paulus, 2009.

SÃO PAULO (ESTADO). Secretaria de Estado da Cultura. Departamento de Museus e Arquivos. Memorial do Imigrante/Museu do Imigrante. **Imigração Portuguesa no Brasil**. 4ªed. Série Resumos, n.5. São Paulo, 2006.

SAYAD, Abdelmalek. O retorno. **Revista Travessia**. Edição especial. São Paulo: Centro de Estudos Migratórios, jan. 2000.

SECCO, Lincoln. **A Revolução dos Cravos e a crise do império colonial português**. São Paulo: Alameda, 2004.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **O Local da Diferença**: Ensaio sobre memória, arte, literatura e tradução. São Paulo: Editora 34, 2005.

SEYFERTH, Giralda. **Imigração e Cultura no Brasil**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1990.

SILVA, Maurício Ribeiro da. **Espaço e Cultura**: uma leitura semiótica da cidade. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica), PUC-SP, São Paulo, 2000.

SILVA, Pedro Ferreira da. **Assistência Social dos Portugueses no Brasil**. São Paulo: Arquimedes, 1969.

SOUSA, Roberto Ribeiro de. **Representações geográficas de identidades**: o caso das casas regionais de origem portuguesa no Rio de Janeiro - RJ. Anais do Simpósio Nacional sobre Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2005.

SUSIN, Luiz Carlos. **Pai, Filho e Espírito Santo**. São Paulo: Edições Paulinas, 2003.

TEGARRINHA, José (Coord.). **A Historiografia Portuguesa Hoje**. São Paulo: HUCITEC, 1999.

TEIXEIRA, Felipe Charbel. Narrativa e Fronteira Cultural. **Fênix** - Revista de História e Estudos Culturais. Ano II, Vol.2, n.2. Núcleo de Estudos em História Social da Arte e da Cultura, abril/maio/junho de 2005.

TENGARRINHA, José. Deus, Pátria, Família: ideologia e mentalidade do Salazarismo. In: MEDINA, João (ed.). **História de Portugal dos tempos pré-históricos aos nossos dias**. Vol. II - "O Estado Novo". Alfragide: Ediclube, 1993.

_____. (Org.). **História de Portugal**. Bauru, SP: EDUSC; São Paulo, SP: UNESP; Portugal: Instituto Camões, 2001.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TORGAL, Luís Reis. **História e Ideologia**. Coimbra, PT: Minerva História, 1989.

_____. O Estado Novo: Salazarismo, Fascismo e Europa. In: TENGARRINHA, José (Org.). **História de Portugal**. Bauru, SP: EDUSC; São Paulo, SP: UNESP; Portugal: Instituto Camões, 2001.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar**. São Paulo: Difel, 1983.

VAINFAS, Ronaldo. **Os protagonistas anônimos da história**: micro-história. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

VÁRZEA, V. **Santa Catarina: A Ilha**. Florianópolis: Lunardelli, 1985.

VATTIMO, Gianni. O vestígio do vestígio. In: VATTIMO, Gianni; DERRIDA, Jacques (Orgs.). **A religião**. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

VELASCO, H. M. Tiempo de Fiesta. Madrid: Tres-catorzediecisiete, 1982.

VILLAR, Diego. Uma abordagem crítica do conceito de "etnicidade" na obra de Fredrik Barth. **Mana**. Vol.10, n.1. Rio de Janeiro, abr. 2004.

WERNET, A. **A Igreja paulista no século XIX**: a reforma de D. Antonio Joaquim de Melo (1851-1861). São Paulo: Ática, 1987.

WILLIAMS, Raymond. Base and Superstructure in Marxiste cultural theory. **New Left Review**. n.82. London, 1973.

_____. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1979.

DOCUMENTOS ELETRÔNICOS

AC VIEIRA. Esculturas, pinturas e gravuras. Disponível em: <<http://acvieira.arteblog.com.br/r111/TARSILA-DO-AMARAL-Referencias-Artisticas/>>. Acesso em: 13/02/2006.

AÇORES. Direcção Regional das Comunidades. Disponível em: <<http://www.azores.gov.pt/Portal/pt/entidades/srp-drcomunidades/?cName=pgra-drcomunidades>>. Acesso em: 08/08/2010.

_____. Presidência do Governo Regional. Disponível em: <http://www.azores.gov.pt/PortalAzoresGov/external/portal/organigramas/organigrama_2008_pt.pdf#page=2>. Acesso em: 08/08/2010.

ACORES.NET. Disponível em: <<http://www.acores.net/canalacores/view.php?id=447377>>. Acesso em: 20/08/2009.

_____. Disponível em: <<http://acores.net/santocristo/galeria.php>>. Acesso em: 20/01/2010.

AIRLINE TIMETABLE IMAGES. **List of Shipping Companies**. Disponível em: <<http://www.timetableimages.com/maritime/images/list.htm>>. Acesso em: 21/12/2008 e 22/08/2009.

ALMEIDA, Onésimo Teotônio. Identidade nacional - algumas achegas ao debate português. **Revista Semear**. n.5. Rio de Janeiro: Cátedra Padre António Vieira de Estudos Portugueses, 2000. Disponível em: <http://www.letras.puc-rio.br/catedra/revista/5Sem_13.html>.

ARQUIVO DOS AÇORES. **Antiguidades Açorianas**: Impérios do Espírito Santo. Vol.I. s/d. p.183. Disponível em: <<http://www.arquivodosacores.com/index.php?volume=1&de=&a=&ano=&indice=0&tags=Imp%20do%20Esp%20Santo&pagina=182>>. Acesso em: 20/07/2010.

ASCENSÃO, Leão Ramos. **O Integralismo Lusitano**. Versão Digital da Edição de 1943 das "Edições Gama". p.21-2. Disponível em: <<http://www.causa nacional.net/INTEGRALISMO.pdf>>. Acesso em: 20/07/2009.

A SUL DO CABO. Disponível em: <<http://asuldocabo.blogspot.com/2008/08/navio-de-passageiros-carvalho-arajo.html>>. Acesso em: 12/05/2010.

BACALHAU, Mário. **A Igreja em Portugal: O Crepúsculo da Ideologia**. Arquivo Eletrônico. Centro de Documentação 25 de Abril. Universidade de Coimbra, s/d. p.01-06. Disponível em: <[HTTP://www1.ci.uc.pt/cd25a/wikko.php?wakka=flama7947](http://www1.ci.uc.pt/cd25a/wikko.php?wakka=flama7947)>.

BARROSO, Vera Lucia Maciel. **O passado como passaporte do futuro**. 2009. Disponível em: <http://www.comunidadesacorianas.org/artigo.php?id_artigo=59&idioma=PT>. Acesso em: 20/09/ 2009.

BERNARDES, Juliano. **O Divino e o Profano: A Inserção de Novos Discursos na Festa do Divino Espírito Santo em Barra Velha - SC**. Disponível em: <http://www.larc.ufsc.br/arquivos/divino_e_profano.pdf>. Acesso em: 12/02/ 2008.

BETTENCOURT, Sónia. Decoração das Coroas do Espírito Santo – Confecção de flores de tecido ultrapassa gerações. A União. Jornal Online. Seção Actualidade. 08 de maio de 2008. Disponível em: <<http://www.auniao.com/noticias/ver.php?id=13165>>. Acesso em: 02/07/2008.

BITAR, Nina Pinheiro. **Orixás, santos e baianas: relações entre comida e dádiva no contexto das religiões afro-brasileiras**. Disponível em: <<http://www.ram2009.unsam.edu.ar/GT/GT%2065%20-%20Experi%C3%AAncias%20Religiosas%20na%20Contemporaneidade%20identidades,%20fronteiras%20e%20movimentos%20%C3%A9tnico-reli/GT65-Ponencia%20%5BBitar%5D.pdf>>. Acesso em: 12/01/2011.

BLANCO, Alessandra. Empadão e as Doceiras de Goiás Velho. 24 junho 2009. Disponível em: <<http://colunistas.ig.com.br/comidinhas/files/2009/06/alfenin.jpg>>. Acesso em: 25/08/2010.

CABRAL, Paula Cristina Figueiredo; RODRIGUES, Sónia Cristina Ildefonso. O sexual e o político na obra de Paula Rego. **Intermédias**. Ed.09. Ano 5. p.05. Disponível em: <http://www.intermedias.com/txt/ed9/osexual_eo_politico.pdf>. Acesso em: 22/08/2009.

CASA DOS AÇORES DE SÃO PAULO. Disponível em: <<http://www.casadosacores.com>>. Acesso em: 10/01/2007, 25/06/2009, 12/10/2010, 22/11/2010.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA DE A A Z. **Espírito Santo** - Símbolos do Espírito Santo. Disponível em: <<http://catecismo-az.tripod.com/conteudo/a-z/e/ES-simbolos.html>>. Acesso em: 19/09/2009.

CENTRO DE CONHECIMENTO DOS AÇORES. **Música Religiosa**. Disponível em: <<http://pg.azores.gov.pt/drac/cca/enciclopedia/ver.aspx?id=8902>>. Acesso em: 22/10/2010

CONSELHO DA COMUNIDADE LUSO-BRASILEIRA DO ESTADO DE SÃO PAULO. Boletins. Edição 2. **Maior população portuguesa ausente do país vive no Brasil**. Disponível em: <<http://www.cclb.org.br/boletins/boletins02.htm>>. Acesso em: 21/08/2009.

COSTA, João Vasconcelos. **A cozinha das ilhas açorianas e o povoamento**. Disponível em: <<http://jvcosta.net/cozinha.html>>. Acesso em: 30/08/2010.

COTINS, Márcia. **Catolicismo Popular, Pentecostalismo e Técnicas Corporais: uma visão comparativa dos usos da prece em dois contextos religiosos**. VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Coimbra: Centro de Estudos Sociais, Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, 2004. Disponível em: <[http://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/Marcia Contins.pdf](http://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/Marcia%20Contins.pdf)>.

CUNHA, Paulo Ferreira da. Da Constituição do Estado Novo Português. **Revista Electrónica de História Constitucional**. n.7. 2006. p.187-207. Disponível em: <<http://hc.rediris.es/07/articulos/pdf/HC07.pdf>>. Acesso em: 20/10/2009.

EVANGELHO, Judite Toste. Os açorianos no comércio do Rio de Janeiro. **Atlântida**. Revista do Instituto Açoriano de Cultura (IAC). Angra do Heroísmo, Açores: Instituto Açoriano de Cultura, 09/09/2008.

_____. **As Viagens em Direitura dos Açores ao Brasil (1922-1926)**. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <http://www.comunidadesacorianas.org/artigo.php?id_artigo=56&idioma=PT>. Acesso em: 22/08/2009.

FRANÇA, Léa Carneiro de Zumpano. **Subjetividades e identidades desveladas na análise da produção artística**. Ensaio Crítico da obra Navio de Emigrantes de Lasar Segall. Disponível em: <<http://www.nupea.fafcs.ufu.br/pesquisa10.htm>>. Acesso em: 13/02/2006.

HENYEI NETO, Gyorgy. **Identidade e ressignificação simbólica do açoriano dentro do movimento migratório para o Brasil: o caso da Vila Carrão**. p.07. Disponível em: <http://ufscar.academia.edu/GyorgyHenyeiNeto/Papers/304809/Identidade_e_resignificacao_simbolica_do_acoriano_dentro_do_movimento_migratorio_para_o_Brasil_o_caso_da_Vila_Carrao>.

HISTARMAR - Historia y Arqueologia Marítima. **Corrientes**. Disponível em: <<http://www.histarmar.com.ar/BuquesMercantes/ListadoC/Corrientes.htm>>. Acesso em: 12/07/2009.

INSTITUTO PÓLIS 20 ANOS. **Reestruturação Urbana da Metrópole Paulistana: Análise de Territórios em Situação de Transição**. Projeto de Políticas Públicas FAPESP - Parceria entre Pontifícia Universidade Católica - Campinas e Instituto Pólis. Disponível em: <http://www.polis.org.br/tematicas10.asp?cd_camada1=13&cd_camada3=24&cd_camada2=105>. Acesso em: 22/10/2010.

JOÃO, Maria Isabel. **O Sector Agro-industrial na Economia dos Açores** (Séculos XIX e XX). Lisboa: Universidade Aberta, s/d. Disponível em: <http://www.eventos.uevora.pt/xxvaphes/AphesXXV_Comunicacoes/MJoao.pdf>. Acesso em: 10/12/2010.

LACERDA, David P. **Experiência associativa no Império: sociedades mutuais de trabalhadores livres na cidade do Rio de Janeiro** (segunda metade do século XIX). Anais do XIII Encontro de História - ANPUH Rio. Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <http://www.encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1213754555_ARQUIVO_Textocompleto.pdf>. Acesso em: 22/10/2010.

LOUÇÃO, Paulo. **O Culto do Espírito Santo nos Açores**. Disponível em: <http://www.nova-acropole.pt/a_espiritosanto-acoresh.html>. Acesso em: 23/08/2009 e 22/09/2009.

MAPAS PORTUGAL. Disponível em: <http://www.mapas-portugal.com/Mapa_Ilhas_Acores_Portugal.htm>. Acesso em: 20/10/2010.

MARTINS, José de Lemos. **O Catolicismo e a Construção da Identidade Nacional**. 28 ago. 2009. Disponível em: <<http://cepen.org/portaldacidadania/2009/08/o-catolicismo-e-a-construcao-da-identidade-nacional>>. Acesso em: 12/08/2010.

MATOS, Maria Izilda Santos de. A Cidade que mais cresce no mundo: São Paulo Território de Adoniran Barbosa. **São Paulo em Perspectiva**. Vol.15, n.3. São Paulo, jul./set. 2001. p.50. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/spp/v15n3/a08v15n3.pdf>>.

MENDES, Hélder Fonseca. **Descrição Histórico-Crítica das Festas do Espírito Santo nos Açores**. Disponível em: <http://www.forumdaigrejacatolica.org.br/artigos/espiritosanto_festas.pdf>.

MUSEU CARLOS MACHADO. Disponível em: <<http://www.museuemsuacasa.org/wp-content/uploads/osemigrantes.pdf>>. Acesso em: 20/08/2009.

NUNES, Lélia Pereira S. **Açorianidade** - algumas (re)considerações - Onésimo Teotónio Almeida. Excerto da comunicação apresentada no colóquio “Mundividências da Açorianidade”, realizado na Universidade dos Açores. 18 de dezembro de 2009. Disponível em: <<http://tv1.rtp.pt/icmblogs/rtp/comunidades/?k=Acorianidade-%96-algumas-reconsideracoesOnesimo-Teotonio-Almeida.rtp&post=18596>>.

ORGANIZAÇÃO OLIVEIRA SALAZAR. Disponível em: <<http://www.oliveirasalazar.org/imagem.asp?id=987>>. Acesso em: 02/06/2009.

_____. Disponível em: <<http://www.oliveirasalazar.org/imagem.asp?id=1730>>. Acesso em: 20/09/2010.

PÁGINA ORIENTE. Site Católico Apostólico Romano. **Os Sete Dons do Espírito Santo**. Disponível em: <<http://www.paginaoriente.com/catecismo/donsdoesanto.htm>>. Acesso em: 2010

PEREIRA, José Carlos. Religião e Poder: Os símbolos do poder sagrado. **CSOnline** - Revista Eletrônica de Ciências Sociais. Ano 2, Vol.3. Juiz de Fora: Editora da UFJF, maio de 2008. Disponível em: <<http://www.editoraufjf.com.br/revista/index.php/csonline/article/view/366>>.

PIMENTEL, Irene. **A situação das mulheres no século XX em Portugal**. 07 de junho de 2008. Disponível em: <<http://caminhosdamemoria.wordpress.com/2008/07/07/a-situacao-das-mulheres-no-seculo-xx-em-portugal-1>>. Acesso em: 20/01/2010.

PIRES, António M. B. Machado. Emigração, Cultura e Modo de Ser Açoriano. **Revista Lusitana**. Instituto Nacional de Investigação Científica, 1981. p.17. Disponível em: <http://www.fl.ul.pt/unidades/centros/ctp/lusitana/rlus_ns/rlns01/rlns01_p7.pdf>. Acesso em: 20/08/2010.

_____. **O Homem Açoriano e a Açorianidade**. s/d. Disponível em: <<http://www.ceha-madeira.net/canarias/hia33.html>>. Acesso em: 20/10/2010.

PORTAL BRASIL ESCOLA. História do Mundo. **Religião Celta** - História da Religião Celta. Disponível em: <<http://www.historiadomundo.com.br/celta/religiao-celta.htm>>. Acesso em: 07/09/2009.

PORTAL DAS FESTAS DO DIVINO ESPÍRITO SANTO. **Dons do Espírito Santo**. Disponível em: <<http://www.portaldodivino.com/nobrasil/simbolos.htm>>. Acesso em: 12/09/2009.

PORTUGAL WEB. **O naufrágio do Padre António Vieira** (1654), Ilha do Corvo. Disponível em: <<http://www.portugalweb.net/arqueologia/sub/naufragios.asp>>. Acesso em: 12/08/2010.

REVISTA IN. **Era uma vez um bairro com muitas chácaras...** 30 de agosto de 2004. Disponível em: <http://www.revistainonline.com.br/exibe_historia_bairro.asp?texto=36&bairro=8>. Acesso em: 15/05/2009.

ROCHA, Gilberta Pavão Nunes. **A emigração nos Açores nos séculos XIX e XX - a necessidade, a solução, a valorização**. Ponta Delgada, 2008. Disponível em: <http://www.comunidadesacorianas.org/artigo.php?id_artigo=50&idioma=PT>. Acesso em: 24/08/2009.

ROCHA, Maria de Fátima Sopas. **O Divino Espírito Santo D'aquém e D'além Mar: estudo terminológico**. p.144. Disponível em: <<http://www.simelp2009.uevora.pt/pdf/slg44/08.pdf>>. Acesso em: 08/12/2010.

SÃO PAULO (ESTADO). Secretaria de Estado da Cultura. **Abacai Cultura e Arte**. Revelando São Paulo - o que é. Disponível em: <<http://www.abacai.org.br/revelando.php>>. Acesso em: 08/07/2010.

SÃO PAULO 450 ANOS. **A história dos marcos da cidade**. Bairros Operários. Disponível em: <http://www.aprenda450anos.com.br/450anos/vila_metropole/2-3_bairros_operarios.asp>. Acesso em: 01/06/2010.

_____. **A história dos marcos da cidade**. Cidade Moderna (1930-1960). Disponível em: <http://www.aprenda450anos.com.br/450anos/vila_metropole/2-4_cidade_moderna.asp>. Acesso em: 12/08/2010.

SPALDING, Walter. A Festa do Divino Espírito Santo e sua origem. Disponível em: <<http://www.portaldodivino.com/nobrasil/origem.htm>>. Acesso em: 22/10/2009.

SILVA, Ewerton Luiz Figueiredo Moura da. A Educação como Arma Política no Estado Novo Português. **História e-história**. Revista eletrônica. Grupo de Pesquisa Arqueologia Histórica da UNICAMP, Editora Randal Fonseca, s/d. Disponível em: <<http://www.historiahistoria.com.br/materia.cfm?tb=professores &id=98>>.

SPALDING, Walter. **A Festa do Divino Espírito Santo e sua origem**. Disponível em: <<http://www.portaldodivino.com/nobrasil/origem.htm>>. Acesso em: 12/09/2009 e 22/10/2009.

STAIDA, Pe. Ennio Domenico. **História do terço**: Tradição e redescoberta da "doce coroa que nos une a Deus". Disponível em: <<http://es.catholic.net/sacerdotes/558/1655/articulo.php?id=14558>>. Acesso em: 12/09/2010.

VIEIRA, Alberto. **A fortuna das afortunadas** - Dados para uma análise comparada da História dos arquipélagos atlânticos nos séculos XV e XVI. Funchal, CEHA. Disponível em: <<http://www.madeira-edu.pt/Portals/31/CEHA/avieira/fortunaafortunadas.pdf>>. Acesso em: 12/02/2011.

VON BRUNN, A. Mircea Eliade em Portugal (1940-1944). **Revista ICALP**. Vol.20-21. julho/out. 1990. Disponível em: <<http://cvc.instituto-camoes.pt/bdc/revistas/revistaicalp/meliade.pdf>>. Acesso em: 12/07/2009.

ANEXOS

ANEXO I - ORDEM GERAL DA PROCISSÃO

Ordem geral da procissão

IRMANDADE DO SENHOR SANTO CRISTO DOS MILAGRES

ORDEM GERAL DA PROCISSÃO

Domingo 21 de Maio

GUIÃO

- 1 Confraria do Senhor Santo Cristo em 2 filas de cada lado (Promessas)
- 2 Bandas de Música (1º troço)
 - Lira da Saúde - Arrifes
 - Nª. Senhora da Piedade - Ponta Garça
- 3 Confraria do Senhor Santo Cristo em 2 filas de cada lado (Promessas)
- 4 Bandas de Música (2º troço)
 - S. Salvador do Mundo - Ribeirinha
 - Lira das Sete Cidades
 - Imaculada Conceição - Fazenda do Nordeste
- 5 Confraria do Senhor Santo Cristo em 2 filas de cada lado (Promessas)
- 8 Romeiros de S. Miguel
- 9 Anjinhos e guiões pequenos
- 10 Clero
- 11 Sua Exª. Reverendíssima o Senhor D. Aurélio Granada Escudeiro, Bispo Emérito dos Açores
- 12 Sua Exª. Reverendíssima o Senhor D. António de Sousa Braga, Bispo de Angra e Ilhas dos Açores

13º ANDOR DO SENHOR SANTO CRISTO

- 14 Turnos do andor
- 15 1 Sub-Chefe e 2 Guardas da PSP
- 16 Bandas de Música (3º troço - Andor)
 - Soc. Filarmónica Nova Aliança - Velas - S. Jorge
 - Fraternidade Rural - Água de Pau
 - União dos Amigos - Capelas
 - Nª. Senhora das Victórias - Santa Bárbara
- 17 Internatos e Congregações Religiosas
- 18 1 Sub-Chefe e 4 Guardas da PSP
- 19 Senhoras (Promessas)
- 20 4 Escoteiros ou 1 Sub-Chefe e 2 Guardas da PSP
- 21 Casais (Promessas)
- Peregrinos da Ilha de S. Miguel
- 22 Associações e organizações das várias paróquias da Ilha
- 23 Bandas de Música (4º troço)

- 24 1 Sub-Chefe e 4 Guardas da PSP
- Cortejo Cívico
- 25 Representante da República para a R. A. dos Açores
- 26 Presidente da Assembleia Legislativa
- 27 Presidente do Governo
- 28 Deputados, 1 - à Assembleia da República
- 29 2 - ao Parlamento Europeu
- 30 Juiz Conselheiro da Secção Regional dos Açores do Tribunal de Contas
- 31 Governo Regional dos Açores
 - 1- Vice-Presidente do Governo
 - 2- Secretário Regional da Presidência
 - 3- Secretário Regional da Presidência
 - 4- Secretário Regional da Ciência, Tecnologia e Equipamentos
 - 5- Secretário Regional da Economia
 - 6- Secretário Regional do Trabalho e Solidariedade Social
 - 7- Secretário Regional da Saúde
 - 8- Secretário Regional da Agricultura e Florestas
 - 9- Secretário Regional do Ambiente e do Mar
 - 10- Subsecretário Regional dos Assuntos Europeus e Cooperação Externa
 - 11- Subsecretário Regional das Pescas
- 32 Presidente da Câmara de Ponta Delgada
- 33 Presidente da Assembleia Municipal de Ponta Delgada
- 34 Deputados à Assembleia Legislativa Regional
- 35 Reitor da Universidade dos Açores
- 36 Procurador-Geral Adjunto junto da Secção Regional dos Açores do Tribunal de Contas
- 37 Presidente do Ciclo Judicial de Ponta Delgada
- 38 Procurador da República coordenador no Ciclo Judicial de Ponta Delgada
- 39 Vice-Reitores da Universidade dos Açores
- 40 Presidentes de Câmara
 - PONTA DELGADA
 - RIBEIRA GRANDE
 - VILA FRANCA
 - NORDESTE
 - LAGOA
 - POVOAÇÃO
 - Outras ilhas de visita a S. Miguel
- 41 Presidentes de Assembleia Municipal
 - PONTA DELGADA
 - RIBEIRA GRANDE
 - VILA FRANCA
 - NORDESTE
 - LAGOA
 - POVOAÇÃO
 - Outras ilhas de visita a S. Miguel
- 42 Vice-Almirante Comandante Operacional dos Açores
- 43 Comandante da Zona Marítima dos Açores
- 44 Comandante da Zona Aérea dos Açores
- 45 Comandante da Zona Militar dos Açores

- 46 Comandante Regional da PSP dos Açores
- 47 Chefes de Gabinete
 - 1 - do Sr. Representante da República
 - 2 - do Sr. Presidente da Ass. Legislativa Regional
 - 3 - do Sr. Presidente do Governo
 - 4 - dos Srs membros do Governo Regional
- 48 Cônsules de Países Estrangeiros representados nos Açores
- 49 Directores Regionais e equiparados
- 50 Magistratura (Juizes de Comarca e Procuradores da República)
- 51 Coordenador de Investigação Criminal da Polícia Judiciária nos Açores
- 52 Director Regional dos Açores do SIS
- 53 Comandante Regional da Brigada Fiscal da Guarda Nacional Republicana
- 54 Director Regional dos Açores do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras
- 55 Comandante Local da Polícia Marítima e Capitão do Porto de Ponta Delgada
- 56 Comandante Local da Polícia de Segurança Pública
- 57 Vereadores da Câmaras Municipais
- 58 Presidentes das Juntas de Freguesia
- 59 Membros das Assembleias Municipais
- 60 Presidentes das Assembleias de Freguesia
- 61 Membros das Juntas de Freguesia
- 62 Membros da Assembleias de Freguesia
- 63 Militares
- 64 a) Comandantes, 2º. Comandantes, Chefe de Estado- Maior do COA e Chefes de Estado- -Maior dos Comandos de Zona, com o posto de Capitão-de-Mar-e-Guerra / Coronel
- b) Comandantes, 2º. Comandantes e Chefes de Estado- Maior dos Comandos de Zona, com o posto de Capitão-de-Fragata /Tenente-Coronel;
- 65 c) Outros Comandantes de Unidades Militares;
- 66 d) Comandantes das Unidades da PSP;
- e) Comandantes da Brigada Fiscal da GNR
- 67 Corpo Docente das Escolas Secundárias
- 68 Corpo Docente das Escolas Preparatórias
- 69 Ordens
 - 1 - Médicos
 - 2 - Advogados
 - 3 - Engenheiros
 - 4 - Farmacêuticos
 - 5 - Economistas
 - 6 - Arquitectos
 - 7 - Enfermeiros
- 70 Representante da Câmara/Ordem dos Solicitadores
- 71 Provedor e Mesa da Irmandade da Santa Casa da Misericórdia de Ponta Delgada
- 72 Outras Misericórdias
- 73 Câmara do Comércio de Ponta Delgada
- 74 Associação de Lavradores
- 75 Associação de Jovens Agricultores

- 76 Associações Humanitárias de Bombeiros Voluntários
- 1 - Ponta Delgada
 - 2 - Ribeira Grande
 - 3 - Povoação
 - 4 - Nordeste
 - 5 - Vila Franca
- 77 Presidente da Delegação Regional da Cruz Vermelha
- 78 LANA Liga dos Amigos da Neurocirurgia dos Açores
- 79 Liga dos Amigos do Hospital
- 80 Delegação dos Açores da Liga dos Combatentes
- 81 Associação de Comandos
- 82 Convidados
- Director do Aeroporto de Ponta Delgada 83 Grupo de emigrantes representando a Comunidade Emigrante
- 84 Fim do cortejo cívico - autoridades e convidados
- 85 Associações Católicas (incluindo Representação do CNE)
- 86 Associação dos Deficientes das Forças Armadas
- 87 Conferências de S. Vicente de Paula
- 88 Academias
- Universidade dos Açores
- 89 Escola Superior de Enfermagem
- 90 Escola Secundária Antero de Quental
- 91 Escola Secundária da Ribeira Grande
- 92 Escola Secundária das Laranjeiras
- 93 Escola Preparatória Roberto Ivens
- 94 Escola Preparatória Canto da Maia
- 95 Outras Associações
- Associação de Desportos de S. Miguel
- Associação Equestre de S. Miguel
- 98A Irmãos do Senhor Santo Cristo de Brampton (Canadá)
- 98 Irmãos do Senhor Santo Cristo dos Milagres
- 99 Irmãos colaboradores da Mesa
- 100 Órgãos Sociais da Irmandade do Senhor Santo Cristo dos Milagres
- 103A Mesa da Irmandade de Brampton (Canadá)
- Provedor e Mesários
- 103 Mesa da Irmandade do Senhor Santo Cristo dos Milagres
- Provedor e Mesários
- Bandas de Música (5º troço)
- Progresso do Norte - Rº de Peixe
 - Minerva - Ginetes
 - Nª. Senhora os Remédios - Bretanha
- 104 Escuteiros (Grupo 80 da Associação dos Escuteiros de Portugal);
- 105 Guias de Portugal
- 106 Grupo Escuteiros Jacques Yves Cousteau
- 107 Bombeiros
- 108 1 Sub-Chefe e 4 Guardas da PSP
- 114 Eco Edificante
- Banda de Nossa Senhora dos Remédios
- Banda de Nossa Senhora das Victorias

Fanfarra Lealdade
Filarmónica N.ª. S.ª. das Neves

Giro tradicional da Procissão do Domingo, 17 de Maio de 2009, percorre as seguintes Ruas e Praças:

Sai da Igreja de N.ª. Senhora da Esperança e percorre o Campo de S. Francisco, Rua Luís Soares de Sousa, Rua Açoriano Oriental, Praça da República, Rua dos Mercadores, Rua Ernesto do Canto, Rua Tavares Canário, Rua do Peru, Rua do Mercado, Rua de São João, Rua João Moreira, Rua Dr. Guilherme Poças, Largo do Colégio, Rua Carvalho Araújo, Rua Machado dos Santos, Rua Marquês da Praia e Monforte, Rua 6 de Junho, Rua 16 de Fevereiro, Largo 2 de Março, Rua Diário dos Açores, Rua Dr. Mont'Alverne de Sequeira, recolhendo em seguida ao Convento.

Fonte:
<http://www.acores.net/santocristo/ordem.php>

ANEXO II - TERÇOS



TERÇOS DO DIVINO ESPÍRITO SANTO

EM NOME DO PAI, DO FILHO, DO ESPÍRITO SANTO, AMÉM

ORAÇÃO PREPARATÓRIA

VINDE ESPÍRITO SANTO, ENCHEI OS CORAÇÕES DOS VOSSOS FIÉIS E ACENDEI NELES O FOGO DO VOSSO AMOR. ENVAI O VOSSO ESPÍRITO E TUDO SERÁ CRIADO E RENOVAREIS A FACE DA TERRA

OREMOS,

DEUS QUE INSTRUÍSTES OS CORAÇÕES DOS VOSSOS FIÉIS COM A LUZ DO ESPÍRITO SANTO, FAZEI QUE APRECIEMOS RETAMENTE TODAS AS COISAS SEGUNDO O MESMO ESPÍRITO, E GOZEMOS SEMPRE A SUA CONSOLAÇÃO, POR CRISTO SENHOR NOSSO. AMÉM

MULHERES: GLÓRIA AO PAI QUE NOS CRIOU, GLÓRIA AO FILHO QUE NOS REMIU

HOMENS: GLORIA AO ESPÍRITO SANTO COM SUA GRAÇA NOS COBRIU

1º MISTÉRIO: CITAÇÃO

MULHERES: PAI NOSSO QUE ESTAIS NOS CÉU, SANTIFICADO SEJA O VOSSO NOME, VEM A NÓS O VOSSO REINO, SEJA FEITA A VOSSA VONTADE, ASSIM NA TERRA COMO NO CÉU.

HOMENS: O PÃO NOSSO DE CADA DIA NOS DAI HOJE, PERDOAI AS NOSSAS OFENSAS, ASSIM COMO NÓS PERDOAMOS A QUEM NOS TEM OFENDIDO E NÃO NOS DEIXEIS CAIR EM TENTAÇÃO, MAS LIVRAI-NOS DO MAL AMÉM.

10 AVES MARIA (CANTADAS)

MULHERES: AVE MARIA CHEIA DE GRAÇA, SENHOR CONVOSCO, BENDITO SOIS VÓS ENTRE AS MULHERES, BENDITO É O FRUTO DO VOSSO VENTRE JESUS.

HOMENS: SANTA MARIA MÃE DE DEUS ROGAIS POR NÓS PECADORES, AGORA E NA HORA DE NOSSA MORTE AMÉM, JESUS

MULHERES: GLÓRIA AO PAI QUE NOS CRIOU, GLÓRIA AO FILHO QUE NOS REMIU

HOMENS: GLÓRIA AO ESPÍRITO SANTO COM SUA GRAÇA NOS COBRIU

MULHERES: ÓH VIRGEM MÃE SANTÍSSIMA VÓS NÃO PERMITAIS QUE EU VIVA E NEM MORRA EM PECADOS MORTAIS

HOMENS: PECADOS MORTAIS NÃO HEI DE MORRER, QUE A VIRGEM MÃE SANTÍSSIMA NOS HÁ DE VALER.



2º MISTÉRIO: CITAÇÃO

HOMENS: PAI NOSSO QUE ESTAIS NOS CÉU, SANTIFICADO SEJA O VOSSO NOME, VEM A NÓS O VOSSO REINO, SEJA FEITA A VOSSA VONTADE, ASSIM NA TERRA COMO NO CÉU.

MULHERES: O PÃO NOSSO DE CADA DIA NOS DAI HOJE, PERDOAI AS NOSSAS OFENSAS, ASSIM COMO NÓS PERDOAMOS A QUEM NOS TEM OFENDIDO E NÃO NOS DEIXEIS CAIR EM TENTAÇÃO, MAS LIVRAI-NOS DO MAL AMÉM.

10 AVES MARIA (CANTADAS)

HOMENS: AVE MARIA CHEIA DE GRAÇA, SENHOR CONVOSCO, BENDITO SOIS VÓS ENTRE AS MULHERES, BENDITO É O FRUTO DO VOSSO VENTRE JESUS.

MULHERES: SANTA MARIA MÃE DE DEUS ROGAIS POR NÓS PECADORES, AGORA E NA HORA DE NOSSA MORTE AMÉM, JESUS

HOMENS: GLÓRIA AO PAI QUE NOS CRIOU, GLÓRIA AO FILHO QUE NOS REMIU

MULHERES: GLÓRIA AO ESPÍRITO SANTO COM SUA GRAÇA NOS COBRIU

HOMENS: ÓH VIRGEM MÃE SANTÍSSIMA VÓS NÃO PERMITAIS QUE EU VIVA E NEM MORRA EM PECADOS MORTAIS

MULHERES: PECADOS MORTAIS NÃO HEI DE MORRER, QUE A VIRGEM MÃE SANTÍSSIMA NOS HÁ DE VALER.

3º MISTÉRIO: CITAÇÃO

MULHERES: PAI NOSSO QUE ESTAIS NOS CÉU, SANTIFICADO SEJA O VOSSO NOME, VEM A NÓS O VOSSO REINO, SEJA FEITA A VOSSA VONTADE, ASSIM NA TERRA COMO NO CÉU.

HOMENS: O PÃO NOSSO DE CADA DIA NOS DAI HOJE, PERDOAI AS NOSSAS OFENSAS, ASSIM COMO NÓS PERDOAMOS A QUEM NOS TEM OFENDIDO E NÃO NOS DEIXEIS CAIR EM TENTAÇÃO, MAS LIVRAI-NOS DO MAL AMÉM.

10 AVES MARIA (CANTADAS)

MULHERES: AVE MARIA CHEIA DE GRAÇA, SENHOR CONVOSCO, BENDITO SOIS VÓS ENTRE AS MULHERES, BENDITO É O FRUTO DO VOSSO VENTRE JESUS.

HOMENS: SANTA MARIA MÃE DE DEUS ROGAIS POR NÓS PECADORES, AGORA E NA HORA DE NOSSA MORTE AMÉM, JESUS

MULHERES: GLÓRIA AO PAI QUE NOS CRIOU, GLÓRIA AO FILHO QUE NOS REMIU

HOMENS: GLÓRIA AO ESPÍRITO SANTO COM SUA GRAÇA NOS COBRIU

MULHERES: ÓH VIRGEM MÃE SANTÍSSIMA VÓS NÃO PERMITAIS QUE EU VIVA E NEM MORRA EM PECADOS MORTAIS

HOMENS: PECADOS MORTAIS NÃO HEI DE MORRER, QUE A VIRGEM MÃE SANTÍSSIMA NOS HÁ DE VALER.



4º MISTÉRIO: CITAÇÃO

HOMENS: PAI NOSSO QUE ESTAIS NOS CÉU, SANTIFICADO SEJA O VOSSO NOME, VEM A NÓS O VOSSO REINO, SEJA FEITA A VOSSA VONTADE, ASSIM NA TERRA COMO NO CÉU.

MULHERES: O PÃO NOSSO DE CADA DIA NOS DAI HOJE, PERDOAI AS NOSSAS OFENSAS, ASSIM COMO NÓS PERDOAMOS A QUEM NOS TEM OFENDIDO E NÃO NOS DEIXEIS CAIR EM TENTAÇÃO, MAS LIVRAI-NOS DO MAL AMÉM.

10 AVES MARIA (CANTADAS)

HOMENS: AVE MARIA CHEIA DE GRAÇA, SENHOR CONVOSCO, BENDITO SOIS VÓS ENTRE AS MULHERES, BENDITO É O FRUTO DO VOSSO VENTRE JESUS.

MULHERES: SANTA MARIA MÃE DE DEUS ROGAIS POR NÓS PECADORES, AGORA E NA HORA DE NOSSA MORTE AMÉM, JESUS

HOMENS: GLÓRIA AO PAI QUE NOS CRIOU, GLÓRIA AO FILHO QUE NOS REMIU

MULHERES: GLÓRIA AO ESPÍRITO SANTO COM SUA GRAÇA NOS COBRIU

HOMENS: ÓH VIRGEM MÃE SANTÍSSIMA VÓS NÃO PERMITAIS QUE EU VIVA E NEM MORRA EM PECADOS MORTAIS

MULHERES: PECADOS MORTAIS NÃO HEI DE MORRER, QUE A VIRGEM MÃE SANTÍSSIMA NOS HÁ DE VALER.

5º MISTÉRIO: CITAÇÃO

MULHERES: PAI NOSSO QUE ESTAIS NOS CÉU, SANTIFICADO SEJA O VOSSO NOME, VEM A NÓS O VOSSO REINO, SEJA FEITA A VOSSA VONTADE, ASSIM NA TERRA COMO NO CÉU.

HOMENS: O PÃO NOSSO DE CADA DIA NOS DAI HOJE, PERDOAI AS NOSSAS OFENSAS, ASSIM COMO NÓS PERDOAMOS A QUEM NOS TEM OFENDIDO E NÃO NOS DEIXEIS CAIR EM TENTAÇÃO, MAS LIVRAI-NOS DO MAL AMÉM.

10 AVES MARIA (CANTADAS)

MULHERES: AVE MARIA CHEIA DE GRAÇA, SENHOR CONVOSCO, BENDITO SOIS VÓS ENTRE AS MULHERES, BENDITO É O FRUTO DO VOSSO VENTRE JESUS.

HOMENS: SANTA MARIA MÃE DE DEUS ROGAIS POR NÓS PECADORES, AGORA E NA HORA DE NOSSA MORTE AMÉM, JESUS

MULHERES: GLÓRIA AO PAI QUE NOS CRIOU, GLÓRIA AO FILHO QUE NOS REMIU

HOMENS: GLÓRIA AO ESPÍRITO SANTO COM SUA GRAÇA NOS COBRIU

MULHERES: ÓH VIRGEM MÃE SANTÍSSIMA VÓS NÃO PERMITAIS QUE EU VIVA E NEM MORRA EM PECADOS MORTAIS

HOMENS: PECADOS MORTAIS NÃO HEI DE MORRER, QUE A VIRGEM MÃE SANTÍSSIMA NOS HÁ DE VALER.



- MULHERES:** NOS HÁ DE VALER E NA NOSSA AFLIÇÃO, CHAMANDO POR VÓS DE BOM CORAÇÃO
- HOMENS:** DE BOM CORAÇÃO, ÓH MEU DOCE JESUS, COM BRAÇOS ABERTOS PREGADOS NA CRUZ
- MULHERES:** PREGADOS NA CRUZ SÓ PARA NOS SALVAR E NÓS TÃO INGRATOS SEMPRE A PECAR
- HOMENS:** SEMPRE A PECAR SEM EMENDA TER, NINGUÉM CONSIDERA QUE HÁ DE MORRER
- MULHERES:** QUEM HÁ DE MORRER E QUE CONTAS HÁ DE DAR AQUELE SENHOR QUE NOS HÁ DE SALVAR
- HOMENS:** NOS HÁ DE SALVAR PEDINDO-NOS TAMBÉM QUE NOS DÊ A GLORIA PRA SEMPRE AMÉM.
- MULHURES:** PRA SEMPRE AMÉM, ÓH SENHORA DO PRANTO LANÇAI-NOS A BENÇÃO O DIVINO ESPÍRITO SANTO.

SALVE RAINHA

SALVE, RAINHA, MÃE DE MISERICÓRDIA,
 VIDA, DOCURA, ESPERANÇA NOSSA,
 SALVE ! A VÓS BRADAMOS. OS DEGRADADOS.
 FILHOS DE EVA. POR VÓS SUSPIRAMOS,

GEMENDO E CHORANDO NESTE VALE DE LÁGRIMAS
 EIA, POIS, SENHORA, ADVOGADA NOSSA,
 DESSES VOSSOS OLHOS MISERICORDIOSOS
 A NÓS VOLVEI, SENHORA DEPOIS.
 DESTE DESTERRO, MOSTRAI A JESUS,
 ÓH BENDITO O FRUTO DO VOSSO VENTRE,
 ÓH CLEMENTE, ÓH PIEDOSA,
 ÓH DOCE SEMPRE, SEMPRE VIRGEM MARIA,
 ROGAI POR NÓS, SANTA MÃE DE DEUS,
 PARA QUE SEJAMOS DIGNOS DAS PROMESSAS DE CRISTO,
 DAS PROMESSAS DE CRISTO, AMÉM JESUS
 AMÉM JESUS, MARIA JOSÉ

PRECES: LIVRE

OFERECIMENTO: OFERECEMOS ESTE TERÇO AO DIVINO ESPÍRITO SANTO, A GRAÇA DOS SEUS DONS E A TODOS OS ANJOS, SANTOS, QUERUBINS, SERAFINS QUE ESTÃO NA CORTE CELESTIAL. E AO FRUTO DAS BENDITAS ALMAS QUE ESTÃO NO PURGATÓRIO. QUE A VIRGEM NOSSA SENHORA, PEÇA E ROGUE AO SEU BENDITO FILHO, LEVE NOSSAS ESPERANÇAS E NOSSAS ALMAS QUANDO DESTE MUNDO FOR E PARA QUE NOSSO SENHOR DÊ A PAZ A TODO O MUNDO, A PAZ NAS NOSSAS CASAS E NOS LIVRE DAS TENTAÇÕES DO DEMÔNIO E DO PODER DO INIMIGO. E NÃO NOS DEIXE FALTAR O PÃO NOSSO DE CADA DIA, PELA VOSSA INFINITA MISERICÓRDIA AMÉM.

BENDITO 3 VEZES:

MULHERES: BENDITO E LOUVADO SEJA A SAGRADA VINDA DO ESPÍRITO SANTO

HOMENS: MONSTRAI-NOS AONDE DEUS VIVE E REINA, CREIO EM DEUS PAI, O FILHO SAGRADO E SANTO.

MISTÉRIOS

MISTÉRIOS GOZOSOS – Segundas-feiras e Sábados

- **1º Mistério:** Contemplamos a anunciação do Anjo à Virgem Maria e a encarnação do Verbo de Deus
- **2º Mistério:** Contemplamos a visita da virgem Maria à sua prima Isabel
- **3º Mistério:** Contemplamos o nascimento de Jesus em Belém
- **4º Mistério:** Contemplamos a apresentação do menino Jesus no templo
- **5º Mistério:** Contemplamos a perda e o encontro de Jesus encontrado no templo entre os doutores

MISTÉRIOS DOLOROSOS – Terças e Sextas-feiras

- **1º Mistério:** Contemplamos a agonia mortal de Jesus no Horto
- **2º Mistério:** Contemplamos a flagelação de Jesus
- **3º Mistério:** Contemplamos a coroação de Jesus com a coroa de espinhos
- **4º Mistério:** Contemplamos Jesus com a cruz as costas a caminho do calvário
- **5º Mistério:** Contemplamos a crucificação e morte de Jesus

MISTÉRIOS GLORIOSOS – Quartas-feiras e Domingos

- **1º Mistério:** Contemplamos a ressurreição triunfante de Jesus
- **2º Mistério:** Contemplamos a ascensão de Jesus ao céu
- **3º Mistério:** Contemplamos a vinda do Espírito Santo descendo sobre os apóstolos e Maria em forma de línguas de fogo
- **4º Mistério:** Contemplamos a assunção de Nossa Senhora ao céu
- **5º Mistério:** Contemplamos a coroação de Maria Santíssima como Rainha e Senhora dos céus e da terra.

MISTÉRIOS LUMINOSOS - Quintas-feiras

- **1º Mistério:** Contemplamos o batismo de Jesus no Rio Jordão
- **2º Mistério:** Contemplamos o primeiro milagre de Jesus nas bodas de Caná
- **3º Mistério:** Contemplamos a proclamação do Reino de Deus e convite à conversão
- **4º Mistério:** Contemplamos a transfiguração de Jesus
- **5º Mistério:** Contemplamos a instituição da Eucaristia

GLOSSÁRIO

Aguadeiro: homens que carregavam barris de água que vendiam a quem passava. Foi uma profissão criada para vender água, mas na festa significa o homem que traz a água para qualquer eventualidade ou necessidade durante toda festa do Divino.

Alcatra: é considerado um prato exclusivo da Ilha Terceira, mas existem várias maneiras de prepará-lo. A carne escolhida é passada com sal e vinho branco que se deita num alguidar especial, de barro, chamado “alguidar de alcatra”, e servida com pão e vinho.

Alfenins: Massa de açúcar ligada com azeite de oliva. É um tipo de doce característico das Ilhas Açorianas e pode ser feito com vários formatos, geralmente se vê imagens relativas à festa como pombinhas, coroas, corações, entre outros.

Arraial: festas realizadas no domingo de Pentecostes e da Trindade, ao som da filarmônica, celebram os arremates em favor do Império, é um tipo de festa onde todos se confraternizam, vendem quitutes, conversam e ouvem músicas.

Arrematações: troca de animais e gêneros alimentícios doados aos impérios e comprados por qualquer membro da comunidade e revertida para a igreja.

Balandrau: uma vestimenta de capuz e mangas largas abotoada na frente usadas em confrarias, normalmente em cerimônias de cunho religioso, como é o caso das Festas do Divino Espírito Santo.

Bodo: Distribuição de pão, leite ou vinho feito geralmente à frente dos impérios ou pelas casas dos habitantes das freguesias durante as festas do Divino.

Cadafalsos: Estrado, tablado ou palco erguido em lugar público.

Coroação: Ato solene de colocação da coroa no Imperador, imperatriz ou crianças durante a missa em louvor ao Divino Espírito Santo.

Cozido Açoriano: é feito com carne de vaca, lingüiça, carne de galinha, sangue, toucinho, repolho, cenoura, batata da terra, batata doce e outros temperos.

Filarmônicas: bandas de músicos que tocam durante as festividades nas ilhas açorianas.

Folias: constitui-se de um grupo de pessoas que vão de porta em porta levando a bandeira do Divino e através de louvações, canções do Divino e batucadas em tambores, solicitam contribuições para os festejos do ano.

Foliões: Comissão de homens que percorre diversas casas ou fazendas carregando as Bandeiras do Divino e oferecendo as Bênçãos de Divino, recolhendo esmolas e convocando o povo para a Festa.

Função: Almoço servido depois do regresso da coroação da igreja contém em seu cardápio: a Sopa do Divino, Alcatra, Cozido Açoriano, pão de água, arroz doce, vinho tinto e alfenins.

Imperador: Um dos indivíduos a quem coube ter em sua casa a imagem do Divino durante a semana sorteada, comprometendo a honrá-lo, cumprindo rigorosamente os preceitos do ritual estipulado para o ano.

Império: Espécie de capela construída de pedra e cal onde se colocam as coroas do Espírito Santo durante os festejos que se realizam.

Insígnia: Vara empunhada pelos indivíduos que nas coroações nos meios rurais ladeiam as bandeiras e coroas.

Janeiras: consiste em cantar músicas pelas ruas no primeiro dia do ano, ou no dia de natal por grupos de pessoas anunciando o nascimento de Jesus, ou desejando um feliz ano novo.

Malassadas: Massa doce torcida e frita típica dos Açores.

Massa Sovada: Pão enriquecido com açúcar, ovos, manteiga e leite. Constitui uma iguaria do Espírito Santo.

Mordomia: Conjunto de mordomos encarregados de fazerem as festas nas freguesias rurais.

Mordomo: Encarregado da distribuição do bodo aos pobres, ofertas aos irmãos do Império e direção dos mesmos.

Peloiros: sorteio efetuado pela introdução de pequenos papéis, cada qual com o nome de uma das pessoas que habitam a ter o Senhor espírito Santo na sua residência durante uma das semanas que abrangem as festividades.

Reises: tipos de cantigas portuguesas cantadas aos Reis às portas das casas como manda a tradição açoriana.

Sopa do Divino: elaborada com caldo de carne, temperada com sal, louro, hortelã, pau de cravo, pimenta e molho de alcatra, levando pão de água e algumas folhas de repolho.

Testos: são espécies de pratos metálicos.

Triatos: também conhecidos por teatro ou Casa do Divino.

Trinchante: Presidente, pessoa responsável pelo evento.

Vara: pau envernizado ou polido, usado pelos mordomos a simbolizar a dignidade das suas funções.